COELHO NETTO

O Rajá do Pendjab

UNIV. OF ARIZONA
Coelho Netto, Henrique/O raja do Pendjab
mn
3 9001 03979 6076

Obras de GUERRA JUNQUEIRO

A velhice do Padre Eterno, 1 v.
A vitória da França.
Baptismo do Amor.
Pátria, 1 vol.
Finis Patriæ.
O Crime.
A Lágrima.
Oração à Luz.
Oração ao Pão.
Poesias dispersas.
Prosas dispersas.
Horas de combate.
O Caminho do Céo
Prometeu libertado.

P.e MANUEL BERNARDES

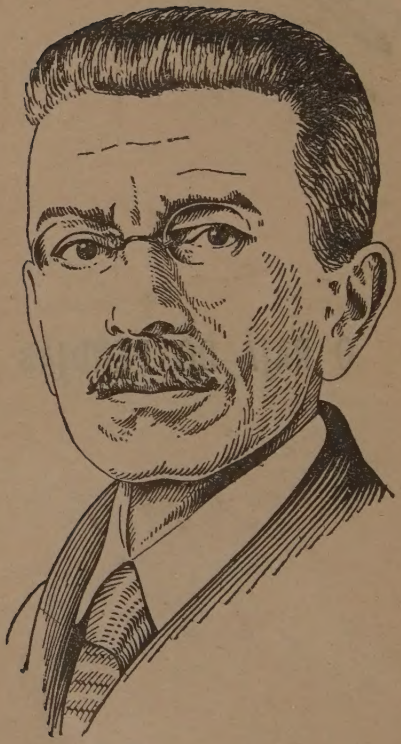
NOVA FLORESTA

ou Silva de varios apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais. Nova edição em 5 volumes com um estudo preambular sôbre o autor por José Pereira de Sampaio (Bruno).

Obras de COELHO NETO

Sertão.
A Bico de Pena.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I, *(O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo).*
Teatro, vol. IV, *(Quebranto*, comédia e o sainete *Núvem).*
Teatro, vol. V *(O dinheiro, Bonança, e o Intruso).*
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crianças
Miragem.
Mysterio do Natal.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres da Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
Ás quintas.
Scenas e Perfis.
Feira Livre.

O RAJÁ DO PENDJAB



COELHO NETTO

COELHO NETTO

O Rajá do Pendjab

SEGUNDA EDIÇÃO REFUNDIDA

VOLUME I

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1927

Obras de COELHO NETTO

Sertão.
A Bico de Penna.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Theatro, vol. I *(O Relicario, Os Raios X, O Diabo no corpo).*
Theatro, vol. II *(As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Raça).*
Theatro, vol. IV *(Quebranto*, comedia em 3 actos, e o sainete *Nuvem).*
Theatro, vol. V *(O dinheiro, Bonança*, e o *Intruso).*
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Esphinge.
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crianças.
Miragem.
Mysterios do Natal, contos para crianças.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral
Vida Mundana,
Patinho torto.
Ás quintas.
Scenas e perfis.
O Paraiso.
Immortalidade.
Feira livre.

NO PRÉLO:

Bazar.
Theatro lyrico,
Contos da Vida e da Morte.

PREÇOS, VÊR A TABELLA EM VIGOR

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1919).

ARTES GRÁFICAS — PORTO

Univ. of Arizona Library

869.3
C672ra
V.1

PRIMEIRA PARTE

A TRAIÇÃO

I

A VOLTA DO BANDEIRANTE

Rejubilava em festa a casa de Pirapora, á qual melhor caberia o nome forte de alcáçar visto que tal habitação, que se mirava nas aguas do S. Francisco, tinha mais o aspecto amantellado de praça de guerra do que a apparencia tranquilla de um lar de repouso.

Edificada em eminencia para que o rio, nas cheias transbordantes, não lhe chegasse aos alicerces, era cercada de profundo fosso, além da caiçára apuada, que a cingia, pondo-a a abrigo do gentio insidioso e das onças que, na calada das noites, descendo sorrateiramente das mattas, vinham rugir á distancia de um tiro de mosquete.

Nesse ambito immenso, além da casa senhorial, alastravam colmados de escravos, índios e negros, ou tamarús, e algumas cabanas de europeus.

A um canto, á sombra d'arvores, avultavam dois enormes galpões, sempre fechados : o paiol do ouro

e a casa das armas, onde havia grande copia de bastimentos. Colubrinas e berços, abocados em varias direcções, continham as hordas atrevidas, mais de uma vez por elles rechassadas.

Em uma achada, ás cavalleiras do rio, estendiam-se seguidamente os curraes do gado, apriscos, corveiros e possilgas; e pirogas, agasalhadas em tejupares, largas montarias e ubás de alto porte recordavam pescas e caçadas ou as aventurosas investidas, sertão a dentro, em expedições de apresamento de indios ou á cata de ouro e gemmas.

Pirapora exultava com a chegada da numerosa e válida bandeira de Gonçalo Peres, um dos mais atrevidos sertanistas que, nesse tempo dos sonhos de ouro, affrontando todos os perigos, lutando com a fera e com o selvagem, vencendo tropeços e ciladas que a natureza bravia oppunha á marcha temeraria dos que a defloravam, chegara com a sua hoste aguerrida e fiel ao coração das terras goyanas, onde eram em tal quantidade o diamante e o ouro que não havia mais que escarvar as gupiaras e bateiar as areias dos riachos para encher bornaes e surrões.

No amplo terreiro, diante da varanda senhorial, reinóes, índios e negros celebravam com danças e trebelhos a volta feliz da expedição, depois de um anno de arduos trabalhos e tormentos.

Quantos dos que haviam partido eram, naquelle dia, lembrados com saudade! Quantos, e dos melhores, haviam ficado nas florestas, com uma cruz marcando-lhes a sepultura! Dissessem dos horrores da aventurosa marcha aquelles que, então, folgavam com tão ruidosa alegria, acordando o silencio

do ermo com algazarra e tarambote: retumbo de atabaques, rebates de adufes e pandeiros, sanfonar de doçainas, trillos de fraguitas e zangarreios de violas.

Ás vezes, estanciando em clareiras de apparencia tranquilla, mal tinham tempo de levantar a cêrca de defesa. Um zunido de frecha annunciava-lhes o gentio e, a subitas, accommettidos por todos os lados, assetteados d'alto, atacados a tangapema e tacape, no barbariso horrisono da pocema, armavam-se apressadamente e, mudos, entrincheirando-se com os fardos, animando-se reciprocamente, esperavam, de frente, o intrepido selvagem.

Gonçalo Peres desfraldava o seu estandarte no qual havia, como patrocinio do grupo, uma cruz negra flammejando raios e bradava acirrando os combatentes, sempre á frente, no posto mais arriscado para avivar a coragem no peito dos companheiros. Mas as frechas silvavam cruzando-se, partiam de todos os pontos como se sahissem da terra, dos reconcavos sombrios, das franças do arvoredo, dentre os juncáes dos balseiros Os que não recebiam ferida mortal arrancavam, sem queixa, as frechas do corpo como se extorquissem um simples espinho de coqueiro, e, sangrando, continuavam a pelejar mais incitados pelo odio e pela dôr. E borés tapuyos reboavam clangorosamente como se a propria selva desferisse o seu grito de guerra rouco e retumbante, conclamando as tribus espalhadas. E as trombetas selvagens estrugiam os maracás cascavelavam juntando-se ainda a esse frémito bellicoso os clamores dos bandeirantes e a grita dos

indios que, protegidos pelos troncos, atesavam os arcos e brandiam as possantes maças.

Muitas vezes, no desespero da luta, sentindo a superioridade do gentio, Gonçalo Peres, petiscando, ateiava o incendio e, emquanto a chamma ia alastrando, antes de chegar aos troncos, os homens válidos descarregavam os mosquetes dando tempo a que os feridos se fôssem arrastando para que os não alcançasse o fogo. Os moribundos pediam que os abandonassem e, beijando devotamente a cruz dos seus rosarios, acabavam com resignação. E as labaredas lambiam os troncos seculares, enroscavam-se por elles ; subiam nuvens densas de fumo negro espalhando fonas em vocjo, e os aventureiros, protegidos pela coivara, recuavam deixando o indio atordoado, a bramir, despedindo frechas a esmo, á medida que recuava ante o fogo e o fumo.

Esfalfados, feridos, iam lentamente em busca de caverna ou balsedo onde pudessem repousar e ali ficavam refazendo-se, tratando-se para, de novo, tomando ás costas os fardos de provisões e as armas, proseguirem rompendo os sertões virgens e mysteriosos.

Nas caçadas em que se arriscavam, quantos deixavam de responder ao appello dos companheiros que bradavam por elles na profundeza das mattas ! E fôssem lá saber o fim que haviam tido : se os surprendera o bugre perfido, se uma onça os assaltara espostejando-os a dente e garras ou se a sucury, lançando-lhes o bote, os attrahira ao seu antro fluvial.

Sahiam patrulhas pelas devezas selvaticas chamando-os a brados, descarregando os mosquetes ;

apenas o echo das solidões respondia pelos desapparecidos.

Á noite, em volta das fogueiras vigilantes, os companheiros, com as armas promptas, ajoelhavam-se rezando a oração derradeira pelos que nunca mais tornariam ao bando. As onças rondavam o acampamento rugindo. Viam-se-lhes luzir no escuro as ascuas das pupillas, mas as fogueiras continham-nas à distancia. Raro em raro uma bala de mosquete derrubava alguma mais atrevida, porque os homens poupavam as munições, reservando-as para o gentio que os rastreava agachadamente pelas veredas invias das florestas, fazendo-se sentir por frechas ou atacando-os, a subitas, em investidas amotinadas.

Não eram esses, entretanto, os peiores inimigos, porque, presentidos ou vistos, podiam ser combatidos — o peior era mysterioso. Ninguem, jámais, lograra vê-lo e a sua ferida era mortal. Se succedia a algum dos homens ser attingido pelo seu dardo invisivel logo se despojava do que tinha confiando ao companheiro mais amigo para que, de volta á casa, entregasse á esposa e aos filhos, e esperava a morte tiritando ao sol. Alguns, desanimados, deixavam-se ficar no caminho, numa gruta, com um pouco d'agua, um tassalho de carne até que a morte os levasse; outros, esqueleticos, batendo os dentes, ainda com esperança de cura, seguiam os companheiros quasi de rasto, até que, escancellando a bôca, com os olhos desorbitados, rolavam escabujando e agonisavam vendo perder-se ao longe, por entre as arvores, a fila dos que iam, attrahidos pelo ouro, desbravando as selvas.

Negros juravam ter visto, em horas altas da noite, emquanto velavam, o inimigo tremendo; descreviam-no, affirmando uns que tinha fórma humana, garantindo outros que era como uma ave negra, de olhos faiscantes; outros juravam ser uma vibora que, rastejando silenciosamente, penetrava o acampamento e picava os que dormiam.

Gonçalo Peres, apesar da affirmação de todos, fiava-se apenas nas palavras de Parajára, indio forte e intrepido, da raça tamoya, que se lhe affeiçoara, não o abandonando jámais: á noite, deitava-se-lhe aos pés, prompto ao minimo rumor; nos combates estava sempre a seu lado e por ser o mais arguto e expedito, conhecendo não só a floresta como annunciando os perigos proximos que presentia pelo faro ou pelo ouvido, deitando-se na terra para escutar a leve trepidação do solo, precedia nas incursões a longa caravana.

Parajára ria das palavras dos negros supersticiosos e dizia apenas mostrando os enfermos lividos:

— Isso é d'agua. Esse mal vem da agua verde onde ha mururê. Ha uma arvore santa que cura esse mal. Quem masca um mólho de folhas ou um pouco da casca, logo fica curado. Não é bom dormir perto d'agua que tem mururê. Agua morta envenena; agua que tem flôr envenena; agua que não caminha envenena. A sucury sahe d'agua e laça, mas a sucury a gente vê; isso tambem sahe d'agua, é alma da sucury que fica no mururê e só tem medo da arvore santa. Não é bom ficar perto d'agua parada.

E Gonçalo Peres, ouvindo o indio, fugia de acam-

par na visinhança das lagôas para evitar os terriveis botes da alma da sucury.

Esses e outros perigos embaraçavam as marchas aforçuradas desses homens que, por ambição de riquezas, muitos levados por lendas, arriscavam-se a tudo abandonando patria, familia, conforto para tentar fortuna nas terras virgens dos sertões bravíos. O mais intrepido propunha a aventura, ajuntavam-se-lhe companheiros e organisava-se a expedição composta de reinóes e gente da terra afeita a marchas e destemerosa nas lutas e abastecendo-se de viveres, munindo-se de armas, com os ceirões atochados de mantimentos, polvora e agasalhos, a carriagem que podiam levar, nos montados; outros a pé, com as pernas euroladas em trapalhos, á maneira de enemidas contra as serpes, abalsavam-se afoitamente em demanda do ouro.

Sem roteiro seguro, caminhando ao acaso, internavam-se nas brenhas abrindo trilhas ou pelas tapejaras dos selvicolas. Pouco a pouco iam-lhes minguando os alimentos; arraçoavam-se e, sem descorçoarem, porque a ambição os estímulava a mais e mais, proseguiam na marcha temeraria.

Se a fome apertava e não achavam caça, roíam raízes e brotos, apanhavam repteis e, moqueando-os, á maneira selvagem, devoravam-nos avidamente como se fôssem manjares deliciosos. Ás vezes, atravessando regiões estéreis, suppliciados pela sêde bebiam sangue de animaes, que matavam, lambiam as folhas róridas ou estendendo um panno sobre os lameiros das ipuêras chupavam, atravéz de taes coadores, a agua grossa e envenenada pelo rebalso do folhedo.

Não conheciam impossiveis — varejavam as mais espessas florestas, atravessavam rios largos e encachoeirados, vingavam pincaros alcantilados e, pelo trato constante que tinham com os indios escravisados, iam-se-lhes familiarisando com os dialectos, adoptando os costumes, tomando-lhes os habitos e os gostos barbaros.

Se faziam uma descoberta estanciavam no sitio levantando logo o pelourinho que, sendo poste infamante era, ao mesmo tempo, marco ou, a bem dizer, pedra fundamental de uma povoação; construiam cabanas e em ponto mais alto, que dominasse o arraial, erigiam uma capella rustica consagrando-a a um santo, patrono do bando, cujo nome, quasi sempre, se transmittia á póvoa.

Installados, começava o trabalho da mineração com os apparelhos primitivos de que dispunham, cuidando, cada qual, de recolher o maximo e tanto mais recolhia quanto mais desejava, não se contentando com o que lhe dava o terreno em que se havia fixado pois, mal se espalhava a noticia de outro descoberto, reputando-o logo mais copioso, abalavam, já esquecidos das provações por que haviam passado, pensando apenas na fortuna.

E cruzavam os sertões bandeiras mais ou menos avultadas, arrasando tabas, escravisando indios ou sendo por elles dizimadas.

Quantas vezes Parajára, apercebendo pontos alvos que se destacavam vivamente entre a folhagem escura, mostrara aos da expedição caveiras humanas cravadas em páus ou esqueletos pendurados de arvores, balouçando-se sinistramente! Eram os restos dos festins da antropophagia, que os

indios ali haviam deixado como trophéos de victorias e como escarmento aos novos exploradores brancos.

Gonçalo Peres, vindo de Portugal ainda moço, depois de haver batalhado na India, donde trouxera algumas moedas e muitas cicatrizes gloriosas, chegára ao Brasil pondo-se logo em marcha para as terras do ouro, e, com uma carta para Manoel Nunes Vianna, fez-se de rumo á fazenda do *Escuro*, nas margens do Carinhanha, onde vivia despoticamente o terrivel senhor daquellas paragens solitarias.

Bravo e de espirito atilado, bem apparecido e guapo, conquistou as boas graças do fazendeiro que lhe deu o commando duma turma de escravos elegendo-o seu capataz principal.

A sua valentia, já celebrada no sertão, ganhou maior fama na famosa jornada das margens do Rio das Mortes, quando Nunes Vianna, á frente dos emboabas, desbaratou os paulistas capitaneados por Domingos da Silva Monteiro. D'esse feito memoravel Gonçalo Peres falava sempre, contando que as aguas do rio ficaram todo um dia vermelhas de tanto sangue que nellas correra e em certa volta, o encalhe de cadaveres formou verdadeira comporta, represando as aguas que transbordaram como para lavar o terreno onde se dera a tremenda chacina.

Parcial dos que sediciosamente acclamaram Nunes Vianna general e governador das Minas poderia ter alcançado os melhores e mais rendosos postos se houvesse ficado em sua companhia, mas o genio ardego e aventuroso, induzindo-o a mais atrevidos

lances, tirou-o da quiete que se lhe offerecia, e com vantagens, para os ricos de explorações atrevidas.

Com o peculio que ajuntara, reunido em volta de si um grupo de valentes — reinóes, negros, indios e mamelucos, moveu-se em rumo ao sertão. Chegando a Pirapora e agradando-se do sitio lindo e fertil, copioso em aguas piscosas, cercado de mattas abundantes em caça, resolveu, desde logo, fazer ali moradia.

Querido dos homens, ainda que os mantivesse em rigida disciplina, pô-los a todos em trabalho e elle proprio foi dirigindo a construcção do alcácer, attendendo, não só á resistencia dos muros de bôa pedra, como ao conforto dos aposentos, e em tão arduo trabalho gastaram os homens todo um anno, descançando apenas aos domingos, que eram consagrados a Deus.

Desse arraial sahiu com a sua gente em explorações ousadas, sempre, porém, tão bem succedidas que nunca se recolheu sem farto carregamento de riquezas e grande numero de indios apresados nas brenhas.

A fama da sua bravura era a sua melhor defesa. O proprio Nunes Vianna, homem rixoso e cruel, respeitava-o e em tal apreço o tinha que, desconfiando de traição da gente do governo, escrevêu-lhe pedindo o seu auxilio no caso de alguma tentativa contra a sua vida ou ameaça á sua fazenda e Gonçalo Peres pôz-se logo á sua disposição com a sua gente aguerrida. Quiz, porém, a má sorte do déspota que a entrepresa, que elle adivinhava, se desse justamente quando o seu destemeroso alliado andava em regiões remotas, rompendo selvas, atra-

vessando campos em expedição frutuosa na qual gastou mais de um anno, tornando quando o temido senhor do *Escuro*, aprisionado, gemia em ferros num carcere humido das prisões da Bahia.

Em Pirapora ficara reduzido grupo de homens, dos que mais entendiam de lavoura e pastorcio, commandados por um capataz e esses, mesmo chamados pelo senhor visinho, não tomariam armas para defende-lo, porque não haviam de abandonar a casa onde permaneciam como guardas fieis contra feras, indios e quilombolas.

Varios homens, que haviam desertado a fazenda do chefe dos emboabas, depois de errarem pelas mattas, em vida precaria e de luta constante, recorreram a Gonçalo Peres pedindo trabalho e pão e a colonia de Pirapora cresceu consideravelmente, sendo necessario dilatar-se a caiçara para construcção de novos palhiços. A bandeira contava para mais de duzentos homens, era um pequeno exercito, não tanto pelo numero como pela bravura de todos que veneravam e temiam o chefe, tão meigo quanto rigoroso quando se tornava necessario punir um culpado.

Os proprios dragões d'El-rei, que rondavam as estradas, perseguindo implacavelmente os garimpeiros e os quilombolas, não ousavam aproximar-se do alcáçar de Pirapora, certos de que seriam repellidos á bala pela gente do bandeirante. E a vida corria calma e feliz.

No centro do terreiro uma grande cruz abria os braços protegendo o povoado, e era em torno della que a colonia se reunia aos domingos para a oração cantada.

Em uma das suas expedições, avançando Gonçalo Peres até á margem do Rio Preto, onde estabeleceu arraial, na tarde do mesmo dia da chegada, caminhando pela visinhança, viu que de um ponto da matta subia grossa nuvem de fumo e logo, guiando-se por tal indicio, deu com os escombros de uma grande casa que ainda ardiam. Attribuindo o crime aos indios que infestavam aquelles sitios, procurava descobrir indicios da horda, que por ali passara, quando viu uma frecha cravada no tronco de uma arvore. Arrancou-a e, examinando-a, logo a reconheceu como das que usavam os terriveis aymorés, corredores de mattas, implacaveis inimigos dos brancos, em cujos povoados, quando irrompiam, não deixavam ser vivo nem um moirão de pé.

Na pesquiza em que andava foi elle interrompido por dois dos seus homens que lhe surgiram á frente, sarapantados, annunciando haverem descoberto num cerrado espinhoso, encolhida entre pedras e hervas, uma linda moça, alva como as espumas das cachoeiras e loura como a luz do sol. Impressionado com tal noticia, foi-se Gonçalo Peres ao ponto indicado e exactamente como lhe haviam dito achou a foragida.

Ainda que de todo despida, porque as roupas lhe haviam ficado nos espinhaes da matta, não se lhe via a nudez, tão denso e longo era o manto dos cabellos louros que, regiamente, a envolvia. Sentindo-se descoberta, pôz-se a tiritar de medo, implorando misericordia.

A belleza do seu rosto, a meiguice da sua voz e as lagrimas que lhe rolavam dos grandes olhos azúes commoveram os homens e Gonçalo Peres,

vendo-a ajoelhar-se, de mãos postas, toda vestida no ouro da cabelleira, adiantou-se cortezmente, animando-a:

— Não ha que temer, senhora. Estais em presença de amigos que vos vingarão, se fôr possivel.

Abrindo no rosto um sorriso, a misera volveu os olhos ao céu como a agradecer o milagre misericordioso e Gonçalo Peres, deslumbrado com a sua formosura e commiserado do seu infortunio, afastou os homens e, compondo-a com o seu pesado gabão, offereceu-lhe asylo na sua barraca.

Refeita depois de tranquillo somno no catre forrado de pelles, que era o leito do bandeirante, acordou mais bella. Vendo-se, porém, cercada de armas e ouvindo o vozear da gente que ia e vinha em volta da tenda, rompeu em pranto julgando-se victima de nova traição. Gonçalo Peres, que se achava perto, della apenas separado por uma cortina, annunciando-se e pedindo licença para entrar no compartimento que lhe reservara, achou-a debulhada em lagrimas e fosse que o soffrimento lhe desse maior realce á belleza ou porque já o amor houvesse nascido no coração, até então, virgem, do aventureiro, elle ficou-se a contemplá-la com tanta ternura nos olhos agudos e arrogantes, tão docemente abrandados pelo sentimento, que a moça, longe de receiar a sua presença, sentiu-se como que mais descançada e, pouco a pouco, se lhe foram estancando as lagrimas e remittindo os soluços.

As suas feições delicadas, a alvura marmorea da sua cutis, a maciez das suas mãos, a elegancia da sua linguagem apresentavam-na como pessôa de trato, nobre talvez, criada carinhosamente.

Seus pequeninos pés, muito alvos, estavam retalhados pelo cascalho dos caminhos e nos seus cabellos sedosos havia ainda folhas seccas e gravetos das mattas por onde precipitadamente se mettera, fugindo á sanha do gentio que trucidava sem respeitar a velhice, a infancia e a fraqueza das mulheres innocentes, deitando fogo ás casas, aos campos, espavorindo o gado que corria tresmalhadamente.

Lidando com ella, carinhoso, conseguiu Gonçalo Peres saber-lhe a historia triste. Chamava-se Genora, era paulista, filha de um rico faiscador. Haviam seus pais escolhido aquella solidão justamente para fugir ás rixas constantes que se travavam entre os seus mamelucos e os homens do Reino que, por desprezo e injuria, muitas vezes corriamnos das lavras atirando-lhes tijuco ou bateiadas d'agua quando lhes não armavam ciladas nas trilhas, apunhalando-os traiçoeiramente ou desancando-os a pauladas. Lutas terriveis sobrevinham nas quaes, não raro, intervinham os chefes ou brandamente para acalmar os animos ou desesperados e resolutos em sanguinolentas represalias.

O velho, porém alquebrado, enfermiço, pacato e inimigo de turras, recommendava constantemente aos de seu bando que evitassem, sempre que pudessem, encontros com os contrarios e, se, por acaso, sentia hostilidade, longe de romper com os que a provocavam, abalava á aventura indo estanciar em sitio mais pobre onde, porém, pudesse viver sem cuidados, livre de sobresaltos, e ali havia achado esse paraiso do seu sonho.

Do que fôra a sua casa nem esteios existiam — as frechas e as ivarapemas haviam começado a

obra que o incendio concluira e a gente, que se for-tificara na casa, não pudera fugir ás chammas, por-que o gentio sitiante esmigalhava o craneo aos que buscavam salvação na fuga.

Ella mal podia contar a dolente historia da sua familia porquanto, ouvindo os primeiros rebôos dos borés e o tropel da gente que invadia o terreiro, com horrorosos clamores, o grito dos feridos, os la-mentos das mulheres que andavam aterradas, com os filhinhos ao collo, procurando esconderijo onde salvar-se, as pragas dos que escalavam os muros, todo o tumulto pavoroso da invasão, precipitada-mente, sem até lembrar-se dos pais, saltara uma janella que deitava para o rio e, seguindo as mar-gens desertas, procurando o mais intrincado bos-que, ali ficara olhando o clarão sanguineo do incen-dio que devorava a sua casa e tudo quanto nella havia. Não lastimava o ouro que lá existia, guardado em panellas de barro, nem os diamantes, nem as turmalinas, nem os topazios, que levassem tudo, mas respeitassem o pobre velho inoffensivo ; res-peitassem sua mãi, tão meiga, tão caridosa ; res-peitassem o seu pequenino irmão que começava a vida, tudo, porém, lhe haviam levado os barbaros, nem mesmo os cadaveres deixando e ella ali estava, abandonada e miseravel, tendo apenas, por esmola, aquella pesada capa que lhe cobria os hombros.

Interrogada sobre a idade, respondeu que com-pletara dezeseis annos e mais não disse porque não lhe permittiram as lagrimas.

Cavalheiro, como honesto e bravo soldado que era, Gonçalo Peres cercou de todos os cuidados a sua hospede formosa, dando-lhe uma negra para

seu serviço, e só entrava na parte da barraca que lhe fôra destinada depois de fazer-se annunciar respeitosamente.

Mas as duas almas attrahiam-se — Genora só achava consolação para as suas penas irremediaveis nas palavras do bandeirante e elle, que era de tão dura austeridade e de tão desmarcado orgulho, não se sentia feliz senão quando, de joelhos aos pés da virgem, enchia-lhe as pequeninas mãos de beijos, falando-lhe dos futuros dias venturosos, quando, recebidos á face de Deus, vivessem amorosamente um para o outro nas silenciosas e redolentes mattas de Pirapora.

Quando tiveram de partir, Genora quiz despedir-se do sitio amado onde haviam perecido os seus, victimas da furia dos selvagens e apenas viu as muralhas hirtas, tisnadas pelas labaredas, as vigas carbonisadas, destroços de moveis ; ainda assim, com os olhos inundados, foi indicando a Gonçalo Peres todas as dependencias da casa destruida :

— Era ali a sala de jantar; ali o quarto dos velhos, mais adiante o seu. Depois o jardim, os campos brancos, cheios de troncos adustos, d'onde o vento levantava nuvens densas de cinzas e, pairando sobre tudo, uma grande e desolada melancolia.

Depois dessa piedosa visita, encerrada em uma liteira, seguiu com a gente de Gonçalo Peres, parando num arraial onde um velho padre para sempre os ligou, abençoando-os. Então proseguiram mais intimamente e, como a caravana fazia paradas de repouso nos largos campos, os dois, emquanto a gente folgava ou em volta das fogueiras carneava rezes, iam idyllicamente, muito juntos, formando

planos de ventura, trocando beijos a furto para que os não surprendessem os homens da comitiva.

Em pouco tempo Genora impoz-se aos colonos tanto pela sua bondade como por sua formosura. Áquelles guerrilheiros, embrutecidos pela vida rude que levavam, parecia quasi divina aquella moça, loura e branca, de olhos azues e mãos finas que, caridosamente, deixando o conforto da sua casa nobre, visitava as palhoças quando havia enfermos e tomava ao collo os filhos dos escravos afagando-os, amimando-os, dando-lhes vestidos e viandas que da propria mesa retirava.

Os negros, quando a viam, dobravam os joelhos e, sorrindo, saudavam-na; os indios, avistando-a á janella, paravam extasiados contemplando-a e o nome que lhe davam, porque outro não encontravam que mais lhe coubesse, era — Jacy, a lua, a dôce, a branca lua, e o severo alcáçar, depois que nelle entrou a moça da selva, tornou-se como um templo sempre aberto aos peregrinos e das mansões senhoriaes que havia espalhadas pelas margens do S. Francisco, desde Carinhanha até a Piedade, a de Pirapora era a que mais bençãos ganhava dos que, perseguidos, famintos, atravéz das tormentas, como que levados pelas lufadas dos vendavaes, iam pedir asylo bradando diante da caiçára.

E Genora, porque sabia que os garimpeiros acossados preferiam viajar com as tempestades, mais seguros assim de não serem seguidos pelos dragões reaes, mal o céu escurecia, mandava que alguem ficasse de vigia, ouvido attento ao clamor que, por acaso, algum desgraçado levantasse além da bar-

reira e, se tal se realisava logo, solicita, recebia o desventurado agasalhando-o caridosamente.

Uma india, de origem tamoya, Poranga, a formosa, era a sua favorita. Esposa de Parajára, posto que tivesse a sua cabana em recanto pittoresco, que o indio escolhera e enfeitara com esmero, vergando ramos e entrelaçando-os de modo a formarem virente abobada que protegia, com sombra fresca e cheirosa, a frente da habitação, Poranga passava os dias na «casa grande» ao lado da senhora a quem olhava, não com a submissão timida de escrava, mas com a meiguice de amiga, seguindo-a a toda parte, sempre amavel e contente.

Parajára, todas as manhans, ia aos bosques procurar flôres e frutos para Genora ; ás vezes trazia aves ou animaes de facil domesticidade e, senhora e escrava, viviam na mais estreita união. Se, por acaso, um instante Poranga desapparecia logo Genora, afflicta, punha-se a chamar por ella e carinhosamente a reprehendia por havê-la deixado.

A india era realmente bella, ajustando-se-lhe á maravilha o nome que os seus lhe haviam dado. Muito jovem ainda, tinha na pelle fina do rosto bronzeado um suave colorido de rosa ; a bôca, pequenina e vermelha, de labios carnudos, «mais cheirosa que a flôr do manacá» como Parajára dizia no canto de amor que compuzera, ainda selvagem, se ella a entreabria, falando ou sorrindo, deixava vêr os dentinhos brancos e miudos, mais brancos que os botões dos limoeiros.

Seus olhos grandes, negros e humidos, eram travessos «como as pequeninas jaguatiricas que brincam nos campos, de madrugada» e seus cabellos,

mais negros do que *petuna*, á noite, tinham o aroma dos mattos quando a baunilha reçuma. Era esbelta, forte e destra como a veadinha das campinas. Quantas vezes Genora vira-a subir aos galhos mais altos das massarandubas ou atravessar a nado, com a graça e a agilidade de uma yara, os largos braços do rio.

Quando iam juntas pelos caminhos do bosque eram como duas almas castas, docemente, amigamente alliadas — a alma morena das brenhas, a virgem trigueira e selvagem e a alma branca e meiga vinda do Além, trazida pelas ondas para christianisar os barbaros.

A mesma dedicação que a india mostrava por Genora tinha Parajára por Gonçalo Peres, que só uma vez delle se apartara quando o indio, com lagrimas, lhe pedira para ir á taba dos refugiados, buscar a escolhida do seu amor.

Nessa vida calma corriam os dias em Pirapora. Raramente, á noite, uma onça vinha bramir diante do fosso, logo, porém, recuava farejando o perigo, ao latir dos cães ou vendo luzir a chamma dos archotes. Os indios bravios, uma vez rechassados, nunca mais tornaram ás visinhanças do alcáçar e, se, durante a noite, atravéz do silencio, algum ruido estranho era presentido, Parajára «o olho que via no escuro» corria á caiçara e interrogava a treva e o sussurro.

Gonçalo Peres, cujo amor crescia á medida que os dias iam passando ao lado de Genora, com as arcas entulhadas de riquezas, amado e temido dos seus, repousava e, raro em raro, sahia em curtas expedições de recreio á pesca ou á caça, com um

bando de homens, em ubás, rio acima ou pelas frondosas mattas das margens, onde era abundante a caça de pello e de pluma. Todos os annos, pelo Natal, descia um grupo armado á Villa Rica para buscar um frade que, depois de celebrar a missa na grande manhan christan, baptizava todas as crianças, casava os noivos e confessava lançando a benção á colonia e, emquanto ali permanecia, duravam as festas celebradas com estrondos de armas e claridade de fogueiras que ardiam desde o fechar da noite até alta manhan. E eram musicas, á moda de cada qual, pelos instrumentos proprios de cada um : os negros, em roda de dança, com os seus atabaques e chocalhos ; os indios com as suas trombetas e maracás e os reinóes com as suas gaitas campestres, soprando doçainas e anafís ou tangendo violas de arco.

Regalavam-se á farta e, até sumir-se o cortejo que, de volta, levava o religioso, não se cuidava em serviço pesado senão nos que eram indispensaveis, como o que competia aos pescadores e caçadores, aos que abatiam as rezes, aos que temperavam as iguarias, aos que arranchavam os grupos ou dividiam as rações e a vigilancia nocturna do alcáçar, mister em que se revezavam, por quartos, todos os homens de confiança.

Corria assim descuidosa e grata a vida em Pirapora quando, para maior fortuna, Genora appareceu gravida. Foi logo a noticia sabida de todos e a colonia commoveu-se alegremente.

Começaram as mulheres a trabalhar em rendas, crivos e bordados e Parajára, para que o filho do senhor dormisse maciamente e agasalhado ia, to-

das as manhans, antes que o sol nascesse dourando as arvores e despertando os habitantes dos ninhos, recolher dos laços que armara as aves que nelles achava e, com as suas pennas mais finas e vistosas, Poranga tecia a rêde em que devia embalar o pequenino.

Nas vesperas do tempo tão ansiosamente esperado, Gonçalo Peres não arredava os passos para muito longe, contentando-se com pequenos passeios em volta da caiçara e aproveitando a folga para vêr onde havia necessidade de reforma ou concerto.

Foi ao cahir de uma tarde azul que houve o primeiro indicio do nascimento desejado. A casa santa, oratorio de magnificas imagens trazidas do Reino, foi profusamente illuminada e, suspenso o serviço, reuniram-se no terreiro todos os da colonia em prece para que a Virgem do céu protegesse a senhora, e a Virgem, attendendo á oração sincera e devota que lhe chegava do fundo nemoroso das florestas, cantada por um bando de crentes rudes, deu uma hora propicia á parturiente.

Foi Poranga quem, sobresaltada e com lagrimas de alegria, trouxe o annuncio a Gonçalo Peres que, apprehensivo e covarde, elle tão destemido e ousado nas pelejas, passeiava, martyrisando os bigodes ao longo da varanda escura, scintillante de vagalumes.

Era uma menina.

Gonçalo Peres, para que lhe não vissem as lagrimas felizes, ficou algum tempo na varanda e, elevando os olhos ao céu estrellado, agradeceu a Deus mais aquella graça com que o accumulava,

fazendo-se a mais e mais credor da sua veneração. Quando penetrou o quarto, tão afortunadamente povoado com mais um sêr que era todo o seu coração, ao dar com os olhos em Genora que sorria, feliz e formosa, tendo sempre á sua cabeceira a dedicada Poranga, faltaram-lhe as palavras e foi com beijos e lagrimas que lhe deu os agradecimentos pelo presente que lhe fizera, no qual Deus tanto trabalhara para o tornar formoso.

A criança, já cuidada, dormia conchegada ao collo materno, com a cabecinha sobre o ouro luminoso dos cabellos que Genora, na afflicção, desprendera e espalhara pelo leito e a rêde, que a india pacientemente compuzera, empregando toda a tenue plumagem das aves trazidas por Parajára, balouçava-se como a chamar a pequenita para o primeiro somno tépido e molle sobre o seu arminho.

Quinze dias depois, numa dôce manhan, Gonçalo Peres, chegando á varanda com a criança nos braços, mostrou-a á colonia, que se reunira no terreiro e houve uma scena commovedora. Negros e indios, como se vissem uma santa naquelle pequenino sêr rosado, que mal se agitava entre os braços paternos, ajoelharam-se, e os do Reino, ou porque os arrastasse o numero ou commovidos pela grandiosidade do espectaculo, tambem dobraram os joelhos, e aquelle exercito de homens formidaveis, que não temiam os mais arriscados transes, nem a peste, nem o bugre, nem a féra, prostrado, de mãos postas, adorando uma criança, era de uma solemnidade commovedora e grandiosa.

Os negros, na sua linguagem barbara, invocavam os seus idolos ; os indios, grugrulhavam pen-

sando, talvez, nas suas divindades florestaes, e os do Reino, com o nome dôce de Jesus nos labios, pediam todas as venturas para a criança que o sol, estendendo uma luz larga e dourada sobre a varanda, enramada de folhagem, parecia abençoar e proteger.

Havia naquella scena alguma coisa de religião — era, ao mesmo tempo, holocausto, porque a luz envolvia a innocente, e glorificação, porque os homens adoravam-na. No dia seguinte toda a colonia sabia o nome da criança que Parajára, a correr alegremente, levara de colmado em colmado: «*Selva*», porque nascera na selva.

As festas do baptisado, annunciadas por todo o sertão, attrahiram gente das mais longinquas fazendas e, apesar da numerosa concorrencia, nada faltou aos convivas em viandas e licôres, emquanto o sol clareou os sete dias da ruidosa semana, que tanto duraram os divertimentos. Gente conhecedora do Tijuco, onde tão opulenta era a vida, graças á prodiga riqueza do terreno, que era ali tão abundante em ouro e em pedras que não se contavam as partidas de cartas senão com diamantes, que eram os tentos vulgares, garantia que nesse mesmo arraial jámais houvera tão alegre e pomposa cerimonia.

Voltando a tranquillidade, os dois esposos, que viviam enlevados nas graças da pequenina Selva, querida de todos, faziam planos de deixar aquellas solidões transferindo-se para o Reino, onde poderiam levar vida abastada e de goso, emquanto a pequena, confiada a preceptores, se fôsse, aos poucos, familiarisando com as letras e com as artes que

floreciam. Não quiz, porém, a sorte adversa que se tornassem realidade os sonhos do casal, porque num tristissimo mez de inverno, mez d'aguas e de grandes ventos, Genora enfermou e tão gravemente que, apesar dos cuidados e promessas e dos muitissimos remedios com que todos procuravam disputá-la á morte, ao romper de uma triste manhan, ansiando, alanceada de dóres, expirou afflicta, com a filhinha ao lado e Gonçalo Peres, de joelhos, junto ao seu leito funereo.

A dôr foi immensa e geral em Piratininga. A «casa grande» encheu-se porque todos queriam vêr, pela derradeira vez, a boa e formosa senhora que a morte levara e, pelos vastos salões, ao longo dos corredores, na varanda, nos espaçosos quartos havia homens, mulheres e crianças em pranto inconsolavel.

Poranga, aos pés do leito, lamentosa e desfeita, soluçava emquanto no terreiro um bando de negros, cantando dolentemente um canto funereo, ia abrindo uma cova e molhando de lagrimas a terra que devia guardar, para o sempre, o corpo da que se partira. Na manhan seguinte levaram-na as mulheres dos colonos, fechada num esquife feito de canella aromatica e sepultaram-na. Sobre a sua cova murcharam todas as flôres que havia nas mattas visinhas.

Um longo mez esteve Gonçalo Peres encerrado, em nojo. De homens apenas o indio Parajára penetrava o quarto onde o bandeirante, pallido, desconfortado, deixava-se ir aos poucos matando pela saudade que, certamente, o teria levado se, de instante a instante, Poranga não lhe puzesse diante dos olhos a pequenina Selva, tão linda, tão meiga

que, com a sua garrulice innocente, ia alentando o coração do pai.

Pensava elle em abandonar Pirapora, porque o sitio se lhe tornara suppliciante, tão cheio estava de recordações, ao mesmo tempo, porém, lembrava-se da morta. Como deixá-la ali sósinha, esquecida naquelle terreiro que a brenha reconquistaria logo que o desertassem? Foi Parajára quem lhe suggeriu um alvitre. O indio, encontrando-o succumbido, na taciturna meditação saudosa, atreveu-se a falar:

— Senhor, por que não sahe? e, alongando o braço em gesto largo, como que mostrou a vastidão das florestas virgens.

O bandeirante levantou a custo a cabeça e, fitando o seu guia fiel, disse, com lentidão, como se lhe custasse falar:

— Sahir, Parajára... Para onde queres que eu vá, meu amigo?

— Senhor precisa sahir, repetiu o indio, fazendo, de novo, o gesto largo. Senhor precisa caminhar. A saudade mata. Senhor, ficando perto da sepultura da senhora, morre. A gente precisa sacudir do coração a alma dos mortos, que nelle fica. Essa alma é a saudade e mata, senhor. Quantos irmãos meus morreram desse mal, uns apenas porque viviam longe da floresta e della se lembravam, certos de que nunca mais tornariam a ve-la; outros por terem, como o senhor, enterrado a companheira de amor. Os lugares falam — a folha da arvore fala, a agua que corre fala, o passarinho que voa, a pomba que geme, o sol que vem alumiar a casa, a estrella que brilha no céu, tudo fala da senhora. Ella

ainda não foi de todo, ainda anda por aqui ; senhor sente o seu cheiro, ouve a sua voz e o ruido do seu passo, é que ella ainda está na casa. É preciso sahir, senhor.

Lá longe, nos grandes campos, nos montes altos, soffrendo, pelejando, senhor terá allivio e deixará de vêr a senhora. A terra está cheia de ouro, os rios estão cheios de diamantes, ha muita taba povoada e muita tapera onde a onça brame solitaria. Senhor terá muito que fazer lá longe e os homens não ficarão desacostumados, porque muitos dos mais valentes já não aguentam um dia inteiro de jornada e fugirão do indio e tremerão do rugido da sussuarana, porque ha muito que não caminham, ha muito que não combatem, ha muito que não se enfrentam com a dona da matta. Senhor precisa sahir para não morrer. Parajára conhece a dôr, e Parajára, quando tem dôr no coração, caminha.

— E minha filha ! suspirou Gonçalo Peres lançando os olhos ao céu. E Selva, Parajára ?

— Poranga fica, senhor. Poranga sabe amar, Poranga sabe cumprir o que promette e Parajára e Poranga prometteram á senhora guardar a menina. Poranga prometteu antes da morte, Parajára prometteu diante dos olhos de Deus — porque o céu estava estrellado — de joelhos, perto da cova da senhora. Poranga fica, senhor, e Poranga é forte.

— Pois vamos, Parajára disse resolutamente o bandeirante.

— Parajára fica, disse serenamente o indio. Senhor vai. Senhor precisa sahir ; Parajára fica porque é escravo da senhora que morreu. Parajára fica guardando o thesouro.

— Não falaste em Poranga?

— Poranga para amar, senhor; Parajára para defender. Poranga é o collo; Parajára é o braço. Poranga para fugir, senhor; Parajára para morrer. Parajára fica.

— Seja! exclamou Gonçalo Peres. Concordo comtigo. Devo partir. Ficarás com a gente que escolheres, eu lavarei o resto.

— Parajára fica com os seus irmãos da floresta.

— Os indios?

O tamoyo affirmou:

— Parajára conhece o indio por dentro, sabe como é a alma do indio. O indio não sabe rir, por isso não esconde. Parajára fica com os seus irmãos.

Gonçalo Peres fitou o selvagem e, carregando o sobrecenho, perguntou com certa arrogancia:

— Desconfias, então, dos meus outros homens?

O indio respondeu com humildade, baixando a cabeça:

— Senhor, Parajára só conhece o indio.

— Pois sim, ficarás com os indios.

No dia seguinte, cedo, reunindo a *bandeira*, Gonçalo Peres annunciou uma entrada ás terras goyanas, e logo começaram os aprestos da partida. Á casa das armas foram os capatazes buscar os mosquetes e as adagas, as machadinhas, os punhaes, as lanças. Sortiram-se bruacas de viveres e cada homem teve a sua carga. Como já dispunham de cavalhada, foram os ceirões abarrotados de polvora e de munições, além das barracas desarmadas que os animaes transportavam.

Na vespera da partida, á luz de fachos, Gonçalo Peres reuniu os indios em volta do tumulo de Ge-

nora, perto do cruzeiro que santificava a povoação e, exprimindo-se na lingua indigena, despediu-se delles, confiando-lhes a filha e a casa ; e, fazendo avançar Parajára, apresentou-o como seu substituto, elegendo-o chefe do bando, que o aceitou contente. O indio, então, chegando-se ao cruzeiro e, com elle, toda a gente tapuya, baixinho, jurou na sua lingua — que defenderia a casa do senhor e tudo quanto nella houvesse emquanto lhe restasse nas veias uma gota de sangue. Houve um sussurro entre os indios — todos juraram com Parajára e, como para firmarem o juramento, foram desfilando por diante do cruzeiro e cada um que passava atirava sobre a cova de Genora um punhado de terra, uma folha secca, um graveto, e seguia. Negros e brancos, que nada entendiam, olhavam assombrados o espectaculo mysterioso.

Recolhendo-se, Gonçalo Peres não poude conciliar o somno, torturado por uma idéa — aquella insistencia de Parajára em querer ficar em Pirapora apenas com « os seus irmãos da floresta. »

Posto que nunca o tivesse surprendido em traição, desconfiava do caracter versatil do indio, mas ao mesmo tempo, lembrando-se das innumeras provas de acrysolado amor que o selvagem lhe havia dado, affrontando a morte tantas vezes, soffrendo, sem queixa, as mais arduas privações, sempre dedicado e leal, repellia do espirito as suspeitas; ainda assim, meditando, lembrou-se da irman que tinha em Portugal. Porque não havia de a mandar buscar?

Viuva e pobre, com um filho, vivendo difficilmente, podia vir tomar o governo da casa porque,

com o coração cheio de saudade, não cuidava em substitui-la por outro amor de mulher, sendo bastante o da filha. Por ella ia, de novo, á aventura, para dar-lhe tanto quanto pudesse trazer das minas a sua bandeira em ouro e pedras, e escravos, tantos quantos a sorte da guerra lhe fôsse entregando pelos sertões a dentro. Viria a irman para o governo da casa ; e, resolvido, sem mais estudo, pôz-se á mesa e, á luz duma lampada de estanho, foi escrevendo a carta de convite na qual, não só invocou os sentimentos, como, para mais efficacia, descreveu minuciosamente as suas riquezas e gabou a magnificencia da terra, fertil, formosa e de clima tão docemente temperado que nos dias mais rigorosos de Junho, mez dos grandes frios, os do Reino, contentes, lembravam-se das suas primaveras amaveis.

Na carta pedia que lhe respondesse annunciando precisamente o tempo da sua viagem para que elle providenciasse sobre o seu transporte commodo e seguro. Já a manhan luzia quando fechou a carta e, marcando-a com o seu sinete, confiou-a a Parajára para que a despachasse por um indio, afim de que de Villa Rica seguisse pela posta para o Rio de Janeiro donde devia tomar destino.

Afivelou a espada, tomou as pistolas e caminhou para o oratorio, onde fez ao Senhor uma larga promessa, não só pela fortuna da expedição como pela saude da pequenina Selva, que tranquillamente, dormia guardada pela india fiel.

Subtilmente penetrou o quarto e, descoberto, com os olhos rasos dagua, curvou-se beijando a fronte da criança, que não fez o mais leve movi-

mento, tão pesado era o somno que dormia e, com os mesmos cuidados com que entrara, sahiu indo logo ajuntar-se á sua gente. E vagarosa, pelos caminhos orvalhados, ao clarear da manhan, partiu a bandeira, caminho dos sertões, depois de uma prece diante da cruz que fazia sombra ao tumulo de Genora. E Parajára, que seguira até á primeira collina, ficou muito tempo acenando, até que uma nuvem de poeira loura encobriu os bandeirantes.

Justamente um anno depois, numa tarde rôxa, quando as cigarras, sentindo a noite, abrandavam o cicio e os caborés passavam no ar aos gritos agourentos, um indio de atalaia annunciou a *bandeira*. Parajára acudiu contente á caiçára e Poranga, levando a pequenina Selva, que já andava e falava num idioma semi-barbaro, correu para que o senhor, pondo os olhos ansiosos na casa, logo descobrisse a criança e se alegrasse.

Effectivamente, numa volta do caminho, um cavalleiro apartou-se do bando a toda desfilada e, como fôsse reconhecido pelo indio chefe, logo os mosquetes estrugiram e grande clamor de festa atroou os ares.

Era noite negra quando a *bandeira*, cantando, penetrou o cercado. Gonçalo Pires, chorando lagrimas de alegria, tomou nos braços a criança e beijou-a. Atravessou-lhe a alma a frecha do remorso achando tão carinhosamente tratado o seu maior penhor : a filha, como zelados todos os seus bens. Oh ! como julgara mal o indio fiel, como fôra injusto suspeitando-o ! Mas, para desaggravá-lo,

diante de toda a sua gente, mais numerosa com os indios novos que trouxera, abraçou-o e o tamoyo, commovido, beijou-lhe as mãos, agradecendo em nome de todos aquella grande e significativa prova de affecto que o senhor acabava de dar, não só a elle como a todos os seus dedicados companheiros.

Na manhan seguinte, reunidos todos diante do cruzeiro, agradeceram a Deus a volta feliz e como Gonçalo Peres declarasse de festa e repouso toda a primeira semana, recolhidos os ceirões abarrotados de ouro aos fortes paioes contiguos á casa das armas, entregaram-se os homens aos divertimentos, cada qual a seu modo, em grande alegria.

Gonçalo Peres mal ouvia os rumores dos festejos, tão entretido andava com a filha, enlevado nas suas graças, alliviando-se, com ella ao collo, das grandes saudades que tivera nos sertões quando as noites caladas entenebreciam o céu e as selvas por onde as féras errantes espalhavam bramidos. Apenas faltava, para perfeita ventura, a dôce e formosa Genora, e elle, como para attestar ao espirito querido que ainda o não esquecera, da varanda lançava os olhos ao terreiro, onde a cruz alta, á beira do tumulo, abria os grandes braços avermelhados pelo clarão das fogueiras crepitantes.

II

A SERPENTE NO PARAISO

Entre as cartas encontradas no alcáçar uma havia assignada por Ignez Saavedra, nome da irman de Gonçalo Peres. A viuva escrevia com alvoroço, agradecendo ao bandeirante o haver pensado nella que, no fundo gelado da sua aldeia minhota, arrastava vida amargurada e difficil, de miseria e doença.

Dando noticia de que ajustára a venda do seu pequeno alfôbre e da casa velhissima e tão esburacada que os ventos de Janeiro por ella entravam assobiando por mil fendas, marcava a sua partida do Reino para os primeiros dias de Maio, com a bonança. E terminava dizendo que, para não desaproveitar a intelligencia do filho, que começara, com tanto gosto e engenho, as suas humanidades, lá o deixava, em Coimbra, com uma parca mesada.

A julgar pelo tempo, calculou Gonçalo Peres que a irman, se houvesse seguido os seus conselhos, já devia ter chegado á Villa Rica, hospedando-se

em casa de um contractador seu amigo, que se promptificara a recebê-la, resolveu despachar, no dia seguinte, um rol de homens commandados por Parajára para que a fôssem buscar.

Antes, porém, quiz annunciar ao indio a sua resolução.

— Parajára, meu amigo, disse-lhe, acabo de vêr entre as varias cartas que aqui achei, uma mais preciosa que todas, por ser de pessoa mui chegada a meu coração: minha irman. Ella annuncia-me a sua partida para estas terras e, pela data que traz a carta, que do Reino sahiu em fins de Janeiro, determinando a viagem para Maio, como vamos dobrando o anno, é natural que já esteja cançada de esperar em Villa Rica os meios de conducção para Pirapora. És o homem da minha confiança. Encarrego-te de a buscares. Eu aqui fico de guarda á casa e a Selva. Escolhe os companheiros que entenderes. Darás á minha irman a carta que vou escrever, apresentando-te. Que nada lhe falte em caminho, Parajára; que dissabor algum a faça antipathisar com a terra que vem habitar. Faze com que ella entre contente por estas bellas paragens, não se arrependendo de haver deixado o seu canto natal.

— Senhor, Parajára fará quanto puder para que a irman de senhor não se queixe da terra.

— Has de amá-la, Parajára, e has de fazer com que todos a amem, porque é boa e meiga.

— Parajára ha de amar a irman de senhor. Depois de senhor, depois de senhora, depois de menina, depois de Poranga, Parajára amará a irman de senhor, mas Parajára não tem força sobre o co-

ração dos outros. Parajára commanda na guerra e os indios ouvem a sua voz, mas Parajára não póde governar o coração dos indios.

Gonçalo Peres, habituado ás respostas sempre mysteriosas do tamoyo, sorriu.

— Bem, vai então cuidar do necessario para partires de madrugada.

O indio inclinou-se e sahiu.

Deixando, então, os seus aposentos, com um largo chapéu á cabeça, o bandeirante desceu ao terreiro para inspeccionar o trabalho da sua gente. Havia grupos disseminados, uns ao sol, outros á sombra das arvores.

Aqui, era um bando de negros que limpavam as armas, desenferrujando laminas de espadas e de punhaes; adiante, uma turma de reinóes concertando arrreios, indios emplumando frechas ou tecendo rêdes, e os novos, melancolicos, nostalgicos, passeiando vagarosamente, de olhos baixos, alguns com os filhos pela mão, pequeninos selvagens assustadiços que olhavam espantados, agarrando-se aos pais se alguem delles se aproximava, se um cão ladrava, ou uma gallinha corria cacarejando.

As mulheres, sentadas á sombra, amamentavam crianças rechonchudas, ou faziam crivo com as grandes e pesadas almofadas sobre as pernas cruzadas. Mais longe, perto do corrego, cantavam: eram os negros e os indios que bateiavam ouro, vigiados pelos capatazes. Outros lavravam, outros pastoreavam, e, ao lindo sol da manhan, Pirapora, na actividade da labuta em que andavam os colonos, punha uma grande e viva alegria na serenidade da solidão. Só um colmado tinha o seu habi-

:ante — era o chamado a *Tóca do mono*. Era mais furna do que cabana, porque o homem que a fizera, como se quizesse enterrar-se vivo, havia cavado o sólo, de sorte que o tecto de palha, em duas abas razas, achaparrava-se quasi á flôr da terra, sempre fumegando como se ardesse.

Ninguem ousara jámais penetrar essa lura que era mocambo de um cabinda, tido como feiticeiro. Mal encarado, de poucas palavras, odiado de todos, evitava as companhias. Como em desastre, durante a construcção do alcáçar, perdera uma perna inutilisando-se para o serviço, vivia ali encerrado com o seu urucungo e, só á noite, sahia resmungando, apoiado á muleta, para encher o seu pote na fonte ou para ir á cozinha buscar a sua ração de comida.

Homens e mulheres temiam-no, e como, duma feita, uma grande peste arrebatara aos carinhos maternos, em menos de uma semana, mais de quinze crianças, logo se espalhou que andava naquelle flagello influencia do negro e houve um surdo boquejamento, que teria dado em levante contra elle se os capatazes não houvessem, com prudencia, contido a gente amotinada ; ainda assim a *Toca* foi apedrejada e o feiticeiro teve de refugiar-se na cozinha do alcáçar até que, cedendo a epidemia, esmoreceu a sanha dos companheiros.

Gonçalo Peres, que os reinóes salvavam descobrindo-se, negros e indios pedindo a benção, chegou até á *Toca* e, com o seu comprido bastão de ipê, bateu no sapesal do tecto, chamando o negro :

— Jacob ! Eh ! Jacob ! . . .

Uma cabeça negra, intonsa, veiu rastejando pela

terra, duas mãos brutas appareceram agarrando-se aos bordos do buraco que era a entrada da cafurna, e o carão medonho do negro anguloso, com dois olhos espocados, grossos beiços gretados, a fronte curta, reentrante, como se uma pancada violenta a houvesse deprimido, grandes orelhas acabanadas, dentes largos, negros do sarro do fumo, mostrou-se, ainda mais deformado por um medonho sorriso, que era uma contracção como de agonia. Dando com o senhor, o monstro grugrulhou.

— Anda cá.

Elle veiu rastejando e sahiram-lhe os hombros nús, o tronco barreado, os compridos braços manchados de terra, com arranhões brancacentos e ali ficou estirado, mostrando apenas o busto nú, com a cabeça hedionda levantada como a de um saurio ao sol.

Gonçalo Peres, apesar do aspecto repugnante do negro, mal poude conter o riso, e, com fingida severidade, interpellou-o :

— Estás nú, Jacob ?

O negro mirou-o e seus olhos saltados, como os dos sapos, minaram lagrimas.

— Que fizeste da roupa ?

Elle rouquejou fazendo gestos descomedidos e ficou chorando silenciosamente ; depois encolheu-se para a cafurna e, de dentro, pôz-se a empurrar farrapos immundos, humidos, cheios de barro, como para mostrar que era o que tinha para cobrir a nudez simiesca e voltou com o carão á luz do sol pestanejando offuscado pela claridade.

— Porque não pediste a Parajára ?

— Zêri bati Jacob . . . Indio não gossa di negru.

— Parajára bateu-te ?

Elle suspirou acenando tristemente com a cabeça.

— Certamente porque fizeste alguma.

O negro encolheu os hombros com outro suspiro, mas Parajára, que vira o senhor tratando com elle, adiantou-se. Gonçalo Peres perguntou-lhe :

— É verdade que castigaste Jacob ?

— Castiguei, senhor.

O negro, ao avistar o indio, foi-se encolhendo como para fugir ás respostas, mas Gonçalo Peres chamou-o imperativamente :

— Jacob ! Que fez elle, Parajára ?

— Senhor, todas as noites, de rastos como a sucury, elle ia até a fonte com uma cabaça cheia de sumo de hervas e despejava nagua. Primeiro foi Urú quem viu. Urú que estava de vigia, depois outros e eu vi uma noite, vi e junto mesmo da fonte castiguei o envenenador das aguas.

O negro levantou os olhos para o céu como para o invocar em favor da sua innocencia, mas Parajára continuou :

— Jacob chama tempestade ; Jacob chama as cobras dos caminhos para morder os que andam aqui dentro. Jacob faz seccar a planta e apodrecer a arvore ; Jacob é máu, senhor. Anhangá vem ter com elle de noite, senhor. Jacob é mau.

Gonçalo Peres ouvia a accusação do indio lançando olhares de travéz ao negro, que se humilhava a mais e mais.

— E tu não lhe déste roupa, Parajára?

— Jacob rasga as roupas. O panno é pouco para elle tapar os buracos da *Tóca*. Se senhor quer

vêr como vive o negro, eu levanto o tecto—elle mora ahi com bichos. E o tamoyo, sem esperar a ordem de Gonçalo Peres, bradou no seu idioma chamando os indios que andavam perto e que logo acudiram correndo, e seis que chegaram, ajudados pelo chefe, agarraram uma das abas do colmado, e sem grande esforço foram-na levantando.

Ouvindo os estalos das vigas abaladas, o negro, soltando um urro de fera, recolheu-se como para se oppor á destruição do seu refugio, mas já os indios possantemente haviam derreado a aba e viase o fundo cavado do esconderijo do feiticeiro, onde o sol entrava luminosamente. Os indios falavam aterrados e Parajára chamou Gonçalo Peres para que visse.

O bandeirante aproximou-se da beira da cova e viu, arripiado, a immundicie que ali reinava: sapos saltavam, fugindo á luz; outros, encantoados, olhavam com espanto; cobras deslisavam corcoveando e desappareciam debaixo de montes de pannos; havia pilhas de ossos e caveiras de animaes pelos muros de terra humida, cacos de potes, o urucungo, molhos de hervas, raízes e um monte de capim, que era o leito do monstro.

O negro, nú, regougando, ia e vinha no fosso, escondendo os animaes, afugentando-os para que não fôssem vistos e caminhava a quatro patas, como um orango, ou saltava de cocoras, sempre enxotando os bichos immundos da sua companhia. Por vezes, levantando o comprido braço nú, fechava o pulso ameaçadoramente.

Gonçalo Peres, contendo a colera, chamou-o o negro, sempre agachado, levantou a cabeça:

— Que é isso, Jacob ? Para que tens ahi esses bichos ?

O negro pôz-se a percorrer com os olhos os cantos da cova, como se procurasse os animaes, mas, a um brado raivoso do bandeirante: «Vamos ! Responde ! » respondeu humildemente, juntando as mãos :

— Sinhô, bichu entra; bichu vem tocado di fóra; Jacob tem pena, dá lugá ni casa i bichu fica. Bichu não fá má, sinhô. E como para provar o que dizia, metteu os dedos por uma frincha dos muros e puxou uma cobra coral, que veiu enroscando-se, debatendo-se e enrolou-se-lhe no pulso. Elle ia dizendo sempre: Bichu não fá má, é mansu. Foi com a cobra até o rosto — o animal desprendeu-se-lhe do pulso e, lesto, enrolou-se-lhe em um collar em volta do pescoço e elle, satisfeito, triumphante, dizia sempre com meneios, sorrindo :

— Bichu não fá má, sinhô. Bichinhu é mansu.

Os indios, como se esperassem a sentença do bandeirante, olhavam-no boquiabertos, e Gonçalo Peres, cofiando os bigodes nervosamente, com voz surda, chamou o negro. Jacob ajoelhou-se no fundo da cova e, de mãos postas, procurava enternecer o senhor, pallido de colera.

— Vem, Jacob! Sahe!

O feiticeiro, com muitas e horrorosas visagens, rolava os olhos immensos, juntava as mãos, querendo commover o bandeirante, que o chamou de novo :

— Anda ! Não ouves ?

Diante da teimosia do negro, Parajára teve uma idéa sinistra: correu ao meio do terreiro, onde ar-

dia uma fogueira, á qual os indios tostavam de leve os páus dos arcos e, tomando um tição acceso, voltou á *Tóca* chegando fogo ao sapê do tecto.

Vendo as chammas, o negro encolheu-se como disposto a morrer no seu tugurio. Foi então que o tamoyo, desesperado, saltou na cova e, agarrando-o por um braço, puxou-o violentamente. Elle sahiu rastejando e foi humilhar-se aos pés do senhor, beijando-lhe os sapatos emquanto a coral se lhe ia desenrolando do pescoço e já colleava como para investir; um dos indios, porém, com uma bordoada, esmagou-a e o negro, rompendo em lamentos, apanhou os restos do reptil e molhou-os de lagrimas, grugrulejando na aravía barbara com que, de costume, praguejava e pronunciava os seus esconjuros.

As chammas consumiram, em breve tempo, a coberta do fojo, as cinzas cahiram nelle, espantando os animaes que ali viviam e Gonçalo Peres deu ordem para que o entulhassem na manhan seguinte, sendo o negro levado para um velho colmado distante, porque ninguem o queria na visinhança.

Jacob era o rebutalho da colonia. Gonçalo Peres conservava-o, por piedade apenas, porque serviço algum prestava, aleijado e velho como estava e idiota como o suppunham, posto que alguns affirmassem que era mais esperto que o proprio bandeirante.

Terminada a inspecção, recolheu-se Gonçalo Peres satisfeito e o resto da tarde passou com a pequenina Selva, passeando com ella pelos alfombrados caminhos da floresta, colhendo flôres, des-

cobrindo frutos silvestres, mostrando-lhe os saguís espertos que saltavam agilmente de galho em galho com agudissimos silvos.

Poranga, um instante livre, foi á cabana arranjar os apetrechos necessarios a Parajára e só tornou á casa ao cahir da noite para adormecer a criança. Na manhan seguinte, antes de nascer o sol, partiu de Pirapora a comitiva, demandando Villa-Rica, donde devia trazer a nova caseira do alcáçar.

Gonçalo Peres, para que a irman encontrasse a vivenda alegre, pôz em serviço todos os seus homens rebocando os muros, concertando a caiçara, capinando o terreiro e todo o alcáçar foi caiado, resplandecendo, muito branco, entre a verdura do arvoredo.

Justamente dois mezes depois da partida Parajára tornou trazendo, com todos os cuidados, D. Ignez Saavedra, duas moçoilas e um latagão que acompanhava a viuva.

Era uma bella e forte mulher morena, de olhos e cabellos negros, anchos quadris, collo farto. O rapaz era um alentado moço de olhar vivo e curioso.

Mal se annunciou a aproximação da comitiva, Gonçalo Peres, commovido, abalou do alcáçar para ir ao encontro da irman que deixara ainda donzella, mal entrando a puberdade.

Ao dar com a liteira que a trazia, arrasaram-se-lhe os olhos d'agua e quando a recebeu nos braços teve-a muito tempo apertada a si, sem uma palavra, e foi essa a primeira vez que os indios viram o seu valoroso chefe enfraquecido.

Emquanto subiam vagarosamente a ladeira murada que levava ao alcáçar, Ignez apresentou os companheiros que trouxera. O mancebo, guapo e robusto moreno, bello de feições ainda que antipathico, chamava-se Manuel Ferrão. Conhecera-o em Coimbra, em casa do filho, do qual o dizia condiscipulo. Ouvindo-a falar da viagem em que vinha, rogara-lhe que o trouxesse comsigo, não só para tentar fortuna, como para correr aventuras de guerra e de caça nos sertões. As duas moçoilas, pastoras nos pagos nataes, ella ajustara-as como criadas por saber que nos Brasis só havia negros e indios. E as saloias, iscadas pelo que ouviam dizer da riqueza da terra nova, cortada de ribeiros que rolavam sobre areias de prata, com arvores de frutos de ouro, cujas sementes eram rubis, esmeraldas e diamantes, acceitaram, contentes, o convite e, durante toda a caminhada, desde Villa Rica até Pirapóra, volta e meia destacavam-se da comitiva para rebuscar ouro nos riachos ou varejar o arvoredo á cata dos frutos preciosos. Gonçalo Peres sorriu da simpleza das pastoras.

Diante do alcáçar, toda a colonia, que se ajuntara no terrapleno amantelado, recebeu os advindos com as mais alegres mostras de sympathia: os homens disparando mosquetes, as mulheres juncando toda a vasta área de palmas e flôres; um dos berços salvou. Uma companhia de indios, atesando enormes arcos, espalhou nos ares frechas floridas, crianças fizeram uma soltada de pombos ennastrados de fitas e os negros batucaram tambores dançando e cantando em vozeiro barbaro.

Poranga adiantou-se com Selva pela mão e

quando a apresentou Ignez tomou-a ao collo alvoroçadamente beijando-a e elogiando-lhe a belleza.

Gonçalo Peres conduziu a irman aos apo. entos que lhe havia reservado, que eram todos os duma ala do alcáçar, fronteira á matta. Havia dois espaçosos salões e quatro quartos immensos com grandes janellas; a mobilia que os ornava era quasi luxuosa:—camas largas, de columnas retorsas, com baldaquinos forrados de damasco, grandes arcas, solidas cadeiras de espaldar, com pregaria de prata, armarios. Ignez installou-se, cedeu as criadas um dos quartos e consultou o irmão sobre a hospedagem de Ferrão.

«Podia ficar em um daquelles quartos—ella não precisava de tanta coisa: bastavam-lhe os salões onde até tinha medo de perder-se», ajuntou sorrindo. Gonçalo Peres acquiesceu e cada qual assenhoreou-se dos commodos que lhe destinaram.

Selva andava de mão em mão, animada, adulada; o proprio Ferrão estendeu-lhe os braços attrahindo-a, mas a criança fez um momo correndo a refugiar-se no collo de Poranga.

Nos primeiros dias, as horas eram poucas para recapitulações: Ignez a falar da vida que levára depois da partida do irmão — o seu casamento, a morte do pai, a molestia do marido, lenta, minando-o pouco a pouco; ella com um filho nos braços, emmagrecendo em vigilias á cabeceira do enfermo, que a não deixava um só minuto, a morte delle e a miseria em casa, a labuta incessante a que fôra obrigada para poder manter-se, mais o filho, já crescidinho. E falava por entre lagrimas e soluços. Felizmente elle tivera a lembrança de a mandar

buscar; ali, ao menos, não soffreria privações e tudo quanto conseguisse arranjar mandaria ao filho porque o seu maior desejo era vê-lo formado.

Gonçalo Peres tranquillisou-a dizendo que nada havia de faltar ao menino, em Coimbra. Deixasse-o por sua conta: ia dar ordem para que lhe fôsse paga uma bôa mesada. E chegou-lhe a vez de narrar as aventuras da sua vida tão cheia de peripecias. Ouvindo-o, Ignez ia pontuando com exclamações de piedade ou de espanto cada um dos episodios e muita pena lhe causou a prematura morte de Genora, elogiando os bons sentimentos do irmão que mandára levantar, em memoria da finada, o cruzeiro que de tão longe avistara.

Dias depois, com as chaves da casa, Ignez andava por ella como senhora absoluta, e Gonçalo Peres, contente por vê-la feliz e amparada e a filha cercada pelo seu carinhoso cuidado, trabalhava tranquillamente, ora no seu gabinete, ora nos paióes, pesando o ouro para saber quanto devia dar aos cobradores do *quinto*.

A fingida brandura de Manuel Ferrão, que fôra nomeado capataz dos negros, em pouco tempo dissipou-se, deixando apparecer o caracter violento e perverso do reinol. Os escravos, habituados ao trato amavel do senhor, não recebiam de bôa sombra o novo chefe, murmurando surdamente quando elle apparecia armado como se fôsse á peleja. Não só os tratava com arrogancia como até lhes prohibia o canto nas horas de serviço, estabelecendo, como lei nova, para torturá-los, que as mulheres

trabalhassem apartadas dos maridos, para que não os distrahissem conversando e ainda negava ás mãis o direito de acudirem ao choro dos pequenos filhos que deixavam em ranchinchos, sobre esteiras, vigiados por velhas negras. Gonçalo Peres, porém, tão enlevado andava na sua felicidade entre a filhinha e a irman que não dava ouvidos ao boquejar dos escravos perseguidos.

Uma manhan, porém, descia elle as escadas seguido de Parajára que o acompanhava aos paióes, quando ouviu o estampido longinquo de um tiro. Deteve-se encarado no indio que levantara a cabeça como se, pelo echo, quizesse descobrir o sitio de onde partira o estrondo.

— Anda alguem á caça, Parajára ?

— Ninguem, senhor.

O bandeirante esteve algum tempo parado, depois encolheu os hombros e desceu. Ao cahir da noite estava elle no seu gabinete quando bateram á porta.

— Entre.

Era Ignez. Entrou sorrindo, accusando, porém, na physionomia certo cuidado, como que vexame.

— Sabe, mano, houve hoje uma coisa na roça...

O bandeirante lembrou-se immediatamente do estampido que ouvira e perguntou :

— Que foi ?

— Um negro . . . e logo ajuntou. Elles são muito atrevidos, depois parece que andam açulados por alguem contra o Manuel, por que vivem a fazer pirraças e respondem, resmungam, relaxam o serviço. Hoje então foi uma insolencia. Um delles quiz assassinar o Manuel.

Gonçalo Peres levantou-se de golpe :

— Como ?

Ignez sorriu e disse :

— O melhor é que elle mesmo venha contar Elle está com receio de que o mano fique aborrecido. Eu, para mim, acho que fez muito bem; primeiro porque não havia de se deixar matar como um cão por um negro, depois porque assim impoz a sua autoridade porque, emfim, é preciso que o respeitem. Se havia de ser assassinado matou ; foi em defesa propria, o mano faria o mesmo.

Gonçalo Peres fitou a irman sem uma palavra. Ignez, embaraçada, perguntou :

— O mano quer falar com elle ?

— Sim, que entre.

Ignez sahiu apressada e Gonçalo Peres, de braços cruzados, cabeça alta, poz-se a passear ao longo do salão onde tinha o seu escriptorio e só parou quando ouviu a voz do reinol á porta :

— Dá licença ?

— Entre.

O capataz avançou até ao meio do gabinete; vendo, porém, a physionomia carregada do bandeirante, logo se lhe desfez o sorriso com que entrara.

— Que foi que houve na roça, Sr. Manuel ?

— Um começo de levante, disse timidamente.

— Levante ? exclamou Gonçalo Peres.

— Sim, senhor. De uns dias a esta parte já eu notava que os negros não se exprimiam em português, senão na linguagem d'Africa, olhando-me sempre de soslaio e murmurando quando eu passava. A principio não liguei importancia ao caso, mas por umas tantas coisas puz-me de sobreaviso, des-

confiado de que me quizessem armar alguma cilada. Effectivamente, uma tarde, voltando com elles da roça, notei que não mantinham a fórma, retardando, alguns delles, o passo, como se quizessem ficar atraz. Falei, então, com energia, conseguindo submette-los á ordem. Hoje, começando o serviço, um dos taes desobedeceu-me . . .

— Como ?

— Cantando.

— Mas então prohibiu o canto ?

— Sim, senhor, prohibi.

— Porque ?

— Porque distrahem-se e relaxam o serviço.

— É possivel, disse seccamente Gonçalo Peres ; e Manuel Ferrão continuou :

— Chamei-o á ordem, lembrando-lhe a minha prohibição. Elle voltou-se, encarou-me atrevidamente e, dando de hombros, continuou a cantar, carpindo.

— Trabalhando, disse Gonçalo Peres.

— Sim, senhor : trabalhando, ou antes, fingindo que trabalhava. Repeti a ordem e o negro, olhando-me de modo escarninho, poz-se a falar numa algaravia, que provocou o riso dos companheiros. Vendo-me ludibriado, senti o sangue subir-me ás faces e avancei até onde elle estava ordenando que se calasse sob pena de ser ali mesmo castigado. Respondeu com uma gargalhada e, sem dar importancia ás minhas palavras, continuou a cantar. Foi então que o castiguei . . .

— Com um tiro ?

— Não, senhor castiguei-o com o cajado. Revoltou-se e investiu commigo levantando a en-

xada. Atirei nesse momento e com tanta infelicidade que a bala lhe atravessou o coração.

Depois de curto silencio Gonçalo Peres perguntou:

— Sabe o nome do negro?

— Norberto.

— Era então um velho, se não me engano, disse com ironia o bandeirante.

— Sim, senhor.

— Excellente negro! um dos mais doceis, deixou escapar o senhor como se monologasse. Manuel Ferrão, de cabeça baixa, raspava com a unha o respaldo de uma cadeira. Excellente negro! repetiu o bandeirante e, voltando-se para o capataz, accrescentou com amargura:

— Pois é verdade, Sr. Manuel, é a primeira vez que corre sangue de homem nas minhas terras, porque nem mesmo inimigos tenho combatido nestas immediações. Não sei de que lado está a razão; compete-me, porém, como senhor, que sou, de Pirapora, velar pela vida dos que me cercam, principalmente quando são hospedes como o senhor. O negro é vingativo e é cruel na vingança, Sr. Ferrão; ha entre elles uma grande e forte solidariedade cimentada com lagrimas. Elles hão de procurar vingar a morte do companheiro, por isso, para prevenirmos um motim, acho prudente que o senhor não os leve mais ao serviço.

Ferrão levantou a cabeça altivamente:

— O senhor destitue-me?

— Não, garanto-lhe a vida.

— Agradecendo a solicitude com que me protege, Sr. Gonçalo Peres, disse arrogantemente o

reinol, devo declarar que, á vista do seu procedimento, considero-me incompativel com a vida nesta morada e, por isso, pedindo-lhe ainda hospedagem por alguns dias, emquanto me preparo para novo destino, offereço os meus serviços fóra dos limites desta fazenda, onde quer que me fixe, longe ou perto.

— Quer, então, deixar-nos ? perguntou, com espanto, o bandeirante.

— Sim, senhor, para que me não succeda algum desastre fatal ou para que os seus escravos negros e indios, revoltados, não tenham o trabalho de expulsar-me de Pirapora.

— Em Pirapora só um homem governa, disse Gonçalo Peres, e esse é quem o hospeda.

— Humilhando-me.

— Se julga humilhante a minha proposta, agora mesmo retiro-a, mas volto a dizer que é necessario que ande com cuidado, porque o negro, sobre ser vingativo, é perverso na vingança. E que poderei eu fazer em seu favor se elles o atacarem no campo ?

— Nada, bem sei, Sr. Gonçalo Peres ; nem eu, além dos muitos e altos obsequios que do senhor tenho recebido, ousaria ainda pedir uma escolta para poder andar sem receio. Não temo o negro, tenho energia bastante para contê-lo quando fôr preciso, peço-lhe, apenas, que me não tire a força de que careço para os submetter.

— Sim, mas sem que leve a mal o que lhe digo, acredite que, apesar de eu ter, com essa mesma gente, lidado em muitos e esforçados transes, nunca me vi forçado a appellar para a violencia para ser obedecido : todos, não só attendiam ás minhas or-

dens e mandados, como se mostravam meus affeiçoados capazes de se deixar em matar para que eu não tivesse o mais leve desgosto. O senhor não conhece o caracter do negro : não o julgue apenas pela apparencia barbara, ha nelle um coração cheio de sentimentos delicados. Demais, as suas ordens, sobre serem excessivamente apertadas, vão de encontro a um habito. O negro canta quando trabalha. O canto, ao que parece, amenisa as horas da saudade e faz com que elle não pense tanto na terra que deixou e da qual sempre se lembra. Nas minhas expedições indios e reinóes seguiam quasi sempre silenciosos ; o negro ia cantando. Porque havemos de lhe tirar essa consolação ? Que mal nos póde vir dessa tristonha cantilena ? Acho que o senhor foi muito longe procurando feri-lo no coração, dahi a revolta. Deixe-o cantar e verá quão delicado é esse homem que tão rude e máu lhe parece.

— Quer que eu revogue a minha ordem para que elles tomem o meu procedimento, não como generosidade, mas como covardia ?

— Não acontecerá o que pensa. Longe de o julgarem um covarde, ficar-lhe-ão agradecidos. Quem lhe fala nada tem de covarde : nunca empallideceu diante de inimigo algum, fôsse elle o thug ou fôsse o indio, falasse como homem ou bramisse como o tigre ; emtanto, muitas e muitas concessões tem feito aos seus escravos e por isso tudo delles consegue sem que lhe seja preciso empregar a força. Veja como me tratam esses mesmos indios desconfiados; e se quer um modelo de amigo, estude esse tamoyo que me acompanha, Parajára, e diga-me depois se entre homens civilisados viu jámais

coração mais nobre — e é um selvagem, um filho dos bosques, simples como a natureza. E para onde quer ir, se o senhor não conhece da terra mais que estes campos e os montes que daqui a vista alcança ?

— Os que primeiro aqui chegaram nem tanto conheciam e lograram alcançar as jazidas do ouro. Muitos ficaram pelos caminhos servindo de pasto ao cannibal e á fera : alguns, porém, mais felizes, venceram.

— Não partiram sós, iam ás bandeiras ; tomavam companheiros, e é preciso que eu lhe diga que não é tão facil como parece escolher companheiros para tão arriscada empreza.

— Saberei procurá-los.

— Vejo, então, que pensa em fazer-se bandeirante ?

— Vim ao Brasil tentar a fortuna.

— Não serei eu quem o ha de dissuadir de a buscar. Se é esse o seu proposito, seja feliz. Não torna então ao serviço ?

Ferrão hesitou um instante, mas, por fim, declarou resolutamente :

— Não, senhor : não torno : e, num impeto, exclamou : Detesto o negro !

— A razão é forte, disse com calma o bandeirante. Nesse caso e como pensa em explorar os sertões, não lhe offereço outro emprego. E não ficamos mal por isso.

— Não ha razão.

— E o negro ? Deu as ordens necessarias para que o enterrassem ?

— Elles o enterraram de certo. Ha uma tão

forte solidariedade entre elles... disse com perversa ironia, que não passou despercebida a Gonçalo Peres.

— O senhor possue excellente memoria.

— Já em Coimbra era celebrada.

— Então guarde estas palavras: «O negro vingativo e a vingança do negro é cruel.»

— Aqui ficam para o sempre. E com ellas retiro-me.

Os dois homens cumprimentaram-se e Manuel Ferrão deixou o gabinete.

Cahia a tarde melancolica. O céu limpido, violaceo, não tinha uma nuvem, mas para as bandas das montanhas distantes, parecia que um grande incendio flammejava: o occaso era uma coivara immensa. Os lombos das serras, polvilhados de ouro, resplandeciam sobre um fundo comburente, donde o sol moribundo reverberava ainda illuminando reconcavos. Havia arvores douradas e as mais altas, negras e immoveis, davam a illusão de estarem envolvidas em lavas, com as folhas contrahidas nos galhos carbonisados. A pouco e pouco, porém, o cariz se foi diluindo em rosa, em violete, em perola e a sombra começou a baixar.

Os animaes entoaram o canto vesperal. A voz do urú, triste e espaçada, chegava, de quando em quando, como um gemido, turturinavam nas moitas as pombas bravas e as corujas crepusculares chirriavam, de passagem, o pio funebre.

Já o gado vinha caminhando para os curraes e os pastores cantavam com as grandes varas ao

hombro, seguidos dos cães. A colonia parecia repousada — apenas um grupo de crianças, brincando, dava certa vivacidade ao terreiro, e longe, em algum colmado, soava surdamente um atabaque africano. Começava o coaxo dos sapos nas aguas quietas e a sineta de Pirapora vibrou, lenta e grave, a primeira badalada da Ave Maria.

Gonçalo Peres, que se debruçara á janella, olhando pensativamente, persignou-se e, de cabeça baixa, parecia rezar quando a irman, sem annunciar-se, entrou no quarto, logo perguntando com arrogancia :

— O mano despediu o Manuel ?

Gonçalo Peres voltou-se surprendido e vendo a attitude hostil de D. Ignez respondeu com brandura :

— Não ; disse-lhe apenas que me parecia melhor não tornar á roça com a gente para que não succedesse alguma coisa desagradavel.

— E elle ha de ficar aqui desmoralisado diante dessa negralhada ?

— Como desmoralisado ?

— Ora como ! Pois se depois do que houve elle não voltar á roça com essa sucia, que hão de dizer os taes ? que teve medo ou que o mano o tirou do serviço.

— Vamos calmamente, mana . . .

— Não ha calma possivel. Essa gente que me acompanha não está habituada a affrontas de pessoas de qualidade, quanto mais de escravos. Eu, se soubesse que em casa do mano os negros e os caboclos eram os senhores, não punha aqui os pés, por Nossa Senhora ! Não faltava mais nada — dei-

xar a gente os seus commodos, as suas amizades, para metter-se em uns mattos bravos como estes, tendo, ainda por cima, de aturar quantos atrevimentos queiram fazer negros e tapuyos. Isso não! O Manuel veiu commigo e eu não admitto que ninguem o offenda. Ou serve assim ou não serve e então volto pelo caminho por onde vim, levando os que, fiados nas promessas da sua carta, deixaram lá o que tinham e vieram para este desterro, onde nem um padre ha para acudir á afflicção de uma alma christan.

— Perdão, mana, creio que nada prometti a esse moço nem tão pouco ás raparigas que deixaram os rebanhos nos montes confiados a outras pastoras, porque entendiam que o ouro aqui andava aos ponta-pés. Foi para mim surpresa agradavel a vinda dessa gente e não nego que lhe devo o grande favor de te haver acompanhado com tanta dedicação; mas quanto á promessa, não me lembro de a haver feito.

— Então não me escreveste?

— Á mana? sim, escrevi.

— E querias que eu viesse sósinha por ahi fóra?

— Não e nem me oppuz á entrada dos que vinham em tua companhia.

— Havia de ter graça! exclamou em tom ironico, atravéz de um risinho. Havia de ter graça! Logo porém, carregando o sobrecenho, ameaçou: Pois, meu mano, eu estimo-te muito, mas devo aqui dizer que não estou disposta a aturar desaforos por tua causa, nem feitos a mim, nem feitos ás pessoas que me acompanham. Muito boa, muito boa, emquanto não me offendem. Ah! então

sou peior que uma vibora ! É preciso que saibas, já que tocamos no assumpto, que não acceito imposições de escravos.

— Algum escravo fez imposições ?

— Essa cabocla que anda com a menina.

— Poranga ?

— Sim.

— Não é escrava, minha irman, é livre, ella e o marido : Parajára.

— Seja como fôr, mas é uma selvagem.

— Que fez ella ?

— Que fez ! fez o que faz sempre : desobedeceu-me. Disse-lhe que não levasse a menina á floresta, e foi como se chiasse um carro. Tomou a criança pela mão e lá se foi com ella. Se faço uma observação, olha-me de tal modo que parece que me vai engulir. Não estou disposta, mano ; não estou disposta. E, quanto ao caso do Manuel, é preciso que fique agora mesmo decidido : ou elle volta ao serviço ou abalamos amanhan mesmo desta casa.

— Ao serviço não voltará mais, disse seccamente Gonçalo Peres.

Ignez levantou a cabeça impetuosamente, espantada. Parecia-lhe impossivel que o irmão lhe falasse com tanta severidade, e hesitante, fitou-o. Os olhares encontraram-se.

— Não voltará mais ? exclamou ella.

— Não ! affirmou o bandeirante.

— Nesse caso, meu mano, parto amanhan, volto ao meu canto. Ali, ao menos, serei senhora e não andarão negros rosnando em volta de mim. Não fico mais um dia nesta casa.

Gonçalo Peres interrompeu :

— Vou dar immediatamente as ordens necessarias para que a comitiva esteja prompta amanhan, antes do nascer do sol. E, chegando a janella, bradou em voz estrugidora :

— Parajára !

Ignez, succumbida, mal podia conter as lagrimas ; por fim rompeu em pranto nervoso, atirando-se a uma cadeira, em soluços.

— Agora ! E para onde hei de ir agora, se vendi tudo que tinha . . . Para onde hei de ir, meu Deus ! para onde hei de ir! Ah ! não ter eu no mundo uma pessoa por mim. Como vou chegar á terra mais pobre do que quando de lá sahi . . ! Que vergonha ! Como vão rir de mim ! . . .

Vendo-a chorar, o bandeirante arrependeu-se de haver falado com tanta severidade e adiantou-se para afagá-la :

— Mana, ja não me queres tanto como me querias d'antes, visto que, por amor de estranhos, procuras implantar a discordia onde sempre tem assistido a paz. Esse moço é abafadiço e assomado ; em vez de procurar conquistar os homens pela brandura, quer submettê-los com violencia, sem lembrar-se de que a desigualdade é grande. Eu tudo consigo com uma palavra, domino os motins com um olhar ; elle nada conseguirá com as armas na mão, porque, embora derrube os primeiros, os outros avançarão e elle será victima, inevitavelmente, do seu impeto. Se commigo usa de tamanha arrogancia que não fará com os negros ? Pensas, talvez, que tenho má vontade contra elle ? Que razão ha para isso, sendo elle, além de meu patricio, um protegido teu ? Mas deves comprehen-

der que preciso zelar pelos meus interesses, preciso manter a maior ord m possivel entre a minha gente. E porque tenho eu essa promiscuidade de homens ? para fazer frente, no caso de uma revolta, ao grupo revoltoso com os do grupo fiel. O negro raramente faz alliança com o indio, o reinol tem grande supremacia sobre os de uma e de outra raça, vivem juntos, mas não ligados. Tudo aqui obedece a um plano, como deves ter percebido, e, se começam a indispor os homens de todos os grupos, a revolta será geral e então quem defenderá a minha vida e a vida de minha filha ? Quem defenderá os thesouros que accumulei com tantos sacrificios, arriscando, tantas vezes, a vida, curtindo tão longas privações ? É preciso que te lembres, minha irman, de que não tenho no mundo mais que minha filha e tu. Zelando pelo que possuo, zelarás pela tua propria fortuna. Os montes de ouro que enchem os meus paióes são uma riqueza de muitos milhares de cruzados ; a colonia não ignora que possuo taes bens e ella, que hoje o guarda com cuidados de usurario, seria a primeira a esbanjálos amanhan, saqueando as arcas, se, por acaso, levasse a bom exito uma revolta. E eu sinto que os animos não estão calmos, ha indisposição contra o patricio, injusta, talvez, mas ha. É melhor prevenir evitando o attricto ; elle nada perde e não lamentará a viagem que fez a tão arredado sertão. Vê bem, pondera e não queiras desfazer com um capricho o paciente trabalho de tantos annos.

Ignez, que ouvira em silencio, enxugou os olhos disse com voz timida :

— Eu sei que tens razão, mas o coitado é tão bom e depois ficou tão sentido comtigo . . .

— Commigo ?

— Sim, porque o recebeste seccamente.

— Minha irman, eu sou um rude. A vida que tenho levado tornou-me assim melancolico e taciturno — não sei sorrir e pronuncio apenas as palavras necessarias á expressão do meu pensamento. O sertanista é, como o marinheiro, silencioso. Sei que, a principio, me julgam orgulhoso e máu ; com o tempo, porem, os que commigo vivem, reconhecem o erro da observação. Não o recebi seccamente, fui até amavel com elle; o que de mais extraordinario fiz foi insistir em um aviso sobre o caracter do negro e, se assim procedi, foi ainda em beneficio delle. Ignez, nós não estamos no Reino, vivemos aqui um pouco como barbaros e cercados de inimigos, muitos delles mysteriosos. Precisamos estar sempre alerta para que não sejamos colhidos de surpreza. Não sacudamos violentamente o galho da arvore, porque nos póde cahir sobre a cabeça uma serpente. Estes conselhos são de um conhecedor do sitio e da natureza. Elle que se corrija, elle que se procure impor, com respeito, pelo coração, e nunca pelo braço. E vamos, deixa de chorar.

— Mas que fará elle, mano ?

— Eu verei. Ha muito que fazer na colonia.

— Sim, porque elle declarou que não ficaria aqui se não lhe désses qualquer emprego para que os outros não o julgassem mal.

— Descança, eu verei. E, passando o braço pela cinta de Ignez, Gonçalo Peres a foi levando até á janella.

A lua, côr de ouro, enorme, subia no céu ; cantavam estridulamente os grillos e o ar das mattas, cheiroso e fresco, agitava a folhagem do arvoredo. Pouco a pouco a luz pallida da noite foi alastrando, arvores e caminhos ficaram nevados, appareceram luzes nos colmados e, accendendo-se no alcáçar as grandes lampadas de cobre, a claridade sahia pelas janellas escancaradas á bafagem da noite.

No gabinete de Gonçalo Peres o luar entrava, illuminando-o ; as sombras, muito negras, destacavam-se fundamente no pallor da luz e de todos os cantos vinham vozes mysteriosas, pios, trillos, e longe, muito longe, as onças noctambulas, deixando as tócas, fremiam, descendo aos bebedouros.

Os dois pareciam extasiados, com os olhos no céu todo cheio da serena claridade, quando ouviram bater á porta. Gonçalo Peres voltou-se : era Poranga que trazia a pequenina Selva. A criança, sorrindo, estendeu os bracinhos ao pai, que a tomou ao collo, beijando-a em ambas as faces. Ignez fez o mesmo. A india conservava-se a distancia. De repente, a menina alongou o braço e mostrando o astro, disse num gritinho :

— Jacy . . . Mamãi ! . . .

Gonçalo Peres lembrou-se de Genora. Jacy era o nome que lhe davam os indios maravilhados e, voltando-se para Poranga, que continuava immovel, olhando tambem o céu, perguntou :

— Foste tu que ensinaste a Selva este nome ?

— Ella ouve, senhor e, como Parajára diz sempre, falando da senhora : que Jacy está no céu, Jacy, mãi da menina, senhora branca, Selva, quando vê a lua, fala assim.

— Pensa que é Genora?

E a india affirmou:

— Pensa que é senhora.

A criança não tirava os olhos do céu e dizia sorrindo:

— Jacy... Mamãi...

— Pobresinha! suspirou o bandeirante, logo porém, afagando a filha, beijando-lhe os cabellos louros, disse entregando-a aos braços da irman:

— Mamãi é esta aqui, Selva, tua mamãi, minha filha. A outra Papai do Céu levou.

A criança, debatendo-se nos braços de Ignez, mostrou de novo a lua:

— Jacy... Mamãi...

Ouviu-se um soluço. Voltaram-se os dois irmãos e deram com a india chorando.

— Poranga!...

A tamoya levantou a cabeça e fitou o bandeirante; logo, porém adiantou-se, falando no seu idioma barbaro, com os braços estendidos para a criança. Selva respondeu-lhe, atirando-se-lhe ao collo, e a india partiu com ella, correndo, como se a defendesse dum perigo.

— Porque deixas que a cabocla ensine á criança essa lingua arrevesada?

— Que tem? Assim os indios nunca me poderão trahir: Selva me dará o segredo de todas as conspirações.

Atravéz do silencio subiu do terreiro um som soturno de instrumento barbaro — era Jacob, o feiticeiro, que picava, ao luar, junto ao cruzeiro, as aspas do seu urucungo.

III

O FEITICEIRO

A lua ia alta no céu, grande era o silencio na paizagem, não contando as vozes estridulas dos insectos que trillavam na herva, já lentejada de orvalho, e o coaxar merencoreo dos sapos nas aguas dormentes; apenas, de quando em quando, um dos cães, correndo á caiçara, ladrava com furia. Os indios explicavam as sanhas dos animaes pela presença dos manitós que erravam em volta da povoação. Os negros, assombrados, prestavam ouvidos, procurando distinguir o alarido macabro dos duendes que, sob fórmas horrendas e temerosas, passavam em tropel pelos caminhos perseguindo os animaes ou cavalgando-os, a espicaçá-los com espinhos agudos; os reinóes, igualmente supersticiosos, persignavam-se, conjurando os avejões noctambulos e alguns annunciavam baixinho á companheira o galope soturno das mulas sem cabeça ou encolhiam-se escutando a trepidação da

palha seca do colmado sobre a qual andava, de certo, em passos leves, algum trasgo malevolo.

A gargalhada da coruja retalhava o silencio e, por vezes, num sopro mais forte da brisa, a matta, bracejando, levantava o escachoante rumorejo.

O alcáçar fechado despejava a sua grande sombra no terreiro, branco ao luar. Junto á cruz morriam as ultimas brasas duma fogueira, em volta da qual os cães rosnavam.

Um homem caminhava vagarosamente, pensativo, procurando os sitios obscuros: era Manuel Ferrão.

Sahindo do gabinete de Gonçalo Peres, certo de que Ignez havia de o impor, tivera, mais tarde, sciencia do procedimento do bandeirante e, sentindo-se vencido e impotente para continuar a luta que abrira, revolvia no espirito idéas de vingança, mas como realizá-las ali, cercado de homens que dariam a ultima gota de sangue pelo chefe? Como impor-se áquelle exercito de barbaros que adoravam o bandeirante com verdadeiro fanatismo?

Deixara-se ficar no terreiro. Sentado sobre um comoro de terra vira baixar a noite sem que, ao menos, seus olhos fôssem attrahidos pelo esplendor do luar e ali quedara ao frio relento, indifferente ao bulicio estranho da folhagem densa do arvoredo, indifferente ao murmurejo das aguas, que derivavam escondidas pelas hervas e aos guinchos agudos dos caborés que se cruzavam no ar. A idéa de vingança dominava-lhe o espirito. De cabeça baixa, esgaravatando a terra, propunha planos ao seu odio, logo, porém, os repellia por inexequiveis

e compromettedores. Iam-se-lhe os olhos para as janellas do alcáçar e despediam faúlhas de ira:

— Pois sim! queres a luta? travemo-la. Tens por ti um exercito de homens servis ; eu tenho apenas o meu odio, mas toma cuidado, chefe de bandidos. Toma cuidado ! eu estarei sempre comtigo e, se me não vires, procura o meu signal que o has de encontrar. Examina o teu leito antes de nelle te deitares, examina a tua adaga antes de a levantares contra o inimigo, espia o caminho antes de o trilhares, desconfia da arvore e da agua, porque em tudo eu porei vedetas do meu odio. Vem com o teu exercito contra a minha colera, excita teus homens contra a minha astucia. Queres a luta? seja. Emquanto dormes, eu aqui vigio. A noite ensina, a noite é conselheira sábia.

Falava assim dando expansão á colera, quando ouviu um risinho que parecia vir duma mouta proxima. Voltou-se sobresaltado e ficou á escuta, ouvindo, então, o som soturno do urucungo e a voz de Jacob, que tristemente cantava :

Serepenti qui anda ni chão,
Serepenti piquinina,
Pódi mai qui lião.
Veneno di serepenti
Qui anda ni chão
Pódi mai qui denti
Di lião.

E o urucungo sempre a gemer merencoreamente. Guiado pelo som do instrumento barbaro Ferrão caminhou até onde se achava o feiticeiro.

O negro, sentado na terra, parecia tão entre-

tido com a musica que tirava que não deu pela presença do reinol. Subito, porém, vendo-lhe a sombra, sem voltar a cabeça, exclamou :

— Uai! sombra não vem só, sombra cumpanha genti... perguntou: Quem tá hi?

— Eu, disse Ferrão. O negro voltou-se e fitou o reinol como se o não conhecesse. Que fazes, Jacob ?

— Uai, nhô... negru canta sózinhu. Lua tá craro, nôti tá branca. Negru canta di nôti qui é hora di negru.

— Ouvias o que eu dizia, Jacob?

— Negru não ouve palavra di brancu sinão quandu brancu fala p'ra negru úví. Negru tava uvindu fala di urucungo, qui é cumpanhêro di negru.

Como Ferrão nada mais dissesse, o africano continuou a picar as aspas do instrumento barbaro. Subitamente o reinol perguntou :

— Que é da tua companheira?

— Cumpanhêra? Cumpanhêra di negru tá lá — e apontou a lua pallida. Esse é cumpanhêra di negru, zêri é qui entra ni casa di negru i faz festa a negru. Esse lá.

— Tua mulher?

— Eh! Eh! riu o feiticeiro. Qui muié, nhô? Muié não qué sabê di Jacob. Muié tem mêdo di Jacob pruquê diz qui Jacob sabi incantu.

— Que encanto?

— Uai, nhô... incantu di fazê bem, incantu di fazê má. Jacob sabi, nhô ; mâ Jacob não incanta ninguem. Jacob tá no seu quieto oiando aua corê.

— E se quizesses fazer bem?

— Jacob querendo fazi bem. Oia, nhô, turo qui nhô tá vendo é di Deu i du diabu. Genti tira fulô, fulô tem chêro, fazi bem, chêro é di Deu; fulô tem veneno i mata, veneno é di diabu. Negru sabi onde tá chêro di turo e onde tá veneno, mâ Jacob não bole. Jacob tá nu seu quieto oiando aua corê. Qui é qui Jacob pódi fazê, nhô? Jacob tá véio, Jacob não anda dirêtu... Côtadu di Jaçob!

Ferrão ouvia attentamente as palavras do negro e, quando elle voltou ao instrumento, agachou-se e, falando-lhe junto do rosto disse, em anseio, com voz surda:

— Se Jacob tivesse uma companheira? Se déssem uma companheira a Jacob?

— Poranga! exclamou o negro com os olhos brilhantes.

— Sim, Poranga.

— Jacob dava sangui di curação.

Manoel Ferrão estremeceu ouvindo a estranha promessa do feiticeiro e, fitando-o, ansiava sem poder pronunciar uma palavra, tão grande era a sua emoção e foi o negro quem interrompeu o silencio pronunciando apaixonadamente o nome da india: Poranga! O reinol, de gatinhas, aproximou-se mais do cabinda e perguntou, para excitá-lo:

— Queres possui-la?

— Ah! nhô... Poranga é duença di Jacob. Jacob vivi penandu modi Poranga.

E, como inspirado, pôz-se a falar claramente, com os olhos na lua, extasiado:

— Voz di Poranga é mai bunitu qui cantu di gaturamu ni larangêra, di tarde; voz di Poranga

chêra. Oio di Poranga é cumu nôti di lua; côr di Poranga é côr di manga maduru; pelli di Poranga tem mái chêru du qui casca di cannelêra. Collu di Poranga é cumu papu di pomba rôla; mão di Poranga é cumu leque duma parmeirinha; bôca di Poranga é qui nem um curtiçu di jatahy... Cabello di Poranga é cumu matta fechada. Ah! Poranga é duença di Jacob.

Manuel Ferrão ouvia, arquejando, as palavras do negro, e, quando elle terminou perguntou, num sopro:

— E porque não a tomas para tua companheira?

— Parajára pódi mai du qui Jacob.

— E os teus encantos? Não dizes que tens o segredo do perfume e do veneno?

— Jacob pódi fazé drumí Parajára, mâ sinhô, ficando acrodado, guarda Poranga.

— E tu hesitas? Se é verdade que amas a india?...

— Poranga! suspirou de novo o feiticeiro.

Manuel Ferrão queria propôr o crime, mas vacillava, receioso de que o negro o denunciasse; tremia de todo o corpo, os dentes entrechocavam-se trepidamente e, porque já se não podia firmar nos braços bambos, sentou-se, muito aconchegado ao negro, protegido pela herva que se oppunha á claridade compromettedora da lua, e ousou falar:

— E o senhor? Queres muito ao bandeirante?

O negro baixou a cabeça rosnando.

— Tens receio de alguma vingança da parte delle?

Depois de curto silencio o feiticeiro levantou a

cabeça com orgulho e disse num tom de voz que nada tinha de humilde :

— Nhô, Jacob não tem mêdu di vingança. Jacob pódi munto!... Jacob invenena aua di fonti, Jacob réza ni fruta, Jacob réza ni fulô, Jacob estraga aua. U qui us homi faz co'as arma Jacob faz co'os óio. Jacob tem sempre caça ni casa i Jacob não tem arma nem pricisa di laçu. Jacob óia pomba rôla e pomba rôla cahi mortu. Quando jacú pia ni matta Jacob vai divagarinhu i jacú não sahi di lugá isperandu qui Jacob apanhi elle. Onça fugi di Jacob, cobra faz festa a Jacob. Jacob pódi munto, mâ Jacob pricisa di cumpanhêru. Turu pódi acabá num dia, mâ é mió divagarinhu matando cumu duença di Deu prá otro não discunfiá. Óio turu tá in cima di Jacob. Si Jacob tivesse cumpanhêru, Poranga vinha p'ru collu di Jacob i ôru tudo di Pirapora Jacob dava cumpanhêru.

— E o senhor ?

— Sinhô . . . sinhô é captivêru. Ninguem góssa di sê captivu, nhô. Sabiá móri ni gaiola ; sabiá tem turu : aua i fruta, não moia penna, não fica tonto di só, cobra não bole cô' elle, chumbo di caçadô não ispanta elle i sabiá móri ni gaiola. Ninguem góssa di sê captivu. Rio pretado fica brabo e enchi campu, simente rebenta, negru quebra féro i mata. Jacob nascê ni matta, tinha sua maloca delle, era sinhô. Quandu tinha di cumê, cumia ; quandu não tinha cantava, mâ pudia andá. Jacob aqui tá presu. Jacob tá cumu arvi qui raiz prendi ni chão. Negru não góssa di sinhô.

— E Poranga ?

— Ah ! nhô . . . coraçon tá drumindo, não bole co'o coraçon qui é má brabo qui onça.

— Se queres Poranga eu posso dar-t'a.

— Nhô !

— Eu mesmo . . . se quizeres fazer um pacto commigo. Ha dois homens que defendem a india : para que cheguemos a conquistá-la é necessario que inutilisemos os seus defensores ; para isso conto com a tua sciencia mysteriosa. Se, como dizes, tudo pódes, trabalha que eu te auxiliarei e, no dia em que fôr vencido Gonçalo Peres, quando seu corpo adormecer para sempre na terra, Poranga, mais formosa que nunca, porque eu a vestirei de sêda . . .

O negro interrompeu-o :

— Não, nhô, Jacob qué Poranga co'as penna qui zêri trazia quando Jacob viu zêri da primêra vez : era cumu um grande passarinhu, nhô.

— Como quizeres ; ella será levada á tua cabana e ficará em tua companhia. Mais ainda : dividirei comtigo a fortuna que encerram os paióes de Pirapora e poderás ir para onde quizeres, porque, além do amor e da riqueza, dar-te-ei a liberdade.

O negro abaixou a cabeça, meditando e, nessa attitude, como se falasse á terra, perguntou surdamente :

— E cumpanhêru, nhô ?

— Eu o serei.

— É pricisu qui má saia di casa grandi. Aua di fonti é vigiada. Jacob pódi fazê incantu, nhô ispaia.

— Sim, disse o reinol. E quando começamos ?

— Jacob vai minhan mêmo buscá herva santa

i fôia ondi cobra dêxa venenu quandu vai bebê aua. Assim qui ficá promptu Jacob dá quimbandi a nhô.

— E Parajára ?

— Cabôco anda cá fóra. Jacob tem cumpanhêru p'ra cabôco.

Manuel Ferrão estremeceu.

— Queres metter um terceiro em o nosso segredo.

— Esse não fá má, não fala. É bichinhu mansu qui acumpanha eu . . . Ninguem pódi discunfiá quandu bichinhu fô in cima di cabôco.

E o negro, abrindo o peito da camisa, pronunciou, á meia voz, algumas palavras barbaras e logo um silvo agudissimo atravessou o silencio e a cabeça negra e achatada de uma cobra appareceu na abertura. Aterrado, Manuel Ferrão deu um salto para traz, mas o feiticeiro tranquillisou-o :

— Não fá má, nhô ; é bichinhu mansu. Zeri só vai quandu Jacob manda, é cumpanhêru di Jacob. Jacob vai sortá zeri aóra mêmu, nhô vai vê. Zeri vai dirêtinhu ondi tá cabôco. Pódi sê qui minhan Poranga teja sosinhu. Nhô vai vê.

E o negro tomou a cobra, que se fez em um bolo nas suas mãos, e pôz-se a falar mysteriosamente com a bôca na bôca do animal ; bambaleando-se depois, repousando-a no chão, disse imperativamente :

— Vá !

O reptil esticou-se, ondulou e, com um silvo fino, partiu colleando por entre os mattos com um leve farfalho de folhas seccas. Manuel Ferrão, assombrado, olhava na direcção que a cobra rapida seguira.

Jacob ergueu-se lentamente, apoiado á muleta, e disse em voz pausada e surda :

— Lua já vá cambando, prantu di arma tá cahindu du céu ; é tarde, nhô. Negru vai pruvetá restinhu di nôti emquanto gallu não canta, emquanto curuja vê. Té minhan, nhô ; té minhan. Vai dicansadu : bichinhu mansu tá batendu ni porta di Parajára ; vai dicansadu, nhô.

Manuel Ferrão, regelado, não tirava os olhos do negro, como se nelle visse um ser mysterioso e potente, genio malevolo da noite, senhor de sortilegios que, por vocação desesperada, ali tivesse repentinamente surgido.

Queria segui-lo, mas sentia-se como ankilosado ; as pernas negavam-se a levá-lo, os labios tremulos não podiam pronunciar palavra, os braços escorriam-lhe molles e inertes ao longo do corpo. O negro caminhava devagar, por entre os mattos sombrios, resmungando ; apparecia, desapparecia, até que, alcançando a ladeira que o luar illuminava, na alegria da luz, pôz-se a cantar, ao som do urucungo, a mesma cantilena que o denunciara ao reinol :

Serepenti qui anda ni chão,
Serepenti piquinina,
Podi mai qui lião.

Num esforço Manuel Ferrão conseguiu vencer o entorpecimento que, a bem dizer, o petrificara e seguiu a correr para alcançar o feiticeiro. De longe ainda o chamou. O negro voltou-se.

— Onde nos encontraremos amanhan ?

— Uai, nhô... Jacob é iscravu, nhô é qui manda.

— Não, fala..! insistiu o reinol.

O negro baixou a cabeça e, depois de alguns segundos de meditação, disse:

— Ali mêmu, nhô; ni mêmu lugá.

Repentinamente deixou-se cahir como fulminado, rolando para o canto sombrio.

— Dêta, nhô, rosnava; dêta! dêta!

Manuel Ferrão, sem comprehender, obedeceu á intimação do feiticeiro e rastejou até junto delle, tremendo. O negro sussurrou:

— Casa grandi tâ abrindo us ôio, nhô. Casa grandi tá espiandu.

Effectivamente abrira-se uma das janellas do alcáçar e a luz amarellada da lampada interior contrastava com a claridade pallida do luar. Unido com a terra, contendo o halito, como se a sua respiração pudesse ser ouvida de tão longe, Manuel contou as janellas: era a oitava. Ergueu-se logo animado e, juntando as mãos na bôca, tirou um pio lugubre. Os cães ladraram longe, despertados.

— Que isso, nhô! fez o negro espantado, puxando-o para a sombra; mas o reinol, como se quizesse ser visto, sahiu para o luar e, de pé, de novo tirou das mãos unidas em conchas o pio agourento.

— Ah! nhô. Ah! nhô...

— Não te assustes; vais vêr.

No mesmo instante um vulto appareceu á janella, voltando a cabeça dum para outro lado, com ansia. Manuel repetiu o signal — o vulto recolheu-se e, de dentro, á claridade, acenou com os braços como para demonstrar que havia dado por elle.

O negro, sempre agachado, com os olhos postos na janella, exclamou:

— Uai!

— Que é?

— Iriman di sinhô...

— Ella mesma.

O negro riu rebolcando-se na herva e baixinho cantou:

Venenu di serepenti,
Qui anda ni chão,
Podi mai qui denti
Di lião.

Era effectivamente Iguez. Os cabellos soltos rolavam-lhe pelos hombros e, abrindo os braços, em gesto largo, como a offerecer-se, o collo appareceu, muito branco, batido em cheio pela luz do luar. O negro riu na moita em que se escondera dizendo baixinho, repetidas vezes:

— Iriman di sinhô. Iriman di sinhô...

— Adeus! até amanhan. E trabalha: a tua serpe vai a caminho da cabana de Parajára; a minha espera-me. Até amanhan.

— Negru não drôme, nhô. Vai dicansadu.

— Lembra-te de Poranga!

Houve como um rugido na moita e Manuel Ferrão, a passos largos, caminhou em direcção ao alcáçar. A janella fechou-se vagarosamente. O negro, achando-se só, sentou-se e, atravéz dum risinho sarcastico com que sublinhava todas as phrases, pôz-se a dizer:

— Ah! câtigu di céu dimora, ma vem! Fogu

qui quemô cabana vai chegá ni casa grandi. Bichinho morê ni cinza, ê vai vê genti dançá ni brasa. Câtigu di céu vem sempre. Ah! sinhô, mecê foi abri porta di casa, serepenti qui tava de vigia intrô. Ocê aóra vai vê. Nêgu tava no seu quieto oiando aua corê. Quem veiu buscá elle foi brancu mêmu; Jacob aóra é rê. Eh! caminha! caminha! Lua vai cambandu... Oio di cabôco alumia ni iscuru. Vai divagarinhu, Jacob. Oio di cabôco alumia.

Sempre resmungando, foi-se ladeira abaixo, indifferente aos curiangús que o precediam aos saltinhos, aos revoejos na claridade da lua. Quando chegou ao seu colmado, á beira da rampa de uma ribanceira, voltou-se para olhar o alcáçar e, meneando com a cabeça, levantou o braço, espalmando a mão em gesto de ameaça.

Era grande o silencio, apenas ferido pelo murmurio leve de um fio de agua que defluia, em rego, pela rampa.

Serepenti qui anda ni chão,
Serepenti piquinina,
Podi mai qui lião...

E, assim cantarolando, foi-se o negro de rasto encafuando-se na toca.

Manuel Ferrão dirigiu-se para o alcáçar, cuja porta ficara apenas encostada. Entrando cautelosamente fechou-a com a tranca e, passo a passo, ás apalpadellas na escuridão, achou a escada. Os degraus rangiam, estalavam e, a cada estrépito, que parecia estrondar no silencio, o reinol detinha-

se, medroso. Em cima o negror era denso, depois de algum tempo, entretanto, logrou rompê-lo, aos poucos, vislumbrando ao longe um rastilho de luz. Tirou os sapatos e, descalço, pé ante pé, com a mão á parede, foi indo até o ponto de onde surdía o raio timido.

Quedou á escuta. Dentro rondavam passos macios como de alguem que caminhasse de pés no chão. Impelliu de leve a porta e, reconhecendo o que buscava, rápido, d'um salto, metteu-se dentro.

Ignez, em camisa, ia e vinha penteando os longos cabellos negros, que lhe chegavam á curva das pernas primorosamente torneadas e alvas, como de marmore. Os lindos braços núa curvavam-se graciosamente como as duas alças duma lyra.

Vendo Manuel Ferrão, Ignez precipitou-se e, esquecendo os cabellos, que lhe rolaram pelos hombros, atirou os braços ao pescoço do reinol, beijando-o ardentemente, lascivamente, com furia:

— Que fazias lá fóra, ao relento? Não sabes que não te quero vêr mettido com essa gente? Que fazias lá fóra?

O reinol levou um dedo aos labios para impor silencio, mas Ignez continuou, sacudindo a cabeça, e, em voz surda:

— Que me importa que ouçam? Pensas que tenho medo de alguem? Que ouçam! Mas que fazias tu? dize! Que fazias?

O reinol levou-a para junto da janella, onde havia duas altas cadeiras e, sentando-se, tomou-a ao collo amorosamente. Ignez olhava-o com ternura e, abotoando-lhe a boca com os dedos, pôz nella um beijo longo e surdo insistindo na pergunta:

— Mas que fazias, Manuel ?

— Tratava de nós. A nossa vida vai tornar-se impossivel nesta casa. Teu irmão detesta-me e, dentro em pouco, quando descobrir os nossos amores, (porque já é difficil occultar a prova), maior se lhe tornará o odio. Os homens que o cercam, mais por medo do que por amizade, adoptam todos os seus sentimentos, e esse indio taciturno que o não deixa, vive constantemente a perseguir-me, a espiar-me. Estou, ás vezes, sentado á sombra de uma arvore e ouço ruido perto, volto a cabeça e vejo-o a esgueirar-se, curvado e vagaroso. Sei que sou aqui detestado, tenho até certeza de que a minha vida não está segura e penso em partir...

— Tu ! exclamou Ignez sobresaltada.

— Sim.

— Não, não consinto! Não partirás!

— Tenho duas trilhas a escolher: a da partida ou a do crime.

— Como! balbuciou a mulher abrindo desmedidamente os olhos.

— Sim.

— Para que, Manuel ?

— Para ficarmos senhores de Pirapora, exclamou o reinol com os olhos fuzilantes. Serão nossos todos os thesouros que aqui ha, todos os escravos, e, além de ficarmos mais ricos do que o mais rico morgado da nossa terra, ainda poderemos vingar-nos dos que, por nos verem acolhidos, tratam-nos com insultuoso despeito. Teu irmão é aváro da fortuna que possue. Julgas, talvez, que elle te mandou buscar para dividir comtigo os haveres que tem ? Vê lá na tua arca o que tens ganho : nem

uma pitada do ouro que elle tem nos paióes em montes, nem uma pedra fina; tens a casa e a comida, isso mesmo em paga dos serviços que prestas, porque és tu que diriges a casa, és a aia da criança e a abegoa e isso será sempre assim e, no dia em que elle fechar os olhos, tudo quanto aqui ha passará ás mãos da pequena. Não te illudas.

Ignez ouvia sem ousar interromper o reinol; depois, com calma, alisando-lhe maciamente os cabellos, beijou-o na fronte, perguntando baixinho:

— E que pretendes fazer?

— Afastá-lo do caminho da nossa felicidade.

— Matá-lo? Elle hesitou e Ignez, sempre afagando-o, insistiu: Responde!...

— Sim!

— Como, filho? Pois não disseste que aqui são todos por elle?

— Menos um! exclamou impetuosamente o reinol; e esse basta-me!

— Quem é?

— Jacob.

— O feiticeiro?

— Elle mesmo. A luta franca seria uma temeridade, nem eu disponho de elementos para tentá-la... mas esse negro tem segredos mysteriosos: a morte entrará nesta casa lentamente. Quem desconfia duma doença? Pois elle morrerá duma enfermidade. Pensavas, talvez, que eu ia levantar contra elle a minha adaga? não; confio mais nos segredos de Jacob do que no gume das armas. Depende apenas de ti.

— De mim! Como?

— Sim, porque nada farei sem o teu consentimento, nem tão pouco o acceito senão de boa vontade. A contrariar-te prefiro sahir, irei pelas brenhas e, se fôr feliz, voltarei com o que tiver conseguido para buscar-te.

— Manuel, eu sou tua! disse amorosamente Ignez.

— Queres, então, auxiliar-me?

— Sim!

— E farás tudo quanto eu ordenar?

— Tudo! As bocas coliaram-se em um beijo longo e silencioso; depois, erguendo-se, Manuel Ferrão recommendou:

— E vê lá! Não é só por nós, mas principalmente por quem ha de vir. Vê lá!

Ella sorria ungindo-o com a luz voluptuosa dos seus grandes olhos negros.

— E a pequena, Manuel?

— Temos tempo, vamos por partes, disse sorrindo. Por emquanto tratemos de teu irmão.

— E o indio?

— Esse fica a cuidado da companheira de Jacob.

— Quem é?

— Uma cobra.

— Ó filho, palavra que me estás assustando. Falas em coisas tão extravagantes...

— Não acreditas? Pois amanhan ou antes: logo que o sol aponte has de vêr que tudo quanto te digo é verdade. A cobra partiu para o colmado do indio momentos antes de abrires a tua janella. É possivel que já se tenha mettido por alguma fenda do adobe e procure na escuridão a rêde em

que dormem os dois, que vão ser apartados pelo hospede terrivel.

Ignez rolava os olhos assombrados percorrendo a casa como se receiasse que algum animal da selva ali houvesse penetrado.

— E tu viste, Manuel?

— Como te estou vendo a ti.

— Virgem Santa!... exclamou juntando as mãos, arripiada.

— Ah! começas com medo...

— Não! disse ella levantando orgulhosamente a cabeça. Sou tua, Manuel! e, allucinadamente, atirou-lhe os braços em volta do pescoço.

IV

Os tamoyos velando

Se Manuel Ferrão possuisse o ouvido fino e não caminhasse tão enlevado nos seus planos terriveis, teria percebido um leve rumor na folhagem quando passou junto duma mouta densa onde não chegava a luz da lua ; mas o reinol ia tão distrahido ou, talvez, attribuisse á aragem que refrescava a noite, agitando brandamente os ramos. Logo, porém, que a porta do alcáçar bateu, Parajára levantou o corpo válido do sitio onde se havia escondido e, murmurando, pensativo, dirigiu-se para a sua choça escolhendo, de preferencia, as trilhas mais escuras.

Muito vira o indio, posto que á distancia ; tertára, por vezes, aproximar-se, tantas, porém, eram as versas pelo chão que, por mais cauteloso que fôsse o seu andar, sempre por elle se denunciaria, principalmente ao negro que tinha o ouvido aguçado como o dos nambús ariscos.

De longe, agachado, procurava apanhar na brisa uma só das palavras da conversa nocturna ; mas além de achar-se muito arredado, ainda os galhos em meneio, faziam murmurio bastante para esconder cumplicemente o dialogo ; mas viu, não só o conciliabulo do reinol e do negro, como tambem o apparecimento de Ignez á janella acudindo ao signal de Ferrão e logo uma grande suspeita lhe nasceu no espirito e, quando o homem passou vagarosamente perto delle, esteve para saltar-lhe em cima, derruba-lo obrigando-o a confessar tudo quanto ouvira do negro, com quem tão intimamente conversara ; a custo, porem, conteve-se.

Ia com lentidão, cajado ao hombro, quando, já a vista da cabana, percebeu que alguma coisa corria nos mattos que orlavam o caminho. Deteve-se á escuta e nada mais ouviu, pondo-se de novo em marcha. A dois passos, porém, da cabana foi violentamente assaltado por uma cobra que silvava com furia.

O indio, de um salto, ganhou a porta da choupana, bradando pela companheira :

— Poranga !

Mas o reptil arremessou-se de novo, com impeto, e tê-lo-ia alcançado se, mais lesto do que o maracajá, elle não houvesse saltado, atirando logo uma forte cajadada sem que conseguisse apanhar o feroz inimigo que se desviava, formando novos botes e investindo.

— Poranga ! bradou de novo o indio já desesperado e, agarrando, a mãos ambas, o cajado, vibrou-o, mas batendo em uma pedra, foi tal a violencia da pancada que o ipê lhe saltou das mãos,

deixando-lhe os braços dormentes. Desarmado, já se dispunha a fugir quando a porta se abriu dando passagem a Poranga.

Parajára, já exhausto, poude apenas dizer:

— Urutú! mas já quando a india avistava o animal que colleava rapidamente enroscando-se para investir de novo.

Com um grito a selvagem desappareceu, tornando, porém, quasi no mesmo instante, armada com o tacape do esposo e, de um salto, pondo-se temerariamente diante do animal, desfechou-lhe tão certeiro golpe que lhe partiu a espinha. Debatendo-se com maior furia a cobra, posto que mal ferida, ainda arremettia de rastos escabujando, enroscando-se, em agitação frenetica de raiva e de soffrimento, e a india secundou os golpes esmagando-lhe a cabeça negra. A cauda ficou ainda, por algum tempo, rabeando, saltando.

Parajára, cançado, sentou-se na soleira da porta, com a cabeça entre as mãos; de repente, levantando os braços, com os pulsos fechados, bradou:

— Jacob! Foi elle!

A india, deixando o animal estendido, correu ao marido solicita, e, na linguagem da raça heroica, falou-lhe enternecidamente:

— Mas não foste picado?

— Não! respondeu Parajára arquejando e, tomando nas mãos o rosto macio e moreno da companheira, beijou-a amorosa, agradecidamente, exclamando depois com odio:

— Foi Jacob!

— Como? perguntou a india.

— Ah! Poranga, muita coisa temos nós que vêr em Pirapora. Anda com cuidado, Poranga; anda com cuidado! A maldade entrou na casa grande. Parajára vê no escuro e vê melhor quando a noite é branca.

A india, com a curiosidade aguçada, sentou-se junto do companheiro, pedindo-lhe que falasse e Parajára contou tudo que vira da mouta onde se escondera. Ao findar elle a narração a india suspirou:

— E Selva?

Os dois indios fitaram-se como assombrados.

— Selva tem Poranga perto do berço e senhora que véla, disse o tamoyo. Poranga fica junto do berço, Parajára vai guardar o senhor. O homem branco anda de noite como o curupira; o homem branco fala de noite com o feiticeiro; o homem branco geme como a jurity e irman de senhor abre os braços, fala com elle. Parajára vai guardar o senhor. Senhor anda illudido, senhor não vê a sombra, só vê a claridade e a sombra é capaz de perder o senhor. Parajára vai fazer fogo na sombra para que senhor veja o perigo.

E Poranga disse:

— O homem branco fala baixinho á irman de senhor. Poranga tem visto. Poranga, mais de uma vez, tem encontrado os dois juntinhos, conversando como namorados. Irman de senhor não quer que o homem branco fale com a india, nem com a negra, nem com a branca — elle anda vigiado e as duas moças que vieram olham longe para vêr os passos do homem branco. Ha muito tempo que Poranga vê mas Poranga não fala. De noite, quando Po-

ranga dormia junto de Selva, ouvia as taboas estalando como se gente andasse no corredor. Poranga escutava calada. Senhor não vê na sombra, senhor confia de mais.

— E então ?

— Poranga vai tomar conta do berço ; Parajára guarda o senhor. O ouro de Pirapora chama ambição como a fogueira chama a cobra má. Senhor mostra o seu ouro a todo o mundo ; senhor não conhece o coração do branco. Branco que arrasa com fogo a taba do innocente, branco que mata o irmão por causa duma pedra d'agua, branco que não tem pena da criança, nem da mulher, nem do doente, branco que molha com sangue o caminho por onde passa. Senhor não conhece o coração do branco.

Parajára ergueu-se demudado e, avançando para o sitio onde se achava a cobra, cuja cauda ainda se movia lentamente, tomou-a e, voltando-se para a companheira, disse :

— Espera, Poranga, Parajára volta.

Armou-se do tacape e, levando a cobra de rasto, subiu o caminho aladeirado que conduzia á estrada larga que circulava o alcáçar. Os cães, presentindo o indio, rosnavam, logo, porém, que o reconheceram ganindo levantaram-se para festejá-lo. E Parajára, sem vê-los, seguia e mdirecção á toca de Jacob. De longe ainda avistou o negro que sahira á porta, tangendo o urucungo. Bradou possantemente, de pé na barranca fronteira :

— Eh ! mono ! Toma ! e brandindo a cobra atirou-a, vendo-a cahir aos pés de Jacob que se agachou e ficou muito tempo contemplando o animal.

— Manda outra ! disse Parajára e o negro, como um sapo, pôz-se a saltar de cocoras em volta do reptil.

O indio não poude dominar a colera que lhe fervia no coração e precipitou-se desabaladamente ladeira abaixo. Ouvindo-lhe os passos o negro, que grugrulhava, aos pinchos, ergueu-se tremulo e, aterrado, recuando, pôz-se a falar procurando abrandar o tamoyo pelo terror :

— Não mata, Parajára ; não mata quem não fá má. Nunca genti tá só i si ocê mi dirruba minhan turo mundu ha di sabê nomi di meu matadô. Lua di nôti tá hi módi contá, téra tá hi, planta tá hi, ventu tá hi, aua tá hi, bichinhu tá hi cantandu ni mattu. Não mata, Parajára. Escuta cunsciença, cunsciença fala ni curaçon ; 'scuta cunsciença. Qui má fá pretu véio ? pretu véio qui não sai di su cantu ? Pretu véio não fala sinão co urucungu delle, pretu véio não anda, pretu véio não bole có ninguem, pretu tá nu su quiétu oiando aua corê. Qui má fá pretu véio ? Ocê diz qui Jacob mandô bichinhu in cima d'ocê . . . Jacob tá nu su quietu; Jacob não tira pé di lúgá. Não mata, não, Parajára ; não mata, não.

O indio abrandou-se commovido com a covardia do negro e, depois de mirá-lo com desprezo, perguntou :

— E que fazia você com o homem branco ?

— Uai ! moço vem p'ra juntu di Jacob, Jacob táva tocandu dibaxo di lua quandu viu moço brancu. Moçu falô di sodade di téra delli, Jacob tamem falô di sodade. Jacob cantava dibaxo di lua quandu moçu brancu veiu, Parajára. Moçu lembra di

téra cumu Jacob ; mocu dexô mãi i irimão lá longi, cumu Jacob . . . Jacob cantava dibaxo di lua quandu mocu branco veiu, Parajára.

— Porque falaste de senhor ?

Sem perturbar-se o negro disse :

— Jacob não falô di sinhô.

O indio guardou um longo silencio e, por fim, disse ameacadoramente :

— Toma cuidado ! Tu serás responsavel por tudo quanto succeda em Pirapora, a tua vida está nas minhas mãos, vê lá.

— Qui é qui negru pódi fazê, Parajára ?

— Que póde fazer ? póde envenenar as fontes, póde envenenar os frutos nos galhos, póde espalhar sumo venenoso nas roupas que coram nos gramados, póde acular as cobras, como, ainda ha pouco, fizeste contra mim.

— Ah ! Parajára, não fala assim . . . Deu tá uvindu ocê i Deu catiga u farsu.

— Pois sim, mas vê lá : a tua vida está nas minhas mãos.

— I Deu tá nu céu oiando, suspirou o negro com os olhos elevados; depois falou tranquillamente.

— Vai, Parajára, vai : gallu tá cantando, não livanta farsu quandu gallu canta. Vai, Parajára ; caminhu tá limpu, lúa tá craro, nôti tá quiéta, mundu tá drumindu. Vai, Parajára, não fala mai, Nos'Sinhô tá scutando. E acenava como a despedir o indio.

Voltando, o tamoyo tomou a cobra na ponta do tacape e atirou-a nos mattos ; o negro rosnou e Parajára subiu vagarosamente a ladeira voltando-se, de vez em vez, como se desconfiasse de nova

perfidia do feiticeiro. Os gallos cantavam nos poleiros annunciando a madrugada; mugiam bois e os grillos guisalhavam nos campos socegados. O dia vinha perto. Poranga esperava o companheiro á porta da cabana aquecendo-se a uma fogueirinha. Quando o viu chegar interrogou-o:

— Então?

— Diz que não foi elle.

A india fez um significativo aceno com a cabeça e recolheram-se os dois. Na rêde fresca, macia e balsamica, ainda conversaram: Poranga entendia que deviam prevenir o senhor para que se acautelasse, mas Parajára oppoz-se.

— Não, as suspeitas podiam não ser verdadeiras e para que haviam elles de alarmar o espirito do bandeirante revoltando-o contra o reinol? Ficariam velando e, se descobrissem alguma coisa que pudesse servir de prova, então, sim, denunciariam. A india concordou e, antes de adormecer, suspirou enternecidamente o nome de Selva. Um raio de lua, entrando por uma talisca, enfeitava a rêde do casal selvagem.

Os dias corriam tranquillamente sem que nada despertasse as suspeitas dos indios. Manuel Ferrão trabalhava nos paióes pesando o ouro em companhia de Gonçalo Peres. Ignez, cada vez mais desvelada, era de uma solicitude maternal com a pequenina Selva que, apesar de todos os afagos, preferia a companhia de Poranga que a levava á floresta trazendo-a de lá carregada de frutos e enfeitada de flôres; Parajára, posto que andasse em

trabalho com os indios, não perdia de vista o feiticeiro que raramente apparecia humilde, resmungando, perseguido pelas crianças e até pelos cães que rosnavam quando o viam.

Uma manhan, porém, entrando Poranga no quarto do bandeirante, viu que as flôres de um ramo que lhe enfeitava a mesa de cabeceira já estavam murchas e sem aroma e tomou-o para o atirar pela janella quando de dentro cahiu alguma coisa, que logo se foi pelo chão ligeiramente. Era uma pequenina vibora, negra e esguia. A india perseguiu-a matando-a e longo tempo ficou diante do animal, pensativa.

Por fim tomou-o e sahiu com elle indo á varanda onde Gonçalo Peres repousava. Ignez, sentada perto do irmão, bordava tranquillamente um panno para a capella do alcáçar, Selva brincava com um pequeno cão. Quando a india mostrou o reptil venenoso, contando que sahira d'entre as flôres do ramo, Ignez empallideceu horrorisada e erguendo-se, de impeto, pôz-se a clamar contra o descuido dos que traziam das mattas aquellas flôres e punham-nas em casa sem exame. Podia acontecer alguma desgraça. Gonçalo Peres, sem perturbar-se, contrariou a opinião da irman, acalmando-a :

— Sem duvida o animal entrou no ramo quando o deixaram fóra antes de o levarem para o quarto, porque, sendo as flôres colhidas uma a uma, certamente na haste delgada ou mesmo na corolla, se possivel fôsse, não passaria despercebida a cobra, caso nella tivesse vindo, mas costumam deixar os ramos ao relento ; depois, espreguiçando-se, ajun-

tou: É necessario cuidado, não por mim, podem viver no meu quarto todas as cobras da floresta, podem mesmo, caso queiram, dormir commigo, não me incommodam.

— Não tens medo, mano? Um animal peçonhento como esse?

— Não me fazem mal: não ha cobra que me morda e ainda que alguma queira ter esse trabalho, perderá o seu tempo.

— E o veneno, mano?

— Não tem effeito sobre mim. Nós, sertanistas, curamo-nos.

— Que é isso de cura?

— É um contracto que fazemos com as cobras, disse a rir: não as matamos para que ellas não nos matem. Temos um segredo mysterioso que não podemos transmittir senão na hora da morte, a uma só pessoa, sob juramento de o guardar discretamente até o derradeiro momento, podendo, então, dispor delle em favor de outrem.

Ignez, ouvindo as palavras do irmão, ora empallidecia, ora córava e essas variações de côr não passavam despercebidas a Poranga.

— Então só na hora da morte é que o mano póde dar a outro esse segredo?

— Só na hora da morte.

Ignez baixou a cabeça sobre o trabalho, de repente, porém, uma gargalhada explodiu. Os dois irmãos voltaram-se para Poranga: a india derreava-se a rir.

— Ó rapariga, estás louca! exclamou Ignez. De que te ris assim?

— Senhor é como acauan... e cobra não mata

acauan. Poranga ri porque se lembra da briga de acauan . . . e atirou longe a vibora.

— Pareces louca, rapariga ; disse Ignez sem levantar os olhos do panno que bordava.

Logo que a india partiu Ignez, dirigindo-se a Gonçalo Peres, que já toscanejava, falou em tom mysterioso :

— Não te parece que essa rapariga anda agora muito alegre, mano ?

— Que tem isso ? Vive feliz, tem saude, não tem motivo para andar triste.

— Mas rindo tanto, á tôa. Às vezes chego a desconfiar.

— De que ?

— De bebidas.

— Poranga não bebe.

— Pois olha : parece. Agora deu para dormir no quarto, com a menina ; é das manias.

— Que queres ? criou-a desde pequena.

O bandeirante respondeu de olhos fechados, amollecido pelo calor. O sol forte do meio dia punha um languido quebranto na natureza ; a aragem escassa mal agitava a folhagem e sentia-se o aroma secco dos capins aquecidos. Raros passaros perpassavam e em volta dos cortiços que havia pendurados ao longo da varanda abelhas zumbiam em enxames. No terreiro mulheres trabalhavam cantando — umas joeirando o milho, outras soccando o arroz. Calada, Ignez ia continuando o trabalho ; apenas a vozinha meiga de Selva, que brincava, interrompia alegremente a serenidade da sésta.

Passos fortes soaram na sala. Ignez voltou-se com a fronte franzida, dando, porém, com Manuel

Ferrão, suarento, vermelho, fez-lhe signal para que pisasse de leve, mostrando o irmão adormecido. O reinol chamou-a com um gesto e ella, em pontas de pés, seguiu-o á distancia, voltando-se, de vez em vez, para a varanda. Mal, porém, chegou ao corredor amiudou os passos e, com desalento, abandonando os braços ao longo do corpo, disse:

— Ah! meu filho... tudo baldado! Tanto trabalho para nada.

O reinol, esbogalhando os olhos, perguntou:

— Mas que houve?

— Essa maldita cabocla...

— Fez alguma! exclamou Ferrão.

— Ora! entrou no quarto e não sei como descobriu a vibora no ramo. O reinol trincou os labios, fechando os pulsos com odio; mas Ignez em tom desanimado, continuou: Tambem, ainda que ella não tivesse dado pela coisa podiamos esperar toda a vida pelo resultado. O mano é curado, Manuel.

— Curado! Como? Que queres dizer?

— As cobras não lhe fazem mal. Disse-me elle que até póde dormir com ellas na cama, porque não lhe mordem.

— Porque?

— Não sei; tem um segredo.

— Alguma oração, talvez?...

— Não sei; disse-me que só o transmittirá a uma pessoa, na hora da morte. O reinol ficou algum tempo pensativo, depois, levantando a cabeça, murmurou:

— Na hora da morte...

— Na hora da morte, repetiu Ignez.

Houve um longo silencio entre os dois; por

fim, Ferrão, adiantando-se, levou a amante para junto da escada de modo a poder fugir ao primeiro rumor, e disse-lhe:

— Vê lá, todo o cuidado é pouco com essa india. Depois do que houve entre Parajára e Jacob, comprehendes que devemos andar avisadamente, procedendo com a maior cautela para não sermos surprendidos. O indio ronda a cabana do negro, segue-o a toda a parte, não só elle como um tapuyo que dá pelo nome de Gôáh. Difficilmente consigo falar ao feiticeiro, e, se não houvessemos combinado sobre o ponto em que elle havia de deixar os preparados, estou certo de que nada mais poderiamos fazer, porque, com a vigilancia dos selvagens, não me atrevo a procurar a choça de Jacob — um delles segue sempre os meus passos e espia os meus movimentos. Felizmente tudo combinamos em tempo, de sorte que, amanhan mesmo, trarei o philtro que elle preparou e que é infallivel.

— Mata?!

— Lentamente. Mas ouve: para que a molestia, que o vai atacar, não levante, suspeitas careço dum sacrificio teu.

— Meu...?

— Sim: vais tambem tomar uma pequena dóse do preparado.

Ignez, aterrada, recuou:

— Eu, Manuel?

— Sim, tu; eu tomarei comtigo. É necessario que nos julguem victimas como elle para que não recaia sobre nós a minima suspeita. Dirão que fomos envenenados na comida e para isso vou eu

trabalhar preparando as provas do crime de Genoveva.

— A cozinheira?!

— Sim.

— Mas ella tambem está mettida nisso?

— Não, mas é necessario que appareça para que Jacob não soffra.

— E se eu morrer, Manuel?!

— Tu?! Acreditas, então, que eu seja capaz de assassinar-te, Ignez? Se te digo que é para que não nos suspeitem, filha: se vou tomar comtigo...

— Juras?

— Pelo thesouro que trazes no ventre, juro!

— E quando ha de ser?

— Amanhan, á noite.

— Poranga! Poranga...

— Ahi vem a menina, vai! sussurrou Ignez impellindo docemente o reinol.

— Até amanhan, disse elle atirando-lhe um beijo.

E ella, correspondendo:

— Até amanhan!

— Poranga! E a pequenina Selva, correndo, chamava pela india procurando-a com os olhos. Ao dar com Ignez perguntou:

— Poranga? Onde está Poranga? A viuva ia responder quando a india appareceu á porta dum dos quartos, justamente o que ficava mais proximo da escada.

— Terá ella ouvido, meu Deus! murmurou baixinho Ignez, empallidecendo; mas a india sorria tão calma estendendo os braços para a criança que se precipitara que ella tranquillisou-se tornando

á varanda, onde Gonçalo Peres dormia a somno solto.

Apesar das palavras de Manuel Ferrão: «É necessario que nos julguem victimas, como elle, para que não recaia sobre nós a minima suspeita», Ignez tremia á idéa dessa partida em que ia temerariamente jogar a propria vida. Que terrivel veneno seria esse que lhe ia ser propinado? E se Manuel Ferrão lhe escondesse a verdade? Se, por ambição, elle andasse tambem tramando contra ella para ficar sósinho em Pirapora, unico senhor dos thesouros ali contidos? Se quizesse libertar-se della pela morte para viver independente em desenfreiada orgia com todas aquellas indias puberes que pareciam conspirar contra ella lascivamente, trazendo os collos virgens mal cobertos, o corpo sempre perfumado, os cabellos enfeitados de flores silvestres? Se fôsse uma traição do amante?

O ciume accendeu-se-lhe no coração como se ella sentisse a morte apenas pelo despeito de ser preterida pelas selvagens que lhe disputavam o homem oppondo-lhe á belleza de peninsular a faceirice natural, a graça languida, que tinha muito do meneio das onças quando, no tempo estival, percorrem os valles, bramindo e espalhando no ar um almiscar activo.

O dia todo passou-o em conjecturas e, ao cahir fresco da tarde, debruçada á varanda, pensativa, os seus olhos pareciam interrogar as jovens selvagens que passavam carregando cofos ou bilhas

Univ. of Arizona Library

d'agua, movendo graciosamente os corpos ondulantes.

Em cada uma via uma rival terrivel e destestava-as sem excepção por não saber qual dellas era a preferida do reinol. Ah! pudesse submettê-las a uma lenta tortura para arrancar-lhes do coração o segredo do amor! Pudesse suppliciá-las todas e com que prazer trincaria o coração da que, pelo soffrimento, se denunciasse. A Gonçalo Peres não passou despercebida a agitação da irman.

— Que tens hoje, mana? Acho-te preoccupada.

— Estou triste.

— Saudades...

— Sim, saudades. Vivo aqui feliz, mas que queres? a gente não póde esquecer a terra onde nasceu. Demais, tenho lá meu filho...

Dizendo palavras taes, desatou a chorar nervosamente. Ah! mas não eram as saudades do filho que lhe arrancavam do coração tão copiosas lagrimas, não era a saudade da patria, mas a preoccupação do ciume — a idéa tremenda que lhe despontara no espirito de que Manuel Ferrão queria desfazer-se della criminosamente para poder viver á vontade entre aquellas mulheres barbaras. Gonçalo Peres, para consolá-la, passou-lhe o braço pelo hombro e pôz-se a falar da hora melancolica:

— A tua tristeza vem do céu, minha irman: são tristissimos, em verdade, os crepusculos brasileiros. Nos primeiros tempos da minha vida nesta terra eu fugia para evitar o effluvio de melancolia que nessa hora cahe nas almas. Se estava na expe-

dição encerrava-me na minha tenda ou mettia-me na gruta que me servia de abrigo, só apparecendo quando a noite escurecia de todo. Os proprios insectos parecem cantar entristecidamente. Tens razão, é uma hora que faz soffrer. Mas não fiques a olhar o céu e a ouvir a cigarra ; vem para dentro. E deixa lá o rapaz que vive feliz ; nada lhe falta. Está melhor do que nós.

Ignez suspirou, limpando as derradeiras lagrimas, e acompanhou o irmão.

As negras accendiam as lampadas de Pirapora e já os pratos fumegavam e recendiam appetitosamente á mesa.

Manuel Ferrão passeava pela sala, de mãos ás costas, a cabeça baixa, meditando ; ouvindo, porém, os passos de Gonçalo Peres, disfarçou a preoccupação, adiantando-se para saudá-lo, risonho. Á mesa Ignez atirava olhares terriveis ao reinol que comia com voracidade. Poranga, na varanda, passeava com Selva nos braços ninando-a.

Depois do jantar sahiram todos a passeio pelo terreiro e, como Gonçalo Peres seguisse até á caiçara, Ignez, que ia muito achegada ao reinol, disse-lhe resolutamente :

— Sabes, Manuel, pensei muito sobre o que hoje me disseste e resolvi não tomar o remedio.

— Por que ? perguntou elle sobresaltado.

— Tenho medo . . .

— Medo de que ?

— Não sei . . . Não !

— E eu ! ? Acreditas então que eu queira suicidar-me ? Por que ? És tola.

Ella hesitou um momento e insistiu resoluta :

— Não . . .

— Ah ! não ? . . .

— Não !

— Pois sim, disse o reinol em tom sombrio, e ella receiosa, encarando-o, perguntou :

— Ficas zangado ?

— Zangado ! eu ? não : parto. Que fico fazendo aqui ! ?

— Ah ! Manuel ! . . .

— Mas sim . . . Que fico fazendo aqui ? Tinhamos combinado uma coisa ; para realizá-la arrisquei a vida porque, se me surprendessem a falar com o negro, matavam-me com certeza.

— Qual !

— Qual ? ! Pois sim . . . Agora, depois de feito todo o trabalho, vens dizer-me que não estás disposta a auxiliar-me porque tens medo.

— E não é natural que o tenha ?

— Mas medo de que ?

— Sei lá !

— A dóse que vamos tomar é insignificante ; demais, esse remedio não mata.

— Que faz então . . . ?

— Abre feridas no corpo.

— Ah ! meu Deus !

— Que tem ?

— Pois queres que eu fique chagada ? . . .

— E eu ?

— Tu és homem.

— Sou de carne, como tu. Ficaremos nessa dóse, simplesmente para fingir, encobrindo a verdade, e elle continuará a tomar sem que saiba e nós, com habilidade, ir-nos-emos desfazendo dos ini-

migos, attribuindo a um e a outro o envenenamento.

Ignez baixou os olhos, hesitante. A idéa duma traição trabalhava-lhe o espirito, dando, porém, ao levantar a cabeça, com o olhar de Ferrão, que tão poderosamente a dominava, perguntou humilde, em voz submissa de criança :

— E tu tomas commigo, Manuel ?

— Certamente, affirmou o reinol, e mais do que tu, para que, sendo o mais ferido, de mim nem de leve suspeitem. Que me importa um mez de soffrimento se tenho certeza de que depois serei senhor de tudo que aqui ha ? Não tem o proprio rei metade do ouro que teu irmão esconde naquelles paióes, em potes de barro, em arcas. E as pedras que lá estão . . . ! não as ha mais bellas na corôa de Portugal. Eu sei, tenho visto. Então, dize : Queres ?

— Se tomares commigo . . .

— Pois se já te disse, filha. Está feito, não ?

— Sim.

— E não te arrependes mais ?

— Não.

A voz forte de Gonçalo Peres atroou em baixo, perto da caiçara.

— Vamos ter hoje que fazer á noite.

— Que ha ? perguntou o reinol avançando impressionado.

— Onças ! Temos onças na visinhança. Levaram-me um novilho na noite passada e tornam hoje : o gado annuncia e prepara-se para recebê-las. Se o meu amigo quer distrahir-se um instante, vá preparar o seu mosquete e venha para a minha companhia.

— Boa nova é essa para mim, Sr. Gonçalo Peres. Sempre tive desejo de vêr de perto a rainha das selvas.

— Mas cuidado porque, apesar da sua nobreza selvagem, não é lá muito cortez. Se quer ter a honra de vê-la, venha municiado e com disposição. Em pouco ella nos mandará da floresta a sua saudação e é necessario que estejamos preparados para recebê-la ou recebê-las, dignamente. E avie-se porque, pelo aviso dos touros, que têm bom faro, ella já rasteja por perto.

— Estarei aqui dentro de cinco minutos. E a correr, o reinol partiu em direcção ao alcáçar.

Effectivamente era grande a agitação do gado na caiçara exterior: os touros mugiam surdamente, bufavam, escarvando a terra, e reuniam-se em circulo, defendendo as vaccas e os novilhos. De vez em quando um berro longo atroava com a sonoridade de uma fanfarra guerreira e mugidos soturnos respondiam como em echo. Os cães tambem, como se farejassem a catinga do belluino, andavam com os focinhos levantados, a cauda encolhida, indo e vindo ariscos, rosnando.

Gonçalo Peres dera as ordens necessarias para que os homens estivessem promptos, e Parajára com varios indios armados de arcos e de lanças, outros com forcados, havia sahido e esperava no caminho que descia das mattas; os negros, guiados por Feliciano, um corajoso cafre, cantavam contentes, antegosando a delicia terrivel daquelle combate nocturno; só os peninsulares, muitos delles novatos, empallideciam acompanhando os aprestos bellicosos que o bandeirante ia ordenando. Ma-

nuel Ferrão appareceu com o seu mosquete e Ignez, que a noticia da aproximação da féra havia posto nervosa, vendo-o passar, arremetteu como para lhe embargar o caminho :

— Não vás, Manuel ! Pelo amor de Deus ! Deixa lá esses homens, elles estão acostumados. Que vais tu fazer ? Não vás, mesmo porque não havemos de ficar sós, sem um homem que nos defenda. Se queres, eu falo ao mano, pedia com lagrimas a viuva.

— Não, deixa-me ir.

— Pelo amor de Deus, Manuel !

— Queres que me tomem por um covarde ? Não viste que elle mesmo veiu convidar-me, como para experimentar-me a coragem ? Não, tem paciencia. Ainda que eu tivesse certeza de ser colhido pela féra e espostejado, iria.

— Ah ! meu Deus ! E se acontecer-te alguma coisa, Manuel ?

— Descança ; sei defender-me. Demais, não penses que vêm por ahi todas as onças da matta ; talvez nem uma só appareça.

Gonçalo Peres bradou ao longe, junto da caiçara, e Manuel Ferrão, sem mais ouvir as queixas de Ignez, partiu a correr, mas ao passar por uma mouta de guabirobas, ouviu uma voz que lhe era muito conhecida :

— Vai cum cudado, nhô. Cabôco é mai pirigoso di qui bichinho. Oia mai areu di Parajára du qui bôca di onça, nhô.

O reinol deteve-se e, como não visse ninguem nas immediações, chamou baixinho :

— Jacob !

O negro surgiu da moúta timidamente, relanceando olhares desconfiados á direita e á esquerda.

— Desconfias de alguma traição, Jacob ?

— Negru não discunfia, negru tá avisandu pruquê cunhéci cabôco. Onça tá longi, bérando ni matta. Nhô cuida di cabôco, modi matá onça tá hi landão di genti. Oio di cabôco tá hi, nhô,

— Terei cautela. Adeus ! E o remedio ?

— Pricura minhan di nôti ni raiz di aroêra grandi, dibaixo di fôia secca. Adeu, nhô.

— Adeus ! E o reinol partiu a correr em direcção á caiçara.

Haviam accendido uma grande fogueira no terreiro, perto da cruz. Ao clarão purpureo os indios que se moviam e os negros que examinavam as armas pareciam grandes demonios agitando-se em dança satanica ; alguns cantavam e bailavam saracoteando, sapateando e, de instante a instante, como nas brenhas virgens, o boré estrugia. Negros e indios aproveitavam-se do reboliço para, recordando a vida primeva e os habitos nativos, usar dos instrumentos que os brancos lhes haviam, a bem dizer, arrancado das mãos, substituindo-os por outros com os quaes difficilmente se ageitavam e, quem ouvisse de longe o rumor de Pirapora, nessa noite estrellada, julgar-se-ia perto de uma oca em festa, sacudida bellicosamente pela poracé ruidosa.

Poranga tambem havia descido ao terreiro com Selva ao collo e, apesar das recriminações de Ignez : « Que era uma imprudencia deixar a casa para

metter-se com a criança em tamanho perigo», a india ria e, sempre rindo, respondeu:

— Que havia mais perigo lá dentro do que ali fóra, mesmo em presença da onça. E, sem dar maior attenção á viuva, foi-se na direcção da caiçara cantando. E Selva, que lhe saltava nos braços, enthusiasmada com o reboliço, tambem cantarolava, contente, batendo as palminhas.

Ignez recolheu-se tranzida de medo e, trancando-se no quarto, debruçada á janella, ficou-se a contemplar as luzes que tremeluziam nos mattos ou as grandes arvores douradas pelo clarão da fogueira.

Divididos em turmas os indios, guiados por Parajára, abriam a marcha da caravana, em rumo á floresta. Iam todos calados, pisando cautelosamente, sondando o caminho, com os arcos levantados acima das cabeças; entre elles caminhava, com os mesmos cuidados, Gonçalo Peres e Fernão e na coda os negros de Feliciano e alguns portugueses dos que já haviam sahido em bandeiras pelo sertão.

O grosso da colonia ficara guardando a casa, não porque houvesse receio de ataque das féras, mas para dar animo á viuva que tremia, pallida, reclamando defesa.

Os mattos cerrados farfalhavam, crepitavam á passagem dos homens que difficilmente venciam as entrançadas lianas. A noite negra tornava ainda mais custosa e arriscada a travessia; contando, porem, com a lua, os caçadores iam moderadamente, esperando que o astro surgisse para então escolher os differentes pontos onde deviam estabelecer tocaias.

Ao minimo ruido os batedores estacavam curvados, ouvido á escuta, o halito contido: era o vento na folhagem, um passaro que se espanejava nos ramos, uma aguasinha a correr sussurrante. Os vagalumes, picando a sombra com scintillações, punham fremitos de medo nos nervos dos mais timidos. Depois duma hora longa e penosa de caminhada, chegaram á orla da floresta e descançaram.

Justamente a lua apontava no céu, prateando as copas quietas das grandes arvores; a claridade pallida escorria pelos troncos, gotejava em nimbos por entre os galhos ou rutilava nas espathas das palmeiras, cujas folhas agudas moviam-se como as pernas de immensas lagartas phosphorecentes. Intermittente *ziziu* surdia, ora dum ora doutro ponto.

Varrida a sombra, ficou uma luz pavida de sonho que mais aggravava o silencio temeroso. Luciolas fantasticas perpassavam, fórmas espectraes moviam-se e, não longe, uma pedra lisa, por cujo dorso escorria sem bulha uma agua eterna como o defluvio de uma geleira, parecia um grande corpo immovel funereamente envolto em sudario. Os cães, levados á trela por Urú e Goah, arquejavam forcejando como se ansiassem pela aventura terrivel.

Paraajára, sempre attento, sem perder um só dos rumores da floresta, mostrou as duas trilhas que penetravam o coração tenebroso da matta virgem e, de cada uma, um dos indios tomou conta, afagando cães que arremettiam ganindo surdamente.

Gonçalo Peres dispunha os homens, fechando a clareira de modo que a féra não pudesse escapar logo que, acossada, se lançasse do bosque para a

montanha. Negros agacharam-se em moutas, aos grupos, de distancia em distancia : uns armados de chuços, de forquilhas, outros com agudissimas adagas ; os portugueses levavam seus mosquetes e os indios, com os seus arcos, tomavam as sahidas, uns acocorados, outros protegidos pelos troncos ou acolhidos nos galhos para frecharem logo que a féra apparecesse.

Via-se claro e Parajára ia dar o signal aos indios para a soltada dos cães, quando um rugido formidavel atroou ao longe e como que passou pela magestosa brenha um pavor, agitando as ramarias.

Gonçalo Peres, que se achava ao lado de Ferrão, disse com alegria heroica :

— Ahi vem a bicha !

No mesmo instante houve um violento farfalho como se um grande vento tivesse sacudido as ramas : os cães haviam sido açulados, partindo logo, em desabalada carreira, á procura do animal que deviam desalojar. Estrugiram latidos agudos e foram morrendo, morrendo, até que de todo cessaram ; repentinamente, porém, novo rugido, mais proximo, prolongou-se terrivelmente pelo silencio.

Manuel Ferrão, apesar do grande dominio que exercia sobre os seus nervos, não poude disfarçar o estremecimento que lhe agitou o corpo e o bandeirante, ou porque tivesse percebido a superexcitação, ou para abrigar, com mais segurança, o reinol exposto á luz e diante duma das trilhas por onde devia romper a féra, quiz dar-lhe mais segura e defendida posição junto duma massaranduba solitaria que abria alta e folhuda galhada num diametro de muitos passos, mas o reinol oppoz-se :

— Aqui mesmo, senhor Gonçalo Peres; aqui mesmo estou bem. E preparava o mosquete, examinando a pedra para que lhe não falhasse o tiro.

— O posto é arriscado, principalmente para quem estreia. Digo-lhe que se perder o tiro póde ser victima do animal e, rindo, ajuntou: Não pense o meu amigo que estamos a caçar perdizes no campo português.

Novo rugido abalou a tranquillidade da solidão e tão perto que Gonçalo Peres, encostando-se ao tronco da massaranduba, levou o mosquete á mira, visando uma das trilhas. No mesmo instante um pio surdo como de ave resoou, outro respondeu e de arvore a arvore o signal foi correndo sinistramente. Os mattos estalaram como se uma mão forte quebrasse os ramos com furia; um vulto negro, num salto agil, appareceu e desappareceu, mas ali mesmo, á bôca da floresta, a alguns passos dos homens, a féra rugiu tonitruosamente e, vagarosa, flagellando-se com a cauda, sahiu ao caminho; lançou um olhar chispante, arreganhou as fauces e, levantando a formidavel cabeça, rugiu de novo, surdamente, para a lua serena.

Houve um silvo e no mesmo instante o animal corcoveou num galão, rojou-se, debatendo-se, a arranhar-se com as patas num desespero; outro silvo cortou os ares e de um canto um tiro partiu flammejante e estrondoso.

A féra ergueu-se e, olhando na direcção do fumo que se dissipava, encolheu-se e de um salto brusco, com um uivo de colera, arremessou-se. Ouviu-se um grito agudissimo, e, quasi ao mesmo tempo, o baque pesado de um corpo.

Rapidos acudiram todos quantos se achavam na visinhança do retiro em que Manuel Ferrão, apesar das instancias de Gonçalo Peres, quizera ficar á espera, e o bandeirante, que logo se precipitara açodado, viu o reinol tombado de flanco, a estorcer-se, gemendo. A pouca distancia a onça, uma enorme pintada, com o ventre rasgado, as entranhas soltas, escabujava estertorando, de bôca aberta, os olhos faiscando, a flagellar o solo com a cauda e, de pé, com a sua grande e larga faca de matto ensanguentada na dextra, na sinistra a forquilha de engate, Parajára, o heróe da noite, sereno, olhando o animal, que morria.

O bandeirante pôz um joelho em terra e, ansioso, tomou com ambas as mãos a cabeça do reinol, levantando-a do chão:

— Que tem, meu amigo?

Ferrão contorcia-se gemendo, apertava o ventre, accusando grande soffrimento, e mal poude dizer, arrancando as palavras:

— Aqui! foi aqui! dóe-me atrozmente.

As roupas estavam em frangalhos do peito á cintura e o sangue jorrava a golfos.

A um brado de Gonçalo Peres homens acudiram de todos os pontos, á pressa, e Goah, murmurando, feria a pedra de lume até que conseguiu petiscar, aproveitando as fagulhas num monte de folhas seccas arrepanhadas debaixo da massaranduba e, soprando, fez levantar-se uma chamma fraca, que foi crescendo e, em pouco, um fogaréu alumiava o recanto onde toda a caravana se ajuntara em volta do ferido.

Negros, para manterem o fogo, traziam folhas,

indo busca-las longe, e Gonçalo Peres, rasgando as roupas do reinol, desnudou-lhe o ventre.

Por uma larga ferida o sangue bolsava ás ribeiradas, escorrendo, encharcando os trapos, coagulando-se. Um português foi, a correr, á pedra alvadia e de lá trouxe o chapéu cheio d'agua, e o bandeirante, pacientemente, pôz-se a lavar a ferida que a féra, em violento raspão, abrira no ventre do temerario e viu, com alegria, que não era profunda tendo sido apenas attingidos os musculos. Animou-o, procurando disfarçar o seu cuidado com facecias:

— Não é nada, meu amigo. A rainha da matta quiz apenas mostrar-lhe o peso da sua régia mão. Não chega a ser um ferimento, é apenas um arranhão e tão raso que me faz crer que a *pintada* não era uma onça digna da raça. Ah! porque ellas não costumam tratar com tanta cortezia os que lhes embargam o caminho. Já vi uma estripar um negro com um ligeiro tapa, e não valia a que está aqui deitada, acabando.

Falando, ia Gonçalo Peres applicando compressas embebidas nagua gelada da fonte que escoava pela rocha, emquanto negros talhavam a machado ramos fortes para uma maca, onde pudesse ser transportado o ferido. Subito, porém, Goah que cuidava da fogueira, ergueu a cabeça e todos viram os olhos assombrados do jovem selvicola.

— Que é, Goah? perguntou Gonçalo Peres. Ferrão gemia sempre. O indio não respondeu, com os olhos parados, a bôca entreaberta, em attitude attenta. Repentinamente, pôz-se de pé e, tomando

o arco que descançava no chão, estendeu o braço na direcção da floresta. Fez-se silencio e todos os homens, uns de pé, outros de cocoras, outros ajoelhados, voltaram os olhos pasmados para a mysteriosa matta e espreitavam commovidos o jovem indio, que mantinha o braço erguido como se indicasse alguma coisa. Ouvia-se apenas a crepitação da fogueira que fagulhava. Mas um rugido veiu pelos ares temerosamente do mais fundo do arvoredo. Os homens entreolharam-se e Goah grugrulejava, insistindo no gesto. Longinquos os latidos da matilha vibravam e eram dolorosos, como se o genio das selvas viesse perseguindo os cães que ousadamente haviam varejado os penetraes silvestres.

— Vem tocada! disse Parajára.

O ferido levantou a cabeça, aterrado:

— Que é? Outra?!

— Descance . . . nós aqui estamos, disse tranquillamente o bandeirante e, com um aceno, chamando Feliciano, deu-lhe uma ordem em voz baixa.

O cafre, lesto, foi tocando no hombro dos companheiros e um bando de negros seguiu-o, começando logo um encarniçado ataque ás arvores da floresta e de rastos, farfalhando, eram trazidos grandes galhos com as suas folhagens e atirados á fogueira alimentada sempre com gravetos e versas.

Estalidando, as folhas novas encrespcoravam-se, os galhos retorciam-se, espocavam e um fumo denso subia em columna estrellada de faúlhas. Parajára dispuzera os indios com os seus arcos, á frente ; os negros de Feliciano, com os chuços, for-

mavam uma streppe impenetravel e aqui, ali, um lusitano, com o mosquete prompto, mantinha-se attento, á espera do animal.

Gonçalo Peres animava Ferrão que não cessava de gemer, tentando levantar a cabeça para vêr os aprestos de defesa.

— Esteja tranquillo, não ha perigo. Bem vê que, por traz da fogueira que levanta tão espessa muralha de fumo, não poderá a onça descobri-lo, por mais aguda que tenha a vista e ali á frente estão os meus homens, que não se deixam amedrontar facilmente. Esteja tranquillo e aproveite a lição.

Outro rugido fez com que o bandeirante instinctivamente se espichasse como para vêr. Os cães ladravam perto, com furia. Gonçalo Peres, excitado pelo toque da matilha, repousou delicadamente a cabeça do reinol, tomou o mosquete e ia partir quando elle, plangente, medroso, pediu com voz enfraquecida, rolando os olhos espavoridos:

— Não! não! pelo amor de Deus... não me deixe.

Dentre os galhos altos da massaranduba uma frecha partiu silvando e logo um rugido abalou o escampo. Duas detonações seguiram-se e um clamor alegre irrompeu entre os homens. Os cães arremettiam rosnando, como se estrafegassem, e o bandeirante, que nada podia vêr, ouvia, com o coração agitado, os surdos rugidos da féra e o baque do corpo que se debatia nas vascas da morte. Não podendo soffrer por mais tempo a ansiedade, perguntou, num brado, sem deixar a cabeceira do ferido:

— Então ?

— Foi Goah, senhor, disse Parajára apparecendo.

Ferrão, com voz flebil, perguntou :

— Está morta?

— A frecha de Goah não conhece outro caminho senão o do coração, respondeu o tamoyo.

Gonçalo Peres, deixando, então, o reinol, encaminhou-se apressado para a féra. Era enorme, estava estendida ao luar, cercada dos cães que arquejavam, babando. A frecha mortal do jovem selvicola, partida ao meio, cravára-se-lhe no peito, e no focinho escorchado havia o vestigio de uma bala que passara levantando apenas a pelle, sem conseguir penetrar. Goah, agachou-se junto do animal e logo um grito lhe fugiu do peito :

— É a femea. Estava de cria, os peitos estão cheios ; e, para mostrar, espremia as mamas turgidas da féra.

— Era um casal, disse Feliciano.

Os negros juntaram os animaes e tres delles, passando as pequeninas facas afiadas nas bainhas de couro, prepararam-se para começar a esfola.

A lua empallidecia no céu e já vinham as primeiras côres da madrugada quando os negros appareceram com a maca feita de grossos páos ligados com cipós resistentes. Gonçalo Peres atirou o seu capote para forrar o leito ambulante onde foi deitado Manuel Ferrão e despachou uma turma de homens para acompanhá-lo. O ferido perguntou em voz fraca :

— O senhor não vem ?

— Não, vou ainda vêr se descubro o berço dos

principes. Vá tranquillo ; depois de amanhan poderá sahir, querendo. E os negros partiram abrindo os mattos para dar passagem aos conductores da ambulancia.

Clareava, e com o canto alegre dos passarinhos, misturava-se o perfume suave das flôres e das resinas. A fogueira morria, os negros iam despegando a pelle dos animaes, cujos corpos, em carne núa, reluziam tremulos e flaccidos ; os cães dormiam estirados quando o bandeirante chamou os indios. Todos estavam, menos o intrepido Goah. Gonçalo Peres perguntou por elle.

— Goah seguiu, senhor ; disse Parajára.

E, sem mais dizer, chamando os cães, pôz-se a caminho em direcção á floresta onde ia procurar o covil da *pintada*. Gonçalo Peres acompanhou-o com os indios fieis, que se sentiam felizes vendo-se entre as grandes arvores, umas amadas como irmãs, outras veneradas como santuarios, em cujos galhos, á noite, os manitós cantavam tristonhamente as suas saudades do mundo.

Na floresta, sombra e silencio. Pelo sólo, em folhelho, humido e fôfo, colleavam as grossas raízes das arvores centenarias cavalgando umas a outras, tortas, brutas, altas, escabrosas e duma tal disformidade que pareciam repteis das éras imperfeitas atracados em luta formidavel : eram as garras e as ventosas dos vegetaes gigantes, garras com que se prendem á terra, ventosas com que sugam a seiva alimentar. Cresciam arbustos fortes á sombra dos athletas que se batem possantemente nas ba-

talhas procellosas contra os impetuosos tufões, e os raios fulminantes e os fetos rendilhados, nascendo nos rebordos das escancaradas brocas dos colossos, enfeitavam-nos e escondiam-nos.

Vestia-lhes os corpos desmedidos o musgo delicado, sobre o qual, como atavios, as parasitas desabotoavam. Da folhagem frondosa pendiam corymbos e filandras que se entrelaçavam em rêdes, por vezes tão emmaranhadas que formavam um velario compacto. Os ninhos gazilavam balançando-se nos galhos ; insectos iam e vinham zumbindo, andavam abelhas de ouro falando ás flôres e lavandiscas, de azas de crystal tenuissimo, scintillavam em filetes de sol trefegamente.

Havia um fresco murmurio de aguas que fluiam occultas entre a folhagem, mas lá surgiam numa volta precipitando-se com um risinho crystallino, escondiam-se de novo, circulavam uma penha, despenhavam-se numa grota, derivando outra vez mansas, espelhentas; brilhavam um instante, e perdiam-se entre a vegetação flexuosa. Cipós cruzavam-se de galho a galho. Com o rumor dos passos dos sertanistas aves amedrontavam-se ; frufulhavam azas precipites, crepitavam folhas seccas. Camaleões ariscos escapavam-se, outros subiam aos troncos ; um, espantado, numa pedra marchetada de sol, ficou a olhar papejando. Nos galhos altos grasnavam aráras, chalravam periquitos, rólas levantavam o vôo, piavam doridas juritys e, do nemoroso ádyto sombrio, vinha, de quando em quando, o canto melancolico do nambú cenobita.

A passagem de uma aragem branda um grande sussurro agitava a solidão ; o sol pingava atravéz

dos ramos apartados, por entre as frestas da folhagem, discos de ouro sobre o chão acamado de folhas; trescalavam acremente as resinas dos troncos, cahiam folhas, cahiam flôres, gotas de orvalho lentejavam. Estalavam galhos seccos, a agua perigrina sussurrava e, com estardalhaço fragoroso, uma velha e resequida palma de coqueiro desprendeu-se e veiu batendo pelos galhos até o chão.

Saguis silvavam, trillavam passarinhos, essas vozes, porém, tornavam mais mysterioso o silencio — eram como vagalumes na sombra, vagalumes que scintillam sem, todavia, illuminar. Teias enormes, rútilas, apegavam-se aos galhos e, no meio, como um astro radiante, a aranha, dilatando as pernas á maneira de raios, dourada, immovel, esperando a presa, abelha ou mosca, que passasse perto e cahisse na rêde emmaranhando-se.

Os exploradores seguiam cautelosamente. Ás vezes um animal fugia rapido, desapparecendo — os cães perseguiam-no, mas Parajára logo os chamava. Já o dia brilhava em todo o esplendor e Gonçalo Peres, fatigado, pensava em voltar, desistindo da empreza, quando um dos cães dianteiros acuou. Era numa clareira. Os indios, pelo brado de Urú, que fôra o primeiro a chegar ao sitio, comprehenderam todos que havia sido encontrado o retiro da *pintada* e logo precipitaram-se.

A clareira, toda de fina alfombra verde, rociada, scintillava ao sol.

« Os principes », como dissera o bandeirante, lá estavam: eram tres cachorrinhos de onça — juntos, eriçados, enfrentavam o cão que investia com elles sem, todavia, ousar aproximar-se, porque os

animaes, posto que ainda oscillassem sobre as pernas douradas, atiravam-lhes patadas, arremettiam arreganhando as fauces desdentadas, bufando.

Gonçalo Peres achou-os lindos e logo pensou em levá-los para o alcáçar contando domesticá-los. Parajára abriu a sua bolsa e, sem dar importancia aos arreganhos, tomou um dos animaes e metteu-o nella, o mesmo fez Urú com outro, do terceiro encarregou-se Gonçalo Peres. Bateram os mattos nada mais, porém, encontraram senão um resto de carniça e pennas negras ensanguentadas.

Puzeram-se então a caminho e, como não tinham outra preoccupação e a fome apertava, amiudaram os passos e, quando chegaram á orla da floresta, já sobre os dois animaes esfolados, brancacentos, as moscas da matta fervilhavam.

As pelles encoscoravam-se ao sol. Os negros dormiam estirados na relva ; um apenas velava, sentado junto ao tronco da massaranduba, fumando.

Gonçalo Peres deu o signal da partida. Levantaram-se todos, tomaram as pelles e seguiram. As onças, escorchadas, ficaram abandonadas aos urubús ; os filhotes, como se houvessem sentido o almiscar e reconhecido os pais, cujos corpos não viam, debateram-se nas largas bolsas de caça, miando desesperadamente. Não havia sombras : o sol, a pino, escaldava quando chegaram a Pirapora.

Á noticia de que se aproximavam Poranga correu á caiçára levando Selva nos braços. Antes mesmo de beijar a filha o bandeirante perguntou por Manuel Ferrão. A india, sem cuidado, disse que estava no quarto com a senhora e Jacob. Os

olhos de Parajára fuzilaram e não se podendo conter, o indio exclamou :

— Jacob !

— Sim, é elle que está curando.

Gonçalo Peres, desprevenido como estava, não deu importancia aos olhares de intelligencia que os tamoyos trocaram e, beijando Selva, agachou-se, abriu a bolsa e deu sahida á pequenina féra que, saltando no terreiro, estacou espantada, olhando para um lado e outro, a bufar.

A criança, numa alegria louca, quiz logo tomá-la ao collo, mas Poranga oppoz-se porque o animal ameaçava :

— Não, não ! Primeiro Poranga vai ensinar a onça a querer bem a Selva. Deixa Poranga ensinar primeiro. E, sem receio, contente, tomou a pequenina féra nos braços e pôz-se a afagá-la. Já Parajára e Urú haviam libertado as duas outras que arquejavam sentadas, muito juntas, olhando. Selva e Poranga ficaram festejando os cachorrinhos e, emquanto toda a colonia acudia para admirar os bellinos, Gonçalo Peres dirigia-se ao alcáçar para saber do estado de Manuel Ferrão.

V

O PHILTRO

Foi Ignez, banhada em lagrimas, quem recebeu o bandeirante no quarto do reinol e, mal o viu, rompeu em lamentos:

— Ah! mano, bem me estava o coração a dizer que essa caçada não havia de acabar bem. Se a onça vinha até aos curraes por que haviam de ir tão longe affrontá-la? porque não a esperaram aqui!? Está o pobre rapaz que nem se póde movêr ali na cama e já teria morrido se eu não tivesse chamado esse velho negro para curá-lo.

Jacob estava encolhido a um canto, com o queixo agudo fincado no joelho. Vendo o senhor estendeu a mão, e, humildemente, pediu-lhe a benção. As duas moças costuravam em silencio. Gonçalo Peres adiantou-se até á cabeceira do reinol e interrogou-o.

Ferrão sentia-se melhor, graças aos balsamos que o negro applicara á ferida; tinha apenas sêde; as dôres abrandavam.

— Isso não tem valor, com uns cinco ou seis dias de repouso fica restabelecido: foi uma leve arranhadura que não existiria se o senhor tivesse ouvido os meus conselhos... mas quiz mostrar-se bravo e a *pintada* não lhe deu tempo. Se Parajára não houvesse, tão de prompto, corrido em seu auxilio, estou certo de que teria ficado para sempre á sombra da massaranduba. Dê graças a Deus e ao indio, meu amigo, e tranquillise-se porque não tem incommodo para muito tempo. E, para distrahi-lo, narrou todos os episodios da sua excursão florestal: o achado que fizera, annunciando a presença dos cachorrinhos em Pirapora. Ignez sobresaltou-se:

— Pois o mano trouxe onças para aqui?!

— Sim, tres pequeninas, de quinze dias, se tanto. E, rindo, ajuntou: Era uma barbaridade deixar os pobres orphãos abandonados. Poranga encarregou-se de criá-los, escolhendo um para ser o pagem de Selva.

Os olhos de Ferrão rolavam afflictamente e, apesar da prohibição, que lhe impuzeram, de falar, guardando sempre attitude calma, indagou com assombro:

— Vêm ficar aqui?!

— Porque não?

— E quando crescerem?

— Guardarão Pirapora. Poranga compromette-se a torná-las mansas e meigas como veadinhas.

— Sim, mas eu é que não as quero perto de mim, disse Ignez, e as duas moças, que ouviam, olhavam, de quando em quando, para a porta com terror receiando a entrada das féras no aposento.

Um negrinho appareceu annunciando ao bandeirante que o almoço estava servido. Elle levantou-se, recommendou todos os cuidados e partiu. Ignez falou ás moças que se retiraram e, dando volta á chave, sentou-se á cabeceira da cama do reinol. Jacob deixou-se estar encolhido como um monomostalgico.

— Ah! meu filho! meu pobre Manuel...! Justamente elle é que havia de ser a victima. Coitado do meu Manuel...! Mas estás agora melhor, não?

O reinol affirmou com a cabeça e, baixinho, olhando, perguntou pelo negro.

— Jacob? está ahi. Queres vê-lo?

— Sim.

— Jacob! Vem cá!

O negro ergueu-se lentamente, aproximando-se e Manuel, esquecido da recommendação, interrogou-o.

— Achas que, logo que me levante, posso tomar, sem risco, o teu remedio?

— Não, nhô, é mió spera. Jacob diz quandu nhô devi tomá remedu.

— Mas que não demore muito.

— Não demora, nhô.

Ignez, que ardia em ansia de saber quaes eram os effeitos da mandinga do feiticeiro, perguntou:

— E que faz o teu remedio?

— Uai, nhan... remedu abri firida ni corpo, firida qui não dóe. Remedu não fá má, nhan, esse qui vancê vai tomá i nhô i siahô di primeira vez, módi duença sê iguá, só abre firida, nhan.

— E depois?

— Divagarinhu Jacob vai fazendu u restu. Ne-

gru qué qui sinhô pense qui é duença, sinhô mai genti delli; antonce negru vai dandu modi sinhô aduecê. Primêro é duença di pelle, dipoi é intrevamentu, dipoi é duença di cabeça, dipoi sinhô acaba.

— E o remedio, Jacob?

— Tá fazendo. Leva tempu, nhan; leva tempu. Negru careci andá ni matto catandu herva i bichinhu; careci sperá dia di lúa, careci arranjá sangui di criança. Leva tempu, nhô.

— Sangue de criança!? exclamou Ignez aterrada.

— Uai, nhan?! antonce? cumu vai fazê trabaio? Pricisa sangui di criança, nhan.

— E então?

— Como ha de ser? perguntou tambem o reinol. Se desapparecer daqui uma criança, logo desconfiarão de ti.

— Negru já pensô, negru já sabi cumu vai fazê. Negru não podi ficá aqui, negru não podi fugi, i negru pricisa disapparecê modi trabaiá. Negru cunhéci mundu pur ahi turu. Ni matta tem cova grandi: negru vai vivê ni matta té remedu fazê milagre. Ma p'ra Jacob podê vivê ni matta Jacob tem di morê.

— Como! exclamaram os dois ao mesmo tempo e o negro repetiu:

— Jacob tem di morê. Jacob móre, fica ni cabana mortu modi turu mundu vê, dipoi zeri intéra Jacob.

O pasmo dos dois amantes crescia á medida que o negro ia expondo os seus planos terriveis.

— Zeri intéra Jacob, bóta cruz in cima di Jacob ni cova i nhô furta criança p'ra Jacob.

— Como, se estás morto!?

— Jacob tá drumindu, nhô ; Jacob tá drumindu. Nhô 'scondi criança, criança de pêto quinda não fô batizada i di nôte nhô léva inxada, cava i acha Jacob drumindu. Nhô accendi fuguêra prétu di pé di Jacob, negru acorda, caréga criança i vai ni matta fazê remedu. Jacob morendu quem é qui discunfia delle?

— E tu podes ficar debaixo da terra sem ar, abafado?

— Jacob fica, nhô. Calangu não fica? Serepenti não fica? Jacob tambem podi ficá, nhô. I sinhô mori di duença, i quandu sinhô morê Jacob vem buscá Poranga.

Ignez estava demudada ouvindo as estranhas palavras do feiticeiro e, com um fio de voz, perguntou :

— E se não fôr possivel desenterrarem-te no mesmo dia?

— Negru podi ficá muntu tempu, nhan ; negru acorda quandu fogu quentá sola di pé, nhan.

— E na matta, como has de viver?

— Jacob chama caça, aua tá corendo sempri, bichinhu não fá má a Jacob.

— E o remedio? quando estiver prompto?

— Negru vem trazê di noti, dêxa ni páu di caiçára qui nhô marcá.

— E se morreres ?

— Não mori, nhô. Jacob tem força.

Bateram á porta. O negro tornou para o canto e encolheu-se. Ignez foi abrir. Era Selva.

A pequena entrou cantarolando, mas ao avistar o negro encantoado, deteve-se de olhos baixos,

um dedo na bôca, timida. Ignez chamou-a carinhosamente estendendo-lhe as mãos:

— Venha cá, venha com a sua mamãi.

Selva, porém, depois de lançar um olhar ao feiticeiro, deu volta e sahiu correndo.

Os dois entreolharam-se e o reinol, sorrindo perversamente, disse:

— É medo.

E Ignez ajuntou baixinho, inclinando-se:

— Realmente elle faz medo, deixa lá.

Ao cabo de oito dias Manuel Ferrão, restabelecido, levantou-se e sahiu do quarto indo até a varanda, justamente no dia em que partia um comboio de ouro para Villa Rica guardado por numeroso grupo, á cuja frente seguia Parajára. Gonçalo Peres recebeu o reinol contente e, ao almoço, bebeu á sua saude promettendo-lhe, para breve, a desforra por que andavam outras onças por perto, mas Ignez, aterrada, oppoz-se.

— Não, deixassem andar as féras. Para que haviam de procurar mais trabalho? Deixassem os bichos. E não se falou mais em caçadas.

Tranquillamente corriam os dias sem que incidente algum lhes quebrasse a monotonia quando se espalhou a noticia da enfermidade de Jacob trazida ao alcaçar por Goah que, passando perto do sórdido colmado, ouvira os gemidos do negro.

Gonçalo Peres foi immediatamente vêr o feiticeiro e achou-o estendido no chão, arquejando sobre molambos immundos. Perto, ao alcance da mão, estava uma cuité cheia de agua e em outra restos de comida. Pelos cantos havia montes de hervas, raízes, frutos silvestres; nas paredes caveiras

de animaes, pelles encarquilhadas, buzios, rosarios e, em grossos riscos negros, um signo de Salomão cercado de folhas seccas. Quando o bandeirante entrou abrindo largamente a porta ao sol, o negro cessou de gemer e, deitado de flanco, a face descançada nas duas mãos juntas, ficou immovel, como morto. Gonçalo Peres chamou-o:

— Eh! Jacob..! Então que é isso?

Flebilmente o negro respondeu:

— Tá cabando, sinhô. Bichu di tera tá chamando corpo, sinhô.

— Mas desde quando estás assim?

— Ja vai p'ra trê dia, sinhô.

— E não tens comido?

— Bôca não qué, sinhô. P'ra quê cumé? morte tá hi, sinhô.

— Qual morte! Isso passa. Vou falar a Urú para que te venha vêr.

— Não, sinhô; cabôco não pódi fazê nada. Si fôsse mulestia di passá ê mêmo fazia remedu, mas é hora, sinhô... *muquiche* grandi tá chamando. É hora. Negru tá cabando, sinhô.

O bandeirante, apesar de conhecer a alma perversa e damninha do negro, vendo-o tão só, enfermo, abandonado, sentiu-se condoido com tamanha miseria e, deixando o colmado, deu ordem para que fôssem enviados alimentos ao enfermo e que, de quando em quando, uma pessoa descesse até á sua habitação para vêr se lhe faltava alguma coisa ou se já havia expirado.

Ferrão, sabendo da molestia do negro, mostrou-se compadecido e, na tarde do mesmo dia da visita do bandeirante, quando uma negra, vindo á varan-

da, disse que ia vêr tio Jacob, o reinol, como se só então se lembrasse da molestia do feiticeiro, levantou-se donde estava e disse :

— Não precisa, eu vou até lá ; quero vê-lo.

— Talvez já o encontre morto, respondeu o bandeirante. E o reinol, tomando o cajado, partiu para a cabana do enfermo.

Ferrão aproximava-se do colmado do feiticeiro quando viu Goah sahir dentre os mattos visinhos, caminhando em direcção á caiçára :

— Ah ! meu *perro*, disse por entre dentes o reinol, ficaste substituindo Parajára na vigia . . . Pois sim. És tu agora o espião.

O jovem selvicola desapparecera ladeira abaixo e o reinol caminhou para a cabana. O negro guardava a mesma postura em que o havia encontrado o bandeirante, e ouvindo os passos de Ferrão, entrou a gemer, mas com tamanha fraqueza que mal se lhe ouvia o gemido. Logo, porém, que reconheceu a voz do visitante, que o chamava, levantou a cabeça e um sorriso medonho franziu-lhe o rosto hediondo.

— Que é isso ?

— Tá promptu, nhô. Remedu di firida tá hi. Voltando-se, então, tirou debaixo do corpo um frasco que o reinol tomou e escondeu ás pressas. Esse é p'ra nhô tomá juntu cum sinhá i sinhô ; esse é remedu di firida. Nhô toma obra d'uma cuié i dá mêma cosa a z'outru i corpu fica cheiu di firida . . . mâ não fá má, nhô, não fá má. Herva qui dê remedu tá hi, nhô leva modi 'scondê ni quartu di Ginuveva. Jacob vai morê.

— Hoje ? !

— Quandu lúa vié incontra Jacob mortu. Minhan Jacob tá ni cova i fica sperandu nhô modi sahi p'ra matta. Cathirina tem criança, criança di Cathirina servi, nhô.

— Ismael ?

— Esse mêmo. Imaé mêmo.

— Mas Ismael já fala, Jacob. Não disseste que querias uma criança de peito ? Eu tinha pensado na filha de Januaria que tem um mez.

— Não, nhô : Imaé mêmo. Imaé não fô baptizado. Cathirina bati Jacob. Imaé mêmu.

— E não te parece que é mais difficil levar essa criança que, sobre ser mais pesada póde, com um grito, alarmar a negra e os que moram perto do seu colmado ?

— Uai, nhô, Jacob pensa turu . . . Jacob tem pósinhu qui fá drumí. Jacob não vá morê, nhô ? Nhô leva esse pó i juga ni criança, quandu vi criança longi di genti, antonci guarda criança modi Jacob levá.

Assim falando o negro procurava no seio alguma coisa e tirou um embrulho feito com um folha tenra e, sacudindo-o, derramou em outra folha, que passou ao reinol, um pó escuro em quantidade equivalente a uma pitada, dizendo :

— Esse cêga, nhô ; não pricisa mai. Nhô fá issu quandu disinterá Jacob.

Sentou-se, abriu a folha e, sorrindo, levou-a á altura da bôca :

— Adeu, nhô ! Jacob vá morê.

Derreou a cabeça, despejou na lingua o pó escuro, e tomando a cuité, bebeu um gole d'agua.

— Aora tá promptu, nhô ; Jacob vai drumí.

O reinol tremia, assombrado, sem poder pronunciar uma palavra, os olhos immensos fitos no negro, que se arranjava, fazendo commodo para o corpo. Queria acompanhar o effeito do terrivel narcotico. O negro mascava, esticando os pannos, abotoando a camisa

— Sentes alguma coisa ?

— Somnu tá vindu, nhô. Somnu tá vindu. Pôz-se a esfregar os dedos. Frumiga tá hi, nhô ; esse é di somnu. Corpu tá ficandu molli, esse é di somnu ; cabeça tá ficandu vaziu... zum-zum tá hi... esse é di somnu. Nhô cava, nhô fá fuguêrinha ni pé di Jacob. Deitou-se e, ainda com voz sumida, recommendou : Não tem mêdu, não, nhô. Jacob tá drumindu, Jacob vá drumí.

Manuel Ferrão ficou ainda algum tempo olhando ; vendo-o, porém, immovel, chamou-o :

— Jacob !

O negro não fez o minimo movimento.

O reinol curvou-se sobre o corpo : o coração não batia, levantou as palpebras : os olhos estavam baços e quietos, não vinha o mais leve fio de halito do peito.

— Mas está morto ! exclamou o reinol com indizivel espanto. Está morto ! Não póde ser somno. O somno não dá essa immobilidade rigida ; o somno não regela, o somno não empana assim o brilho dos olhos. Está morto ! Quem sabe se não foi de mais a quantidade de narcotico que tomou ? E que será de mim agora ? !

Sacudiu com força o corpo :

— Jacob ! Jacob !

Ficou a contemplá-lo com desespero, como se

fôsse o cadaver de uma pessoa amada e levantou-se desanimado.

— Ah! meu Deus! E agora!? se morreu?! Hei de começar a luta sem esse poderoso auxiliar? De que serve propinar essa primeira dóse, que tem apenas por fim preparar o espirito para o desenlace, se só nada poderei fazer para levar a termo, sem que desconfiem, o plano tão bem concebido e traçado? Se elle está morto!... E se eu ficar envenenado com a dóse que devo tomar, quem me livrará da morte? Não! emquanto o não vir vivo não começo a executar o plano.

Ergueu-se afflicto e sahiu até á porta do colmado. Anoitecia. As sombras do crepusculo cobriam os campos. Ferrão mettia os dedos pelos cabellos em grande desespero, olhando o céu violaceo. Com um resto de esperança tornou ainda ao interior e, de novo, sacudiu o corpo:

— Jacob! Jacob!

A mesma immobilidade.

Convencido da morte sahiu vagarosamente e, apprehensivo, dirigiu-se para o alcáçar. Gonçalo Peres e Ignez, sentados á varanda, viam os brinquedos de Selva. A pequena ria, fazendo rolar uma laranja que a pequenina onça, a unica que sobrevivera, á qual Poranga dera o nome de *Tobyra*, que quer dizer: alegria, perseguia e jogava ás patadas ou, deitando-se, rolava-a entre as patas agarrada ao ventre felpudo e branco. Poranga, de pé, acompanhava sorrindo o divertimento da criança e da féra quando Ferrão annunciou a morte do feiticeiro.

— Morreu! exclamou Ignez emocionada.

— Agora mesmo. Quando lá cheguei havia entrado em agonia ; ajoelhei-me junto delle e rezei.

— Assim foi melhor, disse Gonçalo Peres ; era um infeliz. Aleijado, mal se podia mover e por causa das suas innumeras perversidades não tinha aqui um affeiçoado. Todavia prestava-se a curar quando alguem reclamava os seus cuidados e, mais de uma vez, salvou da morte colonos de Pirapora. Mas a mania do feitiço . . . Até diziam que furtava crianças para preparar mandingas. Falava-se mesmo que tentara contra a minha vida ; nunca dei por isso. Foi melhor. Era um infeliz. E ergueu-se bradando para o terreiro.

Urú acudiu pressuroso e elle deu ordens para que cuidassem do enterro do negro deixando o corpo na collina que servia de cemiterio. O indio, sem mostrar surpreza, retirou-se. Selva continuava a rir e a oncinha, cançada, deitada de flanco, arquejava afagada pela india domadora. Retirando-se Gonçalo Peres, Ignez levantou-se e, como Ferrão passeasse ao longo da varanda, visivelmente preoccupado, ella fez-se encontradiça, perguntando baixinho :

— Então ?

— Creio que morreu mesmo, infelizmente ! disse com desnimo o reinol, e a viuva, num movimento impensado, juntou as mãos, exclamando :

— Ah ! meu Deus.

— Emfim, suspirou o reinol, vou vêr onde o enterram e, amanhan mesmo, lá irei á noite chamá-lo á vida, se é que está dormindo como disse.

A viuva soprou-lhe :

— Lá vão elles.

O reinol baixou os olhos e viu Urú e os indios que seguiam para o colmado do negro.

— Acompanho-os! exclamou, e desceu ás pressas a escada da varanda.

Os indios seguiam satisfeitos como se fôssem a uma festa, riam alto, ouvindo, porém, o rumor dos passos do reinol, voltaram-se e logo se lhes mudou a physionomia e começaram a falar na lingua propria, indecifravel para Manuel Ferrão. Chegado ao colmado não se demoraram diante do corpo: um tomou-o pelos pés, outro pela cabeça e foram vagarosamente precedidos pelos que levavam enxadas para abrir a cova.

Apenas o reinol acompanhava o triste sahimento e, apesar da hora, como se a propria natureza se alegrasse com a morte do feiticeiro, passarinhos cantavam vivamente e o cicio das cigarras tornou-se geral, sahindo de todas as copas dos coqueiros, das franças de todas as arvores, em appello alacre e continuo. Chegando á collina, já marcada de cruzes, os indios repousaram o corpo na relva e limparam o suor que lhes escorria da fronte.

O negro hirto, com o rosto encarquilhado voltado para o céu, parecia effectivamente morto, e Ferrão, apesar de todos os prodigios que o vira realisar, não podia conceber que ainda existisse naquelle corpo um resto de alma. Não acreditava e o desanimo ia aos poucos penetrando-o, de sorte que, quando os indios começaram a cavar, aventurou com piedade « que era melhor esperarem para o dia seguinte ; deixassem o corpo exposto ao tempo porque, como a morte se dera horas antes, não

havia inconveniente em adiar o enterramento para a manhan proxima ». Mas Urú disse seccamente, cavando :

— Senhor mandou enterrar.

— E se elle estiver vivo ? Sim, bem póde ser uma syncope . . .

— Senhor mandou enterrar, repetiu o indio continuando a aprofundar a cova.

A noite baixava rapida e os indios, para não serem colhidos pela treva, deram o trabalho por prompto, posto que reconhecessem que não havia profundidade bastante para a inhumação e logo desceram o corpo, atirando-lhe em cima pásadas de terra ; outros, ajoelhados, iam-na empurrando com as mãos, aos montes, até que se fechou a cova, fincando Urú á cabeceira uma cruz feita toscamente de dois páus amarrados com embiras.

Respiraram e, sem respeito pelo morto, puzeram-se a bater com as pás socando a terra, cantando. Ferrão, apartando-se da collina, fez-se indifferente e caminhava assobiando e girando entre os dedos o cajado, os olhos no céu já scintillante de estrellas. Bem contente estava o reinol — rasa como ficara a cova facil lhe seria desenterrar o negro.

Lembrou-se, então, do remedio que recebera, apalpou-se e lá o sentiu no bolso, e as hervas seccas e as raízes que devia levar ao rancho de Genoveva, essas haviam ficado na cabana do morto, num canto e como elle ia passando perto, resolveu apanhá-las — era só entrar, lançar-lhes a mão e partir. Quem poderia vê-lo ? Quem desconfiaria ? Esteve um momento parado, hesitante. O alcáçar illuminava-se, rebrilhavam fogueiras no terreiro ;

toda a gente andava por lá e os indios já haviam desapparecido. Desceu apressadamente e penetrou na cabana deserta, indo direito ao sitio que lhe havia indicado o feiticeiro e logo achou, debaixo das mãos, o mólho de hervas ; tomou-o, apertou-o tanto quanto poude e sahiu com elle. Chegando ao alcáçar, deixou a carga debaixo da escada e subiu pela porta da face occidental, que levava directamente ao corredor onde ficavam os quartos. Passando diante do oratorio viu as lampadas accesas e a imagem do Christo crucificado exposta. Fez uma mesura, persignou-se e passou.

Jantavam. Á mesa Manuel Ferrão falou, apprehensivo, do enterro precipitado que haviam feito, mas logo ás primeiras palavras, arrependeu-se, pensando que o bandeirante poderia, por desencargo de consciencia, mandar examinar a cova que elle pretendia, nessa mesma noite, privar do hospede. Gonçalo Peres porém sorriu com tranquillidade.

— Ah! meu caro amigo, nós, homens da natureza, não temos tempo para pensar em formalidades nem acreditamos nesses somnos que fingem a morte. Quando um corpo cahe tratamos immediatamente de lhe dar destino, para que se não cevem nelle as bestas bravas, e, muitas vezes mesmo, por que não nos sobra tempo, apenas o cobrimos com ramos, abandonando-o; e como não é por falta de misericordia que assim procedemos, Deus perdôa-nos.

— Mas se elle estiver vivo, mano? aventurou a viuva.

— Qual vivo! Querias que aquelle monstro fi-

casse perpetuando a raça? Que idade lhe davas tu?

— Uns setenta annos.

— Setenta...? Quando o comprei, e já lá vão quinze annos, elle devia ter mais alguma coisa.

— Mais de setenta annos?

— Pois não.

— E por que o comprou então?

— Pelo motivo que o tornou detestado e temido: porque conhecia a virtude das plantas. Nas nossas expedições são frequentes os casos de febres malignas, erupções e outras molestias proprias desses sertões, inclusive a gangrena dos bichos. Não ha medico que se atreva a acompanhar as expedisões e, como não podemos dispensar quem nos trate, em caso de molestia, sempre tomamos um desses curandeiros, indio ou negro, que accumula as funcções de carregador ou guieiro e de medico. Jacob conseguiu, nos primeiros tempos, impôr-se á estima de todos pelas maravilhosas curas que fez, mas degenerou em feiticeiro e as suas mèsinhas tornaram-se temidas, preferindo os negros morrer de febres ou com os pés crivados de bichos, a aceitar qualquer preparado do feiticeiro que, segundo diziam, até manipulava as suas drogas misturando-lhes sangue de recém-nascidos, dos quaes aproveitava os ossos dos braços ou das pernas para mexer as mandingas quando as levava ao fogo.

— E seria verdade, mano?

— Não sei. Nunca o apanhei em praticas dessa natureza, mas não o queria aqui em casa, não tanto pela repugnancia que infundia como para cumprir uma promessa que fiz a Genora. Ella,

porque muito ouvia e dava credito a tudo, pediu-me que afastasse sempre o feiticeiro de casa para que não visse Selva, porque tinha os olhos funestos. Crendice. Mas eu havia promettido e cumpri a minha promessa.

— Mas era assim mau? perguntou Ferrão.

— Não sei. Deus o julgará no céu e a mana, com as suas orações, que faça alguma coisa em beneficio de sua alma.

— Ah! de certo, mano; não me hei de esquecer.

Levantaram-se e Ferrão, sahindo á varanda, passou por Ignez, dizendo-lhe baixinho e rapido:

— Espera-me hoje!

Ia a noite em meio quando um grande vento cahiu com estrondoso rumor de folhagens e uivos longos como de féras acossadas. Manoel Ferrão, que resistia ao somno esperando o silencio para sahir, entreabrindo a janella, lançou os olhos ao céu onde não havia uma estrella. Relampagos lividos accendiam-se mostrando grossas nuvens que fugiam accumuladas em bulcões. A matta contorcia-se e, longe, trovões atroavam.

— Deus está por mim, disse o reinol tomando um largo manto e um chapéu de abas largas.

Procurou a isca e a pederneira, cravou na cinta o punhal e, vagarosamente, sahiu, pé ante pé.

Não receiava que o vissem nas immediações do alcáçar — diriam que andava á cata de amores, temia, porém, que o acompanhassem á collina e o surprendessem profanando a sepultura do feiticeiro. Desceu e, como sabia que num alpendre contiguo á casa das armas costumavam os trabalhadores deixar as enxadas, para lá dirigiu os

passos parando sempre que um novo relampago flammejava e, á luz ephemera, certificando-se de que não era acompanhado, seguia.

Chegando ao ponto conhecido tomou, ao acaso, a primeira enxada e, escolhendo um caminho de cabras, tortuoso, pedrento, foi por elle abaixo e como os seixos lhe fugiam debaixo dos pés, desequillibrando-o, serviu-se da enxada como de cajado conseguindo alcançar a vereda que levava á collina.

Perto da fonte pareceu-lhe ouvir vozes. Coseu-se com um grosso tronco e esperou um relampago: fulgiu a claridade sinistra ; os olhos do reinol exploraram — ninguem! O coração batia-lhe precipite, por vezes o ar faltava-lhe e as pernas tremiam-lhe; de instante a instante voltava-se para o alcáçar desconfiado, mas o casarão, mudo e fechado, não dava o menor indicio de vida. Pensou então no pedido do negro: a criança. Podia ter-se apoderado de Ismael nessa mesma tarde. Talvez nunca mais se lhe deparasse tão favoravel ensejo. Quando voltava do enterro o pequeno brincava sósinho em uma mouta, longe de casa. Chegara a deter-se procurando no bolso o mysterioso pó que recebera do feiticeiro, mas duvidando sempre de que estivesse vivo e não querendo comprometter-se em vão, seguira deixando a criança. Como se arrependia! Se já a tivesse estaria livre de trabalhos e de cuidados e mais depressa lhe viria ás mãos o poderoso philtro que devia decidir da sua sorte.

Um relampago mostrou-lhe a collina funerea ; precipitou os passos, galgou a subida em rampa acclivosa e, reconhecendo a cruz que Urú chantara,

arrancou-a cuidadosamente e pôz-se a cavar parando, de instante a instante, assombrado, com allucinações. Parecia-lhe ouvir passos, vozes, risinhos; sombras esgueiravam-se. Se uma folha cahia torvelinhando attribuia a alguem que houvesse trepado á arvore e, de punhal á mão, pé ante pé, com o coração aos pulos, ia espiar por entre os ramos. Ninguem! Tornava á tarefa aforçurando-se com sofreguidão. Os trovões estrondavam no espaço negro, amontoado de nuvens e já havia grande parte de terra á borda da cova quando, em golpes mais brandos, para não magoar o enterrado, sentiu haver chegado ao corpo. Agachou-se e, mettendo as mãos, encontrou os braços do negro, foi afastando a terra até que sentiu os hombros. Passou o braço pela fronte limpando o suor que escorria copiosamente e, forte, cravando os dedos, deu um violento empuxão conseguindo levantar o negro e foi recuando, a arrastá-lo e safou-o da cova levando-o para junto da arvore onde, sem risco de ser visto, poderia accender a fogueira que devia reanimar o adormecido.

Precipitado, juntando folhas e gravetos, feriu a pedra de fogo e as faiscas saltaram communicando se immediatamente ás versas. Tomou o pé do feiticeiro e chegou-o ao lume, e inclinando-se sobre o negro, pôz-se a chamá-lo:

— Jacob! Está morto! pensou desalentado, mas o africano estremeceu encolhendo a perna violentamente. Sou eu!

Um resmungo fugiu da bôca desdentada e cheia de terra do negro, a cabeça moveu-se dum para outro lado, estiraram-se-lhe os braços. E Ma-

nuel Ferrão, cada vez mais receioso, posto que uma alegria feroz lhe enchesse o coração, pôz-se a sacudir o cumplice e não conteve uma exclamação quando o viu de olhos abertos :

— Ah !

O negro sentou-se mastigando resmungos, e, á luz de novo relampago, dando com o reinol, sorriu sinistramente perguntando :

— Qui dia é, nhô ?

— O mesmo em que foste enterrado. Não tive paciencia para esperar; e, carinhosamente: Ah! Jacob ! que medo eu tinha de que não voltasses á vida! O negro riu coçando preguiçosamente o pescoço, raspando a terra que nelle havia ficado. Que medo eu tinha, Jacob !

— Nhô tinha mêdo i Jacob não tinha mêdo dibaxo di téra. Aora vai, nhô. Jacob tá grandi ni mundu; Jacob vai trabaiá dicansadu aora pruquê Jacob não é mai captivu. Morte libertô Jacob. Vai, nhô, i vê criança módi cumeçá sirviçu minhan mêmo. Jacob vai aora ni caminhu di matta. Luz di céu tá hi. Minhan di nôti Jacob tá hi modi buscá criança.

— Onde queres que a deixe?

— Dibaxo di massarandúba, prétu di caiçara. Nhô cobri criança cum fôia, deixa i vorta, negru cárega.

Grossas gotas de chuva bateram na terra. Lembrou-se, então, o reinol de fechar a cova e, tomando a enxada, pôz-se a atirar a terra para o buraco auxiliado pelo feiticeiro que empurrava com as mãos falando :

— Cama di Jacob, cama fria. Eh! cama di

Jacob. De repente, lançando os olhos para o lado da arvore, foi aos saltos e, sem preoccupar-se com as brasas dos gravetos, veiu trazendo-os, aos raspões, até á cova onde os atirou. Cobri cinza, nhô. Nhô não vê qui zeri vendo cinza dicunfia? Cobri cinza di fuguêra, nhô ; cobri.

O reinol, comprehendendo a observação sagaz do africano, não só cobriu os gravetos que elle havia atirado para dentro da cova como ainda foi revolver o terreno onde havia accendido a fogueira afim de que não dessem pelo tom adusto da terra. E voltou a concluir o trabalho junto á cova. O negro deixou-o e já descia á collina, de mãos no chão, sobre um só pé, como um mono, quando o reinol o chamou.

— Jacob !

— Adeu, nhô. Vai ni casa buscá muleta modi caminhá di pé. Adeu, nhô. E desappareceu.

A chuva jorrou então em bátega repentina e Manuel Ferrão redobrou de actividade socando a terra para que não fôsse levada pelo aguaceiro torrencial. Encharcado, esperou novo relampago e, vendo que a cova ficára fechada, apanhou a cruz, fincou-a na terra empapada e deitou a correr, atravéz da tormenta, pelos caminhos ingremes por onde a agua se precipitava em corregos lodosos.

Quando chegou ao alcáçar a tempestade bramia. O ruido d'agua era o duma cachoeira, tanta rolava pelas barrancas em gorgolões, tanta jorrava atropeladamente pelos regos desracinando plantas, levando pedregulho com estrondoso rumor e os relampagos succediam-se, estouravam trovões, coriscos zebravam fulminantemente a escuri-

dão. A porta estava escancarada, entrou á impeto, fechou-a e, tacteando, foi procurar o molho de hervas que deixara debaixo da escada. A luz da tempestade alumiava-lhe o caminho como se os demonios quizessem concorrer para o bom exito da empreza e Ferrão não levou muito tempo em achar as hervas e com ellas subiu as escadas vagarosamente, não podendo, todavia, evitar o ruido metallico que faziam os seus pés, chapinhando nas botas encharcadas. No corredor orientou-se pelo rastilho de luz que havia diante do quarto de Ignez e caminhou, collado á parede, até chegar á porta, entrando logo esbaforido. Vendo-o, a viuva levou as mãos á cabeça:

— Como estás, Manuel! Até podes apanhar uma molestia, filho. Que andaste fazendo lá fóra com uma noite destas?

— Fui desenterrar o negro.

— E então?

— Está vivo.

— Ora graças! exclamou juntando as mãos como para agradecer a Deus E agora? que vais fazer?

— Tenho aqui o remedio e amanhan precisamos vêr se conseguimos apanhar longe de casa o pequeno Ismael.

— Para que?

— Elle precisa delle.

— Queres furtar a criança?

— É preciso. Bem vês que Jacob executa tudo quanto promette e o que elle acaba de fazer, se ainda me restassem duvidas acerca do seu extraordinario poder, bastava para convencer-me. Nin-

guem fica tanto tempo debaixo da terra como elle ficou. Só Deus.

— Ou o diabo, emendou a viuva persignando-se ao clarão de um relampago.

— Nada lhe posso negar. Se elle pedisse o meu proprio sangue eu lh'o daria sem hesitar. Demais prometti e elle garantiu-me que sem o sangue da criança nada poderá fazer.

— Vai então matar o pobresinho ?

— Vai e que tem ?

— E a mãi, Manuel ?

— Ora . . . a mãi ! . . Se começas com enternecimentos estamos arranjados. Estou vendo que o melhor é nada dizer-te d'ora avante.

— Não, não me opponho, tenho pena, mas tu sabes que além do meu querido Affonso trago no ventre . . .

— Vens falar-me no filho . . . Mas que tem uma coisa com outra ? Queres comparar-te com uma escrava ?

— Não digo isso . . .

— Então . . . Sabes ? não ha tempo a perder e eu estou aqui regelado. Vamos começar a campanha. Aqui estão as hervas que deves esconder no quarto de Genoveva debaixo da cama ou em algum canto escuro, de modo que, na occasião da busca, fique evidente que ella tivesse posto o maior cuidado em occultar a mandinga e, amanhan mesmo, para não estarmos a adiar, tomámos o remedio que aqui trago. Como não costumo entrar no quarto do teu irmão, leva-lhe tu mesma a dóse.

— Mas como ? . . . Como queres tu que eu faça ? Onde hei de por ?

— Na agua.

— E o gosto ? Não vês que elle dará immediatamente pelo gosto ?

O reinol pensou, mas levantando a cabeça, depois de fitar a viuva, disse como inspirado :

— No leite, então. A quantidade é tão insignificante que elle não dará por ella. Em todo o caso, como temos de tomar tambem, vamos fazer experiencia. Já tomaste o teu leite ?

— Não, tenho-o ainda ali.

— Dá-m'o.

A viuva foi a uma mesinha e tomou uma grande malga transbordante de leite.

Manuel Ferrão apartou o soro e, destapando o pequenino frasco, do qual não se apartara, verteu quarenta gotas contadas do liquido vermelho que, todavia, nem de leve coloriu o leite, mexeu-o demoradamente, depois, sem repugnancia, sorveu um grande gole saboreando-o.

— Então ? perguntou a viuva com curiosidade e medo.

— Não tem sabor ; e, sem mais dizer, emborcou metade do leite passando a malga a Ignez que empallidecia : — Agora tu.

— Ah ! Manuel, fez ella sem animo de levar á bôca a terrivel bebida.

— Recusas ! exclamou o reinol pondo nella os olhos iracundos.

— Tenho medo.

— Então não tomes ! e avançou impetuosamente para arrebatar-lhe a malga da mão ; a viuva, porém, fugiu com o braço e, sorrindo, serenou-o:

— Não te zangues, filho. Bem sei que não vou

morrer, mas o receio que tenho de ficar chagada... Ainda é por ti. Bem sabes que se me procuro fazer bella é só para agradar-te. Se não te quizesse tanto bem se me dava de apparecer mal amanhada, podiam as rugas sulcar-me a pelle, podiam os cabellos embranquecer-me, mas não! quero ser bella para que me não esqueças e agora, quando penso nas chagas que se me vão abrir no corpo...

— Mas se eu te peço, Ignez...! em nome do nosso amor!

— Vê lá, Manuel! ameaçou a viuva.

— Em nome do nosso amor! repetiu o reinol com os olhos nella.

A viuva baixou a cabeça e, dum trago, bebeu o conteúdo da malga, fitando-o depois com os olhos brilhantes:

— Estás satisfeito?

Elle tomou-lhe a cabeça e os labios encontraram-se.

— Bem, até amanhan. Fica o vidro comtigo! Quarenta gotas no leite, vê lá: quarenta gotas! E as hervas no quarto da Genoveva, não te descuides.

Ella lançou-lhe os braços ao pescoço e, terna, com os olhos nelle:

— Vais deixar-me, Manuel?

— Então? Queres que me encontrem aqui?

— E se eu morrer?

— Morrer! Pareces criança. Adeus! E não me demores mais que estou tiritando de frio.

Beijaram-se longamente e o reinol, desprendendo-se dos braços da viuva, entreabriu a porta lançando um olhar demorado ao corredor escuro.

— Adeus! vê lá! sussurrou. E, em pontas de pés, foi-se para o seu quarto.

Na tarde do dia seguinte, havendo estiado, Manuel Ferrão, que andava á espreita do pequeno Ismael, vendo-o passar no terreiro perseguindo um cão, da porta, para não ser visto, chamou-o. O pequeno aproximou-se e o reinol, lançando os olhos perscrutadores em volta, a vêr se havia alguem, disse á criança acariciando-a:

— Olha, Ismael, sabes onde é a massaranduba?

— Sei, disse o pequeno, com os olhos nelle, attento.

— Pois perto della, bem na raiz, ha um ninho que hontem cahiu com o vento. Está cheio de rolinhas. O pequeno sorria e já se preparava para partir quando o reinol accrescentou em tom de conselho: Mas vê lá! não digas a ninguem e é bom mesmo que os outros não te vejam seguir para lá, senão vão comtigo e tomam-te o ninho. Vai.

O pequeno partiu procurando os caminhos desviados. Manuel Ferrão seguia-o com a vista e, quando os mattos o encobriram, certificando-se de que tinha no bolso o embrulhinho do pó, desceu nas pegadas da criança. Indios recolhiam-se com feixes de lenha subindo lentamente a ladeira; do outro lado, pelo caminho que levava ás roças, escravos chegavam vagarosos, cantando. A luz esmaecia. Elle amiudou os passos para que, chegando mais depressa aos mattos, não pudesse ser visto.

— Ora graças! Agora nada mais falta e mestre Jacob que trate dessa coisa para acabarmos quanto antes. O primeiro remedio já está produzindo o seu effeito — ou é preoccupação do meu espirito ou as

taes chagas não tardam, porque sinto um formigamento insupportavel na pelle. Vamos agora ao grande lance. Ah ! quando eu me vir senhor desta riqueza ! Quando eu me vir dono e chefe de Pirapora . . !

Para não passar pela fonte aonde, á tarde, indias e negras costumavam descer com pucaros para abastecerem d'agua o alcáçar, tomou por uma trilha mal batida que alongava a distancia, mas cortou o caminho mettendo-se pelos mattos. De longe ainda avistou o pequeno Ismael que andava curvado procurando o ninho. Voltou-se: Ninguem! Deitou então a correr, já com o embrulho fatal na mão.

A criança, ouvindo-lhe os passos, voltou-se assustada reconhecendo-o, porém, disse com uma vozinha meiga :

— Não tem . . .

Elle não respondeu : agarrou-a fortemente chegando-lhe ao nariz o pó mysterioso. O pequeno debatia-se, rosnava, suffocado, não podendo gritar porque elle lhe abafava a bôca forçando-o a aspirar o narcotico e, pouco e pouco, o corpo foi amollecendo, a cabeça derreou-se, as pernas bambearam e Ferrão, sentindo o innocente adormecido, deitou-o nas hervas, junto á caiçara e fez-se de volta ao alcáçar, já com a noite.

Na varanda, entre Gonçalo Peres e Ignez, Manuel Ferrão ouvia a narração de uma das aventuras do bandeirante quando o seu coração bateu sobresaltado : uma voz de mulher chamava em brados prolongados :

— Ismael! Ismael! Ismael! Os cães ladravam no escuro e a voz foi-se perdendo ao longe: — Ismael! Ismael!

— Já agora não deve ser tão arriscada a travessia dos sertões porque bem pouco ha a explorar.

— Pouco!? exclamou o bandeirante. O que se tem explorado não é a millesima parte do que ainda existe virgem por essas terras além, meu amigo. Este paiz tem tanto de grandeza como de riqueza.

— Acha-o mais rico do que as Indias?

— Muito mais. Ha de ter occasião de vêr.

De longe veiu de novo o grito angustiado:

— Ismael! e aproximava-se, como se a mulher que o desferia viesse a correr — Ismael! e, de improviso, uma rapariga surgiu na varanda, arquejando, a soluçar em grande desespero, e como, na escuridão, não reconhecesse logo o bandeirante, foi diante do reinol que exclamou aos arrancos:

— Sinhô... meu filho!

— Que é? perguntou Gonçalo Peres. Que tens?

A negra, reconhecendo a voz do senhor, encaminhou-se para o lado d'onde ella partira dizendo de novo com angustia:

— Meu filho, sinhô..!

— Que tem?

— Sumiu, sinhô. Já corri tudo chamando elle, gritando por elle; não responde, sinhô.

— Quem és tu?

— Catharina, nhô.

— E onde deixaste teu filho?

— De tardinha elle andava por ahi, brincando

no terreiro; agora não vejo elle, sinhô. Já bati tudo. Ah ! meu sinhô . . . E a negra ajoelhou-se de mãos postas. Ah ! meu sinhô . . !

— Espera, rapariga, não te afflijas. O pequeno deve andar por ahi brincando em algum canto. Não te afflijas.

— Ah ! meu sinhô, o coração está me dizendo que eu nunca mais hei de vêr meu filho ! o coração está me dizendo, meu sinhô. Ismael não costumava ir longe de casa. Ah ! meu sinhô, se tio Jacob fôsse vivo, eu jurava que isso era coisa delle, mas agora, meu sinhô . . . Que terá acontecido a meu filho, meu Deus ! Que terá acontecido ?

Os pés de Manuel Ferrão e de Ignez encontraram-se e a viuva estremeceu, comprehendendo o signal que lhe fazia o amante.

Para tranquillisar a rapariga Gonçalo Peres ordenou que sahissem com ella varios colonos munidos de archotes para explorar os mattos. Manuel Ferrão sobresaltou-se com a ordem do bandeirante. Podiam encontrar a criança que, despertando, o denunciaria ; podiam dar com o feiticeiro que ficara de apparecer á noitinha, e de pé, os olhos alongados, arquejando, seguia na treva os archotes que iam alumiando os caminhos trilhados pelos exploradores, mas o rumo que elles tomavam tranquillisava-o. Percebendo, porém, pelo clarão, que se dirigiam para o lado da massaranduba, inquietou-se e, se não fôsse a escuridão, facil seria ao bandeirante descobrir-lhe na physionomia os signaes denunciadores do crime e, com os dedos cravados na balaustrada, ansiando, de olhos fitos, esteve acompanhando, com angustia, a pesquiza

até que ouviu de novo o grito dolorido de Catharina :

— Ismael !

— Não acharam ! disse o perfido no coração.

Um grande brado de muitas vozes atroou :

— Ismael !

O bandeirante levantou-se chegando tambem á balaustrada.

— É estranho ! disse.

— Realmente . . . confirmou o reinol.

O clarão avisinhava-se e as exclamações da negra chegavam distinctamente :

— Ah ! meu Deus do céu, meu filho ! Coitadinho de meu filho . . . E, de novo, bradou : Ismael !

Negros e indios pararam diante da varanda com archotes levantados e Urú adiantou-se. Antes, porém, que falasse, a negra, de braços erguidos, agitando a cabeça, pôz-se a dizer, desesperada :

— Não se achou não, meu sinhô. Não se achou, não. Ah ! meu sinhô, sua negra, meu sinhô . . . Sua negra . . . !

Ignez olhava transida e, apesar da sua natural impassibilidade, tinha os olhos arrasados de lagrimas e tremia commovida.

— Vocês foram até á caiçara ? perguntou Gonçalo Peres.

— Fomos sim, senhor, respondeu Urú, cujo rosto largo, côr de bronze, resplandecia á luz vermelha dos archotes.

— Viram tudo, sinhô, disse a negra com uma grande expressão de desanimo. Viram tudo !

Fez-se grande silencio, subitamente, porém, a negra, avançando com um braço erguido para o

céu estrellado, numa attitude tragica de prophetisa barbara que falasse aos numes, pôz-se a dizer:

— Só se não ha Deus no céu, só se elle não sahiu do meu ventre, só se não mamou nos meus peitos, só se eu não criei elle nestes braços . . . e, arregaçando os mangas do casaco, estendeu os magros braços nús. Se fizeram mal a meu filho, quem fez ha de pagar . . . ha de pagar . . ! Só se não ha Deus no céu. Que bicho havia de vir aqui buscar a criança ? que bicho havia de ser ? Ah ! meu sinhô, vamcê é pai e sabe como dóe no coração qualquer coisa que acontece a um filho, quanto mais a morte.

Não poude dizer mais, prorompeu em soluços e partiu correndo pelo terreiro.

Ignez não conteve as lagrimas ; um grande suspiro sahiu do peito forte do bandeirante. Manuel Ferrão tamborilava na balaustrada intimamente satisfeito. Áquella hora já o negro devia estar trabalhando na sua caverna da floresta. Era certa a victoria : dentro em pouco elle seria o senhor daquellas riquezas e todas aquellas terras ferteis, até a margem do rio, seriam seu dominio. Recolheu-se e, até tarde, do seu quarto, ouviu os gritos desesperados da escrava que chamava o filho :

— Ismael ! Ismael !

Foi Ignez a primeira que experimentou os effeitos perniciosos do philtro do negro. Acordando, na manhan seguinte, sentia-se molestada. Doíam-lhe as pernas, e, examinando-as, mal poude conter um grito de horror : as pernas, as côxas, o ventre estavam cobertos de manchas denegridas. Exa-

minou o seio, os braços e viu-se toda manchada: eram cyanoses hediondas e dolorosas.

Posto que prevenida, ficou aterrada e, a tremer, ergueu-se da cama, tomou ás pressas os vestidos e, despenteada, sahiu do quarto, não para alarmar a casa, mas porque precisava vêr-se acompanhada como se sentisse a morte no corpo. Atravessou o corredor e foi bater á porta do bandeirante. Gonçalo Peres abriu immediatamente e, vendo a physionomia demudada da irman, franziu o sobr'olho.

— Mano, que é isto? exclamou a viuva arregaçando as mangas do casaco e mostrando os braços brancos maculados de rôxo. Estou com o corpo todo coberto dessas manchas.

O bandeirante, depois de examiná-la disse:

— Eu tambem estou assim. Dei por isso hoje de manhan. Attribúo á agua.

— Á agua... A agua então faz isso, mano?

— Não sei; mas a que vamos nós attribuir então?

Passos fortes soaram no corredor e a voz de Ferrão fez-se ouvir á porta, pedindo licença.

— Entre! disse o bandeirante.

O reinol, visivelmente alterado, entrou no quarto e Ignez, lançando nelle os olhos, exclamou:

— Elle tambem, mano, elle tambem...!

— Senhor, disse o reinol abrindo a camisa e mostrando o peito, estou assim, não sei que é isto.

— Eu tambem estou assim e o mano tambem. Que será?

— É uma erupção passageira, explicou, sem emoção, o bandeirante.

— Acha? perguntou o reinol.

— A menos que não queiram attribuir a alguma perfidia da alma de Jacob.

— Porque era feiticeiro?

— Certamente.

— Mas não era o unico, Sr. Gonçalo Peres. Á sombra do negro trabalhavam e trabalham outros e, para mim, estas manchas não são outra coisa senão o resultado de alguma feitiçaria de que estamos sendo victimas.

— Desconfia de alguem?

— Sim, senhor, desconfio ou antes : tenho certeza.

— De quem?

— De quem? de Genoveva.

— Genoveva! exclamou pasmado o bandeirante.

— Sim, senhor. Ella é que nos está envenenando.

— Que provas tem para affirmar com tanta segurança?

— Muitas! Mas podemos convencer-nos agora mesmo.

— Como?

— Dando uma busca no seu quarto.

— Antes, porém, diga-me: quaes são as provas que tem para desconfiar ?

— São varias, disse o reinol. Quando eu tomava conta dos negros mais de uma vez, descendo ás grotas para beber agua, encontrei Genoveva colhendo hervas e raizes; se dava por mim disfarçava, procurando esconder o que apanhara. Uma tarde, passando pela cabana de Jacob, dei com ella sahindo

com um embrulho que abafou precipitadamente. Taes factos são insufficientes como provas, bem sei, mas podemos convencer-nos, e acho prudente que o façamos quanto antes, para que não seja tardia a hora do alarma. Não me parecem naturaes estes phenomenos que não se limitam ás manchas; eu, pelo menos, além de dôres agudas, sinto grande prostração, o corpo molle, a bôca amarga, tremuras.

— Como eu, disse a viuva.

— Acha, então, que estamos sendo enfeitiçados? perguntou Gonçalo Peres.

— Estou convencido!

— Pois vamos lá ao quarto da rapariga, posto que me pareça natural que nada ali exista que a possa comprometter ainda mesmo que ella seja culpada. Essas negras, quando dão para mandingas, difficilmente se deixam apanhar e Genoveva não seria tão tola que trouxesse para a casa as hervas e mais coisas que entram na composição dos ingredientes fataes. Em todo o caso não custa irmos até lá. Onde está ella agora?

— Deve estar na cozinha, disse a viuva.

— Tanto melhor. Pois vamos, mas duvido que encontremos qualquer coisa no quarto da rapariga. Genoveva foi sempre uma excellente escrava, ordeira e muito amiga da casa. Dahi quem sabe!

— O mano tem muito boa fé.

— Não é boa fé, mana: não tenho razão para desconfiar de uma escrava que só me tem dado provas de amizade. Por que motivo havia ella de tentar contra a nossa vida?

— Por maldade; esses negros são perversos.

— Não tanto como dizem. Eu, por exemplo, só posso dizer bem delles, porque sempre os encontrei leaes, a meu lado, no momento do perigo. Genoveva foi de extrema dedicação a Genora durante a molestia, passando noites e noites em claro com ella, aturando-lhe, sem uma queixa, todas as impertinencias, e não creio que fôsse fingida a grande dôr que demonstrou no momento da morte da senhora. Emfim, as almas tambem se modificam. Vamos lá. E sahiram os tres.

O quarto da negra ficava nos baixos do alcáçar, — duas altas janellas illuminavam-no. A porta estava apenas encostada, empurraram e Gonçalo Peres entrou á frente, lançando os olhos por todos os cantos. O catre de ripas, levantado sobre espeques, estava forrado de palhas de milho, e coberto por um lençol; uma canastra, mochos grosseiros e, a um canto, uma imagem antiquissima cercada de fôres murchas. Manuel Ferrão começou a busca minuciosamente agachando-se para espiar debaixo do catre, revolvendo pannos com repugnancia. Foi, porém, Ignez quem descobriu, numa fenda da parede, o molho de hervas, as raizes e uma madeixa de cabellos finos.

— Olhe aqui, mano. Olhe aqui!

O bandeirante tomou as hervas e pôz-se a examiná-las attentamente.

— Que hervas são, mano?

— Não conheço. E estes cabellos...?

A viuva tomou a madeixa e, chegando-a aos proprios cabellos, comparou dizendo assombrada:

— São meus! Os cabellos são meus!

— Então! exclamou o reinol. Estará agora convencido?

O bandeirante conservava-se calado, olhando as hervas, e, com ellas na mão, encaminhou-se para a porta, sahindo ao terreiro. Um velho negro capinava ao sol. Chamou-o:

— Cosme!

O negro levantou a cabeça e, reconhecendo o senhor, estendeu a mão pedindo a benção.

— Vai lá á cozinha e dize á Genoveva que venha aqui immediatamente.

O negro descançou a enxada, sacudiu as mãos e partiu.

— Que vais fazer, mano? perguntou a viuva; e o bandeirante, com o sobr'olho carregado, olhando as manchas do pulso, que a mais e mais ennegreciam, disse:

— Vou acabar com a feitiçaria em Pirapora.

Genoveva não se fez esperar. Era uma negra alta e magra, sympathica, posto que de physionomia fechada; os cabellos começavam a embranquecer. Não foi sem surpresa que viu o seu quarto invadido e, andando com os olhos de um para outro rosto, parecia perguntar a razão daquella visita na sua ausencia. Gonçalo Peres não a deixou muito tempo á espera da explicação; adiantando-se com o mólho de hervas, perguntou de golpe:

— Para que tens estas hervas no quarto, Genoveva?

— Eu, meu senhor! exclamou a escrava espantada. Eu não, meu senhor. Essas hervas não estavam aqui, nem sei isso que é.

— Não sabes?!

— Não sei, meu senhor.

— E estes cabellos?

— Que cabellos?

O bandeirante mostrou-lhe a madeixa.

— Tambem não sei, meu senhor. Juro a meu senhor que isso não estava aqui; eu não tenho nada disso no meu quarto. Para que havia eu de querer essas coisas?

— Ouve, Genoveva: bem sabes que não sou homem de castigos. Nunca viste um escravo meu soffrer, desde que estás commigo. Pois bem, eu, que detesto as scenas crueis, eu que sou contrario a violencias, vejo-me agora forçado a exercê-las, e tu serás a minha primeira victima.

— Eu, meu senhor?

— Tu, sim! se não disseres a verdade.

— Que verdade, meu senhor?

— Com que fim escondias no teu quarto estas hervas venenosas?

— Eu não escondi nada, meu senhor.

— Não insistas: estas hervas, bem como esta madeixa, estavam mettidas em um buraco da parede, ali perto da tua cama.

— Ah! meu senhor! Juro pela alma de minha senhora que não escondi essas coisas, meu senhor. Se estavam ali, foi alguem que escondeu para me fazer mal.

— Não mintas, Genoveva! ameaçou o bandeirante.

— Não estou mentindo, meu senhor. Eu não sou negra de feitiço, não é de hoje que meu senhor me conhece.

— Quem está cozinhando?

— Sou eu.

— Então quem havia de envenenar a comida, como provam estas manchas que nos estão sahindo pelo corpo? E o bandeirante arregaçou as mangas do casaco mostrando o braço á negra, que abriu os olhos desmedidamente.

— Ah! meu senhor, pois eu então havia de fazer isso!? Eu, meu senhor? Juro por Deus! pela alma de minha senhora! Só se foi alguem para me fazer mal.

— E para que andavas catando hervas, ás escondidas, nas grotas?

— Eu ? catando hervas ? Quem disse, meu senhor ?

— Eu ! exclamou o reinol, avançando : Eu que vi !

A negra lançou-lhe um olhar soberbo e o espanto em que a pôz a affirmação peremptoria de Manuel Ferrão deixou-a algum tempo atordoada. Voltando-lhe, porém, a calma, perguntou, em tom pausado, como se medisse as palavras :

— Então vamcê me viu apanhando herva nas grotas ?

— Vi !

— Quando, meu senhor ?

— Mais duma vez, quando eu levava os negros á roça.

— Vamcê me viu apanhando herva nas grotas . . . ? insistiu Genoveva.

— Queres, talvez, que eu jure, não ? bramiu o reinol.

A negra, sempre calma, respondeu :

— Nao, meu senhor, não quero que vamcê jure.

— Então ! Dize a verdade, Genoveva ! ordenou o bandeirante.

— Que verdade, meu senhor ? a verdade eu já disse.

— Insistes em negar ? Vê lá !

— Ah ! meu senhor, como não hei de negar ? exclamou a desgraçada soluçando. Como não hei de negar se não fiz nada ? Agora desconfiam de mim não sei porque. Nhô diz que eu andei catando herva nas grotas. Que é que eu hei de responder, meu senhor ? Palavra de negro não tem valor perto da palavra de branco. Meu senhor pensa que eu andei fazendo bruxarias ; meu Senhor acredita no que os outros dizem, que é que eu hei de fazer ? Só Deus sabe se eu digo ou não a verdade.

— Então não falas ?

— Eu já disse o que tinha a dizer, meu senhor.

— Vê lá, Genoveva !

— Meu senhor póde fazer de mim o que quizer, sou sua escrava.

Voltou-se de novo para o reinol e disse por entre lagrimas :

— Nhô, vamcê está fazendo mal á tôa a uma pobre negra velha que não tem ninguem que a defenda ; quem punia por ella já morreu, mas vamcê não pensa em Deus, nhô ? Não pensa em Deus ?

— Qual Deus ! Queres agora commover-nos depois que fizeste o mal.

— Eu ! eu ? nhô . . .

— Tu, sim.

— Vamos, Genoveva, é melhor dizeres a verdade : eu perdôo-te.

A negra atirou-se violentamente de joelhos e,

de mãos postas, com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, disse em vozeria :

— Meu senhor, vamcê póde me matar, eu já jurei ! eu já jurei ! Não fiz nada, meu senhor. Sua negra está innocente. Por alma de minha senhora que está no céu, sua negra está innocente.

— Hypocrita ! rosnou o reinol desnudando os braços como para que o bandeirante, vendo-lhe as manchas, não se deixasse vencer pela lamuria da escrava.

— Então não confessas ?

— Meu senhor, que é que eu hei de dizer ?

— Pois sim, disse surdamente o bandeirante.

Atirou o molho de hervas para um canto e encaminhou-se para a porta. A negra arrastou-se de joelhos, de mãos postas, soluçando, mas não podendo alcançar o senhor ergueu-se e, avançando para Manuel Ferrão, disse ameaçadoramente :

— Nhô, eu vou soffrer por causa do falso que vamcê levantou contra mim, mas Deus está no céu, nhô. Deus está no céu !

VI

Laocoonte

Cosme, o negro que fôra buscar Genoveva á cozinha, foi encarregado de chamar Feliciano que feitorava os escravos na roça. O cafre veiu em passos ligeiros apresentando-se respeitosamente a Gonçalo Peres. O bandeirante chamou a negra e instou com ella, mais uma vez, para que dissesse a verdade promettendo-lhe perdão. A misera não pronunciou uma palavra : baixou a cabeça e as lagrimas, grossas e copiosas, cahiam-lhe dos olhos sem descontinuar.

— Não falas ? !

— Meu senhor, que é que eu hei de dizer ? !

— Feliciano, bradou severamente o bandeirante, despe essa negra e amarra-a ao pelourinho e que ninguem lhe dê uma gota d'agua sob pena de soffrer castigo igual. Tão estranha pareceu ao cafre aquella ordem que não se moveu, tolhido de espanto, a olhar ora o senhor, ora a negra, que soluçava. Vamos ! ordenou Gonçalo Peres.

O negro adiantou-se e, timidamente, perguntou :

— Sem roupa, senhor ?

— Sim, sem roupa, ao sol, até confessar.

A negra juntou as mãos e supplicou :

— Meu senhor, eu tenho um filho já homem. Núa não, meu senhor . . . núa, não ! Eu estou innocente, juro a meu senhor que estou innocente, mas como meu senhor não acredita, mate-me duma vez, mas não me exponha á vergonha de ser vista núa por meu filho.

Sem dar ouvidos á escrava, o bandeirante insistiu :

— Vamos, Feliciano ! E aos que perguntarem por que a castiguei dize que foi para que não continuasse com as feitiçarias com que nos queria envenenar. E saibam todos que, d'ora avante, castigarei sem piedade a quantos apanhar em praticas criminosas de bruxedos. Vai !

— Meu senhor, juro pela alma de minha senhora . . !

A um aceno do bandeirante o cafre tomou Genoveva pelo braço e a foi levando para o meio do terreiro. O reinol quiz dizer alguma coisa, mas Gonçalo Peres, carregando o sobr'olho, passou por elle e subiu as escadas encaminhando-se para o seu quarto. Os dois amantes, quando se viram sós, fitaram-se demoradamente ; por fim o reinol disse á viuva.

— Devias ter intercedido pela negra, ganhariamos a sympathia dos escravos e elle mesmo ficaria satisfeito, porque não foi do coração que lhe sahiu essa ordem, acredita. Por que não vais pedir ?

— Agora ?

— Sim.

— Elle está zangado, é capaz de responder-me mal.

— Ora ... Se te digo que elle está contrariado. Vai.

A viuva foi subindo lentamente as escadas, mas quando chegou diante da porta do quarto do irmão não se achou com animo de bater. Ouvia-lhe os passos que vinham até bem perto e distanciavam-se, estava agitado, não a receberia bem. Repentinamente uma idéa appareceu-lhe : fazer com que Selva interpedesse — esperaria que a negra fôsse amarrada ao pelourinho, conduziria a criança á varanda para que a visse e, em seguida, faria com que ella fôsse pedir ao pai pela escrava. Contente com a inspiração retirou-se pé ante pé tornando ao seu quarto.

O pelourinho ficava fronteiro á cruz que marcava o tumulo de Genora : era uma alta e grossa columna de pedra mal lavrada e já ennegrecida pelo tempo, em torno da qual pendiam argolas de ferro que serviam para prender animaes, porque nunca aquelle poste fôra utilisado para castigo. No ápice os caborés pousavam á noite piando e, como os ventos haviam atirado poeira ás anfractuosidades da pedra, hervas enfestoavam-na.

Logo que o cafre se viu longe do senhor dirigiu-se á negra :

— Que foi isso, Genoveva ?

— Não sei, Feliciano ; juro por Deus do céu que estou innocente. Senhor entrou no meu quarto, achou umas hervas e um punhado de cabellos es-

condidos num buraco da parede e diz que eu ando com mandingarias. Juro por Deus, Feliciano, que não sei de onde vieram aquellas coisas, não fiz nada e agora hei de soffrer um castigo desses ? Ah ! mas eu sei que a culpa não é de senhor, não é, não, Feliciano ; senhor mudou muito depois que essa gente veiu para Pirapora. Eu estou innocente, vou soffrer á tôa, mas Deus está no céu. Elle está com os braços pintados, está mesmo, eu vi, e elles tambem . . . Mas que culpa tenho eu disso, Feliciano ?

— E agora ? que é que eu hei de fazer, Genoveva ? Senhor mandou.

— Você não tem que pensar, Feliciano.

— Você não fica com raiva de mim, Genoveva . . . ?

— Não fico, Feliciano. Que culpa tem você ? Suspirou levantando os olhos para o céu. Quem ha de me vingar está lá em cima !

Haviam chegado ao pelourinho. O negro levantou os olhos com esperança de que o bandeirante apparecesse á janella para perdoar, mas o alcáçar fechado, silencioso, parecia adormecido.

A negra abaixou os olhos e, de braços cruzados, ficou algum tempo pensando nos seus malungos e, com elles, Damião, seu filho, vendo-a núa ali. Levantou a cabeça e, com lagrimas a quatro e quatro, falou ao cafre :

— Olha, Feliciano ; fala com Damião para não vir aqui, que eu mandei dizer. Conta o que houve. Não quero que meu filho me veja assim. Ah ! meu senhor ! meu senhor ! Queira Deus ! queira Deus ! Vamos, Feliciano, disse resignadamente.

— Tira a roupa.

Como se o pudor não a preoccupasse mais Genoveva despiu o paletó, desatou o cordão da saia deixando-a escorrer pelas pernas e arrancou a camisa. Núa, muito negra, reluzindo ao sol como uma figura de basalto, esticou os braços para traz entregando heroicamente os punhos ao negro que os ligou com cordas de tucum prendendo-os a uma das argolas do pelourinho.

— Está bem assim, Genoveva ?

— Está.

— Não está apertado demais ?

— Não, respondeu ella em voz surda.

— Então, adeus.

— Adeus, Feliciano. Olha Damião, recommendou.

— Não esqueço.

O cafre partiu para ir ter com o senhor.

A negra núa, de pé, immovel ao sol, fitava o céu muito azul. Diante della um velho cão esteve algum tempo parado abanando festivamente a cauda ; aproximou-se, farejou-a e retirou-se vagarosamente ; á distancia, porém, deteve-se, e levantando o focinho, uivou longamente ; outro respondeu, entre os mattos. O sol causticava o corpo da escrava já humido, tressuante e dos seus olhos extaticos, de espaço a espaço, como as gotas que se formam nas abobadas das cavernas, grossas lagrimas rolavam.

Ignez correu debalde todo o alcáçar, procurando a india. Poranga havia sahido com a pequena Selva e a onça, que já as acompanhava nos passeios que faziam á floresta onde, ás vezes, passavam os dias, só tornando á casa ao cahir da tar-

de, carregadas de flôres e de frutas. Gonçalo Peres, apesar das constantes referencias que a viuva fazia a taes incursões, não as condemnava. « A india era forte e valente e conhecia os bosques e a onça saberia defender as suas companheiras, caso fôssem atacadas, demais eram tão raras as féras naquellas paragens que não havia outro risco na matta, durante o dia, senão o do assalto de alguma cobra, mas a tamoya era destra, não perdia uma só. A criança ganhava alento e coragem, robustecendo o corpo e a alma na companhia da selvagem. » E para tranquillisar a irman, lembrava os pequenos indios que viviam nas brenhas, sempre ameaçados e por féras e tribus inimigas.

Depois da partida de Parajára amiudaram-se os passeios de Poranga, que raramente era vista durante o dia no alcáçar.

Cançada de procuá-la, Ignez voltou ao seu quarto onde se conservou até a hora do almoço. Chamada por um negrinho, a viuva pensou em pretextar incommodo para não apparecer, com receio, porém, de desgostar o irmão, resolveu-se a sahir.

Já o bandeirante occupava o seu lugar á mesa, servido por dois negrinhos. O dia, apesar de luminoso e azul, corria melancolico. Cigarras cantavam estridulas, ao sol. Manuel Ferrão sentou-se e o almoço correu funebre. O bandeirante não levantava os olhos, não desfranzia a fronte. Constrangidos, os dois outros commensaes, de quando em quando, trocavam olhares timidos e rapidos.

Foi um allivio para ambos a terminação do almoço. O reinol desceu immediatamente para a pesagem do ouro ; a viuva recolheu-se ao quarto.

Gonçalo Peres sahiu á varanda e só, passeiando vagarosamente de um para outro lado, de mãos ás costas, cabeça baixa, pensava, com arrependimento, na ordem cruel que dera e, lembrando-se de Ferrão, trincava os labios, mudava-se-lhe a physionomia accusando a luta tremenda travada em seu coração. Ia e vinha sem coragem de olhar o pelourinho, quando ouviu a voz da india, numa exclamação de horror. Parou, ergueu a cabeça e viu então a piedosa e commovedora scena que se passava junto da victima.

Poranga e Selva, paradas diante de Genoveva, cujo corpo rebrilhava ao sol intenso, olhavam piedosamente; a onça, de pé, com o pello hispido, os olhos scintillantes, parecia assombrada. A india e a negra falavam, mas era longa a distancia para que elle pudesse ouvir o que diziam. Viu, porém, a pequena Selva partir a correr em direcção á cabana de Poranga; a onça, depois que a viu longe, partiu tambem, aos galões, com o pello dourado relampejando á claridade e a india, de braços cruzados, ficou diante de Genoveva que estremecia como se soluçasse. Mas a voz de Selva desvioulhe a attenção. A pequena voltava a passos cuidadosos, com uma cuia d'agua equilibrada em ambas as mãos, seguida da onça que farejava as gotas que pingavam na terra secca. Quando a pequena chegou diante do pelourinho, Poranga levantou-a nos braços e Selva, com extremo cuidado, com as proprias mãosinhas levou a cuia aos labios avidos da negra, que inclinou a cabeça com ansia para beber. As lagrimas saltaram dos olhos do bandeirante que deu volta para não vêr mais.

A india usara dum expediente habil que elle logo comprehendeu.

Ouvindo da negra que o senhor havia prohibido que lhe dessem agua sob pena de punir com igual castigo o infractor da sua ordem, fizera com que a desobediencia fôsse commettida pela propria filha, certa de que contra ella não prevaleceria a sentença. Selva, porém, não se contentou com a primeira misericordia, ainda com as suas pequeninas mãos levou á bôca da escrava alguns dos frutos que trouxera da floresta e tentou desatar as cordas que a prendiam, mas Genoveva oppoz-se.

A criança, então, começou a chamar pelo bandeirante, aos gritos:

— Papai! Papai! e já caminhava para o alcáçar quando Gonçalo Peres, para não ceder, fugiu, indo encerrar-se no seu quarto. Dera uma ordem, havia de ser cumprida. E fechou-se á chave.

Pouco depois Selva chegava e batia á porta, chamando-o:

— Papai! Papai!

Bateu mais, com mais força. Desanimada, por fim, disse:

— Não está ahi! como se lhe parecesse impossivel que elle, ali estando, não acudisse immediatamente ao seu appello. E como lhe custava negar-se á filha! mas era ordem, devia cumprir-se. Na roça já os negros sabiam do castigo e, que diriam elles quando, á tarde, tornando á casa, vissem o pelourinho deserto? Não, era necessario manter a sua palavra, custasse o que custasse!

Não ouvindo mais a voz da filha, deitou-se, explodindo em colera contra Manuel Ferrão. Já não

supportava o reinol, a propria irman que, com tanto e tão empenhado interesse o defendia, irritava-o, por vezes. Quando encontrava, por acaso, alguma das duas moças que andavam sempre com ar compungido, em passos lentos pelos corredores, como duas freiras, mal correspondia ás suas saudações. A vida, dantes tão calma em Pirapora, havia mudado com a chegada dessa gente. Pensava em despedir o reinol dando-lhe alguma coisa para que fôsse tentar a vida alhures, quando bateram de leve á porta.

— Quem é ?

— Eu, mano.

Levantou-se e foi abrir á irman. A viuva entrou vexada, com um sorriso timido. Gonçalo Peres, de pé diante della, fitava-a :

— Mano, disse sem levantar os olhos, eu venho pedir pela negra. Está um sol tão forte . . . e ella núa. Selva já esteve diante della e isso . . .

— Não, mana, contraveiu seccamente o bandeirante. Aqui só eu imponho as leis e só eu as revogo.

— Mas eu estou pedindo . . .

— Se eu cedesse a pedidos já ella estaria livre, porque minha filha esteve aqui . . . e eu, nem sequer a recebi. As minhas ordens são terminantes.

— Mas o mano bem sabe que nem todas as ordens podem ser cumpridas. O mano disse que se alguem desse de beber á escrava . . .

— Padeceria o mesmo castigo, affirmou o bandeirante empallidecendo ; logo, porém, avançando para a viuva, ajuntou — mas, em tal ordem, havia excepção para minha filha !

— Só para ella ? !

— Só ! affirmou em voz surda Gonçalo Peres, cravando na viuva um olhar afogueado.

Fez-se silencio. Por fim Ignez, tremula e pallida, murmurou :

— Então . . . e foi sahindo. O bandeirante deu volta á chave.

Á tarde, quando os negros voltavam do serviço, em silencio, elles que costumavam chegar cantando, evitaram passar junto do pelourinho, como se não quizessem vexar a companheira que ali estava exposta affrontosamente. Raros indios, alguns reinoes foram curiosamente vêr, mas não se aproximaram — uns espiavam por entre os mattos, outros passavam de longe e lançavam um olhar commiserado á victima que se conservava de cabeça baixa.

Á primeira badalada do sino Gonçalo Peres ordenou que a soltassem. Logo que a negra se viu livre, com os pulsos vincados e doloridos, mal podendo tomar as roupas para vestir-se, sendo necessario que Feliciano lhe prestasse auxilio, caminhou penosamente para o alcáçar pedindo para falar ao senhor. Gonçalo Peres recebeu-a na varanda onde passeiava sòsinho. A negra tentou ajoelhar-se, as pernas, porém, fraquearam-lhe e, indo a amparar-se com as mãos, tal foi a dôr que sentiu nos pulsos que não poude abafar um grito e cahiu de bruços. Gonçalo Peres ajudou-a a levantar-se e a escrava, por entre lagrimas, disse de novo, erguendo os braços para o céu :

— Meu senhor, pelas pancadas da Ave Maria, por esta hora de Deus, juro outra vez que estou innocente.

O bandeirante manteve-se calado e a negra continuou :

— Agora, meu senhor, eu queria pedir á vameê para me deixar sahir. Eu não tenho coragem de ficar aqui, depois desse castigo, o primeiro que houve em Pirapora. Eu nunca dei motivo de queixa, fazia o meu serviço e cuidava do meu filho, todos me respeitavam e agora, meu senhor ? até as crianças vão rir de mim, porque me viram núa. Nem no valongo eu passei por essa vergonha. Eu peço ao meu senhor, por alma de minha senhora, que me deixe sahir. Eu vou procurar trabalho e volto para trazer a meu senhor o preço da minha liberdade. Mas aqui, meu senhor, aqui não posso ficar, depois do que houve e não quero enganar meu senhor. Se meu senhor não me deixar sahir eu me mato.

— E para onde vais ?

A negra atirou o braço num gesto abandonado :

— Por ahi, meu senhor, hei de achar trabalho.

— Mas tu não sabes que os dragões apanham todos os negros que encontram nas estradas ? Queres ser presa como mocambeira ?

A negra baixou a cabeça sem murmurar e o bandeirante, depois de uma pausa, disse :

— Se queres sahir para que te não vejam os escravos, porque receias que zombem de ti, escolhe um sitio na floresta e faze ali a tua morada ; podes ter a tua roça e ficarás sempre protegida, sem que tenhas de baixar os olhos diante de quem quer que seja. Vai e Damião irá comtigo para ajudar-te.

A negra curvou-se procurando beijar a mão do bandeirante, gesto a que elle se oppoz :

— Vai. Podes partir amanhan de madrugada para escolher o sitio e tudo quanto precisares para a tua installação levarás daqui. Castiguei a criminosa de hoje, quero recompensar a boa escrava de hontem.

— Meu senhor, eu estou innocente. Um dia vamcê ha de vêr a verdade.

— Bem : vai !

Posto que muito se commentasse o castigo de Genoveva, com o correr dos dias o incidente foi esquecido e a vida reentrou na monotonia costumeira. Um só homem andava agitado em Pirapora : era Manuel Ferrão.

Pensava em Jacob e com o odio mais acceso no coração porque o bandeirante, depois da scena horrivel do pelourinho, como se o responsabilisasse por tudo, déra para tratá-lo reservadamente, mal respondendo ás perguntas que lhe dirigia, estava ansioso por se vêr na posse do philtro que devia aniquilar o detestado chefe.

As manchas provocadas pela primeira dóse desvaneciam-se. Ignez que, diariamente, examinava o corpo e fazia-se examinar pelas duas moças, exultava vendo que, aos poucos, lhe sumiam da pelle branca as feias cyanoses. Ferrão pouco se preoccupava com isso — pensava apenas em Jacob.

Todas as manhan ia até a massaranduba, examinava os cantos, batia os mattos circumvisinhos, porque o negro podia, por não o haver encontrado, ter escondido o vidro entre as folhas : tudo em vão, nada havia. Lembrou-se de ir á floresta, mas não sabia onde ficava a caverna em que o feiticeiro se alojara e, depois do que lhe havia succedido com a

pintada na clareira, evitava, tanto quanto podia, a visinhança da selva. Estava impaciente; viam-no sempre de sobr'olho carregado, resmungando, e como não havia mais serviço nos paióes, passava os dias caminhando solitariamente ou, sentado á sombra das arvores, açacalando as suas armas.

Uma manhan, porém, chegando á massaranduba, viu um pedaço de panno encardido amarrado a um dos galhos dos que se derreavam sobre a caiçára: era o signal. Jacob devia voltar na noite desse dia. Se foi grande o jubilo do reinol, maior se lhe tornou a impaciencia. De espaço a espaço levantava os olhos para vêr em que altura andava o sol, acompanhava a marcha das sombras na terra, estranhava que demorassem tanto com o jantar, buscava meios de distrahir-se. Pensou em dormir. Subiu para o quarto, mas não lhe foi possivel conciliar o somno, obcecado com a idéa de possuir o precioso elixir. Agitado, frenetico, passou o dia inquieto, indo e vindo, ás caminhadas longas ao sol. Mas a luz foi amortecendo. Chamaram-no para jantar.

Precipitou-se: não que tivesse fome, mas porque lhe parecia que, emquanto estivesse á mesa, as horas correriam com mais pressa. Mas teve ainda de esperar muito tempo e só quando o alcáçar, apagado, cahiu em silencio, poude sahir vagarosamente, cuidadosamente, dirigindo-se para a massaranduba.

A noite estava favoravelmente escura, posto que os vagalumes andassem aos milhares scintillando e houvesse estrellas no céu. Se elle não conhecesse o caminho, ter-se-ia perdido muitas

vezes. A pouco e pouco, porém, foram-se-lhe os olhos acostumando com a escuridão e já divisava.

Quando chegou á grande arvore, curvando-se como se tivesse de passar sob alguma abobada, poz-se a chamar baixinho, estendendo os braços ás apalpadellas:

— Jacob! Jacob!

Ninguem respondia. Corujas piavam e havia outras vozes lugubres, trillos que passavam como estremecimentos no silencio. Resfriava e a noite tornava-se cada vez mais negra e mais quieta, pavida e fechada.

O medo ia, aos poucos, penetrando-o; voltava-se de repente, de olhos muito abertos, fitos na sombra; levantava nervosamente um pé como se houvesse sentido nelle a passagem de algum animal e, quando tocou com as mãos os páus da caiçára, recuou aterrado, arquejando e ficou algum tempo hesitante, num estado de canceira e sempre os trillos daqui, dali, e sempre as corujas com o grasnado agourento, de espaço a espaço.

— Jacob! Jacob!

Não estava. E se outro tivesse posto ali aquelle signal!? A idéa de uma traição foi-lhe crescendo no espirito e uma scena tragica passou-lhe pela imaginação: O negro surprendido na matta, confessando tudo, inclusive a combinação do signal, e alguem atando ao ramo da arvore o panno encarnado para attrahi-lo á cilada. E se estivesse alguem por ali...

Gonçalo Peres...!? Procurou a faca encontrando-a na cinta, sacou-a e deu alguns passos, de olhos baixos, procurando vêr nas moutas que os

vagalumes iam pontuando de fogo. Nas lagôas proximas os sapos gargarejavam.

— Jacob! Jacob!...

Seguiu, de novo, curvado, braços estendidos, procurando a caiçára. O coração batia-lhe com força, tinha a bôca secca, tremiam-lhe as pernas. Azas estalaram no ar. Levantou a cabeça, com os cabellos eriçados, suando frio. Quedou á escuta. A coruja gargalhou sinistramente. Estremeceu e, assombrado, ficou sem movimento, de bôca aberta, olhos escancellados. Apertava a faca e, apesar do esforço que fazia para mover-se, não podia levantar os pés como se os houvesse enterrado, movia apenas a cabeça, de um para outro lado, afflicto.

O halito sahia-lhe em silvos. Como para acompanhar-se pôz-se a falar baixinho:

— Não vem. Vou-me embora. Que fico fazendo aqui?

Moveu-se, mas á lembrança de tornar por aquelles caminhos desertos deteve-se de novo, desanimado.

— Ah! Jacob! Uma occasião tão boa...!

Afastou-se das hervas altas. Um cão ladrou longe, no terreiro. Quem seria? Voltou-se para o lado do alcáçar e mal distinguiu o vulto da immensa e pesada construcção que a treva encobria. Esperou. O cão ladrou de novo, mais perto, como se viesse correndo na direcção do ponto em que elle se achava. Precipitaram-se-lhe as pancadas do coração, um fremito gelado percorreu-lhe a espinha. Com os dedos crispados apertou a faca, prompto para lutar, mas o cão ladrou muito

longe, para os lados da roça. Ia embainhar a faca quando ouviu um ruido como de folhas seccas pisadas:

— Jacob!

Não teve resposta, mas o ruido persistia mais proximo. Os paus da cerca rangeram.

— Jacob!

— Nhô! respondeu o negro, quasi num sopro.

— Ah! Jacob! que demora! exclamou ainda tremulo, avançando para a caiçára.

— Uai, nhô, mecê pensa qui remedu tá fêto? leva tempo. Agóra nhô pódi cumeçá. Nhô vai dandu divagarinhu módi zêri não dicunfiá, dá um dia dêxa passá doi. torna a dá. Nhô vai vê cumu remedu prendi sinhô, cumu remedu tira fala i vai cabandu divagarinhu qui nem duença di Deu.

— E como devo dar, Jacob?

— Naua. Bóta naua, nhô, obra duma cuié.

— E o gosto?

— Não tem gosto, nhô.

Estiveram ainda longo tempo conversando depois que o negro fez a entrega do philtro. Ferrão narrou miudamente tudo quanto se havia dado em Piapora: o apparecimento das manchas, o crime attribuido á Genoveva, o castigo da negra e a sua subsequente retirada, os máus olhares do bandeirante que já não o tratava com a mesma affabilidade com que dantes o distinguia; referiu-se ás escapadas da india, que passava os dias inteiros na floresta.

— Poranga? perguntou o negro sobresaltado.

— Sim, mas! appareceo no alcáçar.

O feiticeiro riu baixinho e, depois de curto silencio, perguntou por Catharina.

— Depois do desapparecimento do filho nunca mais a vi. E, a proposito: como te arranjaste com o pequeno?

— Imaé?

— Sim.

— Eh! nhô... Imaé pesava muntu, cutô levá elli. Fô divagarinhu i piquenu cordô co friu di matta i gritô. Antonci quandu cunheceu eu ficô sombradu i fô um trabaião modi dá co' Zêri ni cova. Murequi era taludu, nhô, tinha força di homi i mêdu dá munta força.

— E como conseguiste?

— Uai, nhô... fô levandu Zêri divagarinhu i quandu chegô ni cova fogu já tava hi, panella já tava ni fogu. Juntô Zêri, marô mão, marô pé i sangrô ni veia.

— E os gritos?

— Huê! Quem é qui tá lá modi uvi gritu? só onça, disse e riu. I Cathirina, nhô?

— Não sei.

— Zêri aranja otru; riu de novo maliciosamente. Um gallo cantou longe. Vai, nhô, gallu tá cantandu. Jacob tá mortu, precisa pruvêtá restinhu di nôti. Vai!

— Não precisas de nada?

— Jacob tem turu, nhô; farta Poranga. Vai, nhô, i cumeça tratamentu di sinhô. Jacob vai isperá Poranga. Adeu, nhô.

— Adeus!

O negro moveu-se lentamente; as folhas estalaram e elle foi-se resmungando.

— Tu enxergas ?

— Vagalume tá hi, nhô.

Esteve algum tempo encostado á caiçára. A alegria de possuir o philtro, que lhe ia dar, não só riqueza como poderio, fez com que desapparecesse o medo que lhe constrangia o coração.

— Ah ! meu amigo, vamos vêr agora quem é mais forte: tu com todos os teus colonos ou eu que tenho apenas a meu serviço um velho negro. Vamos, meu grande senhor de selvas! meu nobre aventureiro! meu destemido destruidor de tabas, sertanista intrepido e grande batalhador! Vamos agora medir as nossas forças: tens tudo, eu nada tenho senão isto—defende-te.

Caminhava, falando como se se dirigisse a um interlocutor, delle apenas visivel. Perto da fonte parou, abaixou-se e, concheando as mãos, apanhou um pouco d'agua que sorveu sequiosamente.

Uma garóa, fria e densa cahia, dando um tom cinzento á noite, estrellada de vagalumes que erravam como fagulhas na fumaça.

— São horas ! disse caminhando para o alcáçar em passos apressados.

Quando chegou á porta deteve-se um instante e um suspiro de desafogo sahiu-lhe do peito desoppremido.

— Agora sim, meu amigo, estamos frente a frente.

Entrou, fechou suavemente a porta e subiu.

Na manhan seguinte, muito cedo, procurando Ignez, deu-lhe parte do que se passara na vespera.

A viuva, recebendo os frascos e as instrucções relativas á dosagem, empallideceu porque, apesar

de tudo quanto lhe dizia o amante, pensava sempre na possibilidade funesta de ser surprendida em flagrante pelo irmão que era severo e que, de certo, não lhe perdoaria o crime. O reinol, porém, sempre que a via fraca, desanimada, agarrava-a aos beijos e com palavras ternas, inflammando-lhe a sensualidade, conseguia reanimá-la submettendo-a passivamente á sua vontade nefanda.

De posse do philtro, pôz-se Ignez a rondar o quarto do bandeirante e, logo que o viu sahir, depois de o haver visto desapparecer para lá da caiçára, correu á bilha d'agua e verteu a quantidade de veneno que lhe fôra determinada, começando logo, ella mesma, a limpeza e o arranjo do aposento; mas como lhe batia sobresaltado o coração, que immensos receios lhe attribulavam o espirito! Foi um dia tormentoso para a sua alma. Quantas vezes esteve para voltar ao quarto e deitar fóra a agua, não porque se preoccupasse com o soffrimento do irmão, mas pelo medo que tinha de que desconfiando, chegasse ao conhecimento da terrivel verdade, vingando-se cruelmente.

A casa, em silencio, aterrava-a. Ia á cozinha, procurava a companhia dos escravos, atordoava-se; o medo, porém, crescia com a aproximação da noite. Que seria della? Manuel Ferrão, logo que tornou á casa, fez-se encontradiço com ella, logo a interrogando ansioso:

— Então?

— Já.

— Na agua?

— Sim.

— Está bem,

Á mesa do jantar o bandeirante manteve a mesma reserva que tanto irritava o reinol. Debalde elle procurou conversá-lo. Gonçalo Peres respondia por monosyllabos, sem levantar a cabeça.

— Parece que vamos ter chuva.

— Parece...

E, mal terminava a refeição, sahia para a varanda onde ia brincar com a filha, pedindo-lhe novas da oncinha, recommendando-lhe que lhe falasse para que não fizesse tanto rumor á noite, porque a féra, como se o instincto lhe apuasse a braveza, urrava, de quando em quando, nas horas altas, assanhando os cães, assustando o gado que respondia de longe com mugidos de pavor. Poranga explicava.

— *Tobyra* tem saudade. *Tobyra* chora.

A onça, que não deixava a india e a criança, ouvindo o seu nome, rosnava baixinho, corcoveando o dorso aos afagos, roçando-se por ellas. Ferrão, que não via sem receio o animal, posto que tivesse provas constantes da sua brandura, evitava a varanda quando a via estirada, com a cabeça entre as patas ou esfregando o focinho, a lavar-se, como dizia Ignez.

Nessa noite, porém, Gonçalo Peres recolheu-se mais cedo e, como a féra não apparecesse, o reinol foi occupar a cadeira na varanda. Ignez acompanhou-o.

A noite negra, tempestuosa, não deixava vêr nada á distancia senão a chamma de uma fogueirinha no terreiro que avermelhava o vulto hirto do pelourinho. O vento silvava e ouvia-se o estrondo das ramarias violentamente sacudidas. A viuva

aproximou-se do reinol e, debruçando-se á balaustrada, disse em voz que elle mal poude ouvir:

— Ah! Manuel... que medo!

— Hein? medo! tu? Medo de que?

— Medo que elle descubra.

— Ora ! como ha de descobrir? Descança, Jacob não é tolo, vais vêr. Tambem desconfiavas do primeiro remedio.

— Sim, mas o primeiro tomámo-lo nós todos e esse agora . . .

— Queres, talvez, que o tomemos tambem?

— Não digo isso, mas elle ha de desconfiar. Podiamos deixar passar algum tempo. Tanta pressa assim póde prejudicar-nos.

— Deixa-te disso. Agora é tarde para tornarmos atraz, nem podemos estar a adiar o que tem de ser. Não percamos tempo e, quanto ao receio, esquece-o, vai dormir tranquilla e, se fizeste o que eu disse, has de vêr como, em pouco tempo, estamos senhores de tudo isto.

— Sim... mas creio mesmo que elle já desconfia de nós.

— Por que?

— Não sei. Mas já não é o mesmo para mim, evita-me, olha-me com raiva; ás vezes chego a pensar que me examina. Tenho até vergonha.

— Quem sabe se descobriu ! exclamou o reinol sobresaltado.

— O que?

— A tua gravidez...!

Os dois fitaram-se em pavido silencio e tão perto um do outro que os halitos confundiam-se.

— Quem sabe! exclamou por fim a viuva.

— E se elle falar-te...? se interrogar-te!? Não lhe digas que é meu, ouviste? Não lhe digas...

— Como! A quem hei de attribuir então?

— Não, não lhe digas que é meu.

— Hei de dizer que é de algum indio ou de algum negro, Manuel..?

— Ha outros reinóes ahi. Ha outros... Não lhe digas que é meu. Isso não; será a nossa perda.

— Mas porque, Manuel? porque?

— Não, que é meu, não! Meu não!

A viuva baixou a cabeça e, se o reinol lhe pudesse vêr a face, daria pelas lagrimas grossas que escorriam em dois fios longos; e nada mais disseram. Ella afastou-se lentamente e Manuel Ferrão, preoccupado com o que ouvira, levantou-se e foi encostar-se á balaustrada e olhava vagamente, com o espirito amotinado, quando ouviu passos na varanda, passos lentos, leves, como de alguem que chegasse sorrateiramente. Voltou-se e foi tal o seu assombro que, agarrando a mãos ambas a balaustrada, esticando-se, poz-se a tremer com olhos immensos, fitos — *Tobyra* estava diante delle, olhando-o.

Esteve para saltar a balaustrada, lembrou-se, porém, que a onça podia segui-lo e, como estava desarmado, repelliu a idéa. Resolveu, então, domá-la pelo afago, mas ante a attitude hostil do animal, que sacudia a cauda, com os grandes olhos faiscando como brasas, não ousava aproximar-se. De repente ouviu um ronco surdo, estremeceu, ia gritar, quando *Tobyra* se deitou de flanco flagellando o solo com a cauda. Cosendo-se, então, com a balaustrada, veiu caminhando vagarosamente e pas-

sou sem que a féra fizesse o mais leve movimento. Quando se achou na sala respirou alliviado; tomou um gole d'agua e recolheu-se ao quarto.

Tres dias depois já o reinol andava preoccupado por não haver effeito algum do remedio que o feiticeiro tanto preconisara. Vinha ainda muito longe a manhan quando do seu leito, onde rolara insomne, pensando no futuro afortunado que ia conquistando com tantos crimes, ouviu rumor de passos e de vozes e viu luzes. Sentou-se na cama, avisado pelo coração, e esperou ansioso ; mas o silencio cahiu de novo. De repente tres pancadas rapidas chamaram-no á porta. Saltou da cama precipitadamente, sabendo, pelo bater, que era Ignez quem ali estava e, entreabrindo a porta, antes que visse a viuva, ouviu-lhe as palavras :

— O mano está passando mal, com muitas ansias. Mandou chamar-me.

— Vai . . . vai . . .

— Já estive com elle.

— E então ?

— Está soffrendo muito. Acho que se deve fazer alguma coisa, ao menos para não desconfiarem.

— Sim, de certo ; e não lhe saias do quarto. Agora é necessario apparentar. Vai. Eu vou vestir-me e, olha : manda chamar-me por alguma das negras.

Mal fechou a porta, em grande alegria, pôz-se a esfregar as mãos, indo e vindo descalço. Abriu a janella que olhava para a floresta — a nevoa, muito branca, fluia acotonada ; o cheiro silvestre embalsamava a brisa fria ; ovelhas balavam e, de espaço

a espaço, um touro levantava no silencio a voz atroadora.

— Ora graças! exclamou, debruçando-se á janella. Ora graças! e já não é sem tempo: as coisas estão tomando feição compromettedora. Ignez mal póde esconder o volume do ventre e, se elle dá pela historia, ha de ser difficil desconvencê-lo das minhas relações intimas com ella. É preciso agir, é preciso agir.

Bateram á porta. Deixou-se estar á janella, posto que houvesse ouvido. Bateram de novo:

— Quem é?

— Eu, nhô.

Era uma negra, vinha chamá-lo em nome de Ignez para ir vêr o senhor.

Vestiu-se ás pressas e caminhou para o quarto do bandeirante, ainda illuminado por duas lampadas de cobre.

Gonçalo Peres caminhava de um a outro extremo do quarto, angustiado.

Poranga refazia a cama, Ignez amornava uma tisana, mexendo-a com a colher. Uma negra defumava o aposento.

O reinol, com muita humildade, fingindo grande interesse, interrogou o bandeirante sobre a molestia.

— Não sei que é; estou passando mal desde hontem. Já á noitinha, depois do jantar, senti fortes dôres no estomago, tonteiras e enjôo. Attribuo a frutas que comi na roça. Estavam quentes do sol, fizeram-me mal.

— Mas que sente?

— Colicas... colicas desesperadoras.

— Se pudesse repousar um pouco, passar pelo somno...

— Qual! não consigo dormir. Só sinto allivio passeando.

Vendo o reinol, Poranga pôz-se a resmungar na sua lingua e do que ella dizia elle apenas percebeu o nome de Parajára. Que diria a tamoya? Teria suspeitado alguma coisa? Não, se tal se désse, certamente ella previniria o bandeirante. Não suspeitava, não podia suspeitar. Ignez apresentou a tisana que Gonçalo Peres bebeu em dois tragos, deitando-se, em seguida, a conselho da irman.

Para a tarde foram abrandando as dores e o enfermo adormeceu tranquillamente. Poranga não lhe deixou o quarto, deitando-se em uma esteira junto á porta com a pequenina Selva. Ao amanhecer o incommodo reappareceu com mais violencia e Urú foi chamado ás pressas. O agigantado indio entrou no quarto e, vendo o senhor abatido pelo soffrimento, franziu o sobr'olho. Chegou-se ao leito, e, depois de lento exame, sahiu para buscar as hervas com que entendia poder curar a molestia terrivel. Manuel Ferrão apparecia de quando em quando e Ignez raramente se afastava do quarto, solicita e afflicta, sempre a lembrar remedios e fomentações.

Quando se espalhou a noticia da enfermidade do bandeirante fez-se uma romaria para o seu quarto — negros, indios e reinoes queriam visitá-lo e o doente a todos recebia animando-os com promessa de prompto restabelecimento; a alguns mesmo falava de uma proxima expedição ás terras goyanas.

Uma noite, já tarde, o alcáçar dormia quando romperam gritos no terreiro:

— Ismael! Ismael!

Gonçalo Peres estremeceu na cama e Poranga levantou-se sobresaltada, o ouvido á escuta. Os cães puzeram-se a ladrar desesperadamente e *Tobyra* rugiu.

— Ismael! Ismael!

— Vai lá fóra, Poranga. Vai até á varanda, ordenou o bandeirante. É possivel que a onça tenha atacado alguem. Vai!

A india sahiu a correr e Ignez, que tambem ouvira os gritos, como se o remorso lhe houvesse mordido a consciencia, entrou pelo quarto pallida e assustada.

— Ah! mano. É a negra que perdeu o filho. Anda como louca pelo terreiro a gritar.

— Catharina?

— Sim.

— Pois não havia desapparecido?

— Voltou. Está Ali. Ouve...!

Fóra a mesma voz afflictissima continuava a gritar:

— Ismael! Ismael!

— É preciso mandar recolhê-la. Não ha ninguem no alcáçar?

— Ha lá em baixo dois indios.

— Pois que vão buscá-la, que a recolham.

Tobyra rugiu de novo e a sua voz formidavel dominou o ladrido dos cães que arremettiam contra a louca, mas Manuel Ferrão appareceu no quarto armado, offerecendo-se para buscá-la.

— Não, vão os indios, disse Gonçalo Peres e

Ignez, como se quizesse deixar os dois homens sós, sahiu com uma lampada para despertar Urú e Goah que dormiam em baixo, no antigo quarto de Genoveva.

O reinol, logo que a viuva partiu, conhecendo todos os cantos do quarto, encostou-se á mesinha onde costumava ficar a bilha e, cuidadosamente, foi tirando do bolso o frasco que recebera de Jacob e que só confiava á Ignez quando ella tinha de preparar a dosagem.

Ultimamente, porém, como a india não deixava o quarto e era quem fazia a limpeza e mudava a agua dos vasos, difficil se tornara o preparo, de sorte que o reinol, não querendo perder occasião tão favoravel, foi tratando de verter na agua a quantidade indicada, pouco mais, pouco menos. Do leito, de altas cabeceiras, o bandeirante não podia vêr o traidor que a penumbra do quarto protegia ; mesmo Gonçalo Peres, ou porque sentisse somno ou para não fitar o homem detestado, fechara os olhos e ficara immovel como se dormisse.

Não foi difficil a Manuel Ferrão levar a cabo a sua perfidia e muito mais tempo podia ter consumido porque não havia ali ninguem. Quando Ignez reappareceu, elle disse baixinho, de modo, porém, que o bandeirante ouvisse, porque bem sabia que estava acordado :

— Devagar, devagar que elle está passando pelo somno.

Mas Gonçalo Peres abriu os olhos e, dando com a irman perguntou :

— Então ?

— Já os mandei.

— E falaste para que a recolhessem com cuidado ?

— Sim, recommendei.

— Mas que tem ella, afinal ?

— Creio que está louca.

— Olha, manda que m'a tragam aqui.

— Aqui, mano ! ?

— Sim, quero vê-la .

— Agora ! ?

— Então ? Que tem ? Manda que a tragam aqui.

Fóra, Catharina gritava enfurecidamente :

— Quero Ismael ! meu filho ! Meu filho, gente ! Uê ! pois não hei de procurar meu filho ? ! Me deixe ! . . .

A voz aproximava-se e Gonçalo Peres ordenou de novo :

— Manda que tragam aqui. Quero vê-la.

Poranga appareceu commovida e, ainda á porta, disse :

— É Catharina, senhor.

— Tragam-na !

A india, apesar de estranhar a ordem, sahiu para cumpri-la. Pouco depois Urú e Goah entraram conduzindo Catharina.

Era mais um espectro que uma criatura viva : quasi núa, porque apenas tiras de andrajos esvoaçavam sobre o seu corpo, viam-se-lhe os ossos sob a pelle arranhada pelos espinhos silvestres ; as mamas flaccidas, compridas, badalhocavam-lhe no arcabouço, os olhos immensos, desvairados, rolavam dentro das orbitas como dois tigres enjaulados ; os cabellos hispidos estavam crivados de gravetos.

Entrou assombrada, com a mão estendida, pedindo a benção. Fascinada pela claridade intensa do aposento, fechou os olhos, passou a mão por elles, depois abriu-os de novo, olhando todos os cantos, fitando todas as pessoas e os grandes dentes branquearam descobertos por um triste sorriso. Logo, porém, baixinho, de olhos no chão, um dedo na bôca, balbuciou :

— Ismael !

Ergueu a cabeça e avançou para o leito com os olhos flammejantes, os braços estendidos :

— Ismael, meu senhor . . . Ah ! meu senhor . . . Ninguem sabe de Ismael e, contando pelos dedos magros : matta não sabe, rio não sabe, pedra não sabe, buraco do monte não sabe. Onça braba não sabe. Ninguem sabe. Quê dê Ismael, meu senhor ? E, inclinada, deixando cahir os braços abandonadamente, disse : Ninguem sabe ! foi-se embora. Ismael foi-se embora.

Levantou um pé e mostrou a sóla gretada :

— Pé tá assim. De quê? de caminhar . . . de caminhar, meu senhor. Eu via agua, perguntava ; eu via monte, perguntava ; eu via bicho, perguntava. Ninguem viu. Para onde foi Ismael, meu senhor ?

Fitou o bandeirante, como se esperasse uma resposta e, depois de largo silencio, repetiu desanimada :

— Ninguem viu, meu senhor. Que é que eu fico fazendo aqui ? P'ra que é que meu senhor me quer ? Mãi sem filho, p'ra quê ? Nhãsinha não está ahi então ? Sinhá está contente . . . Que é que eu fico fazendo aqui sem meu filho ? Não, eu vou buscar Ismael.

Deu volta e, quando todos esperavam que sahisse, viram, com espanto, a negra levantar os braços acima da cabeça e sapatear, cantando na sua lingua nativa um canto tristonho, endeixoso e terminou com uma gargalhada sinistra, derreando-se, batendo no chão com as mãos espalmadas. Todos acompanhavam-lhe os movimentos commovidamente. Ferrão parecia insensivel áquella grande dôr porque, emquanto a attenção dos mais se prendia á desventurada, elle sacudia a mesinha para que a bilha se agitasse de modo que o toxico se misturasse á agua.

— Não tens fome, Catharina ? A negra pôz-se a coçar os braços magros, resmungando, sem dar pela pergunta do senhor. Elle tornou : Não tens fome, Catharina ?

Ella sorriu e escancellou a boca, mergulhando nella o indicador ; depois, com o mesmo dedo, acenou negativamente.

— Ah ! meu senhor . . . seis annos ! Andava, falava, era o meu companheiro. Tão pequenino, meu senhor, seis annos ! Fugiu-lhe do peito um suspiro maguado. Seis annos ! Onde eu ia elle ia . . . Meu filho !

Escondeu o rosto nas mãos e rompeu em soluços.

— Levem-na. Dêem-lhe comida e roupa.

Rompia a manhan, as luzes tornavam-se lividas quando a negra foi retirada do quarto do bandeirante. Sahindo todos, ficaram apenas acompanhando-o Ignez e Poranga e elle, que guardara demorado silencio, exclamou por fim, preoccupado :

— Mas que terá acontecido ao pequeno ?

— Foi devorado, com certeza, por alguma féra. Ha tantas nessas mattas

Poranga levantou a cabeça e disse atrevidamente :

— Na matta não ha féra nenhuma. Só ha uma e essa está aqui.

Ignez fitou-a, empallidecendo e, sopitando a colera, disse :

— A tua onça.

A india repetiu :

— Está aqui. A onça não faz mal, é mansa.

— Ha, então, outra ?

— Está aqui ! repetiu a india.

A viuva não se poude conter, deu uma volta e, rompendo em pranto, pôz-se a bramar :

— Ah ! tambem é de mais ! Tambem é de mais ! Agora você ouviu, mano. É sempre assim . . . Depois dizem que eu é que ando a provocar questões. Vive esta criatura sempre com indirectas. Féra por que ? Que faço eu ? Isso tambem é de mais, não hei de estar aqui exposta a desaforos de escravos e de criados, isso tambem não !

— Mas Poranga não falou comtigo, mana,

— Não falou commigo . . . O mano dá sempre razão aos seus colonos. Não falou commigo . . . Pois se ella não se refere á onça, a quem se refere então ?

A india fitou-a novamente e sorriu. Gonçalo Peres, então, forçado a intervir, reprehendeu-a :

— Que é isso, Poranga ?

A tamoya avançou até o meio do quarto e estendeu o braço mostrando pela janella aberta, ao

frescor e á luz da madrugada, a floresta que emergia da bruma, dizendo :

— Poranga vai partir, Poranga é livre. Parajára não tarda, Poranga vai partir, senhor fica. Poranga vê, Poranga escuta.

Ouvindo a india, Ignez empallidecia e tremia. Gonçalo Peres fez-lhe signal para que se retirasse ; a viuva, porém, receiosa de que a tamoya descobrisse o segredo terrivel, não se moveu.

— Vai, mana, disse elle com meiguice ; vai repousar um instante.

Ella quiz insistir, dando, porém, com o olhar do irmão, não se atreveu e sahiu aterrada, ansiosa pelo amante. Queria preveni-lo, certa de que a india descobrira o segredo do crime e ia denunciá-los ao bandeirante. Bateu á porta do quarto de Ferrão e, como o reinol apparecesse, ella poude apenas dizer :

— Estamos perdidos !

E cahiu redondamente no chão.

Ouvindo a exclamação da amante, o reinol vacillou como se o sólo lhe houvesse fugido debaixo dos pés e, com todo o sangue no coração, amparou-se ao umbral da porta livido, os olhos dilatados, boquiaberto com uma horrivel expressão de espanto. Tremiam-lhe os labios, nada, porém, lhe sahia da bôca, posto que forcejasse procurando chamar alguem. Rapida, porém, foi a perturbação e, acalmando-se, depois de haver inspeccionado o corredor deserto, Ferrão tomou nos braços fortes o corpo de Ignez, atravessou a distancia que o separava do quarto da viuva e, rapidamente, metteu o joelho na porta que, estando apenas encostada, ce-

deu ao violento impulso indo bater com estrondo d'encontro á parede.

Entrou, depoz o corpo na cama e sahiu. Fóra deteve-se um momento pensando:

— Que fazer se fôsse accusado? Se lhe puzessem diante dos olhos todas as provas do crime? Negaria. Como poderiam demonstrar ter sido elle o autor do philtro se, novo na terra, nem conhecia a lavoura quanto mais as hervas damninhas de que se serviam os negros para as suas mandingas. E não fôra elle tambem victima de maleficio como ainda provavam as manchas que tinha no corpo? Quem lhe daria o feitiço se elle não tinha ligações na colonia, que o detestava? Podia attribuir o crime a Genoveva como desforra da affronta que soffrera, dando ainda como prova o facto de se haver a mesma retirado para a matta, onde operava mancommunada com alguem; ou á Catharina, fazendo constar ser a sua loucura simulada, rebuço apenas para andar solta e trabalhar livremente, sem despertar suspeitas, vingando, assim, a morte de Ismael.

Pensou rapidamente e resolveu negar com energia. Baixou a cabeça, esteve alguns instantes meditando e deu de hombros como se houvesse resolvido affrontar todos os supplicios insistindo sempre na negativa. Em ultimo caso fugiria. Mas não convinha esconder-se — não devia ser procurado como criminoso, devia apresentar-se calmo e indifferente como se de nada a consciencia o accusasse. Com tal resolução caminhou direito ao quarto do bandeirante. Justamente Poranga sahia e á india, posto que lhe não passassem despercebidos os mo-

vimentos do reinol, escapou, nesse momento, a palidez da face e o tremor que lhe agitou o corpo violentamente, mas foi instantaneo e logo, readquirindo a tranquillidade, perguntou em tom macio :

— Como vai elle ?

A india lançou-lhe um olhar de desprezo e sorriu sem resposta. A colera do reinol não transpareceu. Humildemente adiantou-se até á porta e ia bater quando a india, voltando-se, intimou-o severamente :

— Não bata !

— Porque ? Então não lhe posso falar ?

Sem responder, a india media-o com o olhar faiscante. Era bem a selvagem, a mulher bravia da floresta, escrava do seu furor e bella. Só então o lusitano poude admirá-la e desejou-a.

Accendeu-se-lhe no sangue uma furia sensual diante daquella rapariga bronzeada e ardente, de olhos negros, de cabellos fortes, de labios carnudos, tão differente das formosuras brancas e languidas do seu paiz ; e não foi fingida a ternura com que de novo lhe dirigiu a palavra :

— Então não lhe posso falar ?

A india deu um passo á frente e, mais perto delle, sem descerrar os labios, sem lhe arredar os olhos do rosto, parou em attitude ameaçadora como se o desafiasse. Elle foi de novo com os dedos dobrados para bater, ella, porém, num salto agil, agarrou-lhe a mão e sacudiu-a :

— Vai ! Poranga guarda senhor. Poranga vê tudo. Poranga sabe de tudo. Puxou-o violentamente pelo braço afastando-o da porta e disse falan-

do-lhe quasi ao rosto, tão perto que elle lhe sentia o halito morno e perfumado :

— Poranga sabe de tudo. Poranga, de noite, fica de tocaia na sombra como o cangussú e Poranga vê quem passa devagarinho e caminha para o quarto que a luz marca e entra sahindo quando os tucanos começam a cantar nas arvores. Poranga vê. Senhora não tarda a ser mãi. Poranga podia dizer a senhor, mas senhor está soffrendo. Poranga sabe de tudo, e Poranga ha de dizer.

— Mas porque me falas assim ? Que fiz eu ?

— Poranga vê no escuro.

— E que tem visto Poranga ?

A india, como assombrada do cynismo do reinol, repelliu-o :

— Vai ! Senhor está dormindo. Vai !

O reinol conservou-se immovel e o olhar que lançou á selvagem disse tudo quanto a sua sensualidade não traduzia em palavras. Então, a tamoya, como sentida do ultrage d'aquelle homem, deu-lhe as costas e, entrando no quarto, bateu com a porta violentamente.

— Dá-me agua, Poranga.

Era a voz do bandeirante. Ferrão ouviu distinctamente e o tom calmo com que foi emittida convenceu-o de que o desgraçado nem sequer suspeitava de que lhe serviam a morte.

E, tranquillo, já esquecido da scena que tivera com a india, partiu vagarosamente pelo corredor e a phrase do enfermo : « Dá-me agua, Poranga » soava-lhe alegremente aos ouvidos.

Ah ! podiam saber das suas visitas nocturnas, podiam acompanhá-lo, que o vissem entrar no

quarto de Ignez, que o vissem sahir . . . « Dá-me agua, Poranga » que lhe importava o resto se aquella phrase, ouvida por acaso, bastava para reanimar-lhe o coração ? « Dá-me agua, Poranga » e, cantarolando baixinho, desceu para o terreiro.

Noite alta. Poranga velava contemplando Selva que dormia quando um rouquejo resoou no quarto silencioso. Levantou a cabeça, pôz-se á escuta e ouviu distinctamente um como estertor de estrangulamento. Ergueu-se e, aproximando-se do leito mal alumiado pela chamma tibia da lampada, recuou horrorisada, com um grito. O bandeirante, cuja cabeça havia escorregado do travesseiro, debatia-se afflicto, balançando o corpo, com a bôca escancellada, os olhos desmedidamente abertos e assombrados. De instante a instante um rónquido escapava-lhe da bôca e os olhos rolavam afflictos procurando o rosto da india que parecia petrificada ; por fim avançou e, ajoelhando-se junto do leito, pôz-se a perguntar, entre carinhosa e aterrada, aos arrancos :

— Que tem, senhor ? Que tem, senhor ? Senhor não fala ?

Um balbucio indistincto foi a resposta de Gonçalo Peres como se a lingua se lhe houvesse desprendido e rolasse molle dentro da bôca.

— Senhor não póde falar ?

Elle acenou negativamente com a cabeça, sempre com os olhos nella, agitando ora um braço, ora outro, mas sem os poder levantar.

— Mas que tem, senhor ? Como foi isso ? Tomou-o delicadamente e, chegando-lhe os travesseiros para as costas, deu-lhe apoio para conservá-lo sentado. Elle continuava immovel, a bôca aberta, babando ; de vez em quando um ansiado suspiro fugia-lhe do peito. Poranga accendeu outras lampadas, tornou esperançada ao leito ; vendo, porém, que o senhor não se movia, desceu ao quarto dos indios para chamá-los. Não estavam, haviam pernoitado fóra como costumavam fazer nas noites calmas. Lembrou-se então de bradar, mas hesitou algum tempo. Já em meio do corredor deteve-se. Como havia de ficar sózinha com o senhor naquelle estado ? E se elle morresse ? Resolvida, bateu á porta do quarto da viuva :

— Quem é ? perguntou Ignez sobresaltada.

— Poranga.

— Que é ?

— Senhor está mal.

— Ah ! meu mano ! exclamou a viuva e, entreabrindo a porta, em camisa, perguntou com voz de choro :

— Que tem elle ?

— Está mal, disse a india, cujos olhos perspicazes haviam descoberto a sombra dum homem muito alto, tremendo na parede com as oscillações da luz.

— Vou já, Poranga. Vou já ; podes ir.

A india tornou pelo corredor e, quando entrou no quarto, viu a pequena Selva, que acordara, de pé diante do leito, a olhar o pai espantada. Duas grossas lagrimas escorriam pela face abaçanada do valente sertanista e, quando a india entrou, como

se não quizesse que ella lhe visse o pranto, elle começou a agitar-se, esforçando-se para levantar o braço como para limpar as lagrimas.

— Papai não fala, Poranga, disse a criança. O bandeirante cravou nella os olhos humidos. Porque, Poranga ? Porque é que elle não fala ? Que tem elle ?

A india não achava resposta e via-se embaraçada quando bateram á porta.

Era Ignez. Entrou a correr, desgrenhada e, atirando-se de joelhos á beira do leito, tomou uma das mãos do enfermo, perguntando, afflicta :

— Que é isso, mano ? Que é isso ? Que tem você ? Ah ! meu Deus, elle não fala ! Que será ! Tambem num lugar como este sem recursos, que ha de fazer uma criatura . . . ? E Manuel que não vem !

— Aqui estou ? Póde-se entrar ? perguntou de fóra o reinol.

— Entra, disse Ignez, e Manuel Ferrão atravessou o limiar da porta, indo direito ao leito do bandeirante. Fitou-o sem uma palavra.

— Olha como elle está, disse Ignez. Não fala . . . E, levantando os olhos para o amante, viu-lhe na physionomia a expressão dum mal encoberto contentamento. Que se ha de fazer ?

Elle encolheu os hombros dando algumas voltas pelo quarto. Sahiu um instante, e, se alguem o visse fóra, na penumbra, com as mãos juntas, os olhos elevados, diria que implorava a graça de Deus para o desgraçado ; mas não — agradecia a sua victoria. Depois tornou ao quarto e, juntando-se á Ignez, ficaram como as serpentes que, vin-

do de Tenedos, travaram o sacerdote Laocoonte nos aneis constrictores.

E Gonçalo Peres, tolhido, olhava-os como assombrado.

VII

A CAVERNA DA MATTA

Baldados foram todos os esforços de Urú. Gonçalo Peres estava perdido : era uma alma encarcerada. A paralysia não só lhe havia ankylosado os membros como até lhe prendera a palavra ; apenas os olhos viviam agoniadamente. Para ir de um lugar a outro, dois negros possantes carregavam-no em uma cadeira.

Com a molestia do bandeirante começou a decadencia de Pirapora. Alguns colonos reinoes despediram-se, negros desertaram. Poranga e Selva não deixavam o enfermo e *Tobyra* com elles, brincando, a rugir, a rebolcar-se mordicando carinhosamente as mãos da menina. E o paralytico contemplava-as mudo, ás vezes com os olhos arrasados de lagrimas.

Manuel Ferrão apparecia pouco no quarto e Iguez atroava os salões do alcáçar sempre a ameaçar os escravos.

Uma manhan. descendo ao terreiro, Poranga viu uma negra amarrada ao pelourinho. Feliciano fôra substituido por um benguela de nome Felix que se alliara ao reinol. Os escravos tremiam ao vêrem-no apparecer armado de rêlho, com um facalhão á cinta.

O reinol resolvera impôr-se pelo terror e, como receiava os indios, ia tratando de alliciar sequazes para rechassá-los, caso se revoltassem no dia em que elle tivesse de tomar posse do alcáçar. Felix ia attrahindo os mais valentes com promessa de liberdade e ainda parte nas riquezas accumuladas nos paioes. Tão brando era o benguela para os que se bandeavam com elle quanto era cruel para os que se mantinham fieis ao bandeirante. Uma manhan, perfilavam-se os negros a um lado e os indios a outro, feitorados pelo gigante Urú, quando Felix fez sahir da fórma um rapazola e, arrancando-lhe a camisa, começou a zurzi-lo barbaramente. Não tardou a reçumar o sangue dos lanhos que o rêlho ia abrindo nas costas do infeliz, cujos gritos chegaram ao alcáçar, tanto que o reinol appareceu á janella, olhou e, como se a scena lhe agradasse, debruçou-se para acompanha-la. O rapaz, não podendo mais suportar as dores, atirou-se de joelhos aos pés do carrasco, agarrando-se-lhe ás pernas a implorar. Uma velha negra sahiu da fórma de mãos postas, pedindo por elle. Felix atirou-a ao chão com um murro e brandiu de novo o rêlho, mas uma voz forte trovejou intimando-o a suspender o castigo.

O negro voltou-se orgulhosamente, lançando um olhar de desafio para o lado dos indios dando com Urú, de pé, apoiado á macana. Os dois feito-

res olharam-se atrevidamente; o negro, porém, sorriu e, encolhendo os hombros, brandiu de novo o rêlho, antes, porém, que o couro chegasse ao corpo da victima, o carrasco rolou no terreiro a uma punhada formidavel do gigante das selvas.

Manuel Ferrão bradou da janella do alcáçar e o negro, vendo-o, recobrou animo. Ergueu-se lesto e, arrancando da cinta o facalhão, arremetteu, mas a uma cajadada, a arma voou tinindo, com a lamina partida. O indio, então, agarrou o adversario pela garganta e o foi levando até á borda duma barreira. Receioso de perder o seu mais fiel alliado, o reinol bradou da janella excitando os negros contra Urú.

Alguns investiram, outros, mais por obediencia, acompanharam-nos, os indios, porém, vendo o seu chefe ameaçado, precipitaram-se aos brados e travou-se uma luta feroz entre os dum e doutro bando, emquanto Urú, sem dar attenção á refrega, estrangulava o feitor á beira da barranca, donde o arrojou quando o corpo amolleceu de todo. Brandindo, então, a clava formidavel, metteu-se entre os negros e quantas vezes levantava a arma tantos eram os negros que rolavam em terra mortos ou molestados.

Ferrão, no mais acceso da luta, correu ao quarto do bandeirante aterrado, annunciando a revolta e os assassinios que os indios commettiam capitaneados por Urú.

O bandeirante lançou um olhar afflicto a Poranga e a india, comprehendendo, disparou a correr. Não contente, porém, Manuel Ferrão chamou as escravas domesticas e, ajudado por ellas, sentou

o bandeirante na cadeira e levou-o á varanda, certo de que, logo que o vissem, os indios deixariam de perseguir os negros, que já fugiam espavoridos, temendo os golpes do gigante. Mal o haviam deixado no ponto mais visivel da varanda Iguez, que fôra despertada pelo rumor crescente do combate, appareceu pallida e tremula, no desalinho em que se levantára, tendo apenas vestido uma saia leve e coberto o collo com uma toalha.

O bandeirante, dando com a irman, estremeceu e, pallido, assombrado, cravou-lhe os olhos no ventre que apparecia volumoso, accusando o crime que, durante tanto tempo, escondera. Nem se occupava com a luta que Poranga conseguia ir dominando, posto que ainda indios enfurecidos corressem em perseguição de negros. Seus olhos andavam do ventre para o rosto da irman e esse olhar inquisitorial não passou despercebido a Ferrão, mas o reinol não se preoccupou:

— Que podia fazer o paralytico?

A viuva, livida, desviava os olhos, evitando os do irmão e, quando os indios, em massa, correram para a varanda seguindo Poranga e Urú, para fugir áquellas duas brasas vivas, ella retirou-se, acenando a Ferrão e, num canto, torcendo as mãos, exclamou desesperada:

— Ah! Manuel, elle viu! Elle viu! Com o medo nem me lembrei de vestir-me e elle viu!

— Que tem! repontou o reinol. Elle com a vista nada nos póde fazer... até eu divirto-me com isto. Pensas que me não hei de vingar? Ah! não fico no remedio, aquillo é mais a vingança de Jacob: a minha ainda não teve a sua vez.

— Pois ainda queres fazer mais? perguntou a viuva penalisada.

— Como não? E os maus tratos? e as grosserias? e os dias que aqui passou sem me dirigir palavra? e os vexames a que me sujeitou? Pensas que esqueço? não! hei de vingar-me tambem, ha de chegar a minha hora.

Mas as vozes dos indios attrahiram-no.

— Espera, preciso estar lá; e sahiu para a varanda.

Urú explicava ao bandeirante a origem da luta, accusando Felix; depois mostrou Goah ferido, chamou outros indios e fez vêr ao senhor as cicatrizes que tinham, mas jurou que não guardava resentimentos nem permittiria mais que os seus companheiros perseguissem os negros.

Poranga então falou-lhes:

— Que vissem o senhor, tivessem pena delle, lembrando-lhes o juramento que haviam feito diante do cruzeiro, sobre a sepultura de Genora.

Os olhos de Urú percorreram rapidamente a varanda e, como não vissem Selva, o indio, para affirmar o juramento que fizera, suspendeu a clava e disse:

— Menina...

E os indios, num clamor, levantando os braços.

— Menina!

Foi grande o numero de feridos entre os negros, muitos ficaram no terreiro escabujando em sangueira, outros fugiram receiosos de novo ataque dos indios. Debalde Poranga os chamou — abalavam aterrados e poucos ficaram em Pirapora.

Afortunamente Parajára chegou com a sua gente e grande foi a commoção do tamoyo quando viu o senhor tolhido: lagrimas correram dos olhos do indio e dos olhos do bandeirante. Poranga sentiu grande allivio quando viu no alcáçar o esposo que tanto prestigio tinha sobre os indios. Podia, emfim, repousar, ella que passava as longas noites pervígila, de guarda ao enfermo e á criança porque, ainda que nada houvesse surprendido senão as relações clandestinas do reinol e da viuva, desconfiava de alguma coisa, não podendo explicar aquella molestia que tão rapidamente inutilisara o corpo do senhor.

Parajára tambem desconfiava e, com o seu instincto de selvicola, posto ao serviço do coração, começou a acompanhar todos os movimentos do reinol e da viuva ; elles, porém, presentindo a vigilancia dobrada, mesmo porque nada mais tinham a fazer senão esperar o resultado definitivo do philtro, até evitavam penetrar no quarto do enfermo, escolhendo, de preferencia, os momentos em que ali havia gente, de sorte que o indio, embora andasse sorrateiramente á noite pelos cantos, agachado como um tigre que tocaia a caça, nada poude vêr porque nem mais as visitas nocturnas se realisavam, entendendo os dois que era melhor esperar o desenlace e gosar tranquillamente do que tentar com risco uma aventura que lhes poderia ser fatal.

Effectivamente o bandeirante peiorava — ansias agitavam-lhe o peito; os olhos, na afflicção da dyspnéa, saltavam-lhe das orbitas ; abria desmesuradamente a bôca, agitava a cabeça e, quando

o soffrimento abrandava, era tão triste o olhar que lançava á filha, que o não deixava um instante que, quantos o cercavam, sentiam os olhos humidos.

Parajára, de braços cruzados diante do senhor, mordia os beiços, murmurando na sua lingua barbara. E o alcáçar entristecido, silencioso, parecia já uma casa onde houvesse entrado a morte.

Uma tarde, tarde triste de névoa, os indios frio-rentos accendiam fogos no terreiro, quando Goah, que afagava *Tobyra*, viu a onça levantar-se com o pello hispido, as orelhas fitas, rugindo surdamente. Seguiu a direcção do olhar da féra e viu, além da caiçára, certo vulto que mais parecia de um duende que de criatura humana. Os cães ladraram investindo, mas uma voz sinistra bramiu :

— Ismael ! Ismael !

Feliciano, o cafre, um dos poucos negros que haviam ficado em Pirapora, correndo do canto onde se achava, disse, já quando um dos indios atesava o arco para frechar :

— É Catharina ! Espera . . . !

E desceu a correr em direcção á caiçára. Era effectivamente a louca. Quasi núa, esqueletica, enrolada em folhagens, caminhava vagarosamente, pé ante pé, de gatinhas, quando o negro, alcançando-a, chamou-a:

— Catharina ! . . .

— Não faz bulha! Ismael está lá! Jacob está lá!

De cocoras apontou a floresta densa e escura, de onde parecia vir sahindo a noite.

Indios e negros chegaram e Parajára, attrahido pela curiosidade, desceu tambem até á cêrca, che-

gando justamente no momento em que a negra dizia :

— Jacob está lá.

— Jacob morreu. Jacob está enterrado perto da fonte, Catharina.

A negra encarou o tamoyo e meneou com a cabeça negativamente, dizendo de novo :

— Jacob está lá. Coração de mãi não se engana. Ah ! tenho chorado muito, tenho ! mas o prauto ainda não apagou a luz dos olhos. Jacob está lá. Eu vi! Jacob está lá, mora na grota. Catharina caminha que nem onça. Catharina viu Jacob ; Jacob não viu Catharina. Ah ! Ismael ! Ismael ! Foi elle que matou Ismael ! De repente, num grande desespero, repuxando os cabellos, bramiu lancinantemente : — Ismael !

Parajára, commiserado, levantou-a do chão e, piedosamente, a foi levando até ao alcáçar. Mas os gritos da negra incommodavam o bandeirante. Resolveram, então, transportá-la para uma das cabanas, fizeram lume para aquecê-la e Poranga cobriu-lhe o corpo.

A negra não dava attenção ao que faziam, repetindo sempre :

— Jacob está lá, Jacob está lá. Catharina viu. Foi Jacob que matou Ismael.

Ninguem lhe deu credito ás palavras e, no dia seguinte, de manhan, quando a procuraram, havia desapparecido.

Parajára, querendo reorganisar o serviço, entendeu-se com Feliciano para que, não sómente levantasse o animo dos negros que, por haverem recebido ferimentos no conflicto, tinham, por im-

possibilidade de fugir, ficado na colonia, como ainda procurasse chamar os desertores, que, alta noite, famintos, vinham rondar a caiçára ou invadiam as roças, devastando-as. O cafre, porém, pouco conseguiu, porque não podia sequer aproximar-se dos foragidos que, mal o sentiam, tomando-o como inimigo, desappareciam a correr mettendo-se nos mattos.

Manuel Ferrão concentrava-se temendo o indio que tomara arbitrariamente o governo de Pirapora, indo, todas as tardes, como dantes, ao soar da Ave-Maria, dar conta ao bandeirante de tudo que fizera durante o dia. O enfermo, cujo mal se aggravava dia a dia, escutava o indio, mirando-o com olhos gratos, sem mover-se entretanto, aprisionado pela paralysia.

Fez-se a colheita e recolhido todo o producto da lavoura, os colonos descançaram por algum tempo, emquanto as chuvas alagavam as terras, preparando-as para a nova sementeira. O reinol, como se evitasse a casa, apesar do tempo aspero de bátegas e ventos, sahia, de quando em quando, em longos e demorados passeios, passando fóra dias e dias, com grande cuidado de Ignez que receiava uma vingança dos indios naquellas cerradas mattas, onde os crimes ficavam para o sempre ignorados, visto que ninguem ousava penetrá-las, corridas como, então, eram por bandos de quilombolas, aos quaes se haviam ajuntado os desertores de Pirapora.

Poranga, essa não temia a floresta. Como já não tinha necessidade de guardar o senhor, sabendo que Parajara não o abandonava, saudosa do arvoredo,

sahiu uma manhan com Selva e *Tobyra* e internou-se. Era o tempo aromal da florecencia. Recendiam os meandros da matta, sonora do constante gorgeiar dos passaros. As aguas manavam, defluiam limpidas, e os caminhos, ainda humidos das chuvas, amolleciam ao piso.

A india, apesar das palavras prudentes de Parajára, não limitou o passeio, antes o tornou mais longo, levada pela saudade que já a entristecia, attrahida pelo aroma silvestre como sempre encontrasse a solidão e o silencio, caminhava afoitamente, alegre.

Selva ia contente, colhendo flores, procurando frutos, enlevada no canto do passaredo e *Tobyra*, reconhecendo a floresta natal, como lembrando-se daquellas altas e frondosas arvores, farejava-lhes os troncos, sacudindo a cauda.

Já iam longe e começavam a sentir fadiga quando Poranga viu uma negra caverna, diante da qual havia um monte de cinzas e ramalho esparso. Toros adustos attestavam a presença de um ser humano que, sem duvida, era o senhor daquella habitação sombria. Receiosa de que houvesse dado no retiro de algum quilombola, a india pensava em voltar antes que o foragido que ali se homisiara tornasse da sua excursão.

Não tanto por ella senão pela menina receiava. Selva, porém, que não conhecia o medo, teimava em seguir a onça, que ia farejando a trilha entrante ao retiro e, já no limiar da caverna, com o pello eriçado, rugia, quando uma voz, sahindo das profundezas lugubres, fez com que as duas estremecessem :

— Eh ! eh ! Cumu é qui oeê anda di dia, bichu ? Vai-se imbora !

A india, apesar de intrepida, tremeu balbuciando :

— Jurupary ! . . .

Reconhecendo a voz de Jacob, julgava ter dado na caverna escolhida pelo espirito do feiticeiro para esconder-se durante o dia. Era dali que elle sahia, á noite, para perseguir o garimpeiro nos andurriaes e o quilombola nos antros ; era dali que elle saltava no lombo das onças ou dos tapires para correr a floresta, enchendo-a de gritos atroadores.

A india, supersticiosa, não se movia, de olhos cravados na caverna, de onde, de instante a instante, vinha um risinho tremulo. Subito a onça, como se houvesse visto alguma coisa estranha que a assombrara, deu um salto, rugindo, e veiu acolher-se á india, com os olhos enormes voltados para o retiro hediondo. O terror apoderava-se da criança, que começou a choramigar, agarrando-se á tamoya :

— Estou com medo, Poranga. Vamos voltar.

Mas a india parecia magnetisada, com os olhos presos á rocha bruta, aberta em desmarcada fauce enfestoada de hervas bravas. Pensava em fugir, ao mesmo tempo, porém, temia ser atacada á traição ao dar as costas á lura sinistra, e hesitava, tremendo, quando ouviu de novo a mesma voz rouca que tanto lhe recordava a do feiticeiro morto :

— Eh ! eh ! bichinhu . . . Êssi é bichinhu novu qui anda di dia . . . Êssi é bichinhu novu.

Depois a mesma voz cantou :

Venenu di serepenti,
Qui anda ni chão,
Podi mai dú qui denti
Di lião

E a voz aproximava-se, vinha lentamente chegando, e *Tobyra*, a mais e mais espantada, fitava a caverna, arrepellando o focinho, mostrando os dentes ameaçadores. Poranga, gelada, olhava quando, abrindo-se-lhe muito os olhos assombrados, um grito escapou-se-lhe da bôca :

— Jacob !

Effectivamente um negro curvado appareceu á entrada da caverna, firmado a um pau.

Quem o visse naquelle momento, encravado naquella moldura saxea, na sombra temerosa da floresta, com o cineral fronteiro á habitação, ossos branqueando esparsos no sólo, entre hervas e pedras, como restos de banquete barbaro, diria ter encontrado um retardatario das idades decorridas, um specimen do primate, um exemplar do homo speleo, senhor das cavernas, domador das féras possantes, que ali ficara esquecido pelos seculos, num segredo eterno, mal ousando apparecer ao sol para desentorpecer os membros ainda tranzidos dos intensissimos frios das épocas glaciaes.

Seus olhos pequeninos rolavam inquietamente nas orbitas devassando a floresta. Subitamente o negro estacou e firmou-se — levou a mão, em pala, ante os olhos e, franzindo a fronte, dirigiu o olhar para o ponto em que se achavam as temerarias e riu.

Poranga estremeceu e Selva desatou a chorar agarrando-se á india. *Tobyra* rugia, sem todavia

atrever-se a avançar, como se o olhar terrivel do feiticeiro a dominasse. E elle, sorrindo, veiu avançando, arrimado ao pau.

Nú, apenas com uma tanga em volta dos rins, caminhava vagaroso certo de que a presa não lhe fugiria ; dando, porém, com a onça enfurecida, que rondava as duas companheiras como se as defendesse, voltou-se tranquillamente e, mettendo dois dedos na bôca, tirou um silvo agudissimo, logo respondido por outro que sahiu, como um echo, do fundo da caverna e uma cobra negra, comprida e grossa, surgiu estacando no limiar da habitação pavorosa, a cabeça alta, os olhos coruscando, lançando a lingua bifida para um e outro lado, como um raio.

O negro estendeu o pau na direcção do ponto em que se achava *Tobyra* e a cobra, distendendo-se, soltou um silvo percuciente e arrojou-se. A onça rugiu e, antes que o desconforme reptil pudesse alcançá-la, cravando as unhas num grosso e tortuoso trouco, foi por elle acima com pavorosos miados, acordando o silencio florestal.

Poranga tremia abraçada á Selva que esperneava escondendo o rosto no seu collo quando o negro avançava. Num movimento agil a india ameaçou fugir, mas o feiticeiro parou, rindo sinistramente. Os rugidos de *Tobyra* tornavam-se mais desesperados. Os galhos estalavam vergando ao peso da *pintada* que andava por elles buscando fugir á sucury que, enroscada no tronco, insinuava-se por entre as folhas perseguindo-a.

— Ah ! Poranga . . . Não córe não. Oia, bichinhu córe mai qui ocê i bichinhu não pódi córê mai...

sucury deu nelle i cumpanhêra di sucury tá li ni cova. Jacob não pódi caminhá, Jacob tá véio, ma cumpanhêra di Jacob vai bucá Poranga.

A india tremia, relanceava em volta olhares pávidos, como se procurasse uma salvação, mas só via os poderosos troncos e os arbustos, de passos humanos nem signal. E quem se atreveria por tão invios caminhos ?

Tobyra continuava a rugir. De repente houve um baque: a onça arrojara-se das franças da arvore ao chão, mas a sucury, desenroscando-se repentinamente, colhera-a nos anneis constrictores. Já enleada, a onça poude ainda atirar um galão — a serpente distendeu-se elastica, depois, encolhendo-se, sempre com a cauda enroscada no tronco, veiu puxando a presa. *Tobyra*, com a lingua pendente, lançava os olhos desesperados para Poranga como a pedir-lhe misericordia. A india, banhada em lagrimas, avançou para o feiticeiro :

— Salva *Tobyra !* Salva *Tobyra*, Jacob ! . . .

Mas era tarde, a onça havia rolado e ouvia-se o estalo dos ossos que a sucury ia triturando. Os olhos da *pintada* saltaram esbogalhados, o sangue espirrava e o corpo amolleceu. A serpente foi, então, alargando os anneis, soltou-se da arvore e, formando uma grande espiral, escondeu o cadaver da companheira de Poranga e de Selva e dobrando a cabeça começou a lubrificá-lo vagarosamente.

O negro já estava junto de Poranga e, firmando-se á muleta, estendeu os braços para apanhar a pequena Selva, mas a india defendeu a criança com tal impeto que o feiticeiro não a poude arrancar. Sem desanimo, sempre sorrindo, disse :

— Poranga, dêxa criança. Jacob qué tirá zêri p'r'u bem. Oia bichinhu, Poranga. Qui á qui océ póde fazê ni matta cum Jacob, sinhô de turu ? Dêxa criança. Vem sê rainha di matta. Criança é fia di sinhô, sinhô trata genti sem caridade, sinhô tirô liberdade qui Deu deu a noss. Dêxa criança, Poranga ; vem sê rainha . . . E foi de novo com os braços para tomar Selva.

Sentindo-se tocada, a menina voltou a cabeça e, dando com o negro, tal foi o horror que lhe causou a vista do hamadryas que soltou um grito horrivel, desfallecendo nos braços da tamoya. Jacob, então, puxou-a com força, mas não podia arrancá-la dos braços de Poranga, que a defendia furiosamente, muda, com lagrimas a escorrerem-lhe dos olhos fitos no feiticeiro.

— Dêxa, Poranga, dêxa ! dizia elle em voz surda.

— Não ! exclamou á india. Não !

Jacob mirou-a e, de repente, lembrando-se de alguma coisa, disse, sorrindo :

— Péra ahi, Poranga ; péra ahi.

Puxou uma das pontas da tanga e, desfazendo um nó que nella havia, descobriu uma pasta avermelhada e humida. Lentamente tomou entre os dedos uma pitada e ia com ella para a india quando, d'entre as moitas visinhas da caverna, sahiu um vulto de mulher, envolta em frangalhos. Caminhava cautelosamente, agachada. Chegou até á entrada da caverna e espiou ; ouvindo, porém, ruido no lugar em que se achava o feiticeiro, voltou-se e Poranga, vendo-a de frente, não poude disfarçar um movimento de surpreza ; antes, porém, que o

negro a percebesse, já a mulher lhe havia lançado as mãos á garganta sacudindo-o violentamente. O feiticeiro rolou por terra de bruços com um ululo engasgado e a mulher, voltando-se, ajoelhou-se-lhe sobre o ventre e apertando-lhe a garganta, gritou-lhe ao rosto, violentamente contrahida pela agonia :

— Ismael ! Ismael ! Que dê Ismael ! ?

E, em furia, rangendo os dentes, trincou-lhe a face, arrancando a carne com a violencia com que as féras derriçam a préa ! O sangue espirrava, espadanava e a negra, cada vez mais irada, parecia querer escorchar o feiticeiro que, na agonia, debateu-do-se, cravava-lhe as unhas adunças nos flancos nús.

A negra, como se quizesse prolongar o soffrimento do feiticeiro, que ainda se movia, deixou-lhe a garganta, retirando os dedos peganhentos de sangue. A face descarnada contrahiu-se, moveram-se as palpebras, descerrou-se a bôca e a vingadora rugiu :

— Ismael ! Ismael ! Ah ! meu coração. Era assim que você estava debaixo da terra, negro mau ! Ah ! meu coração. Quê dê Ismael ? Fala, negro mau ! Quê dê Ismael ?

O feiticeiro regougou meneando com a cabeça horrivelmente ensanguentada.

— Que dê, Jacob ? Ah ! você não fala ! Espera !

O negro regougou de novo, ella curvou-se para ouvir-lhe as palavras nada, porém, percebendo, levantou-se agil e começou a varrer com um galho as folhas seccas que havia defronte da caverna, cercando com ellas o corpo do feiticeiro ; foi depois ao

cineral ainda fumegante, denunciando a existencia do lume, soprou a cinza e, descobrindo um galho em brasa, trouxe-o sorrindo e agachou-se de novo junto ao corpo do negro. Chegando então a brasa ás folhas resequidas, pôz-se a soprar perguntando, de vez em vez :

— Que dê Ismael, Jacob ? Que dê Ismael? fala, seu diabo !

Subitamente a chamma irrompeu, communicando-se ás folhas. Sentindo o queimor o negro estremeceu, procurando voltar-se de flanco ; a negra, porém, fincou-lhe o pé no ventre, forçando-o á primitiva posição :

— Fica assim, negro mau ! Uê ? é bom ? Você não é o matador de crianças ? Fica assim.

O fogo communicava-se ás folhas que cercavam o corpo : a negra, porém, antes que as chammas tomassem conta do feiticeiro, quiz ainda saciar-se e, com um graveto, pôz-se a vasar-lhe os olhos, escorvando-os, a dizer, como se cantasse :

— Ah ! negro mau . . . Agora você não ha de vêr mais as criancinhas para furtar; agora você não ha de vêr mais as criancinhas.

Prostrado, como estava, foi tão grande a dôr que o negro tentou levantar os braços e pronunciou algumas palavras que a louca comprehendeu, porque immediatamente lhes deu resposta :

— Ah ! Catharina ! . . . Você conhece ? É Catharina, sim, mãi de Ismael. É Catharina sim, negro mau.

O graveto chafurdava na orbita eusanguentada com um chapejo balofo. Mas as labaredas cresciam, já a carne rechinava quando Catharina se pôz de

pé para contemplar a sua vingança. O negro volvia-se, encolhia a perna, agitava os braços, e, por vezes, gemidos surdos sahiam-lhe do peito. Com ansia arredondava a bôca, soprava como se procurasse assobiar, quando Poranga, lembrando-se do signal com que elle fizera sahir da profundeza da caverna a sucury que trituara *Tobyra*, arrastando-a depois para as altas hervas, onde tranquillamente, talvez, a estivesse devorando, gritou á negra, avançando:

— Depressa, Catharina, depressa! não deixes que elle assobie senão as cobras vêm sobre nós. Depressa!

Ouvindo palavras taes a negra precipitou-se e, insensivel ás chammas, pôz-se a apanhar as folhas que ardiam, atirou-as á face do negro e recolheu quantas achou mais perto, escondendo a cabeça mutilada sob uma fogueira. O corpo a rebolear, a saltar, como o da jararaca quando cahe na fogueira, espalhando brasas e tições e Catharina, delirando, bailava, saracoteava em volta do fogareu crepitante.

Mas um silvo estridulo fez estremecer Poranga. A india lançou os olhos á caverna e poude apenas dizer:

— Foge Catharina! e, com Selva nos braços, muito apertada ao collo, partiu a correr. Vira á entrada da habitação do negro outra cobra, talvez maior do que a que estrangulara a onça. Corria, corria sempre, arquejante, sem voltar os olhos. Se os mattos farfalhavam, apesar de exhausta, precipitava-se, julgando-se sempre perseguida pela pavorosa companheira do feiticeiro. Já avistava, por

entre as arvores, o alcáçar quando ouviu um grito. Parou aterrada ; os braços já se lhe afrouxavam, tremiam-lhe as pernas, o suor escorria-lhe copiosamente da fronte. A vista da casa animou-a. Voltou os olhos e, antes que visse alguem, ouviu de novo o grito mais proximo — correu até á caiçára. Quasi ao chegar sentiu passos e o offego forte de quem vinha correndo desabaladamente. Voltou-se ainda uma vez e viu Catharina, andrajosa, esguedelhada como uma furia, com uma braçada de ossos. A negra corria e saltava — as mamas compridas e bambas palmejavam-lhe no peito escaveirado.

Poranga deixou-a passar e a negra, aos galões, chegou á caiçára e bramiu, esgueirando-se por entre os paus. Nesse instante Selva, que despertára, abriu os olhos e rompeu a chorar, aterrada, no collo da tamoya : atirou-lhe os bracinhos ao pescoço e, apertando-a, nervosa, pôz-se a gritar :

— Jacob ! Jacob ! Jacob ! Não ! Não ! Não !

Os gritos de Catharina repercutiram no terreiro; indios acudiram. O reinol e a viuva appareceram á janella e viram a negra, justamente quando ella atirava perto do cruzeiro a ossaria que trouxera da caverna da matta, dizendo com grande desalento :

— É de Ismael !

Com a chegada de Poranga espalhou-se a estranha nova e Urú, o mais incredulo de todos, porque fôra um dos que haviam enterrado o feiticeiro, indifferente ás palavras da louca, não acreditava tão pouco no que dizia Poranga e, para convencer-se, a pretexto de que deviam ir dar cabo das sucurys, propoz uma expedição á matta, na manhan seguinte.

Manuel Ferrão quiz offerecer-se para acompanhá-la; a viuva, porém, lembrando-lhe o odio de Parajára, dissuadiu-o e, no dia seguinte, ao romper d'alva, numeroso bando de selvagens, sob o commando de Urú, partiu guiado pela tamoya. Parajára ficou no alcáçar acompanhando o bandeirante, cujo soffrimento aggravava-se de dia em dia.

Seguindo a india, poz-se o bando em marcha, chegando, ao pino do sol, ao sitio da caverna. Urú, posto que Poranga lhe falasse das sucurys, levava tamanha curiosidade de vêr o corpo do feiticeiro que não deu attenção ás palavras da tamoya e, logo que descobriu o novello de fumo que subia, fino e azul, por entre as ramas, avançou pressuroso, apartando os galhos entrecruzados que fechavam os caminhos, deteve-se, porém, junto de uma grande arvore, levantando a mão para que os companheiros fizessem alto e, recuando, poz-se a atesar o arco a todo pulso. Vira a grande sucury — era a companheira da que havia devorado *Tobyra*; estava enrodilhada diante da fogueira, com a enorme cabeça levantada, como se montasse guarda ao cadaver que o fogo lento ia queimando.

A frecha partiu uivando seguindo-se-lhe violento estardalhaço. A serpente debatia-se, rabeando, colleando, dilatando-se, encolhendo-se, lançando a cabeça de um para outro lado, como se procurasse o inimigo que a ferira. A novo aceno do gigante correram os indios e, tomando differentes posições nos montaes circumvizinhos, frecharam o monstro que, apesar de crivado, lutava desesperadamente, ora enroscando-se nos troncos, ora esticando-se na terra e contorcendo-se. Vendaval que passasse sacudindo

o arvoredo não levantaria tamanho rumor como o que fazia a serpente aos saltos, escabujando, atirando botes desesperados ao espaço. Novas frechas zuniram e a serpente, como se quizesse fugir, voltou-se para a caverna ; mas tão mal ferida estava que não se poude arrastar e ficou rebolando no mesmo lugar, atirando a cabeça, silvando. Por fim estirou-se e ficou immovel, como morta.

Goah, mais ousado que todos, foi por entre os mattos cautelosamente, com um machado e escondeu-se esperando um momento propicio para cahir de chofre sobre o monstro e acabá-lo. O ophidio arquejava. Subitamente, um indio, em salto agil, machado erguido, achou-se junto do animal e, sem lhe dar tempo a investir, desfechou-lhe um golpe cerce decepando-lhe a cabeça. O corpo desconforme enroscou-se todo e, nas contorsões em que se debatia, esmagava arbustos, sacudia as arvores mais frageis. Pouco a pouco, porém, foi-se aquietando, esticou-se e, só a cauda movia-se lentamente dum para outro lado, varrendo o sólo.

Urú então deixou a tocaia, correndo logo ao cineral onde jazia o corpo do feiticeiro. Arrastou-o e, apesar de horrivelmente deformado, não foi difficil ao indio reconhecê-lo.

— Então ? perguntou Poranga.

— É Jacob ! disse Urú pensativo, com os olhos no medonho cadaver ; e os indios que o cercavam confirmaram :

— É Jacob.

— Mas como é, Poranga ? Eu enterrei Jacob, disse o gigante. Goah está ahi que viu. Eu enterrei

Jacob. Como é que elle está aqui ? Como veiu elle da cova para esta caverna ?

— Não sei, disse a india. Elle está ahi.

Então um velho indio avançou e disse em tom oracular :

— Jacob andava com o corupira. Jacob andava com o corupira. Foi o corupira que desenterrou Jacob.

— E agora ? Agora ?

— Que é que tem ?

— Vamos vêr a caverna.

— Não ! exclamou Poranga, oppondo-se ; ha ali animaes peçonhentos, sahiram dali as sucurys, essa e a outra que matou *Tobyra*.

— Onde está ? perguntou Goah. Para onde foi ?

— Ella hontem ficou por aqui, disse a india, levando o intrepido selvicola por um caminho coberto de frondoso arvoredo.

Numa clareira a sucury, enroscada a um raio de sol, dormia tranquillamente.

— Ah ! essa está molle ; comeu, está molle, disse o indio ; e saltou sobre o monstro, desfechando-lhe um golpe de machado.

A serpente, empanturrada, movia-se com lentidão e, ferida, longe de arremetter, enrodilhou-se. Como escondesse a cabeça, o indio feriu-a de novo, repetindo os golpes, e o animal, sem resistir, pesado e moroso, talhado em differentes partes, deixou-se matar covardemente ou porque o primeiro golpe lhe houvesse tirado os movimentos partindo-lhe a espinha ou porque a digestão o tornasse pesado. Quando o valente caboclo lhe atirou a ulti-

uma machadada, a serpente não fez o mais leve movimento.

Urú, sentado, com o rosto nas mãos, fitava o cadaver do feiticeiro quando Poranga o chamou:

— Vamos!

— Vamos! disse elle erguendo-se. E partiram.

VIII

Os alliados

Já não havia esperança de salvar o bandeirante, esperava-se, a todo o momento, o desenlace fatal e, como os capatazes da colonia preoccupavam-se mais com o senhor do que com o serviço, a herva começou a repontar no terreiro onde o gado pastava á vontade. Manuel Ferrão andava afreimado.

Depois da morte de Jacob cresceram-lhe os cuidados e, como Ignez, sentindo aproximar-se o tempo de dar á luz, não o deixasse importunando-o com queixas, sempre chorosa, a falar em castigos do céu, sahia de manhan com um ligeiro farnel e só tornava ao alcáçar ao cahir da noite, recolhendo-se immediatamente ao seu aposento.

Parajára, que o detestava, parecia satisfeito com a sua ausencia, mas receiava alguma traição, e, como não deixava a companhia de Gonçalo Peres, falava a Poranga na lingua nativa, ainda assim baixinho para que Selva, sempre agarrada ao pai, não pudesse ouvi-lo:

— Que irá elle fazer na matta todos os dias?

— Não sei, Parajára. Esse homem é mau.

— Se Goah pudesse espreitá-lo . . .

— Goah é fraco e o homem branco é forte.

— Más o coração de Goah é mais forte do que o do homem branco.

Uma noite, porém, já o alcáçar cahira em silencio — havia luz apenas no quarto do bandeirante, — quando Feliciano appareceu, pé ante pé, procurando Parajára. O indio cochilava, encolhido a um canto, mas despertado por Poranga levantou-se logo, acudindo ao chamado do cafre. Fóra perguntou:

— Que é?

— Vem commigo. Genoveva está na cabana. Quer falar com você . . .

— Commigo? Genoveva . . .?

— Sim, Genoveva, repetiu o cafre.

O terreiro alvejava ao luar. Os dois foram seguindo calados até á cabana do cafre, uma das ultimas, perto da caiçára, na parte fronteira á roça. Alguns indios dormiam ao relento; outros cantavam, á meia voz, melancolicamente.

Não havia na cabana outra luz senão a da lua que não chegava ao fundo. Logo que entraram o cafre, guiando o indio, chamou mysteriosamente:

— Genoveva.

— Eh! Feliciano, respondeu a negra da sombra em que se occultava; guiados, porém, pela voz, os dois logo a encontraram.

— Parajára está aqui.

— Deus te salve, Parajára.

— A nós todos, respondeu o indio.

— Fala, Genoveva, ordenou o cafre, pondo-se de cocoras a um canto, firmado nas pontas dos pés, com os cotovellos nos joelhos.

— Como vai senhor, Parajára ?

— Senhor está com a morte perto, Genoveva. Senhor não vê a outra lua.

— E menina ?

— Menina soffre, mas menina vive.

— É preciso ter cuidado, Parajára. Menina tem inimigo, inimigo de menina caminha perto della, dorme perto della. É preciso cuidado, Parajára.

— Inimigo de menina ! exclamou o indio.

— Inimigo de menina.

— Homem branco ! exclamou arrebatadamente o indio.

— Elle mesmo, Parajára.

— Quem te disse, Genoveva ?

— Damião.

— E como foi que elle soube ?

— Homem branco disse.

— Conta, Genoveva.

E a negra, baixando a voz, poz-se a contar :

— Damião estava lenhando no matto quando o homem deu com elle e foi chegando até ficar juntinho, bem perto; sentou-se e puxou conversa. Falou de senhor, falou de menina e, como Damião não respondia, foi falando, falando e Damião quieto. De tarde, quando veiu para casa, Damião me contou tudo, dizendo que o homem parecia não gostar do senhor nem da menina e que lhe havia perguntado se não tinha raiva de senhor por causa do meu castigo. Eu, não sei porque, falei a Damião que, se elle lhe perguntasse outra vez se gostava

de senhor, dissesse que não, que falasse mal delle. Damião fez assim e apanhou tudo, Parajára.

O indio chegou-se mais para a negra, como se receiasse perder uma só das palavras reveladoras, e Genoveva continuou:

— A matta está cheia de quilombolas, negros que fugiram d'aqui e negros de longe; o homem branco vai ter com elles. Na caiçára, perto da massaranduba, todas as noites fica uma arma que os negros vêm buscar e já ha muitos armados. Pelo que disse a Damião eu sei que, logo que o senhor feche os olhos, elle porá um signal na casa grande e os negros, sahindo do matto, cahirão sobre vocês não deixando um só vivo, e o homem branco tomará conta de Pirapora e, como menina é dona de tudo, ha de procurar acabar com ella para ficar senhor da fortuna. Damião é do bando e foi Damião mesmo que me mandou aqui para avisar. Menina corre risco, Parajára.

O indio rangia os dentes contendo a colera a custo e, com voz surda, perguntou:

— Quantos são os negros, Genoveva?

— Ah! Parajára, a matta está cheia e sempre chegam outros. É raro o dia em que não apparece algum. Que podia elle fazer com vinte e poucos indios contra os temiveis quilombolas?

Levantou-se murmurando, chegou até á porta da cabana, logo, porém, tornou ao fundo agitado. Só uma idéa lhe surgira no espirito: matar o reinol, pensando, porém, em Selva, rugiu desesperado. Que seria da menina?! Ainda com a morte d'aquelle covarde estaria ella a salvo no alcáçar? E os negros, vendo-se desprovidos do que lhes costu-

mava fornecer o reinol, resignar-se-iam á vida precária na matta? Se elle, ao menos, pudesse sahir, facil seria alliciar companheiros para a defesa do alcáçar, mas como deixar o senhor naquelle estado? Como abandonar a casa ameaçada pela horda que já lhe rondava as immediações? Fugir... Tal idéa, por ser covarde, repugnava ao tamoyo. Não, ficaria até o ultimo momento defendendo a casa; custasse-lhe embora a vida, ficaria!

A negra levantou-se para partir, mas o indio embargou-lhe o passo perguntando:

— E Damião, Genoveva?

— Damião? Que tem Damião, Parajára?

— Ha de deixar que a filha da senhora morra?

— Damião é meu filho, Parajára e eu jurei á senhora defender a menina. Quando fôr preciso, Damião estará perto da menina.

Assim falou Genoveva e sahiu para a noite logó desapparecendo. O indio só então lembrou-se do cafre e, chegando-se a elle, exclamou:

— Então, Feliciano?!

— Fimbo de Feliciano é seguro, disse o negro. Mas como podemos fazer frente ao mundo que vem ahi se, todos juntos, não chegamos a trinta?

— Lutaremos até á morte, Feliciano.

— Até á morte, repetiu o negro tranquillamente. Parajára, cujo sangue fervia, sahiu. Logo que chegou ao alcáçar, tratou de procurar o reinol, mesmo a Ignez perguntou por elle e, a viuva estranhou as maneiras do indio, sempre tão brando quando lhe falava e desconfiou de que alguma coisa lhe houvesse chegado aos ouvidos atilados. «Não sabia» respondeu. O indio rugiu e, apesar da

hora adiantada, correu toda a casa debalde porque Manuel Ferrão não tornara da matta. Communicando a Poranga o segredo da conspiração, a india tremeu:

— E então, Parajára?

— É preciso defender a menina.

A india baixou a cabeça sem responder e os dois caminharam para o quarto do bandeirante. Gonçalo Peres, estirado na cama, parecia adormecido quando os dois indios entraram. A lampada dava uma luz tremula e triste. Poranga debruçou-se sobre o enfermo e, vendo-o quieto, tornou em passos subtis para junto de Parajára. Selva dormia a um canto, sobre uma alfombra de pennas.

— Está dormindo, disse a india e sentou-se ao lado do esposo.

O tamoyo, sempre preoccupado com o que lhe dissera Genoveva, suspirava de quando em quando, mettendo a mão pelos cabellos:

— Ah! Poranga!

— Coitado de senhor! Desde que aqui chegaram estas criaturas a paz fugiu. Nunca houve castigo em Pirapora antes delles virem, depois... Genoveva soffreu no pelourinho e houve revolta e houve doenças. Para mim essa molestia de senhor é coisa desse homem.

— Acreditas, Poranga?

— Tenho certeza. E não é só elle o preverso, a irman de senhor tambem, que vive com elle. Eu vi, Parajára. Ella está com filho e é delle. Elles matam o senhor e hão de querer matar a menina por causa da fortuna.

Os olhos do indio fuzilaram.

— Menina ha de viver, Poranga. Menina ha de viver.

— Não aqui, Parajára.

— Menina ha de viver ! affirmou de novo o indio. Ainda vinha longe o dia quando Parajára deixou o quarto sahindo cautelosamente com uma candeia.

Orvalhava. No terreiro a bruma era tão densa que mal se avistavam as arvores a dois passos e o indio seguia por entre as hervas molhadas em direcção á casa das armas, cuja chave possuia. Dali, por certo, não havia o reinol retirado um mosquete, nem uma adága, nem um machado. Podia ter fornecido aos negros as poucas armas que havia fóra para o uso diario dos que trabalhavam na roça, dos que iam á caça, não aquellas que apenas sahiam quando se organisavam as expedições. Metteu a chave na porta ; a lingueta, enferrujada e dura, rangeu e o indio entrou levantando a candeia para que a claridade chegasse ao fundo do immenso salão.

Lançando os olhos ás paredes, baixando-os ao solo, teve o indio tamanha surpreza que, a tremer, quasi deixou cahir a candeia que sustentava alta, vendo tudo vazio. Nem mais uma arma. Espadas, mosquetes, foices, adágas, lanças, tudo havia desapparecido. Mas por onde, se a chave estava em seu poder, se elle nunca a confiara a outrem ? Por onde ? !

Pôz-se a correr os cantos cuidadosamente, minuciosamente e, ao fundo, viu uma escada. Erguendo a candeia e desconfiado de que o reinol descia

pela coberta de palha, foi subindo e, empurrando a palha, notou que ella cedia facilmente.

— Ah! rugiu, fechando o punho; e, de novo, seus olhos correram todo immenso salão despojado. Que havia elle de fazer assim desarmado? Como resistir aos quilombolas que esperavam o signal na floresta, rondando a casa? Pensou em Urú. Mandaria o gigante, á pressa, contractar gente nos arredores: havia garimpeiros que andavam pelos andurriaes, eram bravos e generosos; havia indios a poucas leguas, indios irmãos, que, por certo, não se negariam desde que lhes promettessem dadivas. Para isso, porém, era necessario que Urú sahisse incontinente e que não perdesse um instante na viagem. Mas Urú era um dos mais bravos, a sua falta seria sensivel no caso dos negros atacarem o alcáçar. Que fazer? Se fôsse Goah!! O jovem selvicola andava mais ligeiro na floresta e era mais sagaz que o gigante. Sim, Goah. Mandaria Goah!

E, com essa idéa, sahiu, não sem primeiro ter olhado o salão, que o reinol, criminosamente, desguarnecera para prover o seu bando.

Vinha a manhan rompendo ennevoada e fria; já andavam indios pelo terreiro e Parajára, soprando a candeia, dirigiu-se á cabana de Urú para pôr o gigante ao corrente dos factos e combinar com elle os meios de defenderem o alcáçar ameaçado. Poranga, que ficara acordada, foi varias vezes até junto do leito do bandeirante e, vendo-o sempre immovel, tornara á esteira onde Selva dormia tranquillamente. Desconfiada, porém, daquelle somno tão calmo do senhor, a india, que lhe ouvia todas as noites o offego, voltou a examina-lo. Estava quieto,

de olhos fechados, os braços estendidos ao longo do corpo. Curvou-se para sentir-lhe o halito : não respirava ; pousou-lhe a mão sobre o peito — o coração não batia e um frio de morte inteiriçava-lhe o corpo. Afflicta, a india pensou em gritar, chamando alguem ; mas como esperava Parajára, resolveu nada fazer antes da chegada do marido. Foi á porta, entreabriu-a : a casa estava em silencio. Tornou ao leito, sacudiu o bandeirante — estava morto.

— Ah ! meu senhor ! cahiu de joelhos ; e ella, tão forte, desatou a chorar com a cabeça no beiral do leito em que jazia o heróe de tantas expedições atrevidas, o homem ousado que não temia a féra nem os genios da floresta, que devastava as tabas, que incendiava as mattas abrindo caminho atravéz das chammas com os seus homens, quando o inimigo, mais numeroso, ameaçava vencê-lo. Ali estava o heróe subjugado pela morte perfida, e acabara sem, ao menos, ter junto do seu leito, no momento extremo, uma criatura amada. Morrera illuminado pela chamma tibia da lampada fumarenta emquanto a filha, que elle idolatrava, dormia descuidada a dois passos. Pobre senhor !

A india soluçava quando Parajára entrou. Vendo-a ajoelhada e estremecendo, sacudida pelos soluços, avançou, avisado pelo presentimento :

— Que é, Poranga ?

— Ah ! Parajára . . . senhor morreu ! . . .

— Morreu !

— Vê, Parajára.

O indio curvou-se sobre o corpo e sentiu a morte. Longe de commover-se, rugiu. Chegou á janella, escancarou-a á luz e atirou um gesto para o lado da

floresta, gesto de ameaça, como se desafiasse os velhos troncos que o sol preguiçoso começava a dourar. Logo, porém, tornou ao leito e, tocando de leve no hombro da india, disse em voz que a colera ensurdecia :

— Poranga, é preciso salvar menina.

— Por que ? perguntou a tamoya assustada.

— Homem branco vem ahi com os quilombolas. Homem branco levou todas as armas, levou todo o ouro, não ha mais nada em Pirapora. Homem branco vem ahi com os quilombolas e vem para matar menina, porque quer ficar com a fortuna de senhor. E, miudamente, o tamoyo narrou tudo quanto ouvira de Genoveva.

A india susteve o pranto e foi até onde Selva dormia, tomou-a nos braços e apertou-a effusivamente. A criança despertou assustada, chorando ; a india, porém, acalentou-a e, levando-a até junto do leito, inclinou-a para que ella beijasse o cadaver. A criança, como se não comprehendesse a morte, ficou a olhar serenamente e foi por ver os olhos de Poranga inundados de lagrimas que se poz a chamar o pai :

— Papai ! Papai ! sacudia-o, afagava-lhe o rosto frio com as mãosinhas, beijava-o : — Papai ! Papai ! Era a primeira vez que se achava diante da morte e parecia-lhe estranho aquelle somno que lhe resistia aos carinhos : — Papai !

— Morto ? ! Não, Poranga. Papai não morre. Não, Poranga. E lançou-se sobre o corpo do bandeirante, aos gritos, como se o quizesse despertar. Parajára deixou o quarto, mal podendo conter os soluços.

Armados, como quando sahiam para as expedições longinquas, pouco depois chegaram quasi todos os colonos que haviam sido avisados por Parajára da morte de Gonçalo Peres.

O quarto encheu-se e aquelles homens rudes, asperos, que tinham alguma coisa das féras, soluçavam contemplando o corpo inerte do que fôra o chefe, o amigo, o companheiro ; daquelle que elles se haviam habituado a vêr á frente do bando, o mais alegre quando a marcha corria feliz ou quando acampavam em algum sitio risonho e farto, o mais valente se lhes sahia de surpreza, annunciada por uma nuvem de frechas mortaes, uma tribu selvagem, atroando os ares com a grita guerreira e com o resoo retumbante de borés e tembís.

Elle ali estava, o valoroso chefe da mais temida bandeira que, naquelles tempos de aventura, quando tudo era mysterio e morte, ia desbravando as selvas nunca penetradas e marcando o seu roteiro ousado com pequenas e grandes cruzes que deixava pelos caminhos — nas tabas conquistadas ou nas roças que semeavam para que, de volta, encontrassem o milho maduro e a mandioca em estado de ser premida e a canna lourejando summarenta e dôce.

Elle ali estava; e os seus companheiros, abalados de commoção, contemplavam-no mudos quando o tamoyo irrompeu no quarto apartando os que cercavam o leito até chegar junto do senhor. Repousou ao lado delle o seu grande arco e, tomando Selva dos braços de Poranga, mostrou-a aos indios consternados, falando-lhes na lingua nativa.

— Irmãos, senhora partiu para as montanhas azues, senhor partiu para junto de senhora, mas a

sombra do corpo fica na terra exigindo que se cumpra a promessa que se fez. Não ha inimigo como a sombra do corpo: a frecha mata a onça, a frecha mata a cobra grande, a jurupari foge com o barulho, mas a sombra do corpo fica sempre perseguindo os que não cumprem a promessa feita. Nós juramos, perto de sepultura de senhora, defender a menina dando por ella o nosso sangue. Os indios affirmaram de cabeça. Chegou o dia, meus irmãos. Os quilombolas vão sahir da matta trazidos pelo homem branco ambicioso. Nós somos poucos, mas a acauan é pequena e mata a cobra d'agua, que é grande. Chegou o dia, meus irmãos. É preciso que nos reunamos todos e que, como um só homem, esperemos os negros que vêm, defendendo até a ultima hora, emquanto tivermos uma gota de sangue, a menina e os bens da menina.

E o indio impoz a mão sobre a cabeça da criança, que olhava espantada, as cataduras ferozes dos selvagens.

— Juremos! exclamou Parajára.

Os indios levantaram os arcos e fizeram com elles uma abobada sobre a cabeça da criança e, calados, fitavam a menina quando Feliciano appareceu com seis negros fortes, seis companheiros leaes que se haviam conservado na colonia e, vendo a attitude dos indios, brandiu um machado e ergueu-o juntando-o aos arcos, no que foi imitado pelos que o acompanhavam. Eram ao todo quarenta homens.

Compromettidos por esse juramento sagrado diante do corpo do chefe, retiraram-se lentamente, indo alguns abrir a cova em que devia repousar, ao

lado de Genora, protegido pelo mesmo cruzeiro, o corpo do bandeirante.

Parajára, que tratava da defesa do alcáçar, andava fóra quando Ignez appareceu no quarto, pallida, timida, seguida das duas moças.

Poranga, de cabeça baixa, afagava Selva e só deu pelas tres mulheres quando já se achavam perto do leito. Ignez, vendo o corpo do irmão, estremeceu violentamente agarrando-se a uma das moças, fitando-o com os olhos immensamente abertos e assombrados, como se o remorso lhe houvesse sacudido a alma pela primeira vez :

— Meu irmão ! Ah ! meu irmão ! . . . E lançou-se para o leito. Poranga, levantando-se impetuosamente, defendeu o cadaver com o seu corpo. Ignez estacou surpresa.

— Que é ? perguntou ella, como se não pudesse comprehender a razão do insólito procedimento.

A india não disse palavra : uma das moças, porém, revoltando-se, avançou para afastá-la, mas a tamoya deu-lhe com força no rosto repellindo-a e logo, sacando da cinta um punhal. que trazia escondido, ficou em attitude ameaçadora, prompta a ferir quem primeiro avançasse.

Detiveram-se as tres sem animo, vendo a disposição da india, de repente, porém, Ignez rompendo numa gargalhada nervosa, chamou as duas moças e, rindo, as tres deixaram o quarto mortuario. A tamoya ficou estupefacta e foi Selva quem a tirou daquelle estado de assombro, dizendo :

— Estou com fome, Poranga.

A tamoya lembrou-se então de que a criança nada havia tomado desde a manhan e, trancando

o morto no quarto, sahiu com ella para procurar na cozinha alguma coisa com que a alimentasse. Uma velha negra estava ao fogão e Poranga, sem lhe dirigir a palavra, fez um prato para a criança sentando-se a um canto emquanto ella comia. Fóra, ao sol, os indios cantavam tristemente, abrindo a cova em que devia ficar o bandeirante.

Para a tarde, já o sol declinava e as cigarras chiavam nas mangueiras, Parajára subiu ao quarto funerario com outros indios, levando o caixão de madeira cheirosa em que devia ser encerrado o corpo. Poranga retirou-se para a varanda com a pequena deixando o espaço livre aos indios que traziam flôres silvestres, folhas aromaticas, pennas de aves, para enfeitar o esquife do senhor; e cantavam monotonamente emquanto preparavam o sahimento. Por fim, fechado o caixão, puzeram-se em marcha os que o conduziam, emquanto Feliciano fazia tinir a sineta, como para annunciar á natureza o passamento do heróe.

Ignez e as duas moças, debruçadas á janella, olhavam, sem emoção, o funebre espectaculo, e quando o corpo baixou á terra, a viuva, antes de retirar-se, desdobrou na janella um largo lençol que logo o vento tufou. Os indios reuniram então folhas e flôres que accumularam dentro do tumulo ainda aberto e recomeçaram o canto melancolico, á medida que iam cobrindo o caixão que, por fim, desappareceu na terra.

Da varanda, Poranga acompanhava, commovida, tudo quanto faziam os derradeiros colonos, os que se haviam conservado fieis á ultima hora, quando Parajára chegou sombrio.

— Poranga, pensa agora em menina. Senhor já vai longe, e estendeu o braço mostrando o céu. Agora precisa salvar menina.

A india encarava-o serena e o tamoyo continuou:

— Noite vem ahi. Goah vai acompanhar Poranga. Poranga leva menina.

— E você, Parajára ?

— Parajára fica para defender a casa. Se Parajára vencer, menina voltará a Pirapora; se Parajára morrer, Poranga cuidará de menina.

A india baixou os olhos pensativa:

— E onde devo esperar ?

— Á beira do grande rio. Goah vai comtigo. Goah conhece o caminho.

Mal acabava de dizer essas palavras ouviu a voz do jovem selvicola, que vinha armado e revestido de plumagens, como no tempo em que andava livre na floresta.

— Goah ! exclamou Poranga.

— Goah vai seguir, disse o indio e Goah vai triste porque os seus irmãos vão brigar. Goah vai triste.

— Mas é preciso, disse o tamoyo. Nós jurámos salvar a menina.

— Sim, jurámos.

— E és tu o encarregado da empreza. Vai e que Deus do céu caminhe comtigo.

— Vamos partir já ? perguntou Poranga.

— A noite já deve achar os viajantes no caminho. Os negros não tardam, os negros farejam a caiçára. Vai com a noite.

A tarde arroxeava e já o poente, em fogo, ia

cambiando em leves tons de rosa quando a tamoya levantou-se para fazer os preparativos da viagem. Que podia ella levar ? Tomou o arco, algumas roupas, atirou uma capa aos hombros da criança e sahiu á varanda, mas Parajára não estava. Onde teria ido ? E a noite descia rapida e estrellada. Aproximava-se a hora da partida quando ella viu chegar Urú, vagaroso, seguido dos indios.

Um negro vinha com elle, mas não era Feliciano nem companheiro algum do cafre, era um negro pequeno, atarracado, de hombros largos.

Quando o gigante reconheceu a tamoya, exclamou com espanto :

— Poranga !

— Vai, disse elle, os negros vem vindo. Damião veiu na frente prevenir; os negros vem vindo. Vai, salva menina.

— E Parajára ? !

O indio respondeu surgindo como por encanto com as mãos negras :

— Parajára está aqui, Poranga. Vai ! Abraçou-a e beijou-a apertando-a muito tempo nos braços. A india tomou a pequena.

— Para onde vamos, Poranga ? Onde me levas agora ? Faz tanto frio.

— Vai, Selva ! disse Parajára beijando-a. Vai ! A lua apontava no céu illuminando a floresta, e o indio, mostrando-a á criança, disse : Vai, Jacy acompanha Selva.

— Jacy . . . repetiu a pequena sem comprehender e a india, vendo as mãos negras do tamoyo, perguntou :

— Que é isso Parajára ?

— Areia de fogo, disse elle, areia de fogo, areia que estronda Faz um caminho do quarto de senhor até o paiol. Se os negros vencerem, o fogo irá por esse caminho e no lugar de Pirapóra os passarinhos amanhan acharão uma tapéra. Vai! E, beijando, de novo, a india, acompanhou-a até á caiçara. Goah tomou a frente; dois cães seguiram-nos.

— Adeus, Parajára. Na beira do rio.

— Na beira do rio. E se eu não fôr irá a sombra do meu corpo. Adeus! E a lua esplendida, como se quizesse illuminar o caminho que deviam trilhar os fugitivos, subiu alva e redonda no céu puro. E elles partiram em silencio.

Logo que se perderam nas voltas do caminho que, em suave declive, por entre os mattos cheirosos, ia ganhar a larga e deserta planicie que, á luz fria do luar, tinha a brancura e o brilho dum immenso lago, Parajára, que escutava attentamente todos os ruidos, tornou ao alcáçar, lento e pensativo porque mais cuidados lhe dava a salvação dos que haviam partido do que a propria vida que ali estava á mercê da cáfila africana. Elle bem sabia que a luta que se ia travar naquelle terreno era das que não findam emquanto um dos partidos não deixa o campo ou por morte de todos os seus guerreiros ou pelo abandono ao mais forte. Conhecia os indios que o acompanhavam e conhecia os negros que esperavam na floresta. Os primeiros, além de corajosos até a crueldade, tinham grande experiencia guerreira nos sertões bravios e, habituados a lidar com as armas dos brancos, sabiam aparar os golpes das espadas, evitar os pontaços das lanças e não se arreceiavam do estampido tronante

dos mosquetes e das colubrinas. Os negros, esses, além de ambiciosos, ardiam em odio e, demais a mais, curtiam fome. Vinham nús e os brados com que atroavam a floresta eram de vingança contra os indios que os haviam perseguido.

Queriam primeiro a desforra de sangue, depois então dariam pasto á gula e satisfariam a ambição saqueando as tulhas e os paióes. Eram em multidão, porque o reinol havia recrutado todos os foragidos, todos os homisiados das solidões agrestes, que viviam alapardados em grotas ou nas cristas dos cerros de onde sahiam, á noite, para armar mundeus ou surprender a caça, preferindo combater a azagaia e forquilha o canguçú ferocissimo a encontrar nos caminhos um piquete de dragões dos que andavam na pista de garimpeiros e quilombolas.

Aceitando, contentes, o convite do homem branco, que lhes garantia a liberdade com promessas generosas de terras, gado, instrumentos de lavoura, sementes e, ainda, ouro, puzeram-se-lhe, desde logo, ás ordens ardendo em ansia de entrar em luta.

O tamoyo, que conhecia o valor do adversario com que se ia bater, ainda que tivesse por certa a derrota, estava resolvido a não abandonar o terreno para que o não accusassem de covardia, bravateando delle e da sua gente com abáfas arrogantes por haverem evitado o encontro, não por inferioridade de numero, mas por medo.

Quando chegou á varanda já os indios, reunidos e armados, o esperavam e Urú, sempre afoito e insoffrido, propunha investirem á floresta para desalojar a negrada. Filhos das selvas sabiam, me-

lhor que os negros, guiar-se nos labyrinthos verdes, aproveitando-se de tudo para desorientar e aturdir o inimigo, atacando-o de surpresa dentre as silvas, das franças das arvores, do cimo das penhas e até do meio dos juncaes das lagôas.

Parajára, porém, mais prudente, reconhecendo a vantagem da hoste inimiga, mais numerosa e bem municiada, propoz ficarem no alcáçar combatendo d'alto, protegidos pelos muros fortes, servindo-se de tudo para rechassar os sitiantes, desde as frechas até os blocos de pedras arrancados das muralhas e os proprios moveis pesados que arremessariam sobre o bando. A entrepresa imaginada por Urú seria desastrosa — bella como arrancada heroica, resultaria inutil para o fim que pretendiam.

Discutiam quando um velho indio, postado como atalaia junto do cruzeiro, fez soar tres vezes o boré annunciando a presença de alguem.

Rapidos e promptos correram os indios ás posições que lhes haviam sido assignadas pelos chefes, attentos á primeira ordem. Uma frecha silvou no silencio, logo, porém, voz possante bradou em som de paz. Era Damião.

O indio, que vigiava, respondeu acolhedoramente e logo, dentre as moitas que forravam a caiçára, surgiu o vulto do negro e, em curto tempo, vencendo a distancia a correr, chegava á ladeira, vingando-a aligero e depois pelas escadas, até a varanda, onde parou arquejando.

Os indios cercaram-no apertadamente e o negro, depois de longo resfolgo, cançado, relanceando em volta um olhar arisco, disse em voz surda, como

se temesse que as suas palavras fôssem levadas pelo vento da noite :

— Elles vêm ahi ! . . .

Urú não conteve um gesto de colera, olhando na direcção da floresta que alvejava ao luar.

— Elles vêm ahi . . . repetiu o filho de Genoveva, mas só entrarão no terreiro quando a lua cahir por traz da matta deixando tudo no escuro. Senhora e moças partiram.

— Partiram ! exclamou Parajára indignado.

— Partiram, repetiu o negro. Já devem ir longe, muito longe, com os brancos que vão comboiando o ouro de Pirapora. Quando partiram o sol ainda alumiava. Devem ir muito longe, muito para lá das montanhas. O homem branco ficou e vem ahi commandando os mocambeiros. Elles são muitos, mas ha um meio de vencer. Ha um meio.

Os indios apertaram ainda mais o circulo, ansiosos, e Parajára intimou o negro :

— Fala! Senhora e senhor estão ouvindo lá em cima.

E os indios, em surdo unisono, repetiram :

— Fala !

— Os engenhos estão cheios de pipas de aguardente. Os negros vêm hoje, não encontram ninguem na casa, tomam conta de tudo e começam a festa. Eu fico com os negros e, amanhan, pedirei ao homem branco para dançar caxambú. Homem branco não sabe do que ha nos engenhos, só minha mãi sabe. Só minha mãi sabe e foi ella quem me disse para fazer assim. Quando homem branco estiver dormindo eu vou e dou de beber aos negros, deixo

beber, deixo beber e quando o tambor não bater mais vancês vêm vindo, vêm vindo devagarinho, vêm vindo e quando o tambor soar tres vezes vancês encontram todos os négros cahidos.

Os indios applaudiram a idéa de Damião; só Urú, que ardia em ansiedade pela hora do combate, quiz oppôr-se, mas Parajára convenceu o gigante. Não se tratava de mostrar bravura, mas de vencer para vingar a menina e o plano do negro garantia-lhes a victoria.

Resignou-se o gigante e os indios reunidos, alguns com pena, começaram a descer o caminho da planicie. De repente Parajára, com uma idéa, subiu ao alcáçar, entrou no quarto do bandeirante e, á luz escassa do luar, tacteando na parede alva, poz-se a procurar alguma coisa e retirando o que buscava, desceu a correr para alcançar os companheiros. Em baixo, porém, á luz, examinou o objecto que trouxera — era um magnifico punhal de ouro com o punho incrustado de pedras preciosas, entre as quaes avultava um maravilhoso diamante negro. Era a arma predilecta do bandeirante, arma que elle nunca esquecia, que, mesmo em casa, costumava trazer ao flanco, pendente da cinta, com o boldrié.

Ainda a examinava quando ouviu um como rumor de trovoada ao longe. Damião, que já corria para a caiçára a retomar o posto de vigia que lhe fôra designado pelo reinol, disse de longe:

— São elles! Até amanhan, Parajára.

O indio, então, agarrando-se ao cruzeiro, bradou com voz stentorica:

— Damião!

O negro estacou dominado e o tamoyo, levantando o braço, intimou com solenmidade:

— Olha a cruz da senhora! Olha o juramento, Damião.

O negro disse apenas:

— Até amanhan! E partiu.

Parajára seguiu a direcção que haviam tomado os seus companheiros.

Barbariso tremendo trovejava ao longe.

IX

Os quilombolas

A lua, alva e serena, olhava do céu, envolvendo na sua claridade meiga o alcáçar deserto e mudo. Longe os montes brumosos e a campina vasta, tambem alvejante e calada.

De vez em vez, no cercado, um boi mugia, balava um cordeiro ou um dos cães, farejando os caminhos, uivava lamentosamente. De repente, porém, novo clamor subiu atroando o silencio, e, nos meandros escuros da floresta, fogos scintillaram como immensos lampyros que viessem em enxame. Eram as columnas negras, era a horda tremenda que se aproximava, aos brados, como as tempestades que se annunciam pelo fragor dos trovões antes de desabarem.

Vinham em passo celere, uns á frente, muito distanciados da horda, brandindo archotes como demonios ou vozeando estrondosamente, e os echos da floresta iam rolando até longe, como um aviso

de catastrophe aos homens e ás feras que fugiam espavoridas diante dessa negra alude humana.

Mais perto já o clarão avermelhado dos archotes vencia o pallido luar, purpureando as arvores, encardindo os caminhos, como se uma onda assoladora e tragica de sangue viesse precedendo o bando ; e novos clamores subiram echoando tormentosamente.

Luzes appareceram em differentes pontos da floresta. Não era só por um caminho que os negros irrompiam, sahiam de todos os lados, aos magotes, precipitando-se, ululando, vozeirando. E o alcáçar, deserto e mudo, esperava solitario como um rochedo diante da colera solta do oceano tempestuoso.

Os cães, atezando as orelhas, ladraram arremettendo, mas estacaram assombrados, perto da caiçára, olhando as luzes que avançavam tremulas, esfrolando no ar uma cauda sinuosa de fumo.

Já os primeiros negros haviam sahido da floresta e caminhavam amoucos para a caiçára quando estrugiu uma rouca trombeta detendo o impeto dos temerarios. Posto que a ganancia os impellisse estacaram esperando o grosso da horda, que vinha com lentidão como se sondasse os caminhos, receiando alguma surpreza dos indios. Houve um largo silencio.

Subito, porém, a orla da floresta flammejou em relampago vermelho e formidavel estampido retumbou reboando de quebrada em quebrada pelas solidões. Um chuveiro de balas granisou na varanda do alcáçar, bateu nas altas janellas fechadas e os sitiantes, immoveis, occultos na sombra, aguar-

davam, de bote prompto, a resposta dos indios. Mas o silencio cahiu de novo e o alcáçar permaneceu calado. Só os bois, assustados, mugiram na cerca. Sombras, então, appareceram ao luar, destacando-se da espessa floresta, uma a uma em direcção á caiçára; depois uma fila avançando de rasto, cautelosamente. Os moirões estalavam como sacudidos e os cães, guardas fieis da casa, os unicos que haviam ficado, como se buscassem companhia, reuniram-se junto do cruzeiro, cuja sombra dilatada estirava-se sobre as hervas do terreiro e levantavam um ladrido forte. Mas já os vultos saltavam a caiçára e, insinuando-se nas moitas que lhes davam protecção, avançavam agachados, perfidamente escondidos pelas ramarias, em direcção ao solar abandonado.

As folhas seccas trepidavam, aves voavam assustadas e, no cercado, os bois, como se presentissem a morte, não cessavam de mugir. Um homem ergueu-se e firme, solitario, pôz-se a olhar attentamente. Era Manuel Ferrão. O reinol, que viera conduzindo prudentemente os negros, contendo-os para que não se precipitassem, dominando-lhes a bravura, via-os agora timidos, acovardados diante daquella quietação, daquella inexplicavel impassibilidade e elle proprio sentia o sangue gelar-se-lhe nas veias, não podendo atinar com a causa de tal silencio.

A idéa do abandono do alcáçar não lhe acudiu ao espirito — conhecia sufficientemente Parajára e Uirú e, certo como estava de que nenhum delles desertaria, ainda que tivessem tido aviso do ataque, que elle julgava ser uma surpresa, hesitava. Esta-

riam nas cabanas ? E Poranga ? E Selva ? Não acreditava que estivessem dormindo. Uma razão havia para aquelle procedimento e o reinol, entre todos, repellia, como absurda, a covardia. Reunindo, então, alguns negros, avançou sorrateiro até á varanda silenciosa.

O luar alvadio alastrava e bacuraus saltavam dum ponto a outro piando. Sempre receioso o reinol não se atrevia a seguir, relanceando olhares em volta, estremecendo ao mais leve bulicio — se uma folha cahia, se uma ave nocturna passava no ar frulhando d'azas. As sombras das arvores tomavam fórmas humanas e elle, baixinho, chamava a attenção dos negros e, todos juntos, ficavam fitando o ponto indicado até que se convenciam do erro e voltavam ás conjecturas : Se não estavam na casa, se se haviam emboscado nos mattos, se haviam abalado avisados por algum traidor. Mas quem o trahiria, se todos os negros não pensavam senão naquelle assalto, tão longamente premeditado ?

A idéa da traição foi repellida. Outros negros, animados pelo silencio, vinham chegando e reuniam-se na varanda. Um delles propoz a invasão, emquanto outros corriam as cabanas armados e, sem mais duvidas, dois dos mais fortes começavam a arrombar a porta que dava para a sala de jantar e na quietude da noite as pancadas soavam com estridor formidavel, que se prolongava longamente pelo escampo ; e a porta cedeu, indo dentro fragorosamente.

Manuel Ferrão, sempre cauto, deteve os negros que, ousadamente, gananciosamente, queriam invadir a casa, calada e em treva, esperando a sur-

tida dos indios, porque os julgava encurralados no alcáçar, protegidos por aquelles solidos muros construidos com grandes blocos de rochedos que uma argamassa eterna ligara, mas da casa não vinha o menor ruido, e, no silencio da varanda, branca ao luar, a horda ansiosa apertava-se, offegava, perscrutando com olhares avidos a treva muda. Mas sempre chegando negros, alguns com archotes, Ferrão não os poude conter nem mais tentou detê-los, comprehendendo que seria desobedecido. Todavia, como não se animava a affrontar o mysterio, a pretexto de cortar a retirada dos indios, caso alli estivessem, resolveu conservar-se fóra com parte da gente á espera. Se, por acaso, se travasse combate naquellas salas immensas, elle promptamente acudiria com todos; se os indios, desalojados, tentassem fugir, elle os perseguiria.

Os negros, que mal se continham, arrojaram-se em massa, aos gritos, invadindo a casa, precedidos pelos que levavam os archotes, e Ferrão apartou-se da varanda, ficando no terreiro com o bando que se reservara, como guarda de corpo.

Junto á caiçára o seu cavallo relinchava de quando em quando, como a chamá-lo, e os caborés passavam no ar, piando. Escancararam-se as janellas do alcáçar e negros appareceram bradando contentes, acenando aos companheiros e, muitos dos que haviam ficado com o reinol, correram para o alcáçar, apesar dos gritos do chefe, que receiava ser apanhado só pela gente de Parajára. Os negros, porém, não lhe davam ouvidos e poucos foram os que com elle ficaram, com os olhos no alcáçar, onde o rumor crescia. Forçavam todas as portas inva-

dindo os quartos desarranjados e desertos, revolvendo os leitos, examinando todos os cantos sem que encontrassem viv'alma.

Quando chegaram ao quarto do bandeirante sentiram sob os pés uma areia fina e molle, mas não se detiveram. Ambiciosos precipitaram-se em tumulto no aposento donde fôra retirado, horas antes, o corpo do chefe amado, do mais atrevido bandeirante que, se ainda vivesse, dispondo da força antiga, por certo que esse bando não teria, com tanta facilidade, profanado a casa porque, com uma acha, á entrada, elle só defenderia o limiar do alcáçar que, durante a sua vida, nunca soffrera a mais leve affronta. Mas lá estava fóra, junto ao cruzeiro, ao lado de Genora, hirto e frio no seu caixão resinoso.

Os negros não pensavam no chefe. Os que haviam pertencido a Pirapora lembravam apenas os lugares onde poderiam encontrar alimentos ; os de fóra coscovilhavam riquezas e nem mais cuidavam em indios, vendo-se tão sós na grande casa. Alguns, por vezes, chegavam ás janellas e, aos brados, chamavam os que rondavam fóra.

Repentinamente, porém, cahindo o pedaço inflammado de um dos archotes sobre a macia poeira que alastrava o chão, uma grande chamma explodiu com estampido e os negros viram-se cercados de uma nuvem densa e asphyxiante de fumaça e, quasi no mesmo instante, estrondo formidavel abalou o alcáçar, os muros tremeram e um desesperado clamor partiu da casa e logo em seguida fragoroso ruido de desabamento. Tolhidos de panico, os que se achavam fóra viram voar as janellas

desprendidas, as telhas, pedaços de cimalha ; o solo estremeceu convulsionado ; o gado, ao longe, pôz-se a mugir espavorido.

Ferrão, logo que ouviu o estrondo, deitou a correr para a caiçára, certo de que os indios lá estavam trucidando os negros para os quaes haviam armado a hedionda cilada. Só pensava em salvar-se ; nem ouvia as detonações successivas, os gritos angustiados que partiam do alcáçar ; corria, corria sempre, como um perseguido, até que alcançou o seu cavallo que, assustado, arrifava, procurando escapar-se. Montou e, sem conhecer os caminhos, atirou o animal ao acaso.

Incitado pelo reinol, o animal abriu á disparada pelos caminhos mal batidos que, ora se insinuavam pela floresta densa, ora sahiam sinuosos á planicie rasa ou subiam pelos outeiros. Justamente alcançara uma eminencia quando o animal, cançado, moderou o andar, resfolgando. Manuel Ferrão susteve-o, julgando-se longe bastante dos indios, e voltou-se na sella para olhar Pirapora. Uma exclamação fugiu-lhe dos labios tremulos — o alcáçar era um fogareu immenso. Todo o fundo do horizonte, como em resplandecente aurora boreal, era uma grande mancha rubra, o clarão estendia-se á floresta, ensanguentando as arvores, e a campina toda vermelha como um campo de carnificina e, mais vivo, espadanando chammas, com esplendor tragico, o alcáçar ardia.

Trombas de fumo negro subiam para o espaço, o céu desapparecera — só a sandicina cratéra era visivel despejando chammas que linguajavam.

Posto que não receiasse ser descoberto pela

gente de Parajára, Manuel Ferrão tremia contemplando a vingança do tamoyo, lembrando-se, porém, da fortuna, certo de que toda a riqueza do bandeirante ia em caminho para Villa Rica, guardada por homens fieis que elle conseguira alliciar com promessa de largas recompensas, sorriu satanicamente.

Sim, que poderiam elles fazer? Que lhe importava a destruição da velha mole? que lhe importava a morte horrivel daquella centena de homens, se elle ali estava salvo, e a caminho da fortuna para a regalada abastança, para a ostentação, para o goso? Que lhe importavam os gemidos dos que se estortegavam nas labaredas, dos que eram esmagados pelas vigas inflammadas, dos que morriam precipitando-se das altas janellas ao terreiro, fugindo duma morte e cahindo em outra? Que lhe importava tudo isso, se além, lá onde jaziam as pallidas estrellas e o luar branqueava, a ventura o esperava? Que lhe importava o mais? E ficou-se a olhar o incendio, não mais com receio, senão com prazer, como se contemplasse um lindo espectaculo cuja magnificencia não custasse tanta vida, tanta angustia, tanta agonia como custava aquella incandescencia que encardia a noite atirando á terra e aos céus um largo manto de purpura.

Se, para um lado, havia o horror da catastrophe, para outro lado a noite calma, constellada d'astros, tranquillisava-o. Novamente sorriu pensando na vida que ia inaugurar, enriquecido, dispondo de mais haveres do que um principe. Teria tudo quanto imaginasse a sua fantasia, poderia emparelhar com os nobres, seria amado, invejado

onde estivesse; que lhe importava a agonia dos outros? E Selva? Lembrou-se, de repente, da menina. E Selva? Riu de novo. Com a fortuna de que dispunha venceria todas as difficuldades. Demais, como não pretendia demorar-se em Villa Rica se, por acaso, ali apparecesse a menina para disputar os seus direitos, já não o encontraria. Ah! viver no Reino, com largueza, gastando como os fidalgos enriquecidos na India ou mesmo nessa terra que tão propicia lhe fôra... Apparecer como um principe, ganhar posição na côrte, poder falar ao rei sem a humildade com que falam os miseraveis, mas de igual para igual. Sorriu de novo e, cravando os acicates no cavallo, disse bem alto, como se falasse a alguem:

— Á fortuna!

Parajára, esfareiando o rastilho de polvora da camara do bandeirante até o paiol para que, no caso de ser o alcáçar invadido, perecessem com elle quantos se achassem na forte residencia, abandonando-a, não poderia prevêr que o seu ardil causasse tão grande damno aos sitiantes. No momento da explosão, envolvidos em fogo e fumo, antes que a chamma rapida attingisse o grande deposito, os quilombolas tentaram fugir, nada, porém, distinguindo na treva e na densidão da fumaça, encontrando-se atordoadamente, empurravam-se, esmurravam-se horrorisados, quando estourou o paiol, abalando, com fragor, o pesado edificio. O soalho voou em hastilhas e, pelo rombo, rolaram amontoadamente quantos negros se achavam

no salão, cahindo numa cratéra inflammada. Labaredas subiram lambendo os muros, as vigas incendiaram-se e o fogo foi tomando todo o salão, de sorte que os que ficaram em cima, mutilados, tiveram morte mais dolorosa do que os primeiros que haviam rolado pela abertura, logo expirando no subterraneo.

Apuados, uns agarrando a mãos ambas os intestinos, outros com as pernas quebradas ou sem os braços, urravam sitiados pelas chammas que subiam gorgulhando. Os gritos desesperados que soltavam eram mais de assombro que de dôr. Um côro tremendo de desgraças era, por vezes, abafado pelo estampido de nova barrica de polvora ou pela queda de uma viga; e o incendio subia. Já os sobreviventes rolando, contorcendo-se aqui e ali, pelo chão, viam-se á claridade vermelha e abrasadora das labaredas e mais se lhes augmentava o medo — o fumo subia em gorgolões negros. Os feridos, procurando escapar á morte hedionda, rugindo como féras cercadas em coivara, arrastavam-se, mas por todos os lados encontravam chammas ou fendas hiantes e recuavam de rojo, gemendo. Os mais fracos choravam invocando santos, clamavam pelas mãis, outros estertoravam com um rouco grugrulejo. E o incendio subia grande, sinistro, dominador, invadindo toda a casa que estrondava como um vulcão em actividade e, pouco a pouco, as chammas, tomando as bordas do rombo, cercavam os infelizes que ainda lutavam pela vida.

Um negro, alto e robusto, que parecia ter escapado incolume á catastrophe, andava de um para

outro lado, louco, pisando sobre os corpos dos companheiros que escabujavam: cravava as unhas nas paredes, como se quizesse subir por ellas, corria, illuminado pelo clarão mortal, tacteando, ansiando. De repente achou uma porta—tentou abri-la, mas retirou a mão rapidamente como se a houvesse posto na chapa duma fornalha; voltou, porém, com mais furia e a pulso, mettendo o hombro, a cabeça, esforçava-se por arrombá-la sentindo-a balançar, mas a tranca era forte e não cedia. As chammas chegavam e o negro lutava angustiosamente, quando um novello de fumo, subindo do vortice, o envolveu abafando-o. Cahiu ajoelhado, metteu os dedos por baixo da porta e, com o rosto nella encostado, procurava destrui-la abrindo uma passagem com os dentes, roendo a madeira, mas as chammas envolveram-no e esse foi o ultimo que expirou, ficando apenas no alcáçar fechado o incendio victorioso que ia tomando todas as dependencias—rebentando portas e passando de sala em sala, de quarto em quarto, explodindo pelas janellas, illuminando tragicamente o terreiro, a matta e os caminhos adjacentes.

Os poucos negros que haviam ficado no terreiro, logo que se deu a explosão, recuaram espavoridos, e de longe, agrupados, olhavam o fogaréu colossal, ouvindo o ulular dos que morriam sem que lhes pudessem levar soccorro, porque nenhum se atrevia a affrontar o horror da catastrophe e, compadecidamente, lamentavam os companheiros, cujas almas pareciam subir para o céu nas fagulhas que se destacavam do immenso braseiro crepitando e que se iam apagar em fonas na altura.

O pavor reunia-os acarradamente. Que haviam elles de fazer senão tornar á floresta? Ali nada mais havia. Que haviam de fazer? Um, então, lembrou-se do reinol. E elle? Onde andaria? Ninguem o vira partir. Onde andaria o homem que os havia trazido para aquelle supplicio sem nome? Não sabiam. O incendio tomára toda a casa quando uma grita medonha levantou-se perto do curral. Os negros tremeram apavorados — eram os indios que chegavam.

Eram os adversarios crueis que sahiam da emboscada triumphantes. Em numero diminuto como estavam e, demais a mais, combatidos pela hedionda catastrophe, não se sentiam os negros com animo de pelejar e, descorçoados, não podendo fugir, visto não saberem por que ponto investiam os inimigos, uniam-se, apertavam-se como se quizessem esperar a morte juntos, fazendo de todos os corpos um só corpo para o sacrificio. As chammas do alcáçar illuminavam sinistramente o terreiro e os poucos quilombolas, acolhidos junto a uma cabana, lançavam os olhos para o lado da roça quando uma nuvem de frechas lhes cahiu em cima, dispersando-os. Alguns, feridos mortalmente, levantaram os braços e rolaram por terra estrebuchando; outros buscavam fugir apavorados quando, aos urros, como um bando frenetico de demonios, os indios irromperam brandindo tacapes e macanas.

Parajára, retirando-se do alcáçar, sempre a ouvir o ululo da horda negra que chegava, sentia o

coração confrangido como de um acto indigno que praticasse. Parecia-lhe que todos os indios que o seguiam em silencio, numa retirada humilde de vencidos, pisando de modo que as folhas seccas não estalassem, evitando os ramos para não serem presentidos, accusavam-no de covardia e, por vezes, o brioso tamoyo deteve os passos voltando-se para o lado do alcáçar como se quizesse retroceder. Urú tambem, caminhando cabisbaixo, resmungava ferozmente e houve um momento em que todos, parando, fizeram frente ao alcáçar, e Feliciano, vendo a disposição dos companheiros, deu alguns passos, mas o tamoyo, lembrando-se dos conselhos de Damião, deteve-o.

O negro fiel falara-lhe com sinceridade, dando-lhe um plano infallivel de victoria, e melhor seria vencer sem sangue do que, por uma temeridade, atirar inutilmente á morte todos os seus companheiros leaes que tão abnegados se mostravam, que ouviam submissamente todas as suas ordens, que, certamente, rão hesitariam um instante se elle os incitasse á peleja tão desigual por ser na proporção de um contra cinco, senão mais. Não! Embora o accusassem, embora o julgassem covarde naquelle momento, veriam, em occasião opportuna, que a razão estava de seu lado e que havia procedido com sabedoria e prudencia. Assim pensava ouvindo sempre o ululo da horda, quando um estrondo formidavel abalou o terreno como em convulsão plutonica.

Varios indios, aterrados, correram buscando refugio nos bosques mais proximos, alguns levantaram os olhos para o céu como se julgassem que de

lá houvesse partido o fragor, mas a noite seguia calma, suavemente illuminada pelo luar cheio.

Parajára estacou repentinamente firmando-se ao grande arco e, subito, levantando os braços em delirio, pôz-se a bradar:

— A polvora! A polvora!

Lembrara-se do rastilho que deixara no alcáçar para, no caso de derrota, perecer com a casa que lhe fôra confiada e, numa alegria louca, saltando, não se continha diante dos indios e os que haviam corrido, tornando animadamente ao grupo, acharam o tamoyo como o curupira, á lua, bradando aos pulos. Um clarão fulgurou purpureo e largo enchendo o espaço e o fumo negro subiu em rolos, espalhando-se em nevoa escura e densa. Parajára contemplava silencioso, boquiaberto, cercado pelos indios attonitos, quando novos estampidos atroaram.

Então, reunindo os companheiros, tremulo de commoção, sempre com os olhos na flamma fulgurante, o indio estendeu o braço para o alcáçar, dizendo:

— A polvora! A polvora! e, como Urú o interrogasse com o olhar, elle foi explicando o que fizera e todos que ouviram romperam em exclamações delirantes precipitando-se para o alcáçar.

Parajára quiz ainda contê-los, mas os selvagens, excitados pelo incendio, corriam bramindo, numa alegria fezoz, sem ouvir os chamados do chefe que, attrahido, ia-os acompanhando e todos, a um tempo, no mesmo delirio, precipitaram-se sobre Pirapora aos gritos formidaveis e brados de contentamento toda vez que ouviam novo estrepito até

que chegaram á caiçára e puderam contemplar de perto a horrivel catastrophe — a casa, como uma pyra immensa, vomitava labaredas para o céu que a fumaça nublava, negra, crivada de faiscas saltitantes.

Avistando-os, tal foi o pavor dos negros que, covardemente, estacaram e, tremendo, de mãos postas, cahiram de joelhos; alguns correram para o cruzeiro buscando protecção junto do symbolo sagrado que era, ao mesmo tempo, o marco tumbal de Genora e de Gonçalo Peres. Parajára e Urú, á frente da horda, eram os mais ferozes, o tamoyo, porém, sendo limitado o numero dos negros e compadecido da sua miseria, deteve-se contendo os indios, bradando para os que se haviam refugiado junto da cruz que sahissem e os negros, humildemente, quasi de rastos, vieram chegando para o indio, cujo olhar era attrahido pelas grandes labaredas que subiam do alcáçar.

Cada vez que um estrepito mais forte denunciava um desabamento levantava-se um clamor de colera entre os indios, punhos erguiam-se ameaçadores, mas Parajára, calmo, chamando um dos negros, interrogou-o sobre a catastrophe. O desgraçado, tremulo de pavor, disse apenas: « Que estava com o homem branco diante da casa quando ouviu um grande estrondo e, logo depois, as labaredas golfando pelas janellas e tomando toda a casa. Nem um só dos companheiros escapara, todos haviam ficado no alcáçar sem que os de fóra lhes pudessem prestar soccorro, porque não só as chammas haviam tomado todas as passagens como, de instante a instante, vigas estalavam desabando.»

— E o homem branco ?

O negro não sabia dizer ; outro, porém, que ouvira, avançou humildemente e disse numa linguagem semi-barbara :

— O homem branco viera com elles da floresta, montado num cavallo ruço que havia deixado preso á caiçára: o animal lá não estava e, no momento da explosão, elle vira o reinol descer correndo para o sitio em que o deixara.

— E partiu !? perguntou Parajára.

O negro encolheu os hombros como para significar — que não sabia. O tamoyo procurou entre os indios o cafre Feliciano e descobrindo-o chamou-o :

— Vai depressa ao cercado e vê se está lá o cavallo do senhor.

O cafre partiu aladamente.

— Que vais fazer ? perguntou Urú.

— Vou segui-lo. O ruço é fraco, não póde ir longe e *Anhangá* corre um dia e uma noite. O caminho é um só. Elle não póde ir longe.

Ouviu-se um relincho forte e Feliciano e dois indios appareceram no terreiro trazendo presos por barbicachos os animaes que haviam encontrado no cercado. O cafre trazia *Anhangá*, o aligero cavallo negro que fôra do bandeirante. Era um lindo e formoso animal de jarretes nervosos, olhos vivos e ardentes ; sorvia sofrego o ar morno, olhando espantado o incendio. O tamoyo tomou o arco e, rapido, saltou para o lombo liso do animal. Feliciano e Urú, apoderando-se dos outros animaes imitaram-no e partiram os tres em corrida desabalada, bradando aos ginetes que desfilavam, quasi raspando a terra com o ventre, atravéz da

noite tragica e os indios, reunindo os poucos negros sobreviventes, ficaram guardando-os emquanto ao sopro forte dos ventos as chammas mais vivas espadanavam no ar como sucurys colossaes.

Os animaes corriam desabridamente e se, por vezes, fraqueavam, os cavalleiros incitavam-nos com furia. *Anhangá*, porém, o ardego ginete, levava grande vantagem sobre os outros. Debalde Urú e o cafre empenhavam-se em fazer avançar as suas montarias, o cavallo negro subia aos colles, descia aos valles, atravessava os campos como um animal fantastico que poderoso encanto levasse em vôo atravéz da noite. O tamoyo, entanto, bradava sempre, picava-lhe a anca luzidia com a ponta de uma frecha até que, chegando a uma altura, lançou os olhos á planicie que se estendia em baixo, branca, ao luar, e viu distinctamente um vulto que seguia lentamente, apparecendo, desapparecendo na sombra das arvores.

Lançou o cavallo, a impeto, pela rampa e, em pouco tempo, chegava á planicie. Redobrou de furor excitando o bravo animal, que partiu aos arrancos e, numa volta do caminho, onde havia uma ilha de verdura densa, Parajára avistou o vulto destacando-se nitidamente ao luar e, reconhecendo o animal, agitou o arco diante dos olhos de *Anhangá* que, arquejando, nos derradeiros esforços, investiu pisando a relva macia e molhada que abafava o rumor dos passos.

Já ia perto, quasi a alcançar o reinol, quando elle voltou a cabeça e descobriu-o. Cravou os acicates com furia nos ilhaes do ruço, mas uma frecha zuniu e o animal deu um salto, empinou-se sobre as

patas nitrindo e, emquanto o cavalleiro lidava com elle, *Anhangá* avançava rapido e Parajára, inclinando-se, passou junto do reinol e, lançando-lhe o braço possante á cinta, arrancou-o violentamente da sella. Trambolhando no ar, Manuel Ferrão rolou no campo atordoado, ainda assim procurou uma arma, mas as pistolas haviam ficado nos coldres da sella, só lhe restava um punhal. Não poude lançar mão delle porque o indio saltara ligeiro e, pondo-lhe um joelho no peito, tolheu-lhe os movimentos, dominando-o, subjugando-o com a força athletica.

Ferrão urrava, com os olhos dilatados de pavor, procurando libertar-se do indio, mas Parajára era forte. Lutavam, quasi exhaustos ambos, quando Parajára avistou, ao longe, os dois companheiros que avançavam. Bradou e elles responderam atroadoramente.

Manuel Ferrão, em grande desespero, comprehendendo que estava inevitavelmente perdido, reuniu todas as suas forças em derradeiro e supremo impulso e tentou repellir o indio, que lhe pesava sobre o peito premindo-lhe os pulsos na terra, mas Parajára resistiu e, quando os dois estacaram, elle respirou alliviado.

Urú saltou immediatamente e, desenrolando da cinta uma corda de tucum, tomou os braços do reinol, torceu-os para traz e entregou-os a Parajára que os ligou a nó seguro.

Ferrão balbuciava tremulo, aterrado:

— Mas que quer dizer isto? Porque me tratam assim... ? Que fiz eu? Se fugi foi para evitar que os negros me trucidassem. Estava no alcáçar

quando elles appareceram em massa, sahindo da floresta aos gritos e, tanto que me viram, descarregaram as armas e precipitaram-se sobre mim com tamanho impeto que se eu não tivesse á mão este animal, em que fugi, certamente ali mesmo me teriam acabado. Os indios não respondiam e o reinol, com a loquacidade que lhe dava o pavor, continuou, a mais e mais commovido, emquanto Feliciano reunia os animaes. — Mas que querem de mim ? Porque me prendem ?

Urú, revoltado, impelliu-o para o meio da planicie e, estendendo o braço, mostrou ao longe o céu avermelhado :

— Olha !

O reinol tremia e titubeou :

— Mas que culpa tenho eu ? Que culpa tenho eu se foram os quilombolas ? Como havia eu de resistir á horda se nem armas tenho commigo ? Que culpa tenho eu ?

— E senhor ! exclamou Parajára.

O reinol baixou a cabeça e rompeu a chorar :

— Mas que fiz eu ! que fiz . . . ?

— Vamos ! disse o indio.

E Feliciano, chegando com o ruço que saugrava, o gigante tomou nos braços o reinol e collocou-o na sella.

— Vamos ! bradou Parajára.

E puzeram-se a caminho.

X

O SUPPLICIO

Durante a marcha, que foi lenta, com os animaes cançados, o reinol procurou, com humildade, commover o indio, attribuindo a Ignez todos os crimes que haviam entristecido a colonia, falando das relações intimas da viuva com o feiticeiro.

— Eu bem sei que recahem sobre mim todas as suspeitas, a criminosa, entretanto, a unica culpada, vai a bom caminho com toda a riqueza de Pirapora. Que tenho eu commigo? Não será isto prova bastante da minha innocencia? Que levo eu de Pirapora? Saio da colonia com menos do que trouxe. Ella sim, vivia em intimidade com esse negro Jacob, que se fingiu de morto tomando um poderoso narcotico. Desenterrado por ella, recolheu-se á matta e, de lá, começou a operar sem despertar suspeitas, porque todos o tinham por morto. E foi elle que assassinou esse pobre Ismael; foi elle o preparador do philtro que prostrou mortalmen-

te o bandeirante. A criminosa é ella; e eu a victima.

Parajára não dizia palavra. Já perto do alcáçar em chammas o reinol rompeu em choro convulsivo debatendo-se sobre o cavallo, como se quizesse lançar-se delle; mas Urú manteve-o fortemente, ameaçando-o com a macana. Quando chegaram ao terreiro, os negros levantaram-se humildemente e, vendo o reinol, irromperam em clamores indignados, ameaçando-o. Alguns investiram com furia, como se o quizessem arrancar do cavallo e trucidar ali mesmo, vingando os companheiros que haviam perecido nas chammas, esmagados; vingando-se do abandono em que, covardemente, os havia elle deixado, justamente quando mais necessaria se tornara a sua presença para levantar os animos abatidos pela catastrophe. Os indios, porém, contiveram os quilombolas enfurecidos contra o reinol, cuja infamia denunciavam. Parajára ficára a distancia e como Manuel Ferrão, dando-lhe com o olhar terrivel, dissesse em tom humilde, negando tudo quanto lhe attribuiam os negros: — É mentira . . . — um delles adiantou-se e repetiu-lhe em face toda a historia da sua traição. Como seduzira o primeiro quilombola, concitando-o a reunir os companheiros que viviam disseminados pela floresta, uns em cavernas, outros em aldeiolas, no mais espesso da matta e em sitios perigosos e inaccessiveis aos dragões reaes. Como, na primeira reunião do quilombo, expuzera o plano de assalto promettendo, não só a liberdade como outros beneficios a quantos o acompanhassem nessa empreza de exito certo, visto como os indios, em nu-

mero reduzido, não poderiam resistir á horda. Como os armára, como escolhera os mais fortes para que acompanhassem á Villa-Rica a senhora e as criadas, levando os thesouros; como projectara a morte de Parajára e da menina caso fôssem encontrados no alcáçar; tudo disse, aos brados, ameaçando, e Manuel Ferrão, apesar de sentir-se protegido pelos indios, não se achava com animo de contradizer o negro e ouvia estarrecido, tremendo, lançando, de vez em vez, os olhos aterrados para o alcáçar que, ainda ardendo, illuminava tragicamente a scena.

Rompia docemente a aurora. Ia-se a noite assombrosa quando Urú ordenou ao reinol que apeasse. Mas como podia elle saltar da sella com as mãos atadas como estava, se o animal solto trotava pelo terreiro? Mas Manuel Ferrão, vendo a disposição minacissima do indio, atirou as pernas e desastradamente rolou na terra, ferindo-se no rosto. Um grito fugiu-lhe do peito, vendo, porém, Urú arremetter de macana levantada, ajoelhou-se e, com lagrimas nos olhos, fitou o indio, tartareando, sem poder articular palavra.

Que iriam fazer delle? pensava vendo-se cercado de inimigos, sem esperança de soccorro em tão remota paragem, onde nem chegavam os dragões porque a fama da valentia do bandeirante os afastava das immediações do alcáçar. Parajára detestava-o, não só pelo desprezo com que elle sempre o tratara como porque já desconfiava, senão do seu crime, ao menos da sua cumplicidade. Urú tinha-lhe odio mortal, principalmente depois da revolta dos negros no terreiro quando, para reagir,

fôra compellido a matar um antigo companheiro que, ingenua ou perfidamente, se deixara engodar por elle. Feliciano, que o responsabilisava pelos soffrimentos dos parceiros, tambem não o via com bons olhos, e todos, porque lhe attribuiam a morte do bandeirante, haviam de querer vingá-la.

Os negros, que elle abandonara, tambem ali estavam revoltados. Quem lhe daria soccorro? Taes pensamentos andavam-lhe no cerebro confusamente emquanto os seus olhos, lacrimosos e afflictos, fitavam o gigante selvagem, que parecia divertir-se com elle como um jaguar com um pequenino e fraco animalejo. Não se atrevia a levantar-se e, ainda que temesse Parajára, procurava-o com os olhos como se com elle contasse; mas o tamoyo andava longe, sem duvida combinando com os companheiros o supplicio com que o deviam victimar.

Repentinamente uma voz soou junto da caiçára: vinha alguem cantando e a lembrança dos tempos felizes e tranquillos de Pirapora quando, ao romper do dia, os que sahiam para o trabalho contentes, entoavam cantilenas, fez com que o reinol suspirasse e instinctivamente os olhos foram-se-lhe para o alcáçar esbrasido.

As chammas concluiam a sua obra de destruição; já não subiam tanto e do bojo do edificio, cujo telhado abatera, o fumo, negro e denso, levantava-se em columna que o vento, por vezes, inclinava.

A voz aproximava-se tristonha e Urú procurou descobrir quem cantava, quando viu uma negra quasi núa, macilenta e foveira, accocorada junto de um comoro, a olhar o incendio. Era Catharina.

Vivendo nas mattas como animal bravio, fugindo ao convivio humano, rondando a caverna, que fôra de Jacob e onde julgava, na sua loucura, poder ainda, um dia, apparecer Ismael, indifferente e insensivel á intemperie, ia de um extremo a outro, cantando e chorando, sempre delirante, falando ás arvores, ás aguas, aos passaros, aos vagalumes, perguntando pelo filho e contando a agonia da sua saudade á natureza bravia.

De quando em quando, como se não se lhe houvesse apagado de todo a memoria, lembrava-se do alcáçar e tomava o rumo conhecido, vindo despertar as gentes com os seus gritos afflictivos ou com as suas melancolicas cantigas e, acolhida, ficava apenas uma noite, um dia e, quando a julgavam repousada, já ella corria, de novo, os caminhos, atroando as mattas com as suas lamentações.

Entre os garimpeiros era conhecida pelo nome de *mãi da lua*. Esses homens aventureiros e bravos, que não temiam as forças d'El-rei, ás quaes resistiam entrincheirados nos penhascaes, que esperavam intrepidamente as féras, combatendo-as á faca, a chuço, tremiam, nas suas grutas, quando ouviam, alta noite, os brados da *mãi da lua* que atravessava os caminhos accidentados da matta.

Era a pobre louca que procurava o filho, varejando os grotões, devassando os mais invios meandros, sempre a chamar, a bradar, sem temor das tormentas e, ás vezes, ao luzir dos relampagos, ao detonar dos trovões. Os garimpeiros, acolhidos nos rocados, viam nos valles, nas clareiras, Catharina com os braços curvados acima da cabeça, nua, esqueletica, bailando macabramente.

Era Catharina que cantava; Urú reconheceu-a e, baixinho, não sem terror, disse-lhe o nome:

— Catharina!

Ouvindo-o, o reinol estremeceu voltando a cabeça, e dando com a negra acocorada, tornou-se mortalmente pallido.

Apesar da treva em que tinha o espirito, a negra parecia commovida diante da catastrophe que destruia a casa onde, se havia soffrido como escrava, em compensação havia conhecido o amor, não só o amor voluptuoso dos espasmos, mas tambem o amor mystico de mãi.

Ali, a dentro daquelles muros, nascera-lhe o filho, ali o criara, ali havia elle ensaiado os primeiros passos e balbuciado as primeiras palavras; dali o haviam levado para o sempre e, desapparecendo a casa, era como se desapparecesse a derradeira esperança da alma da infeliz louca.

Catharina olhava, sempre agachada, encolhida, tremendo, e seus olhos rutilantes, como se reflectissem o clarão tragico do incendio, foram-se dilatando e ella posta de quatro patas, pôz-se a balbuciar palavras mintelligiveis, e nessa attitude, foi-se encaminhando lentamente para a varanda. Parou um instante, a olhar, depois seguiu e deu volta á casa, sempre balbuciando.

O corpo nú reluzia-lhe humido de suor; as mamas pendentes gotejavam e, insensivel ao calor, seguia sempre rodeando a casa, com um resmoneio lugubre. Urú e o reinol olhavam e os indios, attrahidos pela estranha scena, foram-se chegando e ficaram contemplando a louca, que não dava por elles e dispunha-se a continuar a ronda dolorosa

quando Parajára, surgindo dum canto, a chamou. O tamoyo vinha armado como se fôsse a combate. Á cabeça tremiam as vistosas pennas do seu cocar de chefe ; cobriam-lhe as côxas as plumagens do enduape, nos pulsos o aguamiran e nos tornozellos e no pescoço voltas de plumas. A sua ivarapema era trabalhada, o seu boré era o mais bello e os indios, quando assim o viram apparecer, reconhecendo nelle o antigo chefe, acclamaram-no. Parajára bradou á louca :

— Catharina !

A negra, fascinada pelo incendio, não deu attenção ao chamado e deixou-se estar olhando o alcáçar, ouvindo a trepidação do fogo que terminava a sua obra destruidora.

— Catharina ! bradou de novo o chefe e como ainda ella o não attendesse, fez signal a dois indios para que a fôssem buscar. Os selvagens partiram correndo.

Sentindo-se agarrada a louca debateu-se ameaçando morder os que a tomavam ; elles, porém, com brandura, conseguiram dominá-la. Trouxeram-na até junto de Parajára. O tamoyo, antes de lhe dirigir a palavra, contemplou-a compadecido ; depois, vendo-a de rojo, voltando-se para o alcáçar, levantou-a e disse :

— Catharina . . . Ismael.

A negra fitou-o e repetiu :

— Ismael ! . . .

Os olhos se lhe foram dilatando, os dedos crispando ; a physionomia tomou um aspecto feroz e, rangendo os dentes, disse, de novo, em voz que a ira ensurdecia : . . . . . .

— Ismael ! E, allucinada, pôz-se a repetir precipitadamente : Ismael ! Ismael ! Ismael ! sem mais dizer, como se de todas as palavras essa apenas lhe houvesse ficado na memoria : Ismael ! Ismael ! Ismael !

— Catharina, andaste e andas até hoje procurando o assassino do teu filho e, apesar de já haveres encontrado o feiticeiro, que foi o matador, não achaste ainda o verdadeiro criminoso. Elle está aqui.

A negra, sempre d'olhos abertos e fulgurantes, rosnou apenas :

— Ismael !

— Elle está aqui, disse calmamente o tamoyo.

A louca, dum salto, atirou-se para um dos indios e começou a farejar como se nelle quizesse sentir o cheiro do sangue amado. Tocou-lhe o corpo, fitou-o, mas o tamoyo disse :

— Não, não é esse. Vê bem, vai para onde te mandar o coração.

O reinol, comprehendendo que o queriam entregar á louca, poz-se a tremer, os dentes rufavam-lhe como os de um javardo acuado, tremiam-lhe as mãos.

— Procura ! disse o tamoyo e a negra, encarando-os, rosnou de novo :

— Ismael !

E, sempre pronunciando o nome do filho, arrastava-se até que viu o reinol. Deteve-se fitando-o :

— Branco . . . balbuciou e veiu-lhe de novo aos labios o nome do filho : Ismael.

Parajára, vendo que a negra desvairava, quiz

accender-lhe a razão com o odio, e, estendendo o braço, mostrou o reinol, dizendo :

— Foi elle, Catharina ! foi elle que entregou teu filho ao feiticeiro para que, com o sangue da criança, fôsse composto o veneno que matou o senhor. Foi elle que destruiu a casa, foi elle que trouxe a desgraça a Pirapora. Antes delle chegar nós viviamos felizes ; logo que elle pisou estas terras o sangue correu. Foi elle que entregou teu filho ao feiticeiro.

A negra, como se não acreditasse, olhava Manuel Ferrão com um sorriso triste, mas, sempre de rasto, foi-se encaminhando para elle. A physionomia demudava-se-lhe : seus olhos tornaram-se brilhantes, os dedos curvaram-se em garras e um arquejo forte sahia-lhe do peito, rumoroso como o resbuno dos tigres. Para excitá-la, disse tambem :

— Foi elle ! e todos os indios, testemunhas da scena tragica imaginada pelo tamoyo, repetiram :

— Foi elle !

O reinol, rompendo em novo pranto, covardemente humilhado, pôz-se a clamar :

— Não ! Não ! Não ! Porque dizem que fui eu ? Porque dizem que fui eu ? Quem póde jurar ? Se sempre vivi arredado de todos, mettido nos meus aposentos, se não sahia, se não falava a ninguem, se vi o negro apenas uma vez quando disseram que havia morrido. Porque dizem que fui eu ! ? Não, não fui. Juro pelo sagrado cruzeiro que abre os braços misericordiosos neste campo ; juro por esta luz sagrada que vem sobre nós do céu ; juro pelos mortos que tanto amastes, que ali estão naquelle terreno santo. Não fui eu ! Que interesse podia

levar-me á pratica de tão nefandos crimes ? Que interesse podia eu ter na morte dessa infeliz criança, que tanto procurei quando desappareceu ? Não, a criminosa partiu impune, ella sim ! Ella combinava com o negro, ella ia procurá-lo secretamente, á noite, na sua cabana e lá ficava, muitas vezes, até á hora d'alva.

— E que fazias tu uma noite com o feiticeiro quando fui perseguido por uma serpente, que elle açulou contra mim para que, com a minha morte, desapparecesse o segredo da conspiração ? Que fazias tu ?

— Eu ! Quando ?

— Uma noite, perto da cabana de Jacob, quando acenaste para a janella onde apparecera a irman do senhor . . .

— Não era eu.

— Meus olhos vêm na sombra e vêm melhor á claridade e a noite era de luar, homem branco.

— Não era eu, insistiu o reinol.

— E que ias buscar á matta constantemente depois que o negro, havendo illudido a todos com a sua morte, retirou-se para a caverna em companhia das cobras grandes ?

— Eu não ia vê-lo . . .

— E quem foi que o desenterrou ?

— Não sei. Como queres que eu saiba se eu vivia sempre arredado ? Não sei.

— E quem arrombou o tecto da casa das armas levando-as todas para os quilombolas ? Terás coragem de negar em presença dos homens que seduziste ?

— Não fui eu.

Os negros arremetteram irados, bramindo, mas o tamoyo conteve-os e, serenamente, disse de novo a Catharina que se conservava agachada, com os olhos no reinol:

— Foi elle, Catharina. Foi elle que entregou teu filho ao feiticeiro. Foi elle!

A negra arrastou-se até junto do reinol e, sentando-se-lhe ao lado, pôz-se a mirá-lo attentamente:

— Ismael! Que dê Ismael? Que mal fazia a criança? Ah! Deus do céu! Deus do céu! Como é que se tira assim um filho dos braços de sua mãi! Homem branco, que dê Ismael? Você não sabe, não é? Olha ali... Está vendo a cruz? Que dê Ismael?

— Que quereis de mim? A verdade já vo-la disse. Infelizmente sou o mais fraco, estou á mercê da vossa colera. Innocente, quereis que responda pela criminosa. Deus fará justiça. Não acreditais nas minhas palavras, nos meus juramentos... Quereis a minha morte. Que posso eu fazer? Deus será o meu vingador.

E, sem mais dizer, deixou-se cahir abatido, chorando desesperadamente.

Catharina, como a féra que se diverte com a presa antes de devorá-la, ia e vinha, de rastos, rodeando o reinol, apalpando-lhe o corpo. Elle sentia no rosto o halito acido da louca, a sua pelle tinha fremitos ao contacto das unhas da negra e, num pavor mudo, seguia-a com os olhos. Por vezes estendia o braço como para repelli-la, mas a negra olhava-o com tão estranha luz nos olhos que elle tremia e recuava.

— A cruz, disse por fim Catharina, mostrando o grande cruzeiro dourado pelos primeiros raios do sol. A cruz !

Parajára e Urú levantaram os olhos para o madeiro e, comprehendendo o desejo vingativo da louca, entreolharam-se.

— A cruz ! repetiu Catharina. Homem branco fez mal a senhor, homem branco deve morrer perto do senhor. Deus morreu na cruz e Deus era bom. A cruz ! Ninguem deve matar o homem branco senão o tempo e os urubús do ar e elle deve ficar na cruz que é alta, deve ficar na cruz para ser visto de longe. A faca acaba depressa. Que morte póde ser comparada ao soffrimento de uma mãi que perdeu seu filho pequenino e que sabe que elle foi assassinado ? Não, ninguem deve matar o homem branco, ninguem !

Levantou-se e, junto da cruz, com o braço erguido, continuou sinistramente :

— Na cruz. Na cruz vem o sol que arde. O sol queima e o calor do sol faz arder a pelle e dá sêde... A sêde . . . Quem nunca caminhou pelo sertão bravo noites e noites sem vêr fonte, sem encontrar uma gota d'agua, esperando a madrugada para chupar as folhas das arvores, lambendo as pedras, lambendo as hervas dos caminhos e ficando com a boca aberta para receber as gotas das chuvas, não sabe como a sêde dóe. É um fogo vivo nas entranhas, fogo que vai queimando e desesperando. Não ha dôr de faca, nem de frecha, nem de bala que dôa como a da sêde. E o sol sécca as entranhas. Fome . . . Quem teve fome sabe que não ha raiz amarga, sabe que não ha broto venenoso, porque

ninguem olha, ninguem pensa, a fome é mais forte que o pensamento. Quem nunca teve fome não sabe como a fome dóe. Na cruz ! E, de novo, apontou o madeiro. Os urubús do ar, sentindo o cheiro da carne tostada pelo sol, virão devagarinho e cravarão os bicos, mais finos que os punhaes, e cravarão as unhas, mais aguçadas do que as pontas das frechas, no corpo do homem branco. A cruz ! E senhor está em baixo, senhor que elle matou e Ismael lá do céu, ha de vêr o seu matador. Eu fico de vigia perto da cruz, fico de vigia, não durmo, não saio daqui emquanto os urubús do ar não levarem toda a carne, emquanto o sol de Nosso Senhor não seccar os ossos todos. Não saio daqui, fico aqui de noite e de dia. A cruz ! Ninguem deve matar homem branco, deixa a sêde, deixa a fome, deixa os urubús do ar, deixa o sol, deixa o frio . . . Ninguem deve matar o homem branco, ninguem deve matar o homem branco. A cruz !

Os indios, com os olhos altos, repetiram em murmurio :

— A cruz ! E Manuel Ferrão, horrorisado diante da idéa do tremendo supplicio, não fazia um movimento, encolhido no chão, olhando hebetado, mais louco que a propria louca — avançava de rojo como para agarrar-se ás pernas de Parajára ; mas o indio repellia-o ; voltava-se para Urú, estendendo as mãos em gesto supplice, com as lagrimas a escorrerem-lhe dos olhos assombrados. O peito estrugia-lhe em offêgo rouco.

— A cruz ! repetiu Catharina, para que todo mundo veja de longe. A cruz ! Ninguem deve matar o homem branco.

O terror de Manuel Ferrão subiu de ponto. Encolhido, quando os indios avançaram para arrastá-lo, agarrou-se ás hervas e, puxado, se lhe escapavam as mãos, logo as lançava a outras raizes e rangia os dentes como uma féra. Catharina, como uma sacrificadora selvagem, bailava cantando, sempre a mostrar a cruz. Já o sol brilhava no céu, as chammas do alcáçar ainda espadanavam e as vigas adustas estalavam; de quando em quando uma janella desprendida das dobradiças cahia com estrepito no terreiro. O reinol rugia, investia com os indios; mas Urú, impaciente, arrastou-o até junto do cruzeiro, onde elle ficou de cocoras, tremendo, a olhar desvairado.

Os instinctos de ferocidade despertavam na alma barbara dos indios e dos negros — todos queriam concorrer de algum modo para o supplicio do branco; só Parajára se conservava á distancia e nos olhos do tamoyo não transparecia o mesmo prazer que fazia scintillarem as pupillas dos companheiros; dir-se-ia que o selvagem tinha pena daquella miseria, se não era asco da covardia do homem, elle que, tantas vezes, na ocara da tribu, vira guerreiros encararem a morte com impassivel sobranceria, cantando.

Catharina não parava — era um rodopio e ululava um canto guttural, elevando os braços ao céu, sorrindo. Ás vezes o nome do filho escapava-se-lhe dos labios e os indios iam e vinham aforçurados, quando Feliciano appareceu com uma grossa corda de tucum e um indio, agarrando-se ao cruzeiro, como esquecido de que era um symbolo sagrado, sem lembrar-se dos mortos, cujos tumulos

pisava, foi pelo tronco acima sofrego e, chegando ao tope, enganchou-se entre os braços e estendeu as mãos para receber a corda que Feliciano lhe atirou: deu com ella uma volta no tope do cruzeiro e desferiu um grito selvagem. Catharina respondeu com outro, em silvo.

Urú passou a corda por baixo dos braços do reinol e deu um laço forte prendendo-lhe o busto. Logo indios e negros precipitaram-se para a ponta da corda que pendia da cruz e começaram a içar. Manuel Ferrão agarrou-se ás hervas e quando, ao primeiro impulso dos homens, foi violentamente arrastado, ralando o rosto na terra, levava, nas mãos em grifas, punhados de hervas arrancadas com as raizes. Uivos sahiam-lhe do peito cada vez que se sentia tirado para o madeiro. Quando chegou á cruz, em desesperado esforço, agarrou-se ao tronco, abraçando-o e enroscando nelle as pernas; mas os homens guindaram-no a empuxões e elle ia subindo, a debater-se, aos gritos, rolando allucinadamente os olhos esbogalhados.

— Não! não! Pelo amor de Deus! clamava em voz rouca. Pelo amor de Deus! Não tenho culpa... Estou innocente! Estou innocente! Mas a corda lá o ia levando. Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus!

— A cruz! bradou Catharina atirando um punhado de terra sobre o reinol. Que dê Ismael? Que mal fez Ismael? Ismael não era pequenino? Não era innocente? Que mal fazia meu filho? Pr'a cima! Que mal fez Ismael? E senhor? Pr'a cima! E falava sempre. O outro acabou no fogo. Pr'a cima! Força, gente!

Negros e indios puxavam e o selvagem, que se conservava escarranchado na cruz, ia atar um dos pulsos do reinol quando a negra, enfurecida, investiu:

— Não: prégа! Uai! Deus Nosso Senhor foi pregado na cruz, Deus Nosso Senhor que era Pai de Misericordia, e esse matador de criança é que não ha de soffrer? Prégа! Prégа!

— Pelo amor de Deus! implorou o reinol.

— E eu?! Eu não andei chorando de dia e de noite por esses descampados atraz de meu filho? Quem teve pena de mim? Quem teve pena de Catharina? Prégа! Não deixa elle, gente: prégа!

Negros correram ás cabanas e, pouco depois, voltaram com uma escada e Urú, encostando-a a um dos braços do cruzeiro, subiu levando martello e pregos enormes que serviam para os moirões. Vendo-o Manuel Ferrão, pôz-se a espernegar, bramindo:

— Não! não! Pelo amor de Deus! Eu estou innocente... Pelo amor de Deus!

— Prégа! disse a negra com frieza cruel. Elle não teve pena de ninguem. Prégа.

Urú tomou um dos braços do reinol e o indio que estava no tope segurou-o, abrindo-lhe violentamente a mão. Ouviu-se uma pancada secca, um grito repercutiu e o sangue espirrou. Negros e indios levantaram grande clamor; alguns saltavam com alegria de cannibaes.

— Prégа! disse Catharina impassivel.

Parajára, de pé, olhava. Mudaram a escada para o outro braço da cruz. Outra pancada vibrou e outro grito, agoniado e longo, partiu do peito do

reinol. Já outro indio lhe sobrepunha os pés, e um prégo agudo prendeu-os ao cruzeiro. Urú, então, tirando da cinta uma faca, talhou as roupas que vestiam a victima e, puxando as tiras, deixou-o nú, ao sol. O sangue pingava lentamente nos tumulos de Gonçalo Peres e de Genora. Um estremecimento no corpo do reinol e, no arranco, abriram-se-lhe as feridas das mãos e o sangue jorrou copioso, mas a cabeça pendeu para o peito e os indios olharam assombrados julgando que a morte, mais rapida do que esperavam, houvesse de prompto alliviado o homem. Catharina tranquillisou-os:

— Está vivo. Não morreu. Foi a dôr que fez isso, foi a dôr. Elle ha de acordar para soffrer.

O reinol não fazia o menor movimento, como se effectivamente houvesse expirado. Reuniram-se todos em volta do cruzeiro e, emquanto esperavam que tornasse a si da syncope, indios e negros puzeram-se a cantar.

O incendio continuava ainda, mas as labaredas, concentradas no interior do alcáçar, já não appareciam; apenas a columna negra e densa do fumo subia torvelinhando e esgarçava-se no ar empanando o brilho do sol.

Parajára, lembrando-se de Poranga, annunciou aos indios que ia partir. Não queria demorar-se mais naquelle terreno maldito onde correra o sangue de tantos crimes, não queria que a pequena Selva ficasse nessas terras que só tinham um trecho sagrado: o que occupava as duas sepulturas, porque a propria cruz parecia ao indio profanada por aquelle supplicio cruel. Reunindo os compa-

nheiros, annunciou-lhes a sua resolução. Ia embrenhar-se, procurar a taba dos foragidos, a taba dos ascendentes heroicos dos tamoyos que, depois de batidos no Rio do Janeiro, haviam entrado os sertões, buscando asylo no segredo das selvas grandes. O tamoyo voltava aos seus irmãos que, certamente, vendo nelle um descendente dos heroes, chefe pela bravura, reconhecê-lo-iam e aceitariam Selva na tribu, senão como rainha, ao menos como filha querida. Ali, elle e os seus companheiros pensariam nos meios de vingança e procurariam uma fortuna para que a criança, que tudo perdera, não entrasse na vida miseravel como filha de escravo, ella que nascera sobre ouro, que fôra dona das mais bellas pedras trazidas dos grandes rios, a herdeira do mais ousado e feliz dos bandeirantes.

Os indios, que não queriam perder o prazer do espectaculo cruel, mantiveram-se surdos ás palavras do companheiro, alguns, porém, seguiram-no e Parajára, lançando um derradeiro olhar á casa, tomou o caminho dos campos, deixando, com saudade, o sitio onde tanto tempo vivera, fôra feliz, amara e fôra amado.

Catharina, de quando em quando, lançava um olhar ao cruzeiro para vêr se o reinol já havia despertado; via-o, porém na mesma immobilidade, a cabeça pendida sobre o peito, o ventre cavado. Erguendo-se, então, tomou de uma vara e espicaçou-o. O suppliciado estremeceu com um suspiro. Abriu os olhos e, espantado, fitou os que o cercavam; pungido, porém, pela dôr das feridas, soltou um grito.

— Dóe ? exclamou a negra escarninha. Coração

de Catharina tambem doeu, doeu muito. Catharina não dormia, não comia. Catharina andava pelos mattos chorando. Quem tinha pena de Catharina? Ninguem. Quando Catharina chorava muita gente ria do choro de Catharina. Ferida na mão não dóe tanto como ferida no coração e Catharina ficou com o coração ferido. Quê dê Ismael? Pr'a que foi que você entregou criança ao feiticeiro? Que mal fazia criança? Dóe? Coração de Catharina ainda soffre e branco não teve pena, branco nem ouvia o gemido da mãi negra. Geme! Deus deu o gemido á gente p'ra que? Geme... Emquanto a sêde não vem, porque o sol ainda não queima; emquanto não vem a fome, emquanto não vem o urubú do ar, vai gemendo, homem branco. Catharina tambem gemeu e a dôr de Catharina era maior, porque era no coração. Vai gemendo, vai gemendo. Deus deu o gemido p'ra acompanhar a dôr. Geme!

O sol ia alto no céu quando Manuel Ferrão, com o olhar desvairado e febril, pôz-se a falar na cruz como se, diante delle, no ar cálido, pairasse um interlocutor:

— Quem? não! não! nos vinhaes... nos vinhaes! Que mais falta? nada. Ha tudo, tudo! Os campos são meus, são meus os bosques, os montes, os rios e o ouro e as pedras. Vamos! a cavallo! Esse não! Aquella agua, aquella...! Vamos! vamos depressa que ella vai fugindo! Lá vai a correr... lá vai! Pára! E porque corre assim tanto a agua do rio...? Olha como os campos estão ficando seccos. As folhas das arvores estão cahindo, estão cahindo os ninhos, estão rolando os montes.

Não ha mais agua, lá vai ella correndo, lá vai! Corre...! Depressa . . . faze com que ella pare, tens tamanho poder. Faze com que ella pare . . . ! Deixa a criança, corre atraz da agua que vai fugindo. Deixa a criança. Olha como tudo morre. O sol escalda, a pedra corisca, a terra flammeja, as areias scintillam e tudo morre . . . Depressa! Sacudiu-se violentamente na cruz arremessando-se, mas um grito agudissimo fugiu-lhe do peito.

Catharina, que modorrava aos pés do cruzeiro, sósinha, porque os indios haviam partido, despertada pelo grito do reinol, ergueu-se e, levantando os olhos, fitou-o com um risinho perverso. Elle, de olhos parados, rugiu:

— Lá vai! Lá vai! Que ha de ser de mim . . . ? Soltem-me as mãos, deixem-me andar! A agua lá vai fugindo! Lá vai! É elle que a leva . . . É elle, o homem maldito! Lá vai elle com a agua dos rios e tudo sécca e tudo morre! Lá vai! lá vai!

A negra, comprehendendo que era o delirio, não se perturbou. Sentou-se de novo aos pés da cruz e, emquanto o reinol seguia a allucinação, ora bradando frenetico, ora murmurando, pôz-se a falar:

— É o sol de Nosso Senhor. Nosso Senhor está lá em cima e vê tudo. O sol de Nosso Senhor é o bem e o mal — elle é que alumia, elle é que dá côr á flôr, elle é que dá gosto á fruta e elle é o fogo que mata. P'ra que havia de fazer mal á criança innocente . . . P'ra que ?

— Agua! rugiu o reinol, escancellando a bôca e arqueando-se na cruz afflictivamente. Agua!

A negra fitou-o e, lentamente, mostrando o sol em pleno céu, disse:

— Pede lá em cima. Oh! homem branco tão forte, homem branco que póde tanto... homem que arrancou da cova o feiticeiro, homem que matou a criança, homem que matou o senhor, homem que incendiou a casa, homem branco forte pede á pobre que não tem nada senão a saudade, o que anda espalhado na terra? Chama outra vez da morte o feiticeiro e pede agua... Tem sêde? bebe o suor... O suor é agua, mina da pelle como a agua mina da pedra. Bebe o suor. Não é bom fazer mal? Então.

O paciente arquejava e um fio comprido de baba escorria-lhe da bôca aberta.

— Agua! clamou de novo.

— Pede a Nosso Senhor do céu. Pede a Nosso Senhor. É a sêde. Catharina tambem teve sêde quando andou pelo matto procurando Ismael. Que dê Ismael? Onde está meu filho? Ninguem sabe. Está bom. Quando eu chegar no céu, lá em cima, elle ha de me contar como foi. Ah! meu filhinho, tão pequenino!...

Enfurecida com a recordação do assassinio da criança, arremetteu á cruz de punhos fechados:

— Eu sabia! Eu sabia que Nosso Senhor, Pai de Misericordia, havia de me entregar o matador de meu filho. Se não fôsse hoje, seria amanhan. Eu estava no meu quiete esperando. Eu bem sabia que Nosso Senhor havia de me entregar o matador de meu filho. Se eu não tivesse força nas mãos para acabar com elle, se as minhas unhas já não cortassem, tenho ainda os dentes e ha espinhos, eu

conheço espinhos que ferem como as frechas dos caboclos.

Eu esperava no meu quiete porque sabia que Nosso Senhor havia de me entregar o matador de meu filho. E entregou, está ahi e eu não preciso de armas para acabar com elle. O sol está lá em cima e já seccou o coração delle. Elle tem sêde e a sêde dóe.

Ferrão uivava rolando agoniadamente os olhos fusilantes. O sol dava-lhe de chapa na cabeça — era a hora mais quente.

O arvoredo quieto enlanguecêra em quebranto; não se ouvia o corrego, nem canto de passarinho, apenas, de quando em quando, a crepitação do incendio que ainda lavrava no alcáçar. Uma evaporação torrida subia da terra abrasada e no céu azul o sol solitario reluzia vívido.

— Agua! suspirou o reinol agitando a cabeça.

Num estremecimento mais forte a ferida da mão esquerda dilatou-se; não deu mostras de a sentir, a sêde apenas o atormentava ainda. Os cabellos empastados collavam-se-lhe á fronte e o peito subia e descia apressado como em canceira.

— Quando a morte chegar, disse a negra, ha de me achar aqui; eu daqui não saio. Que é que eu tenho de fazer no mundo? Não vi meu filho morrer, quero, ao menos, vêr como morre o matador de meu filho. Hei de vêr até o fim. Hei de vêr o urubú do ar tomar conta do corpo, hei de vêr o sol tomar os ossos, hei de vêr a chuva lavar o esqueleto. Hei de vêr...! hei de vêr! O lugar de Catharina é aqui. Que é que Catharina tem que fazer lá longe? Aqui,

Catharina! Aqui! batia no sólo com a mão espalmada.

— Agua! implorou o reinol em voz sumida.

— Chama o feiticeiro, pede ao feiticeiro. Elle não sahiu uma vez da cova para matar meu filho? que saia agora p'ra te acudir. Chama o feiticeiro.

A voz da negra chegou ao reinol que, difficilmente, baixou a cabeça para vêr quem falava. Reconhecendo-a, os olhos abriram-se-lhe desmedidamente em pasmo inenarravel e ficou-se a fitá-la mudo, arquejando. Catharina continuou flagellando-o com a palavra:

— Tem sêde... Homem branco tem sêde. Uai! Como é que não chama o companheiro mau? Como é que não chama o feiticeiro para pedir agua? Uai! Homem branco não é forte? Homem branco não é senhor de Pirapora? Agua anda correndo ahi. Como é que não chama agua p'ra cruz? Catharina está aqui esperando a morte. Catharina não sahe daqui.

— Agua! clamou o reinol e, de repente, tornando ao delirio, pôz-se a bramir: Agua! agua! agua! Lá vai ella! lá vai!

Contorceu-se repuxando-se como se quizesse desprender-se da cruz; o ventre arqueou-se-lhe, as coxas levantaram-se, a cabeça tombou sobre o hombro esquerdo e ficou dobrada, a boca foi-se-lhe entortando em rictus medonho; subito, agitado, sacudido a estremeções, pôz-se a ulular, aos arrancos, batendo com o corpo no cruzeiro.

A negra levantou os olhos e, vendo-lhe o soffrimento, pôz-se a rir satanicamente:

— Dança! dança, homem branco, dança! A

dôr é como a alegria, a dôr faz dançar. A jararaca dança no fogo quando está morrendo. Fogo de Nosso Senhor está ahi ; dança no fogo, homem branco. Dança.

As contracções succediam-se e Manuel Ferrão como se já não ouvisse, numa angustia inexprimivel, revirava os olhos, escancarava a bôca e os musculos saltavam-lhe e tremiam repuxados ; rouquejos romperam-lhe da garganta crebos. Catharina ria, ria sempre, vendo o soffrimento do homem que a desgraçara, roubando-lhe cruelmente o pequenino filho.

A outro estremecimento a cabeça pendeu para o peito e o reinol emmudeceu, como morto. Vendo-o assim a negra, como se o não quizesse tão cedo alliviado, pôz-se a chamá-lo.

— Acorda ! acorda, homem branco ! acorda !

— Agua ! E não levantou mais a cabeça. O corpo entrou em convulsões horriveis, uma baba escorria-lhe em fio da boca aberta ; e quedou. Espantada, Catharina fitava-o, vendo-o, porém, immovel, pôz-se a apedrejá-lo mirando-lhe o rosto. Persistindo a immobilidade impassivel a louca, assanhada em furor, como animal a quem se arranca a presa que devora, interpellou-o a brados :

— Uai ! Não dóe ? A pedra não dóe mais, homem branco ? Ocê não sente mais ? Ocê não tem mais sêde, nem fome ; não sente mais o sol ? Ocê foi-se embora assim ? Espera ahi !

Agitando-se frenetica, a rodopiar aos pinchos, a subitas disparou a correr em direcção ao alcáçar.

O reinol agonisava ao sol, arquejando a boquejos, d'olhos cerrados, flaccido. O incendio crepi-

tava ainda, fumarento, enxameando o ar de fonas. Catharina chegou ao limiar adusto da casa das armas, de onde a fumarada expluia a rolos densos, esteve um momento a olhar, resmungando hesitante. Tentou avançar pelo rescaldo, mas sentindo o queimor do brasido, recuou. De repente, porém, com inspiração horrivel, esgargalhou saltando de alegria:

— Eh . . . ! Eh . . . ! Catharina tá vingada. Senhor tá vingado, mas a casa tá ardendo. Então casa não ha de ter vingança ? Como não ? Casa tambem soffreu, casa morreu no fogo. Eh . . . Depressa, Catharina, enquanto elle não acaba.

Atirou-se a uma ripa, que ardia, arrancou-a da parede e partiu com ella e a labareda tremulava como flammula de guerra, ennastrada de fumo.

—Eh. . . ! Casa tambem vai ter vingança. Como não ? Não está ahi em esqueleto ?

Demandou o cruzeiro e, rindo chirriantemente, levantou a ripa chuçando o corpo do reinol. A carne rechinou e a cabeça do suppliciado moveu-se de leve.

Acirrando-se, a mais e mais, a negra chegou a labareda aos olhos, á bôca, passeou-a por todo o rosto, desceu-a ao peito, ao ventre, ás pernas, demorando-a sobre as feridas. Foram depois os cabellos que começaram a arder com uma crepitação fina. Vendo, porém, que a victima não accusava soffrimento, revoltou-se, rugindo:

— Não dóe mais, seu diabo ? Ocê não sente mais ? Vamos vêr . . . Ha de doer, como não ? Vamos vêr.

Insistiu no flagicio. Tudo em vão. Indignada,

atirou longe a ripa e, levantando os braços para o céu, interpellou o Senhor :

— Uai, Nos'Senhor, então Catharina soffreu tanto, vai soffrer ainda, Catharina que nunca fez mal a ninguem, e a morte veiu assim depressa alliviar o homem branco ? Então é assim ? Isso é justiça ?

Encarniçando-se contra o cadaver, pôz-se a apedrejá-lo de novo até que, estafada, deixou-se cahir na relva e ficou de guarda ao cruzeiro. Sahia apenas quando a fome ou a sêde apertava, em busca de frutos nos mattos ou para encher um velho póte na fonte, tornando logo ao seu posto, como se receiasse que alguem lhe furtasse o morto. A fedentina do corpo, que apodrecia ao tempo, attrahiu os urubús e Catharina, vendo-os chegar, afastou-se deixando-lhes a carniça.

O cruzeiro transformou-se em alcándora de abutres. A negra punha-se a rir contente quando via uma das sinistras aves arrancar um tassalho de carne e voar :

— Come, come ! e ria ás cachinadas.

Com o desapparecimento do homem a Natureza livre reconquistou as terras todas do alcáçar, desde as de lavoura e pascigo até as que circulavam o antigo e famoso baluarte do bandeirante. A principio a vanguarda dos arbustos, avançando timidamente, em reconhecimento, foi occupando os caminhos, desde as mais estreitas veredas até a larga estrada de carriagem, expluiu nos terreiros, reviçou nos cercados, por fim as arvores, avisadas

do abandono, sahiram a flux como se jazessem á espreita no fundo da terra e tudo foi occupado, não só o escampo como o proprio perimetro do antigo solar e uma selva frondejou dentro dos muros tisnados da soberba mansão senhorial.

Os tumulos de Genora e Gonçalo Peres desappareceram supplantados pela mattaria brava; o proprio cruzeiro ennastrou-se de trepadeiras, como se nelle se houvesse renovado a seiva, resuscitando a arvore, que fôra, e, a espharelar-se, amarellejando ao tempo, o esqueleto do reinol presidia á tapera como symbolo macabro de ruina e morte.

E o risonho sitio de outr'ora, rumoroso de vida, celebrado em todo o sertão, tornou-se lugubre, evitado dos proprios mocambeiros, que o citavam como estancia mal assombrada onde, em noites sinistras, se ajuntavam bruxas e demonios bailando em volta do pelourinho em cujo sopé, núa e alumiada por fogos fatuos, á *Mãi da lua*, fazendo descer o esqueleto crucificado, bailava com elle até o primeiro cantar do gallo.

FIM DA 1.ª PARTE

INDICE

—

	Pag.
I — A volta do bandeirante	7
II — A serpente no paraiso	38
III — O feiticeiro	67
IV — Os tamoyos velando	85
V — O philtro	121
IV — Laocoonte	161
VII — A caverna da matta	200
VIII — Os alliados	223
IX — Os quilombolas	245
X — O supplicio	264

Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos
A Eterna Mentira.
O Ultimo Faune
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espirito (pensamentos)
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memorias dos dias findos.

869.3 C672RA V01

a39001 008217708b

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Basilio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Illustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Ecos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas [illegible]